

RESISTENCIA

N.º 24

COIMBRA — Domingo, 12 de maio de 1895

1.º ANNO

O que nós queremos!

Se alguns ingenuos acreditam que o partido republicano, convicto do seu ideal, amante da sua patria, conscio da sua força, pôde pensar um só momento em outra solução, no estado actual da politica portugueza, que não seja a Republica, esses ingenuos enganam-se absolutamente.

Se alguém julga que o partido republicano, o unico que se tem mostrado capaz de sacrificios de toda a ordem, pôde transaccionar com qualquer governo monarchico, por mais liberal que esse governo queira mostrar-se, imitando o proceder de parte do grupo do grande rhetorico e profundo phrasedor Castellar em Hespanha, esse alguém é tolo.

Se, por ardilosa politica, aventureiros monarchicos julgam distrahir por instantes o partido republicano do seu unico fito — a revolução contra a monarchia — são perdidos esses ardis dos politicos de má-morte.

O partido republicano tal como existe hoje, formado não de sentimentalistas, mas de convictos, não constituindo um bando, mas perfeitamente organizado, não composto de deshonestos ou nullos, mas contendo elementos de primeira ordem pelo seu saber, pelo seu talento e principalmente pelo seu caracter e pureza de intenções, o partido republicano que é hoje um partido de governo, inspirando confiança até aos mais conservadores e aos que têm que perder, jamais se deixará ludibriar ou arrastar por qualquer especulador em aventuras ridiculas, inefficazes e traiçoeras.

O partido republicano tem a consciencia da sua força e da fraqueza dos partidos monarchicos. Nesses comicios celebrados ha pouco em todo o paiz, o povo applaudia incondicionalmente os republicanos e só dispensava os seus applausos aos progressistas nas passagens dos discursos em que elles, ainda que dubiamente, se referiam com censuras ao rei. Só o partido republicano hoje pôde fazer comicios populares. Nas principais cidades do paiz, só fará comicios quem o nosso partido quizer. Senão, experimentem. Mandem os melhores oradores monarchicos, progressistas ou regeneradores, rouxinolisar toda a rhetorica constitucional em defeza da monarchia, e vejam se elles conseguem arrastar o povo. Apareça um modesto orador republicano a desmascarar-os, como hoje os pôde desmascarar quem conhece a historia da politica feita nos jornaes e no parlamento, e, desde que saiba dizer duas palavras e tenha sangue frio para se rir da parlata oratoria, verão como o povo applaude esse republicano. A experiencia é facil, quando quizerem.

Nenhum partido monarchico pôde na opposição fazer uma revolução de caracter monarchico. A experiencia já o demonstrou a alguém, que não ha muitos annos pensava em subir ao poder por meio d'uma manifestação de certo caracter. Esse alguém subiu ao poder, mas não usando da tal manifestação, pois viu que os republicanos aproveitariam todo o seu trabalho.

Hoje nenhum grupo monarchico poderá fazer um 19 de maio. Hoje nenhum grupo monarchico fará uma revolução para restabelecer a carta constitucional, ou implantar a constituição de 38, por exemplo. O paiz não se deixa illudir, nem o partido republicano, que é o unico partido nacional, o consentiria.

Ao partido republicano cabem as honras civicas do centenário de Camões e de Pombal, o partido republicano é que frustrou o tratado de Lourenço Marques, o partido republicano é que levantou o paiz, perante o ultimatum de 11 de janeiro e o tratado de 20 de agosto, o partido republicano é que protesta contra a aliança ingleza que nos expolia e contra a monarchia que nos deshonra. Elle e só elle falla e tem auctoridade para fallar em nome do paiz, elle e só elle pôde levantar o povo n'um movimento de regeneração em que todos cooperem desinteressadamente n'uma grande febre de abnegação e sacrificio pela felicidade da patria. Mais nenhum partido tem força, nem auctoridade, nem coragem para isso. Dizemol-o com orgulho!

Conscios da nossa força, não somos intolerantes. Aceitaremos quem vier para nós, desde o momento que seja digno, mas expulsaremos quem na hora da crise quizer com o seu nome enodoado — seja elle quem for! — enlamear a nossa bandeira.

Isto que nós vimos dizendo, dizem-no todos os republicanos, e, se alguém pretendesse desviar o partido do seu verdadeiro caminho, seria escorraçado implacavelmente.

Nós queremos a Republica. Guerreemos a monarchia sem medo e sem processos infames, não lhe receamos as ameaças nem aceitamos a sua piedade. Ajudaremos a sua dissolução prejudicando a força e o resto da organização dos seus partidos, combateremos todos os seus escandalos, denunciaremos as incoherencias dos seus politicos e a sua absoluta falta de doutrina, em resumo, apressaremos a sua ruína sem contemplanções por ninguém, porque na ruína da monarchia está a restauração do paiz. Eis o que nós pensamos, eis o que nós queremos: — A Revolução contra a monarchia, a Republica a favor do paiz. Todos os nossos esforços são unicamente dirigidos n'esse sentido.

Alpoim, amigo das *Novidades*, pergunta espavorido se ainda haverá mais lama no caso do Nyassa.

Pois que admira, Alpoim? Olhe que as *Lamas do Tejo* dão para tudo!

— Você sente-se com paciencia para ler todos os dias as asneiras do Sergio?

— Eu não, nunca leio o Sergio.

— Homem, mas você tem sempre razão quando lhe chega. Como acerta sem o ler?

— Meu amigo é que o Sergio adivinha-se!

O nosso amigo Alpoim, nosso não, das *Novidades*, e agora também amigo do rei, diz no seu *Janeiro*:

«Uma coisa que fez boa impressão, até muito boa, foi a resolução tomada por el-rei de não consentir que hoje, e para o futuro, os empregados da sua casa civil e militar tenham logares em companhias com interesses presos ao Estado.»

Orá que o *Seculo* dissesse estas banalidades estendendo as suas columnas como um capacho aos pés do rei, comprehende-se. Mas que o nosso amigo Alpoim, nosso não, das *Novidades*, também se associe á comedia, esquecendo que o rei tem como seus amigos e defensores o Navarro, o Marianno e o Bessano, sem os despedir do paço quando elles lá entram, achamos extraordinario.

Alpoim feito adulator!
Imitemos-lhe o estylo e exclamemos: Oh! não! nunca! nunca! Saiba-o o nosso *Janeiro*, saibam-no os nossos patricios do norte!

Nyassa

O correspondente telegraphico do nosso collega *O Commercio do Porto*, que costuma estar muito bem informado, diz o seguinte acerca da lama do Nyassa:

«Segundo informações inteiramente fidedignas que colhi, a questão do Nyassa resume-se no seguinte:

1.ª Falsa declaração no acto da constituição da Companhia, dando como subscriptas acções que não tinham sido emitidas. Por esta falta são responsáveis todos os administradores e fundadores da Companhia, em cujo numero estão comprehendidos os snrs. João Arroyo, visconde da Asseca, Coelho de Carvalho, conde de Mousamedes, Proença Vieira e outros. Não consta que o sr. Arroyo seja inermimado por outro delicto.

2.ª Aceitação de um mandato ou ordem de pagamento de 6:000 libras por parte do sr. Antonio Centeno, proveniente do contracto de Paris e com a assignatura posterior ao contracto de Lisboa, pelo mesmo individuo. Por este facto a procuradoria da corôa manda inermimiar o sr. Centeno.

A responsabilidade do sr. Almeida de Eça consiste em ter assignado o contracto de Lisboa depois de ter assignado uma carta, autorisando sr. o Coelho de Carvalho a negociar em Paris embora *ad referendum*.

O parecer da procuradoria geral da corôa não inermimia o sr. Pedro Victor, commissario regio.»

E' extraordinario!

O sr. Pedro Victor, commissario regio junto da companhia do Nyassa, devendo conhecer e communicar ao governo todas as irregularidades que se davam na companhia, não é inermimado no parecer da procuradoria geral da corôa! Depois das graves revelações feitas pelo nosso presado e valente collega a *Vanguarda*, não se liquidarão perante o poder judicial as responsabilidades d'um commissario do governo, cujo nome se não quer publicar, pelo menos, de complicitade!

E não só a *Vanguarda* se tem referido ao procedimento indigno do sr. Pedro Victor. O jornal *Novidades*, que para o governo e sua cohorte de *bandidos* se não pôde considerar suspeito, declara constar-lhe que o sr. Pedro Victor procedera contra as ordens do governo.

Se assim é, ou se o sr. Pedro Victor não fez as devidas communicações, o governo devia ser o primeiro a desejar que o seu representante fosse punido. Se, pelo contrario, o sr. Pedro Victor informou o governo e este não procedeu em tempo devido contra a administração do Nyassa, e só o fez quando contra essa administração se levantaram individuos interessados na companhia, então venha o sr. Pedro Victor justificar-se, declinando sobre o governo as responsabilidades.

E' isto o que pede a dignidade individual e o que reclama o interesse nacional.

O sr. Pedro Victor foi exonerado do logar de commissario regio junto da companhia do Nyassa por despacho de 6 do corrente mez, publicado no *Diario do Governo* do dia 18. O *Diario do Governo* só da noticia do despacho mas no *Livro da Porta* do ministerio da marinha lançou-se o seguinte:

«Direcção geral do ultramar, Pedro Victor da Costa Sequeira. Regimento n.º 1050/95.»

Deferido conforme a resolução do conselho de ministros, celebrado em 5, que resolvesse se ordenasse ou concedesse, no caso de haver petição, a exoneração do commissario regio junto da companhia do Nyassa.

Já se viu maior cobardia aliada a maior tolice! Então o governo **ordenou** que se concedesse a demissão... se apparecesse requerimento a pedil-a?

E porque se publica o tal despacho no *Livro da Porta* e não no *Diario do Governo*?

A que estado chegamos, Santo Deus!

E ignobil

O governo acaba de suspender um servente da imprensa nacional por permittir que um informador do *Seculo* visse um dos numeros do *Diario do Governo*, em que vinha a portaria sobre o Nyassa, quando o levava para o correio. Ora, no inquerito a que se procedeu por esse motivo, averiguou-se que havia tres ou quatro jornaes no Porto para quem era enviado o *Diario do Governo* pelo correio da madã. E para isso havia um syndicato, que não podia deixar de ser devidamente remunerado.

Mas os membros d'esse syndicato não foram punidos! Só foi reconhecido delictuoso o acto praticado pelo pobre servente!

E' assim que o governo do rei faz justiça.

Pedro Victor escreveu uma carta defendendo-se das accusações que lhe são feitas por causa do Nyassa.

Sempre foi nossa opinião que no caso do Nyassa ninguém era culpado.

Mas este systema das columnias é antigo.

— Olhem para mim, diz o Marianno, cá está uma victima da má lingua.

— E eu diz o Navarro.

— Pois eu não encubro o que sou, replica o *Mineiro*. A ver se o Arroyo toma coragem.

E então?!...

Está votada a abstenção eleitoral pelo partido republicano e pelo partido progressista. Era o unico caminho que tinham a seguir em face das prepotencias praticadas pelo governo.

Devido que os partidos republicano e progressista, fazendo revolução, forjaram traçoieramente as armas com que obtivessem certa e absoluta victoria perante a urna, não era perante esta que devia dar-se a batalha.

Mas os partidos que se abstêm perante a urna, os partidos que não se sujeitam ás prepotencias do governo, devem, se querem manter-se, praticar actos de aberta e effcaz opposição contra esses poderes.

Se assim não procedem, darão a mais inequívoca prova da sua fraqueza; revelarão que não têm programmas que se imponham, nem homens que sejam capazes de os executar.

Pois quê?

O governo pratica as maiores prepotencias, suprime as garantias constitucionales estabelecendo um regimen despótico, e os partidos liberaes sujeitam-se a tudo, acatam tudo, fazendo só o protesto platónico de que não lutarão para terem representação no parlamento? Será isto sério e digno?

Quando assim succeda, parecia-nos preferivel que não se fizesse o tal protesto, porque só serviria de motivo para mais bravatas do sr. João Franco.

Que o partido republicano não se limitará a esse protesto, não só o evidencia a sua indole mas claramente o revelam os seus importantes trabalhos de organização.

E o partido progressista?

Fiquemos, por hoje, na interrogação.

Das *Novidades* o amigo, isto é o Alpoim, pede para os escandalos de agora agua de Labarraque.

Mas, Alpoim, gastou-se toda a desinfector o Navarro, o seu amigo querido.

Feschini, deslocado hoje do *Seculo* por Santo Antonio, acolhe-se ás columnas do *Correio da Noite*.

Eil-o pois filho de Passos Manuel.

Pobre Passos! Não tardará que nos jornaes appareça este annuncio d'elle: — Um pobre chefe de familia rodeado de filhos, implora a caridade dos seus leitores.

E assim se arruína um homem.

Diario d'um rebelde

III

Sim, — vinha eu dizendo — uma grande crise nos atravessou. Morto José Falcão, a energia do partido republicano dissolveu-se em lagrimas sobre o tumulo do grande homem. Assim devia ser. O paiz tinha a intuição d'um novo rumo, tinha mesmo a convicção d'uma nova vida, mas faltava-lhe o impeto heroico, a energia suprema, a fé, essa fé assombrosa que ergue as montanhas.

Portanto deu-se a dispersão, ou, por outra, foi o cançasso que sobreveiu. Ladeira de urzes onde apenas alguns vegetaes desunidos ficaram erectos, o partido republicano vivia na ideia, mas estava morto de facto.

Ha mezes, porém, um abalo percorreu a espinha dorsal do paiz: leão faminto de garras pódres e virilidade mutilada. Arrepio de medo, ou arrepio heroico? Heroico, sim! Tensão extranha que veio a fibras gastas, vibração unica que estremeceu nervos lassos. Ha casos d'esses. A revolta d'uma alma vale ás vezes mais que uma descarga de pilhas.

O paralytico levantou-se, somnabulo e pallido, da sua inacção. E ao erguer-se, galvanizado pelo desespero, moribundo, lugubre, resuscitou, por milagre, em allucinado tragico.

Quem fez tudo isso? Duas coisas bem simples: a accumulção de miserias e o rabião d'um pygmeu. Certamente. A miseria, quando accumulada e a fermentar, tem a energia tensional das explosões chemicas e um anno pôde incendiar um paiol.

A miseria, sabem os senhores de onde ella vem: d'um coito obscuro de infamias, onde o crime menor é o roubo. O anno, dictador minuscuro que o Alcaide pariu, como disse Fernão Vaz, sabem os senhores com que inconsciencia, chegou o lume á bocca da mina que a miseria atulhou completamente. Libertades enforcadas, regalias calcadas a quatro pés, tradições desfeitas a murro, o assassinato impio de alguns direitos por esquecimento escapos, até ahi, entre as folhas d'essa carta rota, — tal a obra da dictadura.

Nada mais era preciso.

Aquella miseria fez-se polvora e aquella dictadura fez-se brazza. Resultado: o incendio, — que ainda não tem lavaredas, mas que já se sente rugir.

O paiz conseguiu pela intuição singular, o que não podia obter pelo raciocinio claro. Assim se forma a consciencia das massas nas horas de angustia. Bem mais que a agudeza da intelligencia que se appellida razão, vale a sensibilidade de espirito que se chama emoção. A dor illumina e representa mais uma crise moral do que uma educação serena adquirida por espiritos em calma. Foi assim que a plebe de Paris, redimida para a Historia pela raiva d'um dia, destruiu as portas da Bastilha.

Conhecem os senhores aquelle caso, contado no manifesto dos emigrados de 31 de Janeiro, d'um pobre soldado que da sua aldeia veio ignorante e ingenuo, e que de repente, n'um segundo, no entusiasmo tragico d'um momento appareceu, — transformação epica! — senhor d'uma noção altissima?

Interrogado nos conselhos de guerra, disse o rustico filho dos campos: «Não sei o que é a Republica, mas não pôde deixar de ser uma coisa santa. Nunca na egreja senti um calafrio assim. Perdi a cabeça então, como

os outros todos. Todos a perdemos. Atráramos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos: viva, viva, viva a Republica!

Eis o milagre d'uma hora ardente. Aquella alma quasi deserta passou a ter um altar, e n'aquelle cerebro inculto desenhou-se uma ideia. Elle, um grande inconsciente, foi invadido pela consciencia da Patria, — consciencia que surgiu do sangue que correu nas ruas.

Revoltas mysteriosas, mas iniludiveis e fataes.

Pois bem, o que aconteceu ao pobre soldado deu-se, embora mais tarde, com o paiz inteiro. E no tumultuar medonho de desesperos barbaros e vinganças santas, encontrou Portugal a fé que hoje o anima na consciencia da ideia que o arrasta.

E é por isso que eu penso que, para a Revolução se fazer, já não é preciso um homem. Se José Falcão fosse vivo, a sua missão, sempre extraordinaria, seria outra. Em lugar de empurrar uma legião para o cimo das barricadas, regularisaria o avançar d'uma onda no campo largo da conquista.

Sim, porque é uma onda que vae galgar por cima de tudo. Onda ensanguentada, com bramidos de tormenta e reflexos de astro.

Para fazer a Revolução, hoje, dispensa-se esse homem — José Falcão, — elle, o eterno indispensavel!

Para abrir o açude á onda revolucionaria e para lhe medir o alcance da correria desvairada basta o pulso e olhar dos homens que existem. Seria bom mais alguma cousa, bem sei. Nem só medir-lhe o alcance, domal-a, tambem, sendo preciso. Mas braço de homem, capaz de tal, só um conheci. O que apodrece em Santo Antonio dos Olivaeis. Portanto, é de uns poucos fazer um só. Realisar uma fusão de musculos, arranjar um somatorio de pulsos. E se ainda assim não for possivel, adeante. Que a onda corra á vontade e á doida. N'alguna parte ha de parar.

Fernandes de Carvalho

Visiton-nos o nosso dedicadissimo correligionario e querido amigo, sr. Arthur Fernandes de Carvalho, director do Jornal da Louzã.

Foi com summo prazer que abraçamos o antigo republicano e intemerato correligionario. Os esforços que elle emprega pela elevação e rapido desenvolvimento do partido republicano no concelho da Louzã tornam s. ex.º creder das nossas vivas sympathias e calorosos applausos. Depois, o tracto do nosso illustrado hospede deixou-nos extremamente captivados e ansiosos por o tornarmos a ver.

Ao Commercio da Guarda

Tem-se este nosso collega egypciense esquecido de citar a Resistencia quando transcreve alguns dos seus sueltos.

Evidentemente, é nos indifferente o facto. A boa camaradagem jornalística, porém, obriga o Commercio a proceder de maneira diversa. A não ser que queira transcrever e apropriar tudo quanto nós escrevemos acerca d'este rei e d'estes monarchicos de variadissimas origens.

Então, sim, todos os lapsos seriam desculpaveis no correligionario.

Brito Camacho

Passando no dia 6 em Beja, de visita a sua mãe, o nosso amigo Brito Camacho foi esperado por grande numero de correligionarios nossos. No dia 9, foi-lhe offerecido um jantar no hotel Rocha.

De Aljustrel dizem tambem que foi entusiasticamente a recepção do nosso valioso e intemerato correligionario.

Aguardavam a sua vinda, na estação do Carregoiro, numerosos amigos e a phylharmonica republicana, que, ao entrar o comboio na gare, tocou a Portuguesa, entre o estalar de grande numero de foguetes e estrepitosos vivas e palmas.

No theatro «31 de Janeiro», ainda como preito de homenagem pelo civismo, intransigencia politica e probidade de tão illustre conterraneo, haverá espectáculo com o drama Advogado de honra, comédias e monologos.

Depois, voltará a Beja, onde tenciona demorar se alguns dias.

Escola de commercio em Coimbra

Temos presente a representação que a illustre Associação Commercial de Coimbra acaba de endereçar aos poderes constituídos, com o fim de ser creada n'esta cidade uma escola elementar de commercio.

Collocamo-nos abertamente ao lado da Associação Commercial n'este assumpto de vivo interesse para o paiz e para Coimbra.

Na verdade as forças mais vitais do organismo nacional carecem de que lhes seja insuflada alguma energia. Cumpre activar por todos os meios o desinvolvimento da industria, da agricultura e do commercio. E pelo que respeita a este ultimo, nenhum meio se nos antolha mais efficaz que esse de educar, n'um sentido essencialmente pratico, os futuros commerciantes portuguezes. O estado actual é simplesmente vergonhoso: é preciso pôr-lhe cobro. E quando um melhoração de tão largo alcance e de tão patrioticos intuitos pode ser alcançado com ligeira despeza, — aliás reproductiva, — urge que todos os sinceramente dedicados á restauração da patria se alistem em defeza de tão justas pretensões.

Na impossibilidade de inserirmos, a bem elaborada representação, damos em seguida um extracto fiel dos seus considerandos e a synthese das bases propostas ao governo:

Abre a representação por encarecer a importancia e a necessidade do estabelecimento de aulas de commercio em todos os centros importantes. Exemplos de paizes estranhos são dados em reforço. Appella se, depois, com exactidão historica, para a circumstancia de ter Portugal dado leis e ensinamento ao commercio do mundo, instituindo o ensino commercial primeiro que nenhum outro paiz. N'esta parte, a representação poderia demorar-se em considerações, que se alegram o nosso passado de grandezas maritimas e commerciaes, obscurecendo tristemente o misero presente que successivas administrações ruinadas durante sessenta annos nos têm preparado. O papel representado pelos portuguezes no alvorecer da idade moderna, por essa extraordinaria voo dado ao commercio maritimo em sequencia da descoberta do novo caminho para as Indias, poderia ser aqui posto em relevo. Mas, não era preciso. A evidente necessidade impunha-se, sem carencia de mais profundos argumentos.

Em seguida a representação justifica com demoradas considerações as bases adiante apresentadas. O notavel documento insiste, sobre tudo, no caracter pratico, que ao ensino d'essa escola convem dar, na necessidade de frequencia assidua por parte dos alumnos, etc.

As bases são principalmente as seguintes: — Independencia da escola em frente de qualquer outra; — Constituição do curso em trez cadeiras, cada uma com tres partes, sendo professada uma d'estas em cada um dos tres annos do curso; por esta forma:

- Lingua portugueza (1.ª parte da 1.ª cad.)
1.º anno Arithmetica commercial e elementos de geometria (1.ª parte da 2.ª cad.)
Chorographia portugueza e elementos de geographia (1.ª parte da 3.ª cad.)
Francuez (2.ª parte da 1.ª cad.)
Noções de commercio e contab. commerc. (2.ª parte da 2.ª cad.)
2.º anno Geographia commercial, especialmente dos povos mais relacionados com o nosso (2.ª parte da 3.ª cad.)
Pratica da francuez (3.ª parte da 1.ª cad.)
3.º anno Pratica de contabilidade commercial (3.ª parte da 2.ª cad.)
Elementos de economia e de legislação commercial (3.ª parte da 3.ª cad.)

Cada curso terá, em dias alternados, duas aulas por semana de 1 1/2 horas cada uma. Os cursos funcionarão de noite.

A matricula somente serão admitidos os alumnos de mais de 15 annos, por serem os que melhor poderão aproveitar com a escola elementar de commercio. No primeiro anno somente se admitirão 50 alumnos para não ser prejudicado o ensino nem augmentadas as despesas com qualquer desdobramento, — preferindo-se os mais velhos se concorrerem mais de 50.

Haverá tres professores, 1 para cada cadeira, succedendo, assim, que cada um d'elles acompanha os alumnos durante os tres annos, — systema que nos parece util, sobretudo em instituto d'esta natureza. Estes professores serão nomeados e pagos pelo Estado, em attenção a que os interesses geraes estão vivamente empenhados n'esta instituição. Mas as despesas de renda de casa, mobilia, illuminação e excedente serão, generosamente, satisfeitas pela Associação Commercial de Coimbra, que deste modo dá á sua iniciativa mais uma nota sympathica, muito para louvar e enaltecer.

EM COIMBRA — IMPRESSÕES

Summario: O que você ha de ouvir. — O 1.º de Maio. — O dia 8.

O que você não tem gosado, pacatissimo burguez. . . Com effeito, quasi me ia esquecendo da sua existencia e deixava-o flunar — impavido na sua ignorancia, retumbante na sua sobrecasaca caprichosa — pelo caes, em passo estudado ao espelho e tendo a atormentar-lhe o inculto orgão auditivo a marcial do 23, com requiebro mimoso do hymno da carta dos progressistas, letra do sr. Queiroz Ribeiro. Em questões de carta constitucional, você é um forte: o seu espirito transigente, o seu temperamento pacifico, leva-o a conhecer a fundo tudo que seja lei e a exigir o cumprimento rigoroso da mesma, todas as vezes em que nós, os insensatos, os loucos, os insanos mostrar-lhe o caminho do dever.

Ah! andam, ha já mezes, uns homens correndo o paiz, anavalhando a grammatica, e pedindo-lhe a fineza de o acompanhar em berratas medonhas contra o estado de coisas para que elles concorreram.

Você ficou em casa, os tempos estão bicudos. Aqui, ha uns annos atraz, a fiel aliada dos nossos queridos braganças, atirou-lhe ás ventas um insulto, que exigia rapida desaffronta;

Você não sahio á rua. A policia estava de prevenção.

Um governo sem pudor, extravagante e relaxado, está pr'ahi a desaffial-o, praticando as mais extraordinarias infamias, d'estas que em povo honesto provocaram o que tanto o atormenta, d'uma simplicidade captivante e se chama Revolução.

Você está na expectativa. O momento inda não é opportuno. Mas a coisa ha de fazer-se. Sinistra visão e em má-hora atravancou-me o cerebro e appareceu-me, ridicula e exigente, importuna e nitida, a ideia da sua existencia improficua, dispensavel, estorvo magno á passagem triumphal da carricana do bom senso.

A esquadrinhar-lhe a vida nas suas diversas manifestações, volto de novo. Transigente e serio, com a sisudez dos meus vinte annos, respeitarei a lei e a cadeia que você m'aponta como casa gloriosa, onde se paga o que se deve, ao respeito da bella sociedade.

Em pontos duvidosos — e para que se azeve ao uso do pensamento — far-lhe-hei citações auctorizadas da Biblia, a fim de salvar-me das garras torpes e impenitentes d'aquillo a que você tem um apêgo formidavel: a carta e o rei.

De ha muito que a violencia colloquei no cabide social. De lado estão postos os meios espantaveis que podem levar um doido — oh seu sensato — aos degraus humildes do estarim, ou aos pincares gloriosos da immortalidade.

Mas basta de apresentação. O amigo conhece-me e, se o contrario for verdadeiro, é o mesmo. Ao caso não importa.

Conte commigo. O que você ha de ouvir. . .

Passou o 1.º de Maio, e lá por fóra, nos grandes centros pensantes, os meus correligionarios socialistas fizeram cortejos civicos e procissões fúnebres aos tumulos onde parece repol-sam glotiosos — no seu silencio honesto — os martyres que ao proletario têm mostrado o caminho da liberdade e da reivindicación.

Por Lisboa tambem houve qualquer coisa. Jubileu, cortejo funebre, comicio, rhetorica e — nada mais.

A rhetorica avassala tudo. Té a companhia do Nyassa e derrocada avassalou. E o Arroyo á gosar-lhe. . . Os camaradas de Lisboa, se não pensam, por ora, na Revolução, todavia vão dando signal de vida.

Por cá, desapareceu tudo, desde uma celebre Fraternal, para exercicio de escripta, té a varias gazetas que defendiam unicamente os interesses do proletariado.

Debandaram, ou bandearam-se os fraternaes? Não sei.

Tres decilitros nos Campos-elyseos e um prato de sardinhas fritas, eis o caminho que leva direito, como um fuso, á conquista da liberdade.

E viva o velho.

Chocho o 8 de maio coimbrão. Ninguem se lembra já d'aquelles valentes cheios de pó e fadigas que ha annos entraram nos penetraes da cidade a libertar-a do jugo cabralino.

Afinal esses patriotas não faziam muito sangue, mas eram tesos. Incontestavelmente.

O talento municipal stá a dar de si, collocando pela cidade ourinoes e marcos fontenarios.

Teremos tempo de fallar.

Heracito Fernandes.

Para breve, um novo livro de lyricas — Rosas de Outono.

São versos dos 19 annos, quando o Antonio Feijó frequentava Coimbra, ahi por 1834.

O titulo é bem achado; não ha nada mais suggestivo.

Alexandre Braga

Mais um dos da velha guarda republicana, b talhador inquebrantavel, espirito diamantino e de tempera rija, de convicções inflexiveis e levantadas, a morte nos arrebatou, n'este momento solemne, em que o valor poderosissimo do seu nome immaculado, o rigido exemplo da sua vida e a fogosidade meridional da sua eloquencia faziam de Alexandre Braga um penhor segurissimo de triumpho, aos que, seguindo-lhe os exemplos, imitando-lhe os processos, vão trabalhando dia á dia, n'um trabalho de sapa e de apostolos, pela causa do povo e da Revolução.

Alexandre Braga pertenceu á geração de romantics honestos e crentes que primeiro acclimataram a burguezia aos saos principios democraticos, que primeiro a acostumaram a não se assustar com a logica do republicanismo e do livre pensamento.

Irmão e quasi mentor de Guilherme Braga — o rude pamphletario do Bispo, companheiro e companheiro dedicado de todos os que d'ha 20 annos para cá vêm sentindo vibrar na alma uma libra de indignação e de protesto contra as torpezas e infamias d'uma sociedade hypocrita e corrupta, Alexandre Braga deixa o seu nome vinculado a todos os actos dignos, a todas as campanhas, a todos os movimentos de protesto que têm convulsionado o partido republicano do norte.

Orador eloquentissimo, caudico glorioso, Alexandre Braga desce ao tumulo sem inimigos, e deixa, mergulhados n'uma saudade profunda, mais que uma familia, mais que um partido. . . Deixa enlutado o paiz.

Pediu a sua demissão de provedor da Misericordia do Porto o sr. dr. Wenceslau de Lima. Motivou este pedido o facto de haverem sido rejeitadas, pelo definitório da irmandade, duas propostas apresentadas por elle e que já haviam sido approvadas pela mesa.

Jornal da Louzã

Com o n.º 512 entrou no 15.º anno da sua publicação este nosso distincto collega, que ha pouco tempo se enfileirou denodadamente na phalange republicana.

Ao Jornal da Louzã dirigimos as nossas calorosas felicitações pela sua attitude honrada e patriótica, certos como estamos, e conhecemos todos os homens honestos, de que a solução republicana é a unica efficaz e util para o tremendo problema da nossa regeneração moral e economica.

O mímoso contista Teixeira de Queiroz acaba de publicar um novo livro, intitulado Arvoredos.

Carta de Lisboa

10 de maio de 1895.

Jocelli, aborrecido de Lisboa e de vocês, encarrega-me de lhes dizer coisas espantosas, coisas estupendas, capazes de estarrecerem a ingenua candura de bons provincianos. . . que os amigos são, apezar de todos os protestos em contrario.

Ao pintar mesmo, para o effeito, a patuscada grotesca d'esta tarde em plena Avenida. Imaginem a municipal au grand complet, desde Queiroz, o terrivel, até ao 49 da 4.ª, um bijou, cavallos e corneteiros, em marcial promiscuidade, perfilada em continencia ante a adiposa magestade do D. Carlos, que, garboso e imitando, pelo primor da equitação — é claro — a pureza das linhas do velho centauro mythologico, pendurou no peito do velho cabo Epiphanio — 50 annos de serviço e 3 duzias de sopeiras na biographia — a medalha d'ouro do comportamento exemplar.

O bom velho agradeceu commovido a gentileza regia, as criadas de servir applaudiram o regabofe e, como não consta que a vadiagem protestasse pelo inesperado e berrante do espectáculo, nada haveria a dizer. . . se elle não levasse agua no bicó, não tivesse um segundo sentido que convem pôr ao sol, bem patente, não vão os povos do Mondego lançal-o á conta de inoffensivo passatempo das instituições amigas da pandega e da municipal.

Vá depois traduzir do calão governamental, com que os jornaes a comentarão logo, a significação e os fins d'este truc dos nossos governanteaes.

E' simples e expressivo: Senhores revolucionarios, cavalheiros, madamas e respeitavel povo portuguez: A monarchia poderá estar gasta, não ter a confiança dos cidadãos honestos, pode ser verdade o que os amigos affirmam, não ter honra, não ter decoro, não ter credito e mesmo não ter onde cair morta, mas tem, — senhores revolucionarios, cavalheiros, madamas e respeitavel povo — tem estes janizaros fieis, estes cabos de guerra e estes cavallos, todos promptos, á primeira voz, para deslombarem os atrevidos que osem tentar incommodal-a com os seus protestos, que queiram interrompela na fruição choruda d'esta bambochata nacional.

E' o que o pagode quiz dizer.

Podia fallar-lhes ainda do Nyassa, do Arroyo, do Alpoim, das ventas e dos artigos do Fuschini.

Podia fallar-lhes do centenario de Santo Antonio e patifarias semelhantes.

Mas os amigos estão fartos, enojados e essas velhacadas já bolorentas. . . e para sabermos do Santo basta-lhes o Seculo.

Joma.

O editor de Lisboa, Antonio Maria Pereira, vae fazer uma nova edição das obras de Camillo. Applaudimos sinceramente, e oxalá que não dê em droga, como costuma acontecer em Portugal a todas as coisas boas.

Notas d'um azedo

O artigo de Fernão Vaz publicado no ultimo numero com este titulo, sahio incomprehensivel e estropiado com gralhas, omissões e toda a especie de diabruras.

Mais culpado que o typographo, o Fernão Vaz, cabeça no ar e estouvado, que se não deu ao trabalho de rever as provas.

Mas como as Notas d'um azedo serão colligidas, depois, em volume, o leitor intelligente terá occasião de reconstruir o artigo. . . e de salvar o editor.

Tem estado em Coimbra, hospedando-se em casa do nosso collega dr. Alves Moreira, o nosso amigo padre Manoel d'Oliveira Costa, digno abba de Arrifana.

LITTERATURA E ARTE

FIM DE CONTO

Vespera de S. João já tarde.
Cheias dos segredos surpreendidos toda a noite nas danças, as fogueiras a expirar riem seu riso de velhas cus-pindo para o ar chammias pequeninas, que iam illuminar maliciosamente os que se sumiam ao fundo com o carreiro no escuro do pinhal.

Andam os amores aos pares fallando labio contra labio, não vá contar-lhe os segredos a noite debruçada em sombra a escutar.

Todos á agua-santa...
A noite silenciosa. Apenas de longe em longe um cantico distante d'amor, como echo de cantar alegre de fogueira que agora andasse perdido de serra em serra.

Ella vae como as outras, o corpo collado ao do seu Santo que com um dos braços lhe levanta a cintura, e com o outro segura, contra o hombro, a mão branca e delicada d'ella; não vá fugir-lhe o braço que sente a acariciar-lhe a espadua forte.

Leva-a quasi ás costas, como um pastor uma ovelhinha doente
Na noite silenciosa ciciou baixinho a voz de S. João:

—Queres casar comigo?...
—Quero; mas...
—Mas?...
—Eu amo um pastor...
—Um pastor!
—Sim! amo-o tanto como a ti, e tu sabes logo quem elle é se eu to disser; porque não ha outro pastor assim.

A sua carne é dura e secca como a madeira dos arcos, os dentes brancos e a rir como os calhaus da ribeira, o halito doce e perfumado como o mel das flores.

Quando pouza sobre mim, o seu olhar escuro para e começa a andar devagarinho, como os insectos negros que na primavera andam entorpecidos com o pó dourado, que então ha nas flores.

E' negro e bom como o pão de centeio, e os seus labios a beijar lembram a caricia leve das hervas altas.

Todos sabem que nos amamos. Sabem-n'o as arvores mais velhas da floresta, as que têm a sombra mais escura em que pretendemos encobrir nossos abraços, e anda tão cheio de nossos beijos o ar da serra, que as flores douradas da giesta parecem zumbir como insectos d'ouro quando o vento passa a afagal-as. Até o rio

anda a murmurar e a rir-se para mim, desde que surpreendeu a imagem dos nossos beijos.

Ninguém, o cão do meu pastor, protege-me e vigia-me como a ovelha mais querida do seu rebanho; que bem sabe Ninguém que eu sou toda do seu dono.

E uma vez...
Interrompeu-se, no ar corriam as notas alegres d'um hymno—o hymno de S. João, que tocava um pastor distante. Encostou-se ao Santo para não cair.

—É elle?
—Sim!

Ao cimo do caminho da encosta a subir recortava-se escusa a figura do Pastor sobre o fundo phosphorecente, como se a via-lactea tivesse arrombado o leite e andasse alagado de luz o céu.

Mal os viu, desceu o Pastor a correr, a procurar o agasalho dos seus braços, mas o Santo, fugindo-lhe, juntou-os labio contra labio e casou-os abençoando a terra em que cahiram.

Da terra a florescer n'uma benção correu-se á volta uma cortina d'assu-cenas, e as suas petalas brancas a desfolhar-se iam-nos cobrindo d'um lençol de linho branco e perfumado.

Era quasi manhã...

T. C.

Na ultima congregação, realisada no dia 9 do corrente mez, resolveu o conselho da faculdade de Philosophia apresentar ao governo para que não seja concedida dispensa do exame de grego aos alumnos que se formarem na faculdade.

Foi concedido pela camara novo praso á empresa do elevador para começar os trabalhos.

O sr. Ayres de Campos tambem pediu um praso para não entrar por enquanto no reino da tropa mas foi indeferido. Que no do céu, está elle ha muito.

Chegou aqui, no seu mail-coach, de passagem para Paris, o conde de Font Alva.

A faculdade de Philosophia resolveu por ponto no dia 5 do proximo mez e que os actos principiem no dia 10.

A gentilissima e intelligente artista Lucilia Simões, foi entregue sexta feira, na sua passagem de Vizeu para Lisboa, pelos nossos amigos Joaquim Madureira e Germano Martins, o album que os admiradores do seu peregrino talento lhe haviam dedicado na noite da sua iniciação artistica.

A gentil creança agradeceu commo-vida a delicada offerta e pediu aos

que fazia parte a companhia de Henrique Lenoir e de Cadet Tricot, fez signal ao primeiro para se approximar.

—Onde está o vosso commandante de batalhão?

—Meu general, levou-o uma balla de canhão.

—Tomae vós o seu logar.

—Obrigado, general; eu não quero subir. Acho bom bater-me pela patria, mas não comprehendo as pessoas que fazem da guerra um officio. Expulso o estrangeiro conto ir para casa de meu pae e continuar com o commercio de pannos que exerci antes da campanha.

Kellermann voltou-se para o seu es-tado maior:

—Meus senhores, a liguagem d'este rapaz é a d'um verdadeiro cidadão.

Estendeu a mão a Henrique.

—Tens alguma coisa a pedir-me?

—Sim, general; peço-vos para nomear cabo um dos meus homens.

Fez um signal. Cadet Tricot sahio das fileiras.

—Olhae para esta cabeça, general. Em presença do inimigo, os olhos cham-javam-lhe, os labios retraiam-se lhe. Este valente só está satisfeito, quan-do combate. A 14 de julho estava na Bastilha, e a 10 de agosto nas Tulherias. Sabe ler e para escrever eu lhe darei lições.

—Bom! bom!—diz Kellermann sor-rindo-se.

nossos amigos que interpretassem, ante o publico de Coimbra, os sentimentos de gratidão de que se acha possuida.

O sr. dr. Antonio José Teixeira d'Abreu que, como já dissemos, defendeu theses nos dias 8 e 9 foi appro-vado *nemine discrepante*. Escusado era dizer o resultado, porque as pro-vas que deu e os creditos de que já gosava lhe asseguravam a approvação plena.

Receba o nosso querido amigo as mais sinceras felicitações.

Partido medico

Resolveu a camara municipal de Coimbra pôr a concurso o logar de medico do partido municipal para as freguezias da cidade. Desde já prometemos que havemos de estudar com todo o cuidado as condições do con-curso, para em tempo devido criticar-mos essa deliberação.

O sr. Ayres de Campos, orientando se pela politica de João Franco, não cura dos interesses da cidade; trata de proteger amigos, ainda que para isso tenha de praticar os maiores escandalos. Tenha, porém, a certeza de que ha de ser feita a devida justiça aos seus actos.

E não terá de esperar tanto tempo, como os habitantes de Coimbra pelo elevador.

Em Lisboa vae publicar-se — *Perfis contemporaneos*, retratos e biographias. O prospecto é interessante, cheio de revelações curiosas e originaes.

O primeiro perfil devido á penna elegante e laureada... do Gervasio Lobato, é o da senhora duqueza de Palmella que, na linguagem não menos elegante e laureada do Jayme Victor, é pittorescamente alcunhada de *individualidade sympathica*, tal qual a florista franceza ou a Dias dos cavalli-nistas.

A publicação promete pelo menos ser original. Entregar o perfil da intelligente senhora á penna laureada do auctor do *Burro do Senhor Alcaide*, á prosa scintillante do *Rabecão Grande do Pimpão*, é uma coisa que não lem-bra a toda a gente!

As biographias são todas de *nomes conceituados e queridos do publico*: lá estão João Arroyo, Guiomar Torrezão, José d'Alpoim, a Cinira, o Augusto Rosa e o inevitavel dr. Ayres de Campos. A biographia d'este amado filho de Coimbra, protector da pobreza enver-gonhada e intelligente colleccionador, congrega-nos com o emprehendimento que nos parecia já bastante usado e commercialmente desacreditado.

Aguardamos com anciedade o ap-parecimento da biographia d'este ho-mem que todos admiram pelo seu ta-lento e respeitam pelos beneficios que toda a cidade deve á sua intelligente iniciativa, ao seu espirito innovador e

Apoiou a mão sobre o hombro de Cadet;

—Faço-te cabo!

.....

No dia seguinte, os prussianos, sem viveres, com os depositos exaustos, tendo pela frente e atraz caminhos in-transitaveis e os inimigos armados, começavam a retirada.

Emquanto o exercito francez se ba-tia-com Valmy, a convenção—em Paris—decretava a Republica.

O correio que levava a Assembleia a noticia da victoria e o que levava a Dumonniez a nova da Republica cru-zaram-se nos arredores de Chalons.

—A victoria e a liberdade, diz o general, dão-se as mãos neste dia! Em Paris, foi enorme o regosijo.

Entrava-se numa era nova. Em vez de se datar a Revolução do anno IV da liberdade, data-se do I anno da Republica franceza. Os cidadãos orna-ram as janellas das casas de pequenas bandeiras. A cidade illuminou.

—O meu Henrique, dizia Jane, recu-sou um posto de accesso; semelha-se aos homens de Plutarco.

—O meu Cadet, dizia Jenny, é cabo. Estava orgulhoso.

O próprio carteiro, rude, sorria-se. Só, no meio da esperanza universal, a Combate conservava o seu rosto im-passivel. Havia-se destruido a realza e proclamado a republica. Os nobres

moderno, á sua auctoridade como pre-sidente da vereação de Coimbra em em que um dos membros é, com estima e consideração, tal qual nós, um att.º v.º e creado muito obrigado.
Pois não foste!...

Senhor aos entrevados

Sahiu hoje da egreja do Carmo o Sagrado Viatico aos entrevados da freguezia de Santa Cruz.

Algumas das ruas por onde passou a procissão achavam-se adornadas com colgaduras.

O bairro de Fóra de Portas estava ornamentado com columnas e ban-deiras.

Bibliographia

Recebemos a *Novissima Reforma Judiciaria*, que é seguida de uma Collecção de Legislação, contendo leis, decretos e portarias que têm alterado algumas das suas disposições.

Na secção competente publicamos o an-ununcio.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 2 de maio de 1895.

Presidencia do bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes:—Bacharel Ruben Augusto d'Almeida Arabyo Pinto, João Antonio da Cunha, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos;—José Corrêa dos Santos, substituto.

Tomou conhecimento do accordão d'appro-vação ao orçamento ordinario do municipio para o corrente anno.

Resolveu destinar para a construção de um edificio para matadouro publico 80,00 de terreno de comprido por 40,00 de largo na parte mais alta da quinta de Santa Cruz, proximo do muro que a circunda pelo lado do caminho de Montes Claros.

Auctorizou a ampliação de duas janellas no edificio dos hospitaes junto do cunhal fronte-iro ao muzeu.

Mandou providenciar para o concerto de uma caixa de parede, serviço das aguas, des-truída por dois individuos, ao bairro de Santa Thereza.

Concedeu licença de oito dias, sem vencimen-to, a um vigia dos impostos.

Prorogou o praso para o começo dos traba-hos do caminho de ferro funicular até que seja approvedo superiormente a variante ao projecto primitivo e decretadas as expropria-ções por utilidade publica.

Resolveu incluir em orçamento a differença encontrada em liquidação feita no cemiterio em dezembro de 1894, relativamente a terre-nos allí comprados para a construção de jazi-gos por dois individuos que se acharam pre-juiciados na contagem.

Attestou acerca de duas petições para sub-sídios de lactação a menores.

Mandou annunciar que de 31 de maio ao ultimo de setembro devem, segundo o dis-posto nas posturas municipaes, ser caiadas todas as paredes de casas que possam ver-se da rua ou de qualquer logar publico.

Auctorizou o pagamento de gaz consumido na illuminação publica da cidade durante o trimestre de janeiro a março d'este anno.

da fronteira tinham sido batidos com os prussianos, e os do interior que não estavam presos iam ser batidos na Vendée. Uma nova ordem de cousas surgia, creando a egualdade para todos; a mulher do arrabalde não estava socegada.

E' que ao lado da mulher do povo, e da proletaria triumphante, estava a mãe que pensava no seu filho.

A cada derrota do inimigo, elle di-zia: «Bem!» Mas ajuntava: «Guerra!» A vingança publica não satisfazia o o seu odio.

—Os paes são castigados,—mas, dizia,—meu filho morreu e os d'elles vivem! Eu não ficarei satisfeita senão quando vir soffrer e morrer os filhos d'elles!...

SEGUNDA PARTE:—1793

A CARMAGUOLA

Madame Veto jurou,
Madame Veto jurou
Fazer degolar Paris,
Fazer degolar Paris.
Madame ficou lograda,
Graças á canhonada.

Dansemos a Carmagnole
E viva o som! O trovão!
Dansemos a Carmagnole,
E viva o som do canhão.

Auctorizou a compra de duas secretárias e doze cadeiras para a repartição de Fazenda do concelho.

Mandou collocar torneiras para consumo de agua em diversas repartições installadas nos paços do concelho.

Resolveu realizar o emprestimo de dezeseis contos e duzentos mil réis votado no orça-mento ordinario do corrente anno.

Resolveu mandar illuminar a fachada do edificio dos paços do concelho na noite do dia oito do corrente mez.

Mandou fazer orçamentos para a reparação dos estuques da capella do cemiterio e casas annexas; para o concerto dos telhados do edificio do asylo dos cegos em Cellas.

Mandou concertar na officina da repartição das aguas o fogão de cosinha do asylo dos cegos.

Auctorizou a compra de um jaquetão, colete e bonet para um dos asylados do asylo de Cellas.

Resolveu dar o nome de pátio de Mont'ar-roio ao antigo pátio da Inquisição.

Resolveu pedir providencias ao chefe do districto acerca dos despejos para a ruina entre as ruas da Moeda e Direita, em transgressão das posturas do municipio e em prejuizo da saude publica.

Resolveu levar a effecto a construção de um pequeno cano d'exgoto em Santa Clara, junto ao rio, obra votada já em outubro de 1894, para o alteamento da parte do terreno existente entre as casas allí situadas e o talude da estrada de Coimbra e Penellá.

Resolveu crear um partido de medico para as freguezias da cidade segundo as recomen-dações feitas ha pouco pelo chefe do districto.

Resolveu mudar para a quinta norte do pas-saio central da praça do Commercio o ourin-lo que se encontra ao centro do mesmo passeio.

Auctorizou diversos pagamentos.

Resolveu pedir de novo a approvação da deliberação de 20 de dezembro de 1894, para a cadencia dos terrenos da ruina entre as ruas da Moeda e Direita aos proprietarios das casas allí situadas.

Despachou requerimentos, auctorizando com-pras de terreno no cemiterio da Conchada e a construção de jazigos; alterações na fachada de uma casa no largo da Feira e o prolonga-mento do passeio, que ficará pertencendo ao municipio; a construção de um telheiro em terreno particular no logar da Feteira; a ré-construção de uma casa ao Romal, sem as pilastras desenhadas no alçado primitivo.

Bombeiros Voluntarios de Coimbra

Conta da receita e despeza do espectáculo dado no dia 21 d'abril ultimo no theatro Gil Vicente, em beneficio d'esta associação:

Recetta	642500
Despeza	162630
Saldo	479870

As contas estão patentes por 8 dias na sala da associação, onde podem ser examinadas. Coimbra, 9 de maio de 1895.

O presidente,
José d'Oliveira Serrano.

Associação Conimbricense do Sexo Feminino

O conselho director d'esta associa-ção, faz saber ás senhoras associadas, que concedeu licença temporaria ao facultativo da mesma associação sr. dr. Ribeiro Guimarães, ficando a substituí-lo durante a licença o sr. dr. Annibal Maia.

Coimbra, 11 de maio de 1895.

Madame Veto, era a rainha Maria —Antoinette, e as *canhonadas* eram as de 10 de agosto. Quanto a *Carmagnole*, era uma canção popular escripta para ser dançada, que os soldados francezes vencedores ouviram pela primeira vez nas praças da pequena cidade de Carmagnole, no Piemonte. Esta musica que as bandas militares tocavam em passo dobrado, era ás vezes doce e arrebatadora.

Melodiosa, fazia mover ao seu com-passo os que a ouviam. Tambem lhe chamavam a Marselhesa das ruas. Can-tava-se por toda a parte, debaixo dos olmeiros seccos da Bastilha e dos castaubeiros frondentes das Tulherias, na praça da Revolução onde se levantava a guilhotina, e debaixo das janellas do templo transformada em prisão do Estado.

O rei Luiz Capeto, voltando ao esta-do de simples cidadão, tinha uma man-hã sahido do templo para a praça da Revolução, e a sua cabeça rolou no cadafalso ao som dos tambores, com-mandados por Santerre.

Mas a rainha Maria-Antoinette habi-tava ainda o templo, e o povo,—exces-sivo hoje no seu odio, como havia sido durante seculos pasciente nos seus soffrimentos,—vinha cada dia dançar e cantar a *Carmagnole* á sombra das duas torres, cercadas de ameias, que elevavam a sua massa negra acima dos telhados do quarteirão.

24 — Polhem da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANÇO REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

XIV

VALMY, QUILLES

Do outro lado, formam-se tres no-vas columnas. O rei da Prussia, o duq Brunswick, e os generaes dirigem este segundo ataque.

Eram quatro horas da tarde. Os vin-te e quatro canhões, postos em bateria sobre a collina, detiveram ainda uma vez os prussianos. Estes, reti-rando ao cabir da noite, deixam o caminho sulcado de balas, um rio de sangue e oitocentos cadaveres.

A batalha estava ganha, e este facto era mais do que uma victoria: era a prova de que o patriotismo resistia a tudo, mesmo ao fogo supportado pela primeira vez.

Kellermann estava cheio de alegria; praguejava; gaguejava; sentia confusa-mente que acabava de salvar a França, e a sua coragem transmittia-se aos defensores.

Quiz recompensar todo o mundo. Passando á frente do batalhão de

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica de encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço 1:000 réis

NOVISSIMA

REFORMA JUDICIARIA

Contida no decreto de 21 de maio de 1881, conforme a autorisação concedida ao governo pela carta de lei de 1840, seguida de uma

COLLEÇÃO DE LEGISLAÇÃO

Contendo as leis, decretos e portarias, que têm interpretado, completado ou revogado algumas de suas disposições, tanto em relação ao continente do reino e ilhas adjacentes, como em relação ás possessões ultramarinas.

PREÇO—800 RÉIS

Bom emprego de capital

FABRICA DE GAZOZAS

Passa-se uma em boas condições, com todo o vasilhame e reccituario de fabrico, por seu dono, a não poder administrar, tendo uma machina de Casaubon & Fils, que fabrica 1:200 garrafas por dia ou 800 sífões.

É de pouco dinheiro. Dirigir-se a José Maria d'Almeida—Vizeu.

Venda de predios

Os predios de casas pertencentes a Antonio d'Almeida e Silva, cuja venda se annunciou para o dia 5 de maio em praça particular, vendem-se agora particularmente. Quem os pretender dirija se a seu dono na rua da Sophia, 42 a 46. Coimbra, 9 de maio de 1895.

Caixeiro de padaria

Precisa-se de um, de 16 a 17 annos de idade, que saiba ler, escrever, e contar, com ou sem pratica d'esta industria, preferindo-se todavia o que a tiver. Para tractar na Padaria Lusitana.

Liquidação de cigarros de tabaco especial

Caixinhas de 500 réis com 50 cigarros abundantes de fino tabaco, vendem-se a 400.
De 400 réis com 50 cigarros, a 300.
De 100 réis com 10 cigarros, a 80.
De 80 réis com 10 cigarros, a 60.

Tabacaria União
SOPHIA—COIMBRA

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Cordões e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE OIMA—20



As verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92—Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moseas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animais mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating, Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Figueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.º.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.º
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

Serralheiro

Precisa-se d'um official de serralheiro, para trabalhar na officina de Motta Quadros, Bairro-Novo, Figueira da Foz. Ordenado segundo o seu merecimento.

THEATRO CIRCO PRINCIPE REAL DE COIMBRA

Arrenda-se desde o dia 1 do proximo mez de julho em deante.

Recebem-se propostas em carta fechada até 20 do corrente, na rua da Sophia, 56, 3.º

AVISO

Ninguem contracte com Manuel Lourenço dos Santos acerca de bens mobiliarios, porque constituem dote de sua mulher, que intentou separação judicial.

Travessa da Couraça de Lisboa, n.º 16—Coimbra.

Maria Augusta d'Oliveira Baptista.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida. Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

VINHO ANALEPTICO

DE A GUERRA

Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.º, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Padaria Lusitana (SYSTEMA FRANCEZ)

DE Domingos Miranda

LARGO DO ROMAL

Pão fino, o melhor que se encontra, pelo systema francez, todos os dias de manhã e á noite, a 25 réis cada dois pães.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amarante. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA Rua Martins de Carvalho COIMBRA

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra—Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

APRENDIZ

Precisa-se na officina de encadernação—Largo da Sé Velha, n.º 1 e 2.

Vinho de meza sem composição

Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120, réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bodellos, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas; tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphato de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

LIVROS DE MISSA

Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA COIMBRA

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.º—Coimbra.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

Cannas de Senhorim

BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª e 2.ª classe, duas salas com duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accommodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

RESISTENCIA

N.º 25

COIMBRÁ — Quinta feira, 16 de maio de 1895

1.º ANNO

Um pouco de historia

Altamente significativo o espectáculo que nos está offerecendo a politica monarchica.

O governo, que não está só desacreditado perante o paiz, que está sendo odiado por elle, mantem-se no poder á custa das mais vis infamias, praticando os mais ignominiosos e constantes attentados contra a constituição e contra as leis, cuja rigorosa observancia devia ser o primeiro a promover. Dominado pela ideia de que a monarchia corre imminente perigo, vendo no desinvolvimento e organização do partido republicano uma gravissima ameaça contra as instituições, o governo tornou-se o representante dos interesses dynasticos e, inspirado por elles, supprimiu as garantias por que o espirito liberal se podia manifestar.

Impotente para conceber e executar qualquer reforma de largo alcance, procurando por meio de expedientes aplanar difficuldades que interesses offendidos lhe suscitam a cada passo que dá, sempre com receio de que um protesto mais energico se levante contra elle, promette e não cumpre, decreta hoje e não executa amanhã, ostentando sempre a mais indigna incoherencia, recorrendo constantemente a intrigas vis, á pratica dos mais nefandos actos. E n'isto tem o governo revelado uma força prodigiosa. Até não recua perante a mentira mais descarada!

Procurando expulsar o poder, os grupos monarchicos que o não apoiam têm recorrido exactamente aos mesmos processos de que elle usa para se conservar.

Debalde se procurará descobrir em qualquer d'elles um determinado plano d'ataque.

Pondo hoje de banda affirmações solennes que hontem fizeram, falando um dia na primordial necessidade de reformas politicas que não determinam, fazendo no seguinte ócas declamações sobre a desorganisação moral, economica e financeira do paiz, e nunca accusando o governo de crimes que elles proprios não tenham commettido, têm-se mostrado absolutamente incapazes de cumprir qualquer resolução que tomem, nunca realisando os actos que d'ella derivam como consequencias impostas por uma logica irrecusavel. Sem convicções, inspirados por conveniencias proprias e não pelos interesses do paiz, incapazes de formar uma corrente na opinião publica que efficazmente secunde as suas pretensões, procuram, ora pela ameaça, ora pela blandicia, afastar do governo, fazendo-a derivar para elles, a unica força que o mantem — o paço.

Tendo pelo governo a aversão que determina o facto de não poderem, como elle, satisfazer queridos afilhados e famintos correligionarios, e não podendo, por esse mesmo motivo, conciliar-se entre si, esses grupos, ao mesmo tempo que combatem o governo, intrigam-se reciprocamente, não entrando desafogadamente n'um caminho de opposição que ponha cõbro aos inqualificaveis desmandos do governo. Enquanto o partido progressista, provocando o descontentamento de muitos dos seus correligionarios, faz comícios, propugna pelo não pagamento de impostos lançados dictatorialmente e vota a abstenção eleitoral, um politico, tão habilidoso para intrigas e formação de agrupamentos occasionaes como destituido de qualquer merito para

estadista, põe-se á espreita d'ocasião opportuna para pedir ao governo que o ajude a levantar o paiz da modorra em que jaz.

E o mais interessante é que, no nosso bello meio politico, esse systema garante melhores resultados. Para se ir ao poder ha um só meio — captar as sympathias do monarcha, e, como este tem a maior dedicação pelo grupo de *bandidos*, — digamol-o, porque o Colen ainda não foi processado, — quem quizer succeder aos taes *bandidos*, conluie-se com elles.

Para quem o não fizer, a lagrima é livre.

O *Seculo*, jornal que em tempos pertenceu ao partido republicano, publica o retrato do sr. Carlos Lobo d'Avila, elogiando o pelo seu trabalho em reatar as nossas relações com o Brazil. Acreditando na sinceridade do *Seculo*, permitimo-nos lembrar-lhe que publique tambem o retrato do ministro inglez do Brazil, que, no dizer dos seus collegas e correligionarios monarchicos, auxiliou immenso Portugal no conflicto com aquelle estado.

O *Seculo* deve reconhecer que o sr. Vaibom nunca atacou a Republica Brasileira, reconhecendo egualmente quanto os inglezes amam Portugal.

À «Provincia»

Como nós perguntassemos se os progressistas se limitam só á abstenção, pergunta-nos a *Provincia*, se nós tambem ficamos por ali. Claro que não depende da nossa exclusiva vontade realizar os nossos desejos, mas a aspiração do partido republicano é fazer a Revolução contra a monarchia. Os comícios, a campanha da imprensa e a abstenção, significam por parte do partido republicano uma linha bem clara de proceder n'esse sentido: saber do caminho legal.

Agora o partido progressista em que pensa?

Depois de fazer o mesmo que os republicanos, depois de accusar o rei e de declarar nada haver a esperar d'elle, pensa em servir-o e amal-o. Eis a resposta que a *Provincia* nos devia ter dado. Sempre é mais deprimente para o partido progressista que a nossa. Nós poderemos não fazer uma Revolução sempre que a desejarmos, o que não é deshonroso para nós; agora, os progressistas é que não podem ser tomados a sério, o que não é digno para elles.

Diz um jornal, O *Academico*, não ser toda a Academia de Lisboa responsavel pelo capachismo da sua *tuna*. Estimaremos que assim pense e estimaremos ainda mais que todos procurem corrigir os musicos.

Ora cá está o nosso amigo *Correio da Noite*, a caminho do Paço. Diz o illustre hypocrita:

«Nós temos uma lei. A corôa não responde pelos actos do governo. Por elles havemos de exigir dos ministros todas as responsabilidades. E, por mais que as queiram attribuir á corôa, havemos de proseguir tenazmente n'esta campanha, para mostrar que elles é que são os traidores, elles é que são desleaes para com o rei, elles é que são verdadeiros inimigos do seu throno e da sua familia.»

Para respondermos a estas palavras, sem remontarmos ao tempo em que *una voce* o partido progressista chamava ao pae d'este rei *Capa de Ladrões*, bastava transcrevermos as palavras escriptas nos ultimos tempos pelo *Correio da Noite* e pela *Provincia*, ameaçando e accusando o D. Carlos.

Mas aos ouvidos de todos ainda sóa a grazinada jacobina dos progressistas. Nada transcrevemos pois. Limitamo-nos a relegar estes cavalheiros ao Sergio Vadio, para que elle os examine em logica.

Bagatellas

A secção archeologica do *Instituto* vae dar um novo e vigoroso impulso ao seu museu, ampliando-o e desinvolvendo-o n'um ambito mais vasto de utilidade e de estudo.

Alem da parte propriamente archeologica, constituída por documentos epigraphicos e monumentos especialmente respeitantes á evolução politica e social da civilisação peninsular; iniciará, pouco a pouco, a colleccionação de exemplares sob o ponto de vista da historia do trabalho nas phases successivas da sua transformação esthetica.

Nunca, como no momento actual, a acção d'uma corporação respeitavel poderia cooperar tão efficazmente para este hodierno capitulo da instrucção publica.

A educação artistica das massas tem sido desde muito tempo a preoccupação constante dos governos. E a prosperidade economica das nações modernas tem por base esse derramamento fecundo de instrucção que depura e eleva o gosto publico e imprime na producção industrial a superioridade que a valorisa.

Não se trata d'uma simples questão de dilettantismo ephemero, de sentimento ou de moda; mas de abrir um campo infinito de riqueza para as energias trabalhadoras, á custa de enormes dispendios que são largamente reproductivos.

Os gosos da arte ha muito que deixaram de ser considerados como um privilegio das aristocracias e das castas predestinadas. Modernamente o sopro democratico que agita e retempera os espiritos, e graças aos progressos da industria e da sciencia applicada, a multiplicidade da producção barateando o custo, torna accessiveis a todas as classes as bellas cousas. E os governos, secundando estas tendencias da civilisação, impellem e propagam todos os meios de cultivar a intelligencia das classes productoras em beneficio dos interesses e do bem estar geral.

N'este paiz, ha quarenta annos que os governos assistem impassiveis a toda essa extraordinaria e titanica lucta, travada entre as nações. E o que tem feito perante todos esses exemplos é — quasi nada e mal.

A acção particular retrae-se, e nem admira.

Dominados por servis preoccupações de bajulação palaciana, os estadistas têm em si concentrado, tornando dependentes da sua intervenção e auctoridade, toda a vitalidade do paiz, levantando obstaculos suffocantes á iniciativa das corporações.

Uma nação arruinada e pobre, em cujos orçamentos não podem figurar as abundantes verbas para as compras, as encomendas e as grandes decorações dos monumentos publicos; onde os paços municipaes, os tribunaes de justiça, as escolas superiores, as bibliothecas, enfim todos os edificios do estado são barracões tristes e sordidos. Onde não ha museus, obedecendo a uma organização didactica; nem propaganda educativa; onde as abundantes preciosidades d'outros tempos têm sido cynicamente malbaratados, o publico em materia de gosto conserva-se atrazado e indifferente.

Nas localidades de segunda e terceira ordem é uma cousa immunda — a camara, a repartição publica, a escola e a propria igreja!

É por isso que, estancados os recursos que da America nos davam

uma prosperidade ficticia, e fechados os asyls da incapacidade, chamados — *repartições do estado*, — nos encontramos n'este momento sem meios de ganhar honestamente a vida, tendo por unico recurso o desespero da emigração.

Ha um facto local moderno, que constitue uma das maiores vergonhas e um dos mais torpes attentados, ao mesmo tempo que demonstra como homens illustrados estão longe de comprehender as exigencias do seu tempo e o papel que a arte desempenha na vida das sociedades actuaes.

Refiro-me á extincção do museu municipal, cuja historia inacreditavel aqui ficará registrada um dia, como unico desforço contra a insolencia estúpida d'um grupo de homens sem ideias!...

O *Instituto*, pela sua superioridade mental, impondo-se uma tão ardua tarefa e realisando-a na proporção dos seus recursos, com perseverança e convicção, será digno de incondicionaes applausos e honrar-se-ha levando a effeito uma obra patriótica das mais beneficas consequencias.

Uma pergunta innocente:

Desde que o sr. João Marcellino Arroyo se mostrou tão *habil* administrador na celebre companhia do Nyassa, não deverá ser promovido a categoria mais elevada na Companhia Real dos Caminhos de Ferro, onde está representando o governo?

A nossa resposta é, nem podia deixar de ser, affirmativa. Promovam-no, porque desejamos que o trambolhão seja maior, quando elle cahir.

Geração de Rebeldes

É este o titulo do livro que o nosso collega Antonio José d'Almeida tem de ha muito planeado e vae em breve começar a escrever.

Obra impetuosa de *revanche* e represalia, terá todavia, a adoçar-lhe a rudeza do desforço, o sentimento idyllico e meigo de quem deseja dar á geração academica revolucionaria do seu tempo o depoimento de que doidamente amou, porque intimamente as viveu, as suas intenções.

N'essas paginas, ora violentas e rudes nos seus ataques pessoases, ora mansas e ternas no alar suave d'um bando de chimeras, passará tudo o que impressionou o espirito do actor, durante a sua vida de Coimbra, — tudo, desde as infamias que lhe sangraram odio no coração, até aquillo, que, pela immaculada pureza, lhe estendeu sobre a alma, agasalhador e meigo, o manto das eternas esperanças risonhas.

A *Geração de rebeldes* será dedicada aos revolucionarios academicos de 90 a 95, e um dos pontos que tratará mais detalhadamente será a Revolução de 31 de Janeiro em Coimbra, mostrando como ella foi pura nas suas intenções e como seria, se se realisasse, honrada e humana nos seus processos.

Tratando esse assumpto, que será por completo elucidado, Antonio d'Almeida liquidará certas questões que dizem respeito á sua interferencia n'aquelle movimento e que se agitaram, ainda que em campo especial, no verão passado, em Coimbra. Aproveitará essa occasião para demonstrar ás creaturas, ainda as mais rumbas, como a perseguição se torna risivel quando movida por transfugas impetinentes, ou velhos conservadores insidiosos.

Brevemente daremos um extracto da *Geração de rebeldes*.

Notas d'um azedo

II

III — *Garotas* — Vem de saltar-me aos olhos na tatibitice mazorra da prosa a dez réis, a noticia detalhada, bisbilhoteira, d'uma protervia social, caso negro de miseria, estupendo de precoce relaxação, que dois dias trouxe aguilhoada a curiosidade alfacinha, azada como nenhuma a antegostar o arpoamento feito pela imprensa aos farrapos d'uma honestidade de rotos, o aphrodisiaco sorna da decencia bifronte dos Fideios que não reproduzem, polo obnoxio da moral, polo concludente do cacete, as actas secretas do caso Malaquias e vêm, n'um assoalhamento de desavergonhados, pôr á viola, n'uma minucia de confessorario, n'um detalhe de frascarios, o caso triste, confrangedor, do Arieiro — prostituição de menores, infanticidio...

Os amigos sabem: uma familia de operarios, descamisada, sem-vintem, párias despreziveis que a enxurrada atira p'ros casebres, soturnos, esburcados, a esboroarem-se, de Fóra de Portas, que a fome arrastará amanhã pr'as barricadas vermelhas dos bairros urbanos. O pae, pobre galeriano do trabalho, sacco ás costas, duas sardinhas e um naco no merendeiro, solnado até á noite, no labutar resignado, pacifico, do andaime, polo pão, polo carapau. Em casa, a roerem miseria ao almoço, a mordiscarem fome ao jantar, uma cega, duas petizas.

13 annos a Damazia, apenas 11 a Delfina.

Caritas de fome, olhos vivos, alguem, uma visinha, o homem da tenda, a velha dos oculos, um passeante, ninguém talvez, mostrou-lhe o *trouloir*, a gaudaia divertida das ruas, o imprevido pandego dos beccos escuros, dos pateos sombrios, e quem sabe? — um pouco de sorte, quatro gaifonas... um senhor já velho e uma noitada no Hotel Moniz.

Vintem aqui, dez réis acolá, um safanão, uma obscenidade, um cacharrolete no Bairro Alto, um cochicho á porta da Monaco, e as duas lá vieram a degradingolar, vicio em fóra, n'uma inconsciencia de petizas, n'uma esturdia de miserias, até ao caso d'hoje, uma columna na *Vanguarda*, columna e meia no *Seculo*.

Damazia mãe de 13 annos, a Delfina paireira aos 11.

E como o petiz gritasse, pobre bambino do enxurro, feiole, um gatito esfolado, sem olhos, a arquejar, como um trapo servido, um caco mascarado topado n'uma valeta, vá de o largar, de o impôr sem um calafrio, sem um remorso, muito naturalmente, friamente, pé ante pé, não fóra a cega toscar.

— Eh Delfina, se o deitasses fóra, hein?

— Ena pae, que feio... e grita, o pivete.

— Astreves-te?

— Ora, é n'um rufo... e ponhomo na pirezza.

.....

E foi.

E a policia soube, — denuncia d'uma visinha ou gabarolice mesmo das pequerruchas — a policia soube e deitou-lhes a rede.

Filadas as duas, no Governo Civil, saudadas n'um cõro de palavras, polos zeladores da moral, olheiros da decencia, que as conheciam d'ha muito, as duas confessam, dão pormenores ingenuos, indicações vagas: o pae — que raio! — sei lá quem é!

E a policia investiga. Fidelios interrogam, intervistam, o pae, o pae, o pae quem é?

E como o pae não apparece e não é licito prender todos que o possam ser, a policia ri, e Fidelio commenta: *mãe desnaturada, jovens monstros*, as pequerruchas!

E vocês vão jantar, não é verdade?

×

IV — *Esboço d'um artigo* — Após palestra varia, variados incidentes a que o *struggle* polos cobres da venda avulsa, polo prazer carnívoro de metter o nariz nas alheias vidas, não foi extranho, em conclave magno de pataratas, em claustro pleno de banaboias, a gentinha das gazetas da capital decidiu fechar-se em copas, não mais abrir bico sobre os casos triviaes e comeshinhos de suicidio, repetidos e frequentes cada vez mais em damas nervosas, criadas romanticas, caixeirantes fallidos e pobres diabos fartos de miseria e de fome, sem o bordão d'um syndicatado a que se arrimem, sem a esperança de um casorio rico á guisa de encosto.

Resolvido o silencio, com actas e juramentos, deixaram as folhas de avisar ao mundo ter a sr.^a Maria Joanna, viuva inconsolavel, posto ponto á via-sacra dolorosa da sua existencia de camafeu, depois de othelica scena de ciumes, tetrica scena de lambada com o cabo Bentes da sua privança, ou de que o Britinho das lunetas, *sport-boy* da roda fina, enclacradissimo até ás orelhas, attenta a impossibilidade de bater pr'ó Dafundo, á mingua de 3 placas, bateu pr'os anjinhos com duas balas.

E o mundo, desconhecedor d'estes factos memorandos da Joanna, mais do Britinho, continúa a suicidar-se na mesma, com as mesmas cordas, com os mesmos fogareiros e talvez até com mór prazer, mais epica despreocupação, porque, aqui para nós, ha suicidios por amores mal correspondidos e molestias incuráveis, por entalhões de dinheiro e apertos de bexiga, por bugigangas da vida e coices da sorte, por simples *spleen* e simples bebedeira, mas suicidios por simples imitação, polo prazer posthumo de abiscoitar, a caminho do outro mundo, os adjectivos das folhas e a resenha, cheia de minucias, d'uma vida chata, sem calinadas e sem heroismos, com o *menu* do ultimo almoço e a côr das primeiras piugas... desculpe o amigo, mas fóra da esphera larga dos patrazanas e imbecis — onde o suicidio é uma vantagem biologica — raro será topar com exemplo que colha.

Mas, ainda assim, estou em approvar, com louvor, com grato entusiasmo, a medida extrema dos órgãos da opinião publica, embora d'ella surdir não possa nada de pratico, nada de repressivo, nada, absolutamente nada, que attinente seja a evitar o movimento reflectido, sereno, d'um dedo desesperado no gatilho docil d'um revolver homicida.

E, já gora, de fugida, vá de dizer porquê:

D'antes, no engatinhar dos seculos, morria-se de velho, de embaraços gastricos, de fleimões; com a cicuta morreu apenas Socrates, por questiuiculas futeis com o estafermo da sogra.

De Socrates para cá, as sogras têm-se multiplicado, e a vida, mercê das sogras e flagelos correlativos, vem dia a dia a azedar-se mais. O exemplo de Socrates generalisou-se, dos philosophos cahiu nos filhos-familias, d'estes tombou na massa anonyma da Humanidade agravada.

O pessimismo negro do racionalismo, que nos cadinhos do genio deu essa coisa assombrosa dos *Sonetos* d'Anthero, vindo a substituir na Alma intelligente dos fracos, dos infelizes, os velhos prismas religiosos, côr de rosa e panglossicos, da resignação christã, do inferno com palmatoadas e do ceu com trufas e ovos em fio, acabou d'uma vez com a balda antiga, com o longo

preconceito de que, parido um homem, transformado em besta soffredora, de aguentar havia a porca da vida, cara alegre e olhos em alvo, sem um movimento de revolta, sem uma interjeição de protesto.

Quem não está contente põe-se ao fresco, faz as malas e o testamento, e vae-se embora, sem espalhafatos, sem chinfrim, serena, friamente, como quando no circo as cabriolas dos clowns nos adormecem, os callos nos irritam ou o carmin da *voltigeuse* nos enoja, se levanta uma pessoa, veste o sobre-tudo e vem cá pra fóra, pra casa ou pra pandega, atirando a senha á sahida ao primeiro garoto que passa, ao primeiro gatuno que flana.

Ora seria cruel, seria estúpido que este acto simplissimo d'um homem deixar em meio um espectáculo que lhe desagrade, dêse aso aos commentarios lamurientos da banaboice indigena, á resenha biographica dos seus credores e dos seus avós, aos necrologios lamechas das suas vergonhas...

E agora, não. Graças ao accordo, callada a imprensa, — Deus louvado! — sem o perigo do reclame posthumo, já pôde uma pessoa de mediana decencia, de boa familia, permittir-se a extravagancia... d'um suicidio provisório.

Fernão Vaz.

O jornal *A Provincia* publicou, no seu numero de segunda feira ultima, um artigo de fundo em que pretende demonstrar que o partido progressista, fazendo a colligação liberal, procurará defender os interesses da monarchia. Esta declaração, contra a qual não nos vemos obrigados a protestar, em nome da referida colligação, porque a ella não pretendemos, mostra bem que o partido progressista saberá seguir... como *A Provincia* tantas vezes declarou.

Oh! se sabe... Em regras de logica é um barra.

Um jornal regenerador, reproduzindo parte do artigo de um jornal republicano, diz que o sr. José Luciano inscrevera na bandeira do outr'ora glorioso partido progressista o lemma — *O caminho é para a frente!*

E censura-o por causa d'isso! Ficamos portanto sabendo que, para um partido manter as suas gloriosas tradições, deve inscrever na sua bandeira — *O caminho é para traz.*

E o mais engraçado é que o partido progressista deixa-se convencer. Muitas conquistas faz o Carlos Valbom!

Nyassa

Publicada a carta do sr. Pedro Victor, ficou o governo n'uma pessima situação.

Não pôde haver duvida, mesmo porque na imprensa ministerial não appareceu desmentido algum, de que o governo tinha conhecimento de todas as irregularidades que se davam na companhia.

Mas, sendo assim, porque não procedeu?

Pergunta escusada, para quem sabe o que faz a monarchia e todos os seus governos. Não tratam de promover os interesses do paiz, não curam de satisfazer as suas necessidades, não dispendem a minima energia n'um empreendimento d'utilidade publica; do que elles tratam é de praticar os mais hediondos crimes e de occultar os que os outros praticam.

O que se dá com o Nyassa é a prova evidente d'isso.

Quanto ao sr. Pedro Victor, se é certo que elle mostra a injustiça com que o governo resolveu *ordenar* que se lhe deasse a exoneração, *se a pedisse*, não pôde de modo algum justificar-se, perante os homens sensatos. Desde que teve conhecimento dos crimes, achamos pouco expressivo o termo irregularidades, praticados pelas administrações do Nyassa, e desde que o governo não fez caso algum dos seus officios, em que lhe dava conhecimento d'elles, pedisse a sua demissão.

Como homem de bem, era o unico caminho que tinha deante de si. Não o seguiu, soffra agora as consequencias.

Politica estrangeira

X

SUMMARY:

A França e a Russia; victoria diplomatica. O canal de Suez. Hespanha; as eleições municipaes. Nicaragua; incorporação da Mosquitia na republica de Nicaragua.

O modo como na recente questão do tratado sino-japonez, tão discutido na sua importancia enorme para a Europa, se conduziram a França e a Russia, causou funda impressão nos centros politicos europeus, vendo assim firmada pela chancellia d'um facto real de relevante gravidade, essa amizade estranha, mas que as circumstancias perfeitamente justificam, que á Russia liga a França. — Occasião bem aproveitada de se mostrar o quanto ha de valor na alliança franco-russa, a qual, se bem que hybrida, é um penhor seguro, uma garantia fiel da paz europeia e, portanto, do engrandecimento economico da França, que não pôde julgar-se ainda em condições de resistir, por si só, ás colligações das *triplices* que em frente se lhe levantam; e é condição não menos indispensavel para que a Russia, ligada a ella, possa manter o seu extenso imperio e o seu vastissimo commercio desde as costas do Mediterraneo até aos confins do Extremo Oriente.

A acção combinada, pois, d'estas duas formidaveis potencias, mostrou já bem como uma e outra terão resultados praticos de vantagens grandes a colher da sua alliança.

Mas se a alliança franco-russa foi um Hymalaia que se ergueu entre a França e a Allemanha e, não menos, entre a Russia e a Inglaterra no senhorio da India, parece que a primeira ameaçada nos seus interesses politicos e no seu commercio — é a Inglaterra.

A imprensa russa já aconselha, e insiste, procurando demonstrar as vantagens reaes de se seguir por tal caminho, que as potencias devem, apenas concluida a questão suscitada pelo tratado sino-japonez, dirigir a sua attenção e convergir toda a sua acção, diplomatica por emquanto, para a questão do Egypto.

Assim o aconselha o *Novosti*, um dos primeiros jornaes da Russia.

A principal razão adduzida em favor da solução da questão egypcia, é — que o Egypto domina o canal de Suez, o caminho do Japão.

É evidente e frisantissima esta vantagem da Inglaterra, que, depois de ter conseguido assenhorear-se do canal, nunca mais pensou senão em robustecer cada vez mais o seu predomínio sobre elle; e d'ahi a teimosia verdadeiramente britanica com que se aferrou ao Egypto, contra os mais rudimentares principios do direito politico dos povos. Implantou-se alli o inglez; consolidam-no, como em Gibraltar, os seus interesses, que estão acima de tudo... não sairá de lá se as demais potencias, n'um impeto de generosidade, — que lhes vá servir tambem os seus interesses especiaes, — não o expulsarem da região do Nilo.

Está já, pois, ameaçada a Inglaterra no que mais sensível ha de ser agora para a sua politica — no seu dominio do canal, o caminho da sua India, — na sua occupação do Egypto, a garantia do seu canal...

×

Venceu em Hespanha as eleições municipaes o governo de Canovas. Assim o communica o telegrapho, assim o dizem os jornaes.

Em Madrid venceu o governo todos os seus candidatos — 18 em 27 —; nas provincias é ministerial a maioria dos eleitos...

E haverá, afinal, quem se encontre surpreendido pela victoria canovista? Haverá quem a attribua á força do ministerio, confirmada pela voz popular a manifestar-se na urna?... Seguramente, não.

Em Hespanha, como em Portugal, os vicios politicos são os mesmos. (Não é a mesma a causa?...) A corrupção eleitoral é o unico factor ministerial que intervem nas eleições. O resultado é seguro — a victoria é d'elles. O conselho de Machiavelo a Leão X: — *Conserve-se para o povo uma apparencia de eleições, mas falseiem-se-lhes os resultados quando forem contrarios, comprando os votos ou falsificando os escrutinios* — tem atravessado os seculos nas azas d'uma politica corrompida.

Todos os politicos conhecem a doutrina de Machiavelo; é por isso que todos os governos ganham sempre todas as eleições.

×

A republica de Nicaragua, que ainda ha pouco, como todos sabem, se debateu por momentos nas garras da Inglaterra, ficando obrigada a pagar de resgate alguns milhares de libras sterlingas á voracidade britanica — são de libras sterlingas e de *banknotes* as consciencias inglezas... — viu augmentado o seu territorio com a inclusão no seu dominio d'uma nova região — a Mosquitia.

Já em 1860 um tratado estabelecido entre a Nicaragua e a Inglaterra estipulava no art. 4.^o — *Entende-se, contudo, que nada do contheúdo d'este tratado deverá interpretar-se como impeditivo dos Indios Mosquitos, em qualquer epoca que seja, decidirem a sua absoluta incorporação na republica de Nicaragua, nas mesmas condições dos outros cidadãos da Republica, e de se submeterem ao regimen das leis e regulamentos geraes da Republica, em logar de o estarem aos seus proprios costumes e regulamentos.*

Ultimamente, pois, por convenção de 20 de novembro, os indigenas da Mosquitia deliberaram a sua incorporação na Republica de Nicaragua, reservando-se certos privilegios que os collocam n'uma condição ainda mais favoravel do que a dos restantes cidadãos nicaraguanos; o governo da Republica de Nicaragua declarou, porem, solememente, que em todos os tempos lhes garantirá esses privilegios.

Em carta dirigida á Inglaterra e publicada no *Diario de Nicaragua* de 21 de fevereiro ultimo, carta em que aquella Republica participa ao governo britanico o tratado, faz a declaração formal de garantir sempre os direitos dos Indios Mosquitos.

Mas cumprirá ella a solemne promessa? Foi livre e deliberadamente, que os Indios Mosquitos entraram para o regimen da constituição nicaraguana?

Assim o diz a Nicaragua na carta á Inglaterra; — mas a palavra das nações tem sido tantas vezes mais fementida do que a palavra dos individuos...

Falleceu no dia 12 em Condeixa o sr. Francisco de Lemos Ramalho, na avançada idade de 80 e tantos annos. Foi victima de uma pneumonia.

O finado foi partidario de D. Miguel e manteve-se sempre firme nas suas creanças politicas.

A seu genro, o sr. dr. José de Macedo Sotto Maior, muito digno delegado d'esta comarca, os nossos pezames.

Foi publicado no *Diario do Governo*, de 13, a portaria nomeando o presidente e vogaes da commissão incumbida de examinar os compendios, que de futuro serão adoptados nos estabelecimentos de instrução secundaria E' composta dos srs. Antonio dos Santos Viegas, presidente, e dos vogaes srs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, José Maria Rodrigues, José Joaquim Lopes Praça, Francisco José de Sousa Gomes, Augusto Maria da Costa Sousa Lobo, Francisco Ferreira Roquette, Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho, Carlos Joaquim Tavares, Luiz Ignacio Woodhouse, Francisco Antonio Diniz, Manuel Joaquim Teixeira, Hermann Christiano Dukrressen, Francisco Simões de Almeida, Joaquim de Vasconcellos, José Alves de Moura, Albino Dias Ladeira, João Paes da Cunha Mamede e Antonio Alves Couto.

A commissão deve installar-se entre 5 e 10 de junho.

Carta de Lisboa

14 de maio de 1895.

Escrevo-lhes do *Martinho*, onde zumba o palavriado de todos aquelles que têm por officio descompor o paiz. Litteratos sem domicilio, jornalistas sem jornaes, estudantes, medicos, militares, advogados, enfim, politicos de todas as côres, gente honesta, gente deshonesta, gente intelligente e gente estúpida, tudo aqui n'uma grande somnolencia que dá o calor e a sem-saboria, saboreia o café e mastiga as idéas. Hão de engordar muito, não haja duvida! De todas as conversas onde me intrometti, nada ouvi de interessante. O calor favorece a tranquillidade politica. O inverno é mais favoravel á rhetorica dos salvadores da patria. Agora domina o sorvete e nada mais. Por isso pouco lhes poderei dizer.

×

Mostram-me agora o *Seculo* que traz o retrato do sr. Carlos Valbom. Aquelle jornal, que o partido republicano vê com desgosto pensar unicamente no dinheiro, prejudicando toda a lucta contra a monarchia, está d'um servilismo espantoso.

Vi hoje muita gente enojada com o jornal da rua Formosa, visinho do fallecido Lopo Vaz, por estas homenagens immerecidas a homens da mais baixa figura moral.

Mas como é rico e diz asneiras sem difficuldades, todos o admiram. A mim, francamente, admira-me como o partido republicano de Lisboa, por meio da sua commissão, ainda se não lembrou de declarar publicamente — nos jornaes republicanos — que o *Seculo* não está auctorisado a fallar em nome do nosso partido, mas representa a opinião dos seus proprietarios. Se tal se fizesse, era acto de dignidade politica bem acolhido por todos os republicanos desinteressados de quaesquer conveniencias pessoases.

Enfim, vamos soffrendo d'estas e d'outras, com paciencia...

×

Os jornaes progressistas, cada vez mais amigos do rei, retratando-se por palavras de subserviência ao Bragança do que ha pouco disseram d'elle, só pensam em demonstrar que não deixaram nunca de ser monarchicos e muito monarchicos, embora se tivessem ligado com os republicanos. N'isso teem razão. Os progressistas colligados com os republicanos de Lisboa, jámais pensaram n'outra coisa que não fosse o subirem ao poder para servir o rei.

Só quem fór tolo ou desprovido de senso moral, pôde ainda pensar que elles sejam capazes de proceder dignamente.

A preocupação dos progressistas é succederem aos regeneradores. Por isso andam furiosos com o Dias Ferreira, que se lhes intromette no caminho. Para nós, deve ser-nos indifferente que venham uns ou outros. É tempo já de contarmos só comnosco. Não somos tão poucos nem tão máus.

×

A questão do Nyassa vae passando de moda. Os politicos portuguezes, identificam-se facilmente com os escandalos de toda a ordem, que apparecem ali todos os dias.

Aqui em Lisboa não ha maneira de ver accusados todos são amigos e se desculpam.

E na verdade para que ter desgostos? Isso é bom para os tolos. O que ha a fazer é aproveitar o que resta.

Quem comeu, comeu, quem não comeu, comesse.

×

Está-se realisando o banquete em honra do ministro do Brazil. Grande entusiasmo e grande appetite.

Ainda bem.

Jocell

Brito Camacho

Chegam-nos noticias de que este nosso querido amigo foi muito bem recebido em Aljustrel, terra da sua naturalidade. Para festejar a chegada de Brito Camacho foi offerecido pelo Club Republicano, d'aquella villa, um budo aos pobres, tendo assistido muitas senhoras.

Estas manifestações são mais uma brilhante prova de quanto vale o caracter d'aquelle nosso amigo e mais um protesto contra a acintosa perseguição que o ministro da guerra lhe tem movido.

D'aqui o abraçamos effusivamente.

Em virtude do exoneração concedida ao sr. Pedro Victor, despediu-se do partido regenerador o seu irmão sr. Sequeira Pinto, que era secretario particular do ministro das obras publicas. Tinha sido sempre, affirma a imprensa regeneradora, um correligionario dedicado.

O processo das Trinas

O celebre caso da irmã Collecta, que todos os nossos leitores devem conhecer, foi hontem julgado em Lisboa, sendo a ré condemnada em oito mezes de prisão correccional, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão já soffrida.

Attenta a marcha que o processo seguiu, e que se prestava a sérios commentarios, a sentença já foi amplamente cumprida.

Dão-se tantas d'estas anomalias!

Ao jantar offerecido ao sr. dr. Assis Brazil, em Lisboa, assistiram, segundo informam os jornaes, mais de 160 pessoas de todas as classes sociaes.

Diz-se que o sr. conselheiro Dias Ferreira se tem dirigido a varios influentes politicos, pedindo que o coadjuvem nas proximas eleições. Parece-nos que, d'esta vez, seguiu um caminho errado.

Deixe o caso entregue ao João Franco, que só elle pôde levantar o paiz da modorra em que se encontra.

Navarro & Burnay

Navarro distribuiu um folheto, pelo norte do paiz, contendo os artigos que o antigo embaixador escreveu contra Burnay.

O banqueiro, annuncia que responderá com outro folheto, correcto e augmentado, afim de convencer completamente Navarro.

Pelo seu lado, o sr. Navarro tambem diz que não se cala, e que vai publicar um novo folheto que terá por titulo *Aventuras d'um saltador flamengo*. Já tem editor para a obra, que o indemnisa do que dispendeu com os 20.000 exem-

plares em que reproduz os artigos publicados nas *Novidades*.

Cá ficamos á espera, convictos todavia de que ainda d'esta vez não exgotam a questão. Devem ter muito para dizer; mas as conveniencias reciprocas e os pedidos dos amigos...

O sr. dr. J. Ribeiro Coelho, que era professor de philosophia no Collegio Militar, foi exonerado do exercicio d'esse cargo.

O sr. Ribeiro Coelho foi um dos oradores progressistas que mais violentas affirmações fez na ultima reunião magna do partido progressista, atacando a corôa.

Emigração

Nos vapores francezes *Charante* e *Ville de Saint Nicolas* e no inglez *Trent*, embarcaram para os portos do Brazil nada menos de novecentos emigrantes, todos das provincias do norte.

Quantas miserias não obrigam esses desgraçados a abandonar a patria e com ella a familia, os amigos! E que triste futuro está reservado ao nosso paiz, que dentro de pouco tempo não terá braços sufficientes para o seu regular desenvolvimento agricola!

Mas os nossos poderes pensam em tudo menos em promover d'um modo efficaz o melhoramento das condições economicas do paiz. E não é difficil prever as consequencias a que esse criminoso desleixo nos arrastará.

Dizem-nos que os gymnastas de Coimbra, Porto, Braga e Barcellos projectam a realisação d'um festival em honra de Paulo Lauret.

Partido republicano

Foram eleitas mais as seguintes commissões municipaes:

Lagoa:

Effectivos—Joaquim Eugenio Judice, quarenta maior contribuinte; Antonio Joaquim da Costa, proprietario; João Bernardo dos Santos, quarenta maior contribuinte; Manuel da Silva Christina, industrial; José de Carvalho d'Azevedo Lobo, proprietario.

Substitutos—Joaquim José da Costa, quarenta maior contribuinte e capitalista; Gualdino Justino Prudencio Duarte, proprietario; Antonio José da Silva Christina, negociante e proprietario; Manuel da Silva Rocha, industrial; José Alberto Marques da Silva, pharmaceutico e proprietario.

A commissão executiva ficou composta dos srs. Joaquim Eugenio Judice, presidente e José de Carvalho d'Azevedo Lobo, secretario.

Vianna do Castello:

Effectivos—Ricardo Jayme da Costa Malheiro, professor do lyceu e jornalista;

Entretanto cantava-se e dansava-se.

Dansemos a Carmagnole,
E viva o som! O trovão!
Dansemos a Carmagnole,
E viva o som do canhão!

O canhão continuava a ouvir-se na fronteira. Ouvia-se em outros pontos tambem. Os deputados do Norte e os do Meio-Dia, unidos nos primeiros tempos da republica tinham-se separado.

Os Latinos, os da Gironda e do Rhodano, proseguiram no seu ideal, a liberdade, o completo desinvolvimento do individuo na Communa livre do poder central do Estado.

Os outros, os representantes de Paris, os jacobinos, acima da liberdade punham a justiça. As tendencias federativas pareciam-lhes contrarias á igualdade. Como os primeiros, queriam todos os homens cidadãos e todos os cidadãos soberanos, mas queriam mais ainda, acima das aristocracias girondinas da intelligencia e da riqueza, a distribuição, em partes eguaes, por todos, dos beneficios e encargos da associação commum. Admittiam a propriedade, condição da familia; mas a lei das successões e a justiça do Estado haviam de applicar-se contra o rico a favor da educação e allivio das classes menos favorecidas. As castas nivelar-

José Antunes Vianna, guarda-livros e proprietario; Manuel Maria Fernandes, negociante e proprietario; Affonso Antonio Ribeiro, negociante e proprietario; Manuel Lemos Pereira, proprietario; Manuel Lopes Affonso Ferreira, pharmaceutico e proprietario; Francisco Costa d'Oliveira Basto, negociante e proprietario; Sebastião Neves, capitalista e proprietario.

Substitutos—Antonio Augusto de Sousa Basto, negociante e proprietario; Domingos Gonçalves de Barros, negociante e proprietario; Gaspar Simões Vianna, pharmaceutico; José Pereira Barbosa, capitalista; Antonio Albino Almeida, negociante e proprietario; Antonio d'Abreu Basto, proprietario e commerciante; João Vicente Ferreira, proprietario e antigo vereador; Manuel Segismundo Alvares Pereira, capitalista.

Ponte do Lima:

Effectivos—Dr. Antonio Pereira de Sá Sotto-Maior, advogado e proprietario; dr. José de Castro Sousa e Silva, conego e advogado; Antonio José Barbosa Perre, proprietario e capitalista; padre Francisco Xavier Vieira de Sequeiros, proprietario; Luiz Pereira Dias Malheiro, proprietario e antigo vereador; Thomaz Antonio Pereira de Castro, proprietario; João Mendes de Barros, proprietario e antigo vereador.

Substitutos—Padre Luiz Gonçalves Pereira, parócho; Domingos José Cerqueira, professor; José Maria da Costa Lima, proprietario; João José Gomes de Lima, negociante; José Maria Marinho d'Aguiar, industrial; João Bernardo da Cunha, proprietario; Antonio Leite de Macedo, proprietario.

Arcos de Val-de-Vez:

Dr. Antonio Joaquim de Caldas, advogado e proprietario; Antonio José Fernandes, proprietario e negociante; João da Rocha Vaz, proprietario; José d'Abreu e Vasconcellos, proprietario.

Caminha:

Dr. Antonio Thomaz da Silva Coelho, medico e proprietario; padre Domingos Antonio Guerreiro; Manuel Joaquim Cerqueira, negociante e proprietario; Illydio José Caldas, pharmaceutico; Bento Gonçalves.

Melgaço:

João Esteves Cordeiro, capitalista e proprietario; Maximiano Fernandes Pereira, negociante; Antonio Carlos Esteves, proprietario e capitalista; Domingos Ferreira d'Araujo, pharmaceutico; Julio Augusto de Sousa Vianna, negociante; Francisco Douteiro Esteves, negociante; Antonio Joaquim Esteves, negociante.

Monsão:

Dr. Antonio Gonçalves Figueiredo, medico; José Joaquim Esteves, proprie-

se-iam; para que as grandes fortunas? Os primeiros eram livres pensadores; queriam uma religião civica, exprimiendo as formulas moraes e as aspirações piedosas que formam a crença, esperar e formar a humanidade. Era o ideal de Rousseau, opposto ao livre exame de Voltaire.

—Nós destruiremos a realza, diziam os girondinos.

—E que a substituirá?

—Nada.

—A realza destruida, diziam os jacobinos, deve ser substituida pela democracia.

Como era preciso, n'esta epocha de perigo, uma fé profunda e um poder forte, os jacobinos estavam senhores da situação.

Mas ás palavras eloquentes dos seus adversarios, a provincia levantou se, e, do mesmo modo que a Vendea, seguiram o partido do rei, Marselha, Tolosa, Lyon, Bordeus, receiosas de perderem em proveito de Paris o seu lugar de capitães, declarando-se pelos girondinos, seus representantes.

Dansemos a Carmagnole,
Viva o som! O trovão!
Dansemos a Carmagnole,
Viva o som do canhão!

O medo dos realistas andava no es-

pharmaceutico; Secundino de Barros Lyra Sousa Sotto-Maior, quarenta maior contribuinte; Manuel Gonçalves Ribeiro, quarenta maior contribuinte; Antonio José Vieira, quarenta maior contribuinte; Cesar Augusto Marques, negociante.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia resolveu abrir concurso para o provimento do lugar de mestre da officina dos sapateiros do collegio dos orphãos de S. Caetano.

Doutoramento

Doutorou-se em direito no dia 12 do corrente, como já noticiamos, o nosso querido amigo dr. Teixeira d'Abreu.

Felicitemos o novo doutor, enviando-lhe a expressão dos nossos affectuosos parabens.

O sr. dr. Teixeira d'Abreu é um rapaz trabalhador e talentoso que bem mereceu a honra academica que, com o ritual sabido, lhe foi conferida na sala dos capellos. Se lhe não faltar a saude e lhe não falleça o esforço, poderá Teixeira d'Abreu ser um dia breve, um brilhante ornamento da sciencia portugueza. Assim o desejamos, na certeza de que para elle, como hoje, serão sempre os nossos vehementes applausos.

Foi muito concorrida de senhoras e cavalheiros a cerimonia do doutoramento.

Lembramos á camara municipal que, além de commodo, será muito hygienico que mande irrigar as ruas. Creemos que a despeza não será muita, visto que a agua lhe fica por baixo preço.

Quintanistas

Estão passando sob as nossas janelas, n'uma alegria franca e ruidosa de bons rapazes, cheios de vida e de talento, os quintanistas de direito que vão ao Bussaco a sellar, n'um banquete de despedida, as velhas camaradagens de 5 annos, as amizades leaes dos bancos universitarios.

Que o menu seja d'apetite e a vida lhes deslize sempre no tom de felicidade com que ora encerram os seus trabalhos d'estudantes.

Realisar-se-ha no proximo sabado, o sarau promovido pelos officiaes do 23, em favor da Cruz Vermelha.

A casa está quasi toda passada.

No dia 26 realisa-se no Theatro-Circo Principe Real, d'esta cidade, uma festa de caridade em beneficio d'um operario, cujas circumstancias de vida são afflictivas, o sr. Francisco Coelho, tomando parte n'elle, por especial favor, varios amadores dramaticos, musicas e de gymnastica.

pirito de todos. Dizia-se que os piores entre os inimigos da Republica, os irmãos do rei e os representantes das grandes casas hereditarias tinham emigrado. Acreditava-se que em cada quartelão, em cada rua, havia uma conspiração, e, contra estas ameaças mysteriosas, instituia-se um tribunal revolucionario, — um tribunal que julgava sem appellação, e d'onde se não sabia senão livre ou condemnado á morte.

Este tribunal absolveu Marat, — um jornalista cujo jornal era o echo quotidiano das lastimas, dos temores, dos odios populares. Tinha procedido bem; porque Marat era um dos representantes da Nação, e attentar contra a inviolabilidade dos representantes, era destruir o unico poder capaz de salvar a França. Mas os oradores da Gironda tinham sido condemnados, commettendo-se assim um attentado contra a soberania do povo.

D'aqui por diante, cada partido sabia que a vida dos seus membros dependia da victoria ou da derrota, e o terror de ser vencido produzia um outro que devia dar nome aos dias sombrios de 93.

Em summa, cada um morria por a ideia que incarnava e não por miseraveis interesses egoistas; e era grande.

O programma do espectáculo, bastante variado, é o seguinte:—1.º Concerto musical. 2.º *Cada doído...* comedia em 1 acto. 3.º *Aventuras d'um barbeiro*, cançoneta, escripta expressamente pelo sr. Rodrigues Davim. 4.º *Trabalhos de gymnastica*. 5.º *Os namorados*, comedia em 1 acto. 6.º Concerto musical.

N'um dos domingos passados tocou a musica do 23 no Jardim Botânico. Concorrencia enorme. Pois, apesar d'isso, nunca mais lá tocou. Podia-se perfeitamente contentar toda a gente, tocando um domingo no Caes e outro no Jardim.

Ahi fica o alvitre.

Foi muito censurado o facto de o sr. Reitor da Universidade ter mandado dizer no ultimo domingo, na sua capella particular, a missa que precedeu o doutoramento do sr. dr. Teixeira d'Abreu, saindo o corpo docente d'ahi para a sala dos capellos.

Partiu no domingo para o norte, no seu couraçado, o condê de Font'Alva.

Bibliographia

Uma pagina d'Administração do Hospital da Universidade—Do sr. dr. Sousa Refoios, abalizado professor da faculdade de Medicina, acabamos de receber o incisivo folheto, que s. ex.ª acaba de publicar com este titulo.

O assumpto especialissimo do livro, a que o auctor deu a forma d'um ataque pessoal, inibe-nos de, como simples espectadores, irmos alem dos agradecimentos devidos á gentileza da offerta.

Anuario da Universidade—Da Bibliotheca recebemos e agradecemos o Anuario da Universidade relativo ao anno lectivo de 94-95.

Abre, este anno, com a oração brilhante do sr. dr. Julio Henriques, em que este dignissimo professor, com a critica recta e justa d'um espirito superior e bem orientado, com a hombridade d'um cidadão honesto, verbera os actos governamentais tendentes a reduzir á extrema penuria a dotação da faculdade de philosophia, de que o sr. dr. Julio Henriques é valiosissimo ornamento.

Burnay—Recebemos o folheto que com este titulo acaba de publicar o sr. Emygdio Navarro.

Declaração

Alvaro Montenegro e socio, a quem pertence o carro que semanalmente faz carreira entre Santo André de Poyares e Coimbra, melindrados ha pouco pelo injusto conceito a seu respeito se formou, pela involuntaria entrega d'uma encomenda sem endereço a pessoa de inconcussa respeitabilidade, consideram-se depois d'esta declaração seguramente irresponsaveis pela entrega de quaesquer encomendas entregues aos cocheiros do mesmo carro, á excepção das que fizerem parte das bagagens dos passageiros.

Poyares, 13 de maio de 1895.

Alvaro Montenegro
Abílio Augusto.

Dansemos a Carmagnole,
Viva o som! O trovão!
Dansemos a Carmagnole,
Viva o som do canhão!

Não era nos arraballes que existiam os representantes mais entusiastas da Revolução? Não era nas suas pequenas casas, que durante centenas e centenas de annos se haviam refugiado as miserias filhas da ignorancia e da fome? D'estes homens, d'estas mulheres, e d'estes filhos, tinham feito,—á força de torturas,—fêras que apenas sonhavam na vingança e na satisfação dos seus appetites. Cruéis! Oh! sem duvida, eram.

Ao escutar a alegre Carmagnole, a rainha, exaltada com a desgraça, devia sentir os olhos humedecerem-se-lhe de lagrimas. Ouvindo os gritos selvagens que sobressahiam d'entre os *couplets*, devia alongar os labios desdenhosa. Elles, no entretanto, entregavam-se aos excessos da sua alegria vingadora.

Avançavam e recuavam alternadamente, feriam-se nas mãos, faziam piruetas, volteavam aos pares, reuniam-se numa grande roda e separavam-se depois.

(Continúa)

25 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

I

A CARMAGNOLE

Então, a multidão enchia a rua do Templo, para onde se abria a porta da prisão.

A maior parte das casas estavam decoradas com lanças tendo em cima um barrete phrygio ou uma bandeira tricolor; nos muros lia-se em caracteres a tres côres estas palavras: *Republica una e indivisivel*, ou estas: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, ou a *Morte!*

Paris não tinha enriquecido a trabalhar por o genero humano. O papelmoeda, — depreciado, porque o seu penhor, os bens nacionaes, não se vendiam, — circulava com difficuldade; continuava a cauda á porta dos padeiros; e, o povo, estava, como em 89, as pernas nuas, andrajoso, de barretes de lã e de pelle, os chapéus de côco, amassados, como para attestar a miseria publica.

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica de encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1:000 réis

HISTORIA DA BASTILHA

por Camillo Leynadier

Para commemorar a data gloriosa do dia 14 de julho, a empreza editora do Porto com sede na Praça do Bolhão, n.º 70, começa a publicação da *Historia da Bastilha*, livro de primeira ordem, dedicado aos homens liberaes de todos os partidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores srs. João da Costa Brandão e Abilio de Brito.

NOVISSIMA

REFORMA JUDICIARIA

Contida no decreto de 21 de maio de 1841, conforme a auctorisação concedida ao governo pela carta de lei de 1840, seguida de uma

COLLEÇÃO DE LEGISLAÇÃO

Contendo as leis, decretos e portarias, que têm interpretado, completado ou revogado algumas de suas disposições, tanto em relação ao continente do reino e ilhas adjacentes, como em relação ás possessões ultramarinas.

PREÇO—800 RÉIS

Padaria Lusitana

(SYSTEMA FRANCEZ)

DE

Domingos Miranda

LARGO DO ROMAL

18 Pão fino, o melhor que se encontra, pelo *systema francez*, todos os dias de manhã e á noite, a 25 réis cada dois pães.

Vinho verde

17 Especialidade em vinho verde de Amarante. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

Fernão Pinto da Conceição

CABELEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

16 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

15 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5 — Rua de Ferreira Borges — 5

14 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelcimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50 — RUA FERREIRA BORGES — 52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

13 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **pára-raios, telephones, campalhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofle, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moihes e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

12 ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente para venda por atacado**, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principais pharmacias e drogarias.

AOS VIAJANTES

11 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Alemanha e Inglaterra.

AVISO

10 Ninguém contracte com Manuel Lourenço dos Santos acerca de bens mobiliarios, porque constituem dote de sua mulher, que intentou separação judicial.

Travessa da Couraça de Lisboa, n.º 16 — Coimbra.

Maria Augusta d'Oliveira Baptista.

Bom emprego de capital

FABRICA DE GAZOZAS

9 Passa-se uma em boas condições, com todo o v silhame e receitauario de fabrico, por seu dono a não poder administrar, tendo uma machina de Casaubon & Fils, que fabrica 1:200 garrafas por dia ou 900 sífões.

É de pouco dinheiro.

Dirigir-se a José Maria d'Almeida—Vizeu.

8 **ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE** as casas situas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Arrenda-se

7 Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtiadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padleiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

Charutos estrangeiros

MARCAS ACREDITADAS

6 Vendem-se em caixas de 25, 50 e 100 charutos a preços excepcionalmente reduzidos.

Tabacaria União

SOPHIA — COIMBRA

Venda de predios

5 Os predios de casas pertencentes a Antonio d'Almeida e Silva, cuja venda se annunciou para o dia 5 de maio em praça particular, vendem-se agora particularmente. Quem os pretender dirija-se a seu dono na rua da Sophia, 42 a 46. Coimbra, 9 de maio de 1895.

Caixeiro de padaria

4 Precisa-se de um, de 16 a 17 annos de idade, que saiba ler, escrever, e contar, com ou sem pratica d'esta industria, preferindo-se todavia o que a tiver. Para tractar na Padaria Lusitana.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

3 Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34. — Coimbra.

Aos photographos amadores

2 Acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

LIVROS DE MISSA

1 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA

COIMBRA

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administracção ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 26

COIMBRA — Domingo, 19 de maio de 1895

1.º ANNO

Sejamos intransigentes

Acaba de dar-se na capital um revoltante caso de *chantage* que reveste uma gravidade excepcional pela categoria social do seu auctor.

Um collega de Lisboa relata-o do seguinte modo:

«Ha dias o sr. ministro dos estrangeiros foi procurado pelo sr. Carlos de Mello, que começou por dizer-lhe que ia avisar-o de ter descoberto um trama, segundo o qual se encetára uma campanha de diffamação na imprensa contra o sr. Lobo d'Avila. O inicio d'essa campanha tinha-se dado n'uns artigos já publicados n'um periodico de Lisboa e que Carlos de Mello dizia pertencerem a Lucas José d'Almeida. Em resumo, Carlos de Mello propunha-se a sustar esta campanha mediante a quantia de 200.000 réis.

O sr. Carlos Valbom disse-lhe que pensaria no caso e marcou-lhe conferencia para determinado dia. Entendeu-se entretanto com o sr. juiz Veiga e entre este e o ministro ficou combinado que a policia e duas testemunhas idoneas se occultassem no gabinete onde se devia dar a entrevista a hora combinada.

Quando Carlos de Mello appareceu, o sr. Carlos Valbom entabou cavaqueira com elle sobre o negocio, afim de o obrigar a fallar, e por ultimo exigiu-lhe recibo onde se declarasse em termos claros a natureza do negocio de que se tratava. Este recibo foi passado por Carlos de Mello que recebeu contra elle o dinheiro convencionado, em notas de banco.

Neste momento sabiu o sr. juiz Veiga do seu esconderijo com as duas testemunhas e deu a voz de prisão ao criminoso. Este, comprehendendo de momento a sua situação, achou-se irremediavelmente perdido e nem sequer tentou defender-se.

Foi conduzido para o governo civil, onde se encontra preso e incommunicavel desde terça feira. Não nega absolutamente nada de que o accusam e, como desculpa, limita-se a dizer que procedeu por aquella forma por ter muita precisão de dinheiro. Mais nada. Confessa que esse Lucas de Almeida a quem se referiu era um nome ficticio e que o auctor dos artigos publicados no periodico a que nos referimos acima, era elle proprio.

O recibo passado ao ministro por Carlos de Mello e o dinheiro, que este recebeu estão em poder do sr. juiz Veiga.»

Intolerantes para com todos os criminosos, nunca attenderemos a distincções partidarias quando, no cumprimento da missão que nos impozemos, entendermos ser do nosso dever dar publicidade aos seus actos e criticar-os. Luctando pela regeneração do paiz, trabalhando desinteressadamente para a implantação d'um regimen de moralidade, já jamais deixaremos de estigmatizar e desafogadamente quem, dizendo-se nosso correligionario, pratique qualquer acto por que se revele e affirme a baixez e perversão de caracter. No partido republicano não ha nem pôde haver lugar para esses individuos, e é rigoroso dever desmascarar-os publicamente e exauctorar-os quando pretendam prejudicar a sua acção alistando-se nas suas fileiras.

Quando outro fosse o seu procedimento, seriamos nós os primeiros a abandonar-o.

Dito o que acima fica, pela maneira mais categorica, temos ainda a acrescentar que a condemnação do jornalista envolvido na infamia não implica pela nossa parte a defeza do ministro. A accusação de immoral tem-lhe sido feita em jornaes monarchicos. Não é a primeira vez que publicamente são celebrados pela imprensa de todas as parcialidades predicaos obscenos de individualidades politicas. E basta.

Agora uma observação: O jornal do sr. Emygdio Navarro, notavel em varios combates politicos e não politicos, publica a respeito do caso tão fallado um artigo d'onde se pôde deprender que a imprensa republicana é fertil em proezas como a que se discute agora. Não é. A *chantage* floresce nos jornaes monarchicos. O impudor com que subitamente cessam certas campanhas iniciadas n'esses jornaes, revela-o bem. Ainda ha poucos dias uma folha

governamental, referindo-se a discussões travadas por causa de escandalos passados na alta politica e na alta finança da monarchia, dizia saber que, a troco de mercês honorificas, se terminavam certas campanhas de imprensa. De resto, conhecem todos o que a tal respeito se passou ultimamente por causa da questão do Nyassa. Varios jornaes monarchicos ameaçaram-se com revelações escandalosas e o silencio fez-se em certos pontos, por parte de alguns d'esses jornaes.

Nesta onda de lama que tudo arrasta, é necessario que se salve o partido republicano. Perante a immoralidade que tudo avilta, é preciso impedir que se levantem como accusadores aquelles que só podem e devem ser accusados.

Declare-se pois bem alto que o partido republicano repudia toda a solidiedade com aquelles que pelo seu proceder immoral são dignos de pertencer ás quadrilhas que no poder têm deshonrado e arruinado o paiz. Os canalhas que pretenderem acointar-se no partido republicano devem ser expulsos. Elles têm o seu natural convívio entre os partidarios d'um **governo de bandidos**, como a este governo chamou um dos redactores das *Novidades*.

E a esse jornal, que diz que, se quizesse, podia agora tornar os republicanos solidarios na *chantage* denunciada, respondemos que, ainda que pretendesse fazel-o, não o conseguiria, pois lhe provariamos que estamos isentos da minima suspeita deprimente para nós, caso raro de que nos orgulhamos n'este momento historico em que os vis se atravessam a cada passo no caminho dos homens dignos. E como repelliríamos as accusações, repellimos tambem a supposta generosidade d'esse jornal, dizendo que não quer tornar todos os republicanos solidarios na infamia; isto porque não precisamos, em qualquer campo, da generosidade de ninguem, da mesma forma que estamos dispostos a não a ter com quem a não mereça. É por isso que fallamos alto e claro. Somos intransigentes com todos os actos infames dos defensores da monarchia, mas seremos ainda mais intransigentes com todos os actos pessoal ou politicamente indignos d'aquelles que pretendam enlamear o partido republicano.

Isto dizemos com a consciencia tranquilla da nossa honestidade e do direito que temos de bem alto accusarmos os infames, estejam elles onde estiverem, sejam monarchicos ou republicanos.

O nosso collega *Jornal do Commercio*, diz:

«Parece que foram ou vão ser expedidas ordens aos governadores civis para arranjarem partido ao sr. José Dias Ferreira. Decididamente isto não caminha para o tragico, caminha para o comico.»

Seguindo a logica do *distingo*, diremos ao collega que tem e não tem razão.

Tem razão quando acredita nas ordens que foram expedidas, porque o João Franco não pôde deixar de pedir votos para o sr. conselheiro Dias Ferreira.

Não a tem quando afirma que isto caminha para o comico. O collega sabe muito bem que a nossa monarchia e todos os seus partidos são de ha muito uns verdadeiros comediantes. É provavel, porem, que o paiz, farto de pagar caro tanta comedia, se resolve a seguir o caminho da tragedia.

Veremos.

O «SEculo»

Duas palavras, serenamente e, como preambulo, a seguinte declaração: — A *Resistencia*, foi fundada com o fim unico de luctar, sem receio de qualquer perseguição, contra a monarchia. Na direcção politica d'este jornal interveem simplesmente os seus redactores, que merecem a absoluta confiança da commissão municipal do nosso partido n'esta cidade. Jamais alguem que subscreveu para a fundação da *Resistencia* se permittiu fazer-nos a minima observação em nome do seu dinheiro. Nem a dignidade dos subscriptores o consentiria nem do mesmo modo a dignidade dos redactores d'este jornal, que não recebem nem jamais quereriam receber a minima remuneração pelo seu trabalho, o permittiria. Fica pois assente pela maneira mais categorica a idéa de que na *Resistencia* não existe senão um unico interesse — o do partido republicano. Não ha nem pôde haver, portanto, com o *Seculo* — seria ridiculo imaginal-o! — um conflicto, uma rivalidade industrial, não que vamos dizer.

Posto isto, entremos no assumpto.

A imprensa monarchica, citando os varios elogios feitos por aquelle jornal ao rei e aos seus ministros, precede as suas citações das seguintes palavras: «O *Seculo*, o grande jornal republicano». Por esta forma, o publico imagina que o nosso partido pensa como o *Seculo* em questões politicas, devendo a opinião d'elle prevalecer sobre a de todos os outros jornaes republicanos moral e politicamente dignos d'esse nome.

Ora é necessario que nos entendamos por uma vez, terminantemente: O procedimento do *Seculo*, se o considerarmos como jornal republicano, tem sido indigno, desde que foram decretadas as leis de perseguição contra a imprensa. Excepção feita de varios artigos do sr. Rodrigues de Freitas e de alguns do sr. Teixeira Bastos, o *Seculo* tem favorecido os governos da monarchia, chegando a ponto de ser considerado até o maior defensor do ministerio do sr. Dias Ferreira, tão prejudicial ao paiz.

A cada passo, os republicanos vêem com desgosto a cobardia e o servilismo do *Seculo*, pensando quanto os interesses do partido são por isso contrariados. Quanto a nós, não terá razão de ser o desgosto dos republicanos, desde o momento em que se assente no seguinte: **O *Seculo* não é um jornal republicano.** O *Seculo* é um jornal onde ás vezes apparecem alguns artigos escriptos por individuos republicanos, não podendo portanto nunca representar a opinião dominante do nosso partido. Assim termina a especulação dos monarchicos e podem os republicanos ver o *Seculo*, sem que isso lhes importe, continuar como qualquer jornal monarchico ou incolor, escrevendo o que lhe parecer, orientando-se pelo criterio do *Diario Illustrado* ou do *Diario de Noticias*.

Claro que, se no *Seculo* apparecer um artigo onde transpareça alguma idéa republicana, como ás vezes nos jornaes progressistas, o poderemos applaudir, como havemos de continuar a combater os seus artigos favoraveis a monarchia, da mesma forma que combatemos os artigos n'este sentido publicados, por exemplo nas *Novidades*, jornal do sr. Emygdio Navarro. Nada mais.

Ditas estas palavras, fazemos a seguinte declaração: — a *Resistencia* não

considera o que se escreve no *Seculo* como interpretando as idéas do partido republicano, e pede a todos os republicanos do paiz que por interesse do nosso partido procedam de forma identica. Assim terminam os equívocos, as supostas contradicções do partido republicano e as especulações dos monarchicos.

Egal idéa temos a respeito de todos os jornaes que se digam republicanos e não sejam dignos de, moral ou politicamente, representar o nosso partido. Dizemos isto sem receio de que jamais nos possam fazer a minima accusação em tal sentido.

Para terminar; alguem pôde perguntar-nos se o sr. Magalhães Lima, redactor do *Seculo*, deve ser censurado. Desde o momento em que não consideramos aquelle jornal como republicano, estamos inibidos de criticar o direito que s. ex.ª tem de figurar á frente de qualquer empreza industrial.

Referindo-se ás perseguições movidas pelo governo diz o *Correio da Noite*: «Quem perderá com isso são as instituições, porque d'estas desertarão definitivamente todos aquelles que se revoltarem contra a perseguição cobarde movida aos que pugnam pelas formas da monarchia liberal representativa.»

Registamos por muitos motivos e fallaremos um dia.

Nyassa

O sr. visconde de Asseca requereu ao governo para que fosse publicado o parecer de procuradoria geral da corôa e fazenda sobre esta celebre questão, e o governo tratará do assumpto em conselho de ministros.

Se nós achamos verdadeiramente extraordinario quo o governo, pelo seu orgão officioso, declarasse que publicaria o parecer da procuradoria geral da corôa e fazenda, se algum interessado o requeresse, ainda mais extraordinario nos parece que, depois de feita essa declaração, se reuna o conselho de ministros para deliberar sobre o assumpto.

E' de esperar que a resolução seja... que tudo continue como d'antes.

Ainda não foi instaurado processo criminal contra os administradores da companhia. Em Londres, porem, parece que já foi proposta essa acção, tendo depositado alguns accionistas da companhia.

O sr. visconde de Asseca, sua esposa e mãe, exoneraram-se de todas as funções que exerciam no paço.

Contam jornaes de Lisboa que o sr. Dias Ferreira tem escripto para varios pontos do paiz, sollicitando o apoio de varios politicos nas proximas eleições.

Aqui em Coimbra certamente o sr. Dias Ferreira terá como partidarios seus os *mirandaceos* com o sr. Ayres de Campos.

O *Correio da Noite* continua a accentuar que os seus ataques tem unicamente sido dirigidos contra o governo e que nunca envolveu o throno nas suas luctas politicas.

O desmentido a estas affirmações do *Correio da Noite* encontra-se em varios artigos publicados no mesmo jornal. Mas o trabalho de os transcrever pertence aos monarchicos que com elle discutem. Nós só nos referimos ás palavras do *Correio da Noite*, para dizermos mais uma vez, que da parte do partido republicano é impossivel haver qualquer alliaça com os monarchicos, sejam elles quem forem.

Mais perseguições

Como noticiamos no nosso numero anterior, foi demittido do logar de professor de philosophia do collegio militar, que estava desempenhando ha 5 annos com distincção, o sr. dr. J. Ribeiro Coelho. A falta de espaço, a hora a que tivemos conhecimento do facto e a impossibilidade de obtermos informações seguras sobre as causas da demissão, fizeram com que nos limitassemos a recordar que o sr. Ribeiro Coelho havia sido um dos oradores que, na reunião magna do partido progressista, mais violentamente tinha atacado o governo. Quiz-nos parecer que se tratava effectivamente de mais uma prepotencia d'esse grupo de *bandidos* que está no poder, e não nos enganamos.

As *Novidades* tiraram todas as duvidas que a esse respeito se podessem suscitar. Diz esse orgão assalariado do governo:

«A accusação de perseguição politica vem mais uma vez á balha, por causa da exoneração dada ao sr. Ribeiro Coelho de professor provisório no collegio militar.

O que nós vemos é que não ha emenda nem juizo.

Que necessidade tinha o sr. Ribeiro Coelho de proferir na reunião progressista um discurso, que seria sempre inconvenientissimo n'um empregado publico, e ainda mais exercendo um cargo de confiança n'um estabelecimento de educação militar?

Já que leve essa má inspiração, porque não houve, nos altos dirigentes, uma alma caridosa que o advertisse da inconveniencia, e que o dispensasse do discurso, que não faria falta nem á politica nem á oratoria?

Fazem as tolices e depois queixam-se das consequencias.

O sr. ministro da guerra procede muitissimo bem não deixando restear a antiga relaxação. Fallaria aos seus mais imperiosos deveres, se procedesse de outro modo. A disciplina tem exigencias inflexiveis, que não podem ser preteridas.»

Pelo que se vê, constitue um grave delicto de indisciplina para um governo que tem praticado os maiores crimes, que tem faltado, assim como o chefe do Estado, aos mais solemnes juramentos, a critica dos seus actos n'uma reunião politica! Ora, quando o governo calca a constituição e as leis prohibindo que um cidadão exerça livremente os seus direitos politicos, entre os quaes sem duvida alguma está comprehendido o de criticar os actos tanto do governo como de todos os funcionarios publicos; quando o governo persegue ignominiosamente os funcionarios que têm affirmado de um modo evidente a sua honestidade e competencia, só porque protestam contra os seus desvarios, o que nos cumpre fazer?

É facil a resposta; e se dificuldades ha para a pôr em pratica, empregue-se a maior actividade para as remover. Assim, é que de modo algum podemos continuar.

É necessario que o paiz imponha o respeito pela lei a quem incessantemente pratica actos revolucionarios no poder; é inadiavel que se evite a gravissima anarchia que por ali lavra, principiando pela fazer cessar nos representantes do poder, em que mais perigosa é.

Lavrando o nosso protesto contra a prepotencia governamental, cumprenos dizer que não vemos por que motivos se deva julgar mais indigno o procedimento do governo demittindo o dr. Ribeiro Coelho do que demittindo o nosso querido amigo e correligionario dr. Cerqueira Coimbra. Ambos tinham o direito de manifestar as suas idéas politicas e, portanto, a nenhum devia ser dada pos esse motivo a demissão.

É verdade que o sr. dr. Ribeiro Coelho declara que o seu discurso

lôra anodyno, em quanto que o dr. Cerqueira Coimbra, assumindo a plena responsabilidade dos seus actos, affirmou-se categoricamente republicano e não procurou attenuantes para o seu procedimento.

Mas a diversidade do procedimento dos dois perseguidos não justifica de modo algum, relativamente a qualquer d'elles, o procedimento do governo, que nós julgamos igualmente indigno.

Transcrevemos do *Correio da Noite* as seguintes palavras preciosas: **«Acossados pela indignação e pelo desprezo do paiz, agachados nos degraus do throno que lhes permite todas as infamias...»**

Aqui o throno está claro que significa—o rei.

Pois muito bem, o *Correio da Noite* é defensor do rei, que permite aos ministros todas as infamias!

Leiam todos e não se esqueçam, para o ajuste de contos.

O paiz não está pobre

N'um artigo de fundo assim intitulado o nosso presado collega *O Commercio do Porto* pretende demonstrar que tem augmentado a riqueza do paiz ao contrario do que se dá com o Estado, que não tem feito senão impobrecer-se e desmantelar-se.

Embora alguns dos dados estatísticos apresentados pelo illustrado auctor do artigo não provem o que elle deseja, estamos todavia convictos de que a riqueza do paiz tem augmentado e ainda mais de que, se houvesse governos que a serio se empenhassem pelo desenvolvimento das suas forças economicas, elle poderia entrar n'uma situação desafogada. Em quanto, porém, o Estado, em lugar de fomentar a riqueza do paiz tratar de o depauperar por todos os meios possíveis e imagináveis; em quanto as diferentes empresas industriaes e commerciaes não offerecerem um meio de segura collocação para os capitães, nada se conseguirá.

E' portanto contra a influencia delectoria que as actuaes classes dirigentes estão exercendo na administração do Estado e das companhias, que principalmente devem convergir os nossos esforços.

Instrua-se e moralise-se o paiz, promova-se por um modo effcaz o seu desenvolvimento agricola e industrial, que ainda poderemos viver dias felizes.

O nosso illustrado collega o *Jornal do Commercio* publica um brilhante artigo sobre o caso de *chantage* que se deu em Lisboa, em que aprecia a attitude da imprensa.

Concordando em absoluto com as considerações feitas n'esse artigo, teremos o prazer de o reproduzir, pelo menos em parte, no nosso proximo numero. Não o fazemos hoje por absoluta falta de espaço.

Pobre Molière...

Já devem ter notado.

Pittorescas até mais não, hilariantes, as notícias litterarias da quinzena.

Postas de banda as demonstrativas de talentos negativos ora confirmados em livros novos, de papel de linho e versos frouxos—*Vanadios* e *Jesus* da egrejinha sósista da decadencia indigena—e as attinentes a adormecer os nossos manos cariocas—*Descobrimto do Brazil* do melifluo amanuense Albertinho Pimentel—vá de metter em foco esta patuasca decisão governativa, que quasi quasi esteve a fechar as portas do Normal, por indecente e má figura, ao bom do Molière.

Resume-se, n'isto, o caso estranho:

Apresentado em inoffensiva tradução do Lopes de Viveu, posto pra linguagem corrente e bem comportadilha das madamas de roda fina, com as sabidas dengosidades da geleia de marmello das primicias litterarias d'aquelle dramifero consagrado, a pedido d'amigos ou de impulso proprio, quiz a Empresa de D. Maria servir aos seus

freguezes, á guiza de presigo á tradução indigesta do *Flibustier* do Richopin, um acto garoto, abrageirado, de Molière em que Sgnarello curtia as acres cólicas do *cocu imaginaire*.

Vae d'ahi, a moral das familias, a vigilancia morigeradora dos bons costumes, personificada na desintelligente pança do fiscal do governo, medida, ruma as periphrases longas, as parras recatantes da tradução, pede a um menino que anda agora no francez que a coteje com o original, officia, dá tratos de polé á indecencia provavel do entrecho, á pornographia possível dos dialogos, consulta a empreza, toma o pulso á opinião e querendo ver no titulo primitivo da comedia uma allusão frisante, berradora, ás reaes desditas de muitos Sgnarellos das suas relações, não está com meias medidas.—em questões de moral é como o Damaso nas de dignidade—e n'uma furia, racha o Molière, o traductor, prohihe a peça; é uma fera.

E prohibiu.

Depois, alguém, a familia, a empreza, o menino da aula de francez, os proprios Sgnarellos das suas relações pediram misericórdia, reclamaram justiça, imploraram clemencia, Metteram-se empenhos, mecheram-se influencias, e graves conselheiros, barrigudos, constitucionaes, aplacaram-lhe as iras, juraram sobre lenços azues e brancos, conspicuos lenços d'Alco-baça, que Molière, coitadito! era homem de bons costumes, cordato, amigo da realza, alma candida e commodida que se fóra vivo hoje, á certa já abichara o habito de S. Thiago.

O fiscal reconsiderou, abitolou Molière pelo traductor e fazendo-lhe da obra o estudo critico, profundo e meticulouso, compativel com o seu odio á letra redonda, encolheu os hombros, e bondoso, poz no requerimento das partes afflictas, este despacho authentico: *Desprohibido*.

Chovem-lhe os agradecimentos, a peça sobe, Ferreira da Silva glorifica-o no seu trabalho, as ingenuidades, nos camarotes, applaudem, os maridos, nas frisas, rejubilam, a imprensa entoa hymnos ao traductor, e o pobre Molière, coitadito, traduzido pelo sr. Lopes, desprohibido pelo sr. fiscal, lá riba no ceu, onde ensaia bailados com as onze mil virgens—encolheu os hombros, desdenhoso, ao ler o *conte-rendu* da noite nas folhas celestiaes.

Tudo acabou bem.

Ao sr. fiscal, o governo, em homenagem ao talento e mais partes, attenta a impossibilidade de galardoar o pobre Molière, ensaiador de virgens, ferra-lhe, breve, no *Diario do Governo*, com a commenda da Conceição.

×

E como tudo acabou em bem, a contento das partes e da moral publica, sem conflictos sangrentos e sem a intervenção da municipal, esta pergunta innocente não vem deslocada:

Não prova isto, mais uma vez que os do Normal, fiscaes e actores, dramatugos e comparsas, estão pedindo aos ceus, n'um côro unisono, n'um falsete roufenho, a piassaba e o côco d'uma reforma vingadora?...

Ou não?

F. V.

A policia de Lisboa, muito zelosa, acaba de prender alguns estudantes por um crime imaginario.

Contra a arbitrariedade protestam indignados alguns jornaes e todos os academicos lisboetas.

Protestos inuteis, se de permeio se não metter a *Real Phylarmonica Academica*, ha pouco organizada sob a protecção das magestades.

Persiste em demittir-se do cargo de Provedor da Misericórdia do Porto, o sr. dr. Venceslau de Lima. Segundo a proposta do sr. dr. Nunes da Ponte, approvada na ultima reunião do definitório, o definitório dará collectivamente a sua demissão.

Politica estrangeira

XI

SUMMARIO:

As relações commerciaes entre a França e a Italia; esforços attinentes á sua renovação.

N'uma das nossas chronicas anteriores notavamos o facto de ir arrefecendo o interesse de parte da imprensa italiana para se reatarem as relações commerciaes entre a França e a Italia, cuja ruptura foi provocada por este paiz, denunciando o tratado de commercio existente. E então dissemos, que á Italia pertence por obrigação a iniciativa de reatamento d'essas relações, não só porque d'ella partiu a interrupção, que tão prejudicial lhe tem sido na crise economica que atravessa, mas, quando mais não fosse, pelas causas de gratidão irrefutaveis que a prendem á França.

Accentua-se actualmente este movimento que esperavamos, e ainda bem para a Italia, porque são incalculaveis as vantagens que lhe hão de provir de novas relações commerciaes, vantagens que á França tambem não podem ser indifferentes.

N'uma reunião das camaras de commercio italianas, celebrada em Roma a 21 d'abril, se é verdade que houve muita rhetorica platonica e de effectos pouco praticos, é certo tambem que alguma cousa houve de util.

Neste congresso de 21 d'abril, composto exclusivamente de camaras italianas, reuniram-se quarenta, por meio de representantes e quatorze adheriram sem se fazerem representar, concorrendo tambem ao congresso delegados d'outras instituições commerciaes. Uma ordem do dia, apresentada pelo presidente da camara de commercio de Milão, foi votada, concluindo por manifestar o desejo de que nos dois paizes continue a propaganda mais energica e mais effcaz em favor da renovação das relações commerciaes.

Esta moção era, como se vê, mais sentimental do que pratica, mas, emfim, alguma utilidade teve. Ultimamente em Milão reuniu-se a camara de commercio d'esta cidade; foi apresentada uma outra ordem do dia, menos platonica do que a votada no congresso de Roma, e muito mais importante, porque Milão, cidade commercial e industrial por excellencia, dá-lhe um caracter mais elevado e de muito maior significação.

A esta moção, que em seguida extractamos, corresponde uma outra da camara de commercio franceza em Milão, votada no dia seguinte ao d'aquella, e que mostra como o assumpto interessa aos dois paizes. A ordem do dia, votada n'aquella reunião da camara de commercio italiana de Milão,—recorda o voto emitido pelo congresso das camaras italianas em Roma, a que acima nos referimos; constata o facto de, em 77 camaras de commercio, 66 se terem manifestado favoraveis a um reatamento de relações commerciaes com a França; e apresenta, em seguida, a ordem do dia apresentada na reunião do dia 6 de maio, em Milão, e votada por unanimidade, que é a seguinte:

«A Camara de Commercio de Milão, depois de ter ouvido as communicações do seu presidente sobre a reunião das Camaras de Commercio italianas, realisada em Roma, com o fim de manifestarem o seu modo de ver sobre o regimen aduaneiro que deve regular as permutas entre a França e a Italia;

«Feliz porque a manifestação das camaras italianas se pronunciou em favor d'um equitativo regimen convencional entre os dois paizes;

«Exprime o voto:

«Que a acção dos benemeritos partidarios d'um accordo encontre nos dois paizes e juncto dos seus respectivos governos a sympathia e o apoio necessarios para que se obtenha a prompta realisação dos seus desejos.»

Como que em resposta a esta, a Camara de Commercio Franceza de Milão, reunida no dia seguinte, a 7 de maio, votou a seguinte moção:

«A Camara de Commercio Franceza de Milão:

«Declara associar-se completamente aos votos expressos na ordem do dia da Camara de Commercio de Milão;

«Decide communicar a ás Camaras de Commercio de França, aproveitando a occasião para apresentar as suas mais sinceras felicitações á Camara de Commercio de Milão, pelo zelo empregado na importante questão d'uma aproximação franco-italiana no campo commercial.»

Nota-se, pois, e agradavelmente para quem ligar ás boas relações commerciaes entre os diversos paizes, a importancia enorme que ellas têm no regimen economico e financeiro internacional, que a opinião se vae formando em França e na Italia, no mundo commercial, no sentido de, o mais cedo possível, se reatarem as relações tão nocivamente interrompidas.

E ainda bem que a Italia, pondo de parte um *chauvinismo* inexplicavel, dá o primeiro passo n'esta questão, acima de tudo patriótica.

Dr. Alexandre Braga

Reuniu no dia 17 do corrente a comissão directoria do partido republicano do norte, resolvendo commemorar o 30.º dia do passamento do illustre causidico e intemerato democrata, sr. dr. Alexandre Braga.

Por estes dias volta a reunir-se a comissão para accordar no modo de prestar esta homenagem, que virá a realisar-se no dia 3 do proximo mez.

O caso de «chantage»

Sobre o caso de *chantage*, ultimamente succedido em Lisboa, diz o *Tempo*:

«Sabemos que é um homem entregue aos tribunaes e não distinguimos sobre o que mais devamos admirar—se o procedimento do criminoso, se a fórma por que se produziu a prova.»

Nós tambem temos duvidas a esse respeito.

Se é certo que o sr. Carlos de Mello commetteu um crime repugnantissimo, o sr. Carlos Valbom levou-o traçoavelmente a consumir esse crime e desceu do seu logar de ministro para o de reles agente de policia. E para que se veja bem a indignação causada pelo acto da tão baixo ministro, transcreveremos algumas apreciações feitas por jornaes monarchicos.

Diz a *Provincia*:

«Condemnamos abertamente o procedimento do accusado.

É miseravel, é torpe, é desprezível. Mas o sr. Carlos Lobo d'Avila, que d'esta vez combinou com o juiz Veiga este *quet-apens*, devia talvez ter procedido d'outro modo, quando a sua entrada no ministerio, lhe moveram a mais injuriosas das campanhas. E consta que s. ex.º empregou então estes meios mais suaves e com que se não deu mal. E consta que s. ex.º empregou então estes meios mais suaves e com que se não deu mal. Lunge de recorrer aos beaguins da Travessa da Parreirinha, conseguiu evitar parte d'essa campanha, sendo voz corrente, que prestou bastantes beneficios com essa comição. Talvez por isso, este Carlos de Mello, adoptasse o expediente que lhe deu tão mau resultado.»

E o *Correio da Noite*:

«Esta é a questão legal, que pertence aos tribunaes estudar e resolver. Mas, condemnando com todas as nossas forças o procedimento do diffamador, não podemos deixar de lamentar que um ministro da corôa, em vez de recusar a proposta que lhe fora feita, aguardando a realisação da ameaça e diligenciando apenas obter a prova d'esta para opportunamente fazer punir o miseravel, se prestasse a representar o papel que a policia lhe distribui, levando-o por promessas e mais *fraudulentas* a commetter o crime!

Esta não é propriamente a tarefa dos ministros da corôa. Prevenir e descobrir crimes e a obrigação da policia. Provoa-los, determiná-los por meios *fraudulentos*, facilitar ou preparar a sua execução, nem é a missão da policia, nem a dos ministros. É profunda a nossa decadencia moral. Mas estes espectaculos não concorrem para a diminuir, antes a aggravam, e põe em maior evidencia. Um ministro, no seu gabinete, a manobrar, como beaguim policial, as ordens do juiz Veiga, é extraordinario e unico!»

Carta de Lisboa

17 de maio de 1895.

Agora sempre lhes posso fallar em assumpto que interessa ao portuguezinho, amante do escandalo e sequioso de porcariaes. Refiro-me á *chantage* do professor Carlos de Mello.

Pelos jornaes de Lisboa já sabem do que se trata, não é verdade? Eu acho o caso naturalissimo e francamente aqui em Lisboa não acredito que se dêem muitos casos honestos. A imprensa monarchica trata de explorar com a vilania, querendo ver se faz resaltar sobre o partido republicano a lama que envolve o jornalista canalha. É uma infamia da imprensa monarchica, falta de auctoridade para tudo. Accusem o culpado e mais ninguém. Tudo o mais será preversidade e estupidez.

A *Batalha*, publicou em supplemento explicações sobre o caso, repudiando a sua responsabilidade no proceder do sr. Carlos de Mello. Estimo que assim seja. Mas como quero fallar claro entendendo que a *Batalha* devia suspender a sua publicação. A empreza e os redactores que se julguem ao abrigo de qualquer accusação que fundem outro jornal se assim o entenderem.

×

Este caso, que é isolado, mostra a quem está muitas vezes entregue o trabalho da imprensa. E então aqui em Lisboa! Ha cada um! Parece que nas *Illusões Perdidas*, Balzac adivinhou muitos nullos e muitos patifes que por aqui vejo.

Serve tambem este caso para que o partido republicano se convença de que tem de ser inexoravel contra qualquer individuo—seja elle quem fór!—que não seja digno de ser nosso correligionario.

×

O caso da demissão do sr. padre Coelho de professor do Collegio Militar, merece os applausos da imprensa governamental. Não admira, ha gente capaz de applaudir tudo. Mas não deixa de ser curioso ao mesmo tempo que o governo, *favorecido pelo rei*, na opinião de ha dias, dos jornaes progressistas, faz d'estas patifarias, ver os mesmos jornaes confessando o amor a esse rei que protege os seus inimigos. Emfim, lá se entendem!

×

O caso do *Nyassa*, já está reduzido ao simples incidente da escamoteação d'um lenço. D'aquele a dias apagar-se-ha a ultima accusação.

Decididamente estamos n'um paiz de santos. É uma consolação esta innocencia portugueza. Ainda bem! Ainda bem!

×

O sr. Dias Ferreira prepara-se para succeder ao governo de bandidos. É digno d'isso. Os bandidos auxiliam-na eleição dos seus deputados e na organização do seu partido. Por quanto tempo ainda estarão os progressistas ora cantando o hymno da Carta, ora cantando a Marselheza? Quem o sabe! Vão cantando, vão, que a musica desopila o figado.

Jocelli.

Como symptoma alarmante da miseria profunda que alastra pelo paiz, como prova ingenua mas honesta dos sentimentos dignos e altamente patrioticos das classes desprotegidas, a archivar o d'uma carta enviada ao nosso collega a *Voz Publica*, por um grupo de operarios sem trabalho que se offerecem a ir combater em Lourenço Marques pelo prestigio e pela honra da bandeira portugueza.

«A Voz de Chaves»

Entrou no 3.º anno da sua publicação este nosso collega trasmontano, pelo que o felicitamos.

Dr. Affonso Costa

Nos proximos dias 24 e 25 hão de ter lugar, na sala dos actos grandes da Universidade, as provas do acto de conclusões magnas do nosso distincto companheiro e muito querido amigo Affonso Costa.

Este acto, ultimo da sua laureada carreira academica onde conquistou sempre com o seu grande talento alliado a um caracter sem macula as mais honrosas distincções, vai ser com certeza, pelo interesse que despertam os assumptos que n'elle hão de discutir-se, mais uma brilhante manifestação do seu elevado espirito e do seu muito saber.

Assim, no dia 24 (1.ª lição) argumentarão:

—Na dissertação, *A Igreja e a Questão Social*, o sr. dr. Fernandes Vaz;

—Na 1.ª secção de theses, o sr. dr. Chaves e Castro, que escolheu para discussão a seguinte: A constituição de Servio Tullio é o inicio de um *jus quiritium* commum ao patriciado e a plebe, e forma o primitivo nucleo da legislação decemviral que representa esse compromisso entre essas duas ordens.

—Na segunda secção, o sr. dr. Ave-lino Callisto, que escolheu a seguinte: Em Portugal a restrição do direito de suffragio é inutil e perigosa.

—Na 3.ª secção, o sr. dr. Lopes Praça, que escolheu a seguinte these: A cerca do problema monetario sustentamos:

1.º Que a solução actual é o monometalismo do ouro;

2.º Que a solução futura será a adopção d'um instrumento fiduciario internacional, simples denominador commum dos valores.

No dia 25 (2.ª lição) argumentarão:

—Na 4.ª secção, o sr. dr. Guimarães Pedrosa, que escolheu a these: Sustentamos a necessidade de um imposto unico sobre o capital.

—Na 5.ª secção, o sr. dr. Henriques da Silva, que escolheu: O nosso direito successivo deve ser modificado no sentido de supprimir as heranças legitimas na linha collateral, e de permitir ao testador, na falta de herdeiros directos, a disposição de metade dos seus bens.

—Na 6.ª secção, o sr. dr. Dias da Silva, que escolheu: O crime é produzido por causas sociaes.

—Na 7.ª e ultima secção, o sr. dr. Guilherme Moreira, que escolheu: A função judiciaria deve descentralisar-se pelos diversos aggregados sociaes.

Por portaria do ministerio do reino foram restituídos a Sé Velha os claustros que ficam na parte inferior do edificio onde se acha instalada a imprensa da Universidade.

N'um dos primeiros dias do proximo mez, em sessão solemne do *Instituto*, o illustre cathedratico da faculdade de

Theologia, sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos terá o elogio historico do fallecido bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos, que prestou aquella instituição relevantes serviços.

Nas Torres um cão damnado mordeu o professor de instrucção primaria, d'all, que partiu para Lisboa para ser tratado no Instituto Bacteriologico.

Está em Marco de Canavezes a companhia dramatica Tainha, que vem brevemente a Coimbra, de passagem para o theatro D. Amelia, de Lisboa, representar alguns originaes portuguezes.

Esperamos com anciedade a companhia dramatica Tainha, tão conhecida no theatro nacional.

Venha pois a companhia Tainha, que tem entusiasmado o publico de Marco de Canavezes, tão entendido em assumptos de arte dramatica.

Sociedade Philantropico-Academica

Realisa-se hoje a eleição dos corpos gerentes d'esta sympathica sociedade, que tão bons serviços pôde prestar aos estudantes desprotegidos da fortuna.

A direcção que agora termina o seu mandato foi verdadeiramente incansavel, tornando-se merecedora dos maiores encomios. Oxalá que a que hoje vai ser eleita preste iguaes serviços.

Informaram-nos de que na rua da Sophia já se vêm umas *poças* de agua, signal de que a camara municipal mandou borrifar as ruas; porém, na Estrada da Beira continuam as mesmas nuvens de pó.

O folheto do sr. dr. Refoios

Muito por alto e de relance tinhamos lido o folheto que o sr. dr. Sousa Refoios acaba de publicar com o titulo *Uma pagina para a historia d'administração do Hospital da Universidade*, quando no ultimo numero nos limitamos a agradecer a gentileza da sua offerta.

Hoje, porém, após demorada e atenta leitura que fizemos d'aquelle folheto, e sem de forma alguma nos querermos envolver na polemica que de certo motivará, parece-nos que será conveniente que se esclareçam alguns factos que n'elle se revelam.

A bem d'ambas as partes.

Correu muito animado o jantar de despedida do curso do 5.º anno juridico que se realizou na mata do Bussaco.

Fizeram-se entusiasmicos brindes, sobesahindo o do sr. Francisco Fernandes.

Reinou sempre aquella alegria, propria de rapazes, a quem as contrariedades ainda não fizeram perder as illusões.

Cruz Vermelha

Realizou-se hontem no Theatro Circo o sarau promovido pela officialidade da guarnição de Coimbra, em beneficio da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha.

O theatro estava elegantemente ornamentado sob a direcção do dr. Teixeira de Carvalho que, com a sua fina veia artistica, soube transformar o n'um verdadeiro *eden*. Nos camarotes viam-se as mais distinctas senhoras de Coimbra.

O programma era o seguinte:

1.ª PARTE

1.º — Ouverture *Tuti in marchera* pela orchestra.

2.º — Cantata a Camões pela grande banda.

3.º — *O primeiro desgosto*, comedia.

4.º — Cançonetes (Cinira Polonio).

5.º — Marcha do *Propheta* pela banda e orchestra.

2.ª PARTE

1.º — Còro de senhoras.

2.º — Esgrima.

3.º — Gymnastica.

4.º — *Os dois nênes*, comedia.

5.º — Marcha da *Aida* pela banda e orchestra.

Todo o programma foi cumprido muito bem. Cinira Polonio encantou-nos com as suas cançonetes.

Pelo adeantado da hora, não podemos fazer uma larga apreciação do sarau, o que faremos para o numero seguinte.

Baptizou-se hontem um interessante netinho do honrado negociante d'esta praça o sr. Dantas Guimarães.

Parabens.

O museu do *Instituto* vai ser enriquecido com algumas inscripções e pedras brasonadas, que, como dissemos, foram encontradas nas escavações da Sé Velha.

Foi o sr. Bispo Conde que auctorisou aquelle deposito.

A faculdade de Theologia resolveu pôr ponto nas aulas no dia 15 do proximo mez.

Na quarta-feira, 22 do corrente, realisa-se, no theatro-circo, o sarau promovido pelo Gymnasio de Coimbra. Desperta muito entusiasmo a vinda, pela primeira vez, a Coimbra de João Possolo, que amavelmente vem tomar parte no sarau.

Teremos occasião de ver os escolhidos trabalhos d'este distincto amador, em triplices barras, e que, nos saraus no Real Gymnasio Club de Lisboa, tão admirados tem sido.

Apresenta-se tambem em *escadas* um grupo de creanças, alumnos do Gymna-

sio, sob a direcção do distincto gymnasta Victor de Deus.

Os camarotes estão quasi todos passados e a commissão promotora empenha-se em dar o maximo luzimento a esta festa.

Regimento do 23

D'este regimento sahiram 170 praças. Para Lisboa, com destino ao corpo de engenharia, foram 20, pertencentes á companhia de sapadores, sob o commando do sr. tenente Butler; para o Porto foram 150 sob o commando do sr. capitão Noronha, para reforçarem o regimento de infantaria 6.

Bibliographia

Revista theatral — Accusamos agradecidos a recepção do n.º 9 d'esta esplendida revista de critica theatral onde, com uma liberdade e independencia digna de notar-se e de ser seguida em publicações congenes, escriptores de nome mais ou menos laureado e opiniões diversissimas, expõem alto e claro o seu modo de pensar. Assim, traz-nos este numero a continuação do esplendido artigo de Fialho d'Almeida sobre o *Estado do Theatro* em que o grande critico com a *perce* chispante e a ferocidade justiceira da sua penna originalissima talha carapuças d'uma verd-de sangrenta á maioria dos coripeus e idolos lá da casa. E obrigadinho pela transcripção.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 9 de maio de 1895.

Presidencia do bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes:—Bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João Antonio da Cunha, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos;—José Corrêa dos Santos, substituto.

Tomou conhecimento da approvação superior ás percentagens para o anno de 1896 votadas pela camara em sessão em 26 de abril.

Resolveu inserir em orçamento a despeza com o fornecimento de enxergas, mantas e travessieiros para os presos da cadeia d'esta cidade, pedido pelo chefe do districto.

Mandou intimar Anthero Ferreira, de Tomim de Baixo, para restituir ao gozo do publico o terreno que usurpou no mesmo lugar; e para que Manuel Maria Gonçalves, de S. Sebastião, apresente titulo da posse de um terreno que diz pertencer-lhe sito n'este ultimo lugar.

Auctorisou a vedação de um terreno no lugar das Casas Novas, freguezia de S. Martinho do Dispo, requerida por Antonio Silvestre Mano.

Tomou conhecimento de uma participação do chefe da repartição dos impostos municipaes, dando conta do fallecimento do vigia n.º 14, Francisco da Fonseca Novo, que foi substituído por Adelino de Carvalho, d'esta cidade.

Attestou favoravelmente á cerca de 6 petições para subsidio de lactação a menores.

Mandou passar licença para o apascentamento de gado cabrum a dois proprietarios de Antanho e Santo Antonio dos Olivares.

Auctorisou a reparação dos telhados do asylo dos cegos e alejados de Cellas, na importancia de 10\$500 réis.

Auctorisou a reparação da ponte de Coenços, orçada em 200\$000 réis.

Encarregou tres vereadores de escolher uma casa para a escola de ensino complementar de S. Bartholomeu.

Auctorisou a compra de 80 metros de mangueira para a rega das ruas.

Auctorisou diversos pagamentos:— premio a seguros; legislação official; juros de um emprestimo contrahido pela junta de parochia de S. Silvestre; compra de mangueiras para o serviço dos incendios.

Mandou organizar o orçamento das obras a fazer com a reparação das barracas do mercado de D. Pedro V e coberturas dos logares do mesmo mercado.

Deliberou que fossem reprehendidos pela presidencia dois vigias dos impostos por irregularidades praticadas no serviço, n.º 22 Joaquim Nau e Thiago e n.º 20 Manuel de Oliveira.

Auctorisou a impressão do orçamento ordinario do corrente anno.

Auctorisou diversas avencas para o consumo d'agua.

Despachou requerimentos podendo attestados de comportamento; trasladações d'ossadas no cemiterio, collocação de letreiros em diversos estabelecimentos; avencas de impostos indirectos; abertura de serventias particulares no Alto de Santa Clara, e junto da estrada que vai de Coimbra para as Casas d'Eiras; construcção de um jazigo no cemiterio; a Joaquim dos Santos Pereira Jardim, pedindo a entrega da thesauraria d'esta Camara; do empreiteiro das ruas de Lourenço d'Almeida, Azevedo e de Raymundo Venancio Rodrigues, pedindo o levantamento de depositos feitos na Caixa Geral, e 35\$000 réis de indemnisação pelo prejuizo que teve na construcção das mesmas estradas; e deferiu um requerimento pedindo licença para a construcção de muros de vedação a uma propriedade sita na referida rua de Raymundo Venancio Rodrigues.

Resolveu, sob proposta da presidencia conservar no corrente anno os mesmos louvados repartidores d'aguas de todas as freguezias que foram nomeados o anno findo.

EDITAL

O Doutor Guilherme Alves Moreira, Provedor da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade de Coimbra.

Faço saber que no dia 15 do proximo mez de junho, pelas 2 horas da tarde, se ha de proceder na secretaria da Santa Casa á arrematação em hasta publica, por meio de licitação verbal, dos seguintes generos de consumo para os collegios dos orphãos e orphãs de S. Caetano, durante o proximo anno economico:

Carne de vacca, de carneiro e lombo de porco; bacalhau, arroz, assucar branco e amarelo, chá, café, pão de trigo, massas, fariuha rija, batata, manteiga, leite e vinho. E para a pharmacia da mesma Santa Casa: alcool, assucar crystallizado e linhaça em grão.

Na secretaria da Santa Casa, acham-se patentes em todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, as amostras dos artigos que devem arrematar-se e as condições da arrematação.

No mesmo dia e á mesma hora, arrematar-se-ão tambem, por meio de licitação verbal, as lavagens das louças de ambos os collegios, sendo de réis 10\$000 a base de licitação.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 17 de maio de 1895.

O Provedor,
Guilherme Alves Moreira.

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

I

A CARMAGNOLE

Socejavam por momentos; depois punham se a bater o compasso com furor. A massa, offegante, dividia-se em duas filas, tomando toda a largura da rua, e homens e mulheres, cabeça á frente, as mãos dadas, corriam uns para os outros, aos gritos.

Havia alli bellas raparigas, com rostos corados pela excitação, pequenos pés que se alastravam no pavimento das ruas, mãos delicadas ennegrecidas pelo bater das palmas...

Uma embriaguez desesperada animava tudo.

Dansemos a Carmagnole,
Viva o som! O trovão!
Dansemos a Carmagnole,
Viva o som do canhão!

Quando a multidão se retirou, os guardas municipaes de sentinella ao Templo avistaram encostada á porta d'uma pequena casa, com os olhos

fitos na prisão da rainha e de seu filho, uma mulher de rosto impassivel fazendo meia.

II

JEMMAPES

—Todos os povos contra todos os reis! tinha dito Danton, na tribuna da Convenção.

A importancia das guerras da Revolução franceza conheceu-se n'estas palavras. Até então os reis batiam-se para engrandecer o territorio que elles consideravam como dominio seu.

A guerra tinha por mobil, sempre, ou a preponderancia ou a conquista; de hoje para o futuro haveria um outro: a solidariedade humana. Estavam promptos a morrer pela patria; mas libertada a patria, estavam ainda promptos a morrer por o triumpho d'uma ideia util para o resto da humanidade.

E assim que, salva a Champagne por Valmy, e livres os habitantes de Flandres pela aproximação do exercito victorioso de Dumouriez,—a Convenção decidiu que os soldados da França libertassem a Belgica e a ajudassem a sacudir o jugo dos soberanos allemaes.

Era preciso uma victoria para inaugurar a Republica. A 5 de novembro, Dumouriez appareceu deante de Jemmapes.

O duque Alberto de Saxe-Teschen, seguindo o velho costume das taticas allemãs, tinha-se antecipado na escolha do campo da batalha, esperando o inimigo n'uma admiravel posição. Tres linhas de reductos em amphitheatro sobre as montanhas, com canhões e 30:000 soldados.

Os dois exercitos passaram a noite em ordem de batalha, armas carregadas, mochila ás costas, os artilheiros ás peças, os canhões atrellados, e as redeas dos cavallos nos braços dos cavalleiros. Evavam bater-se aos primeiros clarões do dia.

A aurora despontou tarde. O ceu estava escuro, carregado de nuvens, chuvoso. Um nevoeiro frio transformava o solo n'um lamaçal.

D'um lado, na extremidade da planície, sobre os montes, apparecia o exercito inimigo, silencioso e disciplinado. Os bonnets forrados dos grana-deiros húngaros, os mantos brancos da cavallaria austriaca, o uniforme escuro dos caçadores tyrolezes, pareciam pertencer a espectadores d'um combate, esperando nos planaltos que a batalha começasse na planície.

Do outro lado, ao contrario, tudo se movia com entusiasmo. Os uniformes rotos dos voluntarios formavam longas filas sombrias mal alinhadas. As correias de couro branco cruzavam-se sobre os casacos azues de vivos encar-

nados. Cobria-lhes as cabeças, conforme o regimento a que pertenciam, um pequeno capacete de couro com um pennacho de crina, ou um chapéu de bicos ornado de pennas de gallo. A artilheria e a cavallaria, compostas de velhos soldados, formava aos lados, prompta a arremessar-se á primeira vós. As filas dos carros que levavam o pão, estacionavam na retaguarda dos batalhões. As vivandeiras circulavam nas fleiras distribuindo agardente. O fogo dos bivacos fumegava por entre o nevoeiro. Ouvia se o rodar das carretas, o som dos clarins, o rufar dos tambores...

O conjunto era medonho. Nada regular, nada uniforme. As phisionomias differiam conforme as condições. Apertavam as coronhas das espingardas mãos brancas e negras. Os filhos-familias marchavam ao lado dos artistas e lavradores.

Todos estavam cheios de curiosidade, inquietos, apaixonados: os rostos exprimiam a extrema sensibilidade que os dominava. Estes rapazes deviam desbaratar tudo ou fugir. Sentiam-se mal nesta inactividade; queriam atirar-se para a frente ao avistar os primeiros inimigos.

De repente, sobre a esquerda, ouve-se a Marselheza, depois os canhões.

A batalha tinha começado. Uma das tres batalhas; porque tres caminhos

conduziam ao inimigo; e era necessario tomar tres posições para assegurar a victoria.

As onze horas, o ataque tinha terminado do lado esquerdo... O velho general Ferrand, o chefe de estado-maior Dumouriez, Thouvenot, depois de tres assaltos successivos repelliram o inimigo e occuparam o planalto de Jemmapes.

No centro, o duque de Chartre tentava um primeiro ataque.

Á direita, debaixo do fogo da artilheria austriaca, os soldados de Beurnouville e de Dampierre vacillavam.

Dampierre torna á carga. Atraz d'elle estava o regimento de Flandres e um batalhão de voluntarios parisien-ses. Toma o chapéu na mão; agita o pennacho tricolor; desembainha a espada, aponta-a para o inimigo, e grita:—para a frente!

—Para a frente! repete o capitão Henrique Lenoir.

Mas uma voz de Stentor domina todas as outras—a de Gadet Tricot. Com a face inflamada, as narinas abertas como que para respirar melhor o cheiro da polvora, o companheiro da cervexaria Santerre enraivece-se por não poder entrar ainda d'esta vez no combate.

—Viva a Republica! gritam todos os filhos do arrabalde de Santo Antonio. (Continua).

Estabelecimento Thermal
Dos mais perfeitos do paiz
Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA
Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club
Magnificas accommodações
Desde 1200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.
Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.
Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.^o, referente ao Grande Hotel.
Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.
As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral — Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

LECCIONAÇÃO
F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.
Dão-se quaesquer informaçoes na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO
DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

FELIX MAGALHÃES

OS POETAS
Plaqueta em 25 paginas, formato 16.^o primorosamente impresso na typographia occidenal, do Porto. — Preço, 200 réis

Liquidação de cigarros de tabaco especial

24 **Caixinhas de 500 réis com 50 cigarros abundantes de fino tabaco, vendem-se a 400.**
De 400 réis com 50 cigarros, a 300.
De 100 réis com 10 cigarros, a 80.
De 80 réis com 10 cigarros, a 60.

Tabacaria União
SOPHIA — COIMBRA

Vinho de meza
sem composição

23 **Vende-se no Café Commercio**, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.
Deposito de enxofre e sulphato de cobre, com grande desconto para revender.
Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.
Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.
A. Marques da Silva.

A' LA VILLE DE PARIS
Grande Fabrica de Corôas e Flôres
F. DELPORT
247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

22 **CASA filial em Lisboa** — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra
JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor
17 — ADRO DE CIMA — 20

Deposito da Fabrica Nacional
DE
BOLACHAS E BISCOITOS
DE
JOSE FRANCISCO DA CRUZ & GENRO
COIMBRA
128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

21 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.



20 **AS** verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.
Vendas a prestações de 500 réis por semana.
Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

19 **ESTES PÓS** são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toia a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.
A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.^o — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

ARRENDASE EM CONTA
18 **Uma** casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.
Tambem se arrendam os andares separadamente.
Mont'arroyo, 103, se trata.

Bom emprego de capital
FABRICA DE GAZOZAS
17 **Passa-se** uma em boas condições, com todo o vasilhame e receitauario de fabrico, por seu dono a não poder administrar, tendo uma machina de Casaubon & Fils, que fabrica 1:200 garrafas por dia ou 900 sifões.
É de pouco dinheiro.
Dirigir-se a José Maria d'Almeida — Vizeu.

Arrenda-se
16 **Do** S. João em diante, o 2.^o andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.
Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39 — Coimbra.

15 **ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE** as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.
Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

VINHO ANALEPTICO DE A GUERRA
14 **Útil** nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.
Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.
Deposito geral: pharmacia A. Guerra — Cartaxo.
Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 34 — Coimbra.



TANDEM
13 **Vende-se** um quasi novo. Nesta redacção se diz.

POMADA DO DR. QUEIROZ
12 **Experimentada** ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a
N. N. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
COIMBRA

11 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

CALDEIRA DA SILVA
CIRURGIÃO-DENTISTA
Rua Ferreira Borges, 174
10 **Consultas** todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.
Colocação de dentes artificiaes por preços modicos.



AGUIA D'OURO
FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

9 **Roupas** completas para homem, de 5000 réis para cima!
Alta novidade!

Padaria Lusitana
(SYSTEMA FRANCEZ)
DE
Domingos Miranda

LARGO DO ROHAL
8 **Pão** fino, o melhor que se encontra, pelo systema francez, todos os dias de manhã e á noite, a 25 réis cada dois pães.

Aos photographos amadores
7 **A** acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

AVISO
6 **Ninguem** contracte com Manuel Lourenço dos Santos acerca de bens mobiliarios, porque constituem dote de sua mulher, que intentou separação judicial.

Travessa da Couraça de Lisboa, n.º 16 — Coimbra.
Maria Augusta d'Oliveira Baptista.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE
FUNDADA EM 1835
SÉDE EM LISBOA
Capital réis 1.344.000\$000
Fundo de reserva 225.000\$000

5 **Esta** companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Vinho verde
4 **Especialidade** em vinho verde de Amaranthe.
Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA
Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

Caixeiro de padaria
3 **Precisa-se** de um, de 16 a 17 annos de idade, que saiba ler, escrever, e contar, com ou sem pratica d'esta industria, preferindo-se todavia o que a tiver.
Para tractar na Padaria Lusitana.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1.^a classe em Paris
Estas capsetas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copalilha, Cuchebes e Infusões.
Dep. em Paris, 6, rue Trinité e aux perles, Pharm.
F. M. Coimbra — Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

Charutos estrangeiros
MARCAS ACREDITADAS

1 **Vendem-se** em caixas de 25, 50 e 100 charutos a preços excepcionalmente reduzidos.

Tabacaria União
SOPHIA — COIMBRA

“RESISTENCIA”
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS
Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6
EDITOR
João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha:
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680
Sem estampilha:
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS
Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 27

COIMBRA — Quinta feira, 23 de maio de 1895

1.º ANNO

A Monarchia

Morre pelo ridiculo!

Em vez do *Miserere*, o *Compadre Chegadinho* ha de ajudar a enterrar o throno dos Braganças, mais caruncho e roído que o cerebro do senhor D. João VI, de adiposa memoria.

Morre pela troça a monarchia!

Senão vejam. Rei e ministros, presentando dia a dia a queda, recorrem primeiro á astucia. Combinam-se dissenções entre os defensores da monarchia e, ao mesmo tempo que se ousa fingir atacar a pessoa do monarcha, incensam-se as rainhas. Chama-se ao rei tyranno, mas fazem-se logo subir ás nuvens com azas e os respectivos para-quadras as duas senhoras reinantes. Com a especulação do sentimentalismo pacovio dos portuguezes, trabalha-se para illudir tudo, embasbacando os que por *truc* de caridade bem *reclamado* se imaginam felizes como Pangloss. Mas de subito os cordeis que movimentam a farça quebraem. Então, tudo ri ás gargalhadas e a reverencia transforma-se em troça. É então que os representantes d'um regimen tolerado apenas por inercia e por inepcia recorrem ao golpe final — a ostentação da força.

E, assim, o rei, por uma bella manhã, surpreendido por sentir no cerebro uma ideia, chama o seu ministro da guerra: — «Amigo Festas, a canalha refila o dente e eu estou-me a sentir imperador da Allemanha.»

Immediatamente esse ministro, especie de Napoleão que, em vez da aguilha, tem como symbolo o peru, accorda em que a canalha refila o dente e em que urge mostrar-lhe as armas que podem quebrar-lhe a dentadura arreganhada.

A guarda municipal aposta-se. A pretexto d'uma cerimonia que poderia ser feita na parada d'um quartel, vibram os clarins, tilintam as espadas, brilham as bayonetas e escouceiam os cavallos pela amplidão da Avenida. O povo comprehende o espectáculo, mas, desprezador ou pandego, enleva-se na exhibição guerreira da Guarda Real e vai para casa pensando no dia em que nada lhe resistirá desde que se decida a espreguiçar-se.

Mas os rapazes, irritados, mordidos no seu orgulho de intellectuaes afrontados pela força, decidem fazer a caricatura da Parada Real.

Comprehendem o exercito, sabem que elle morrerá pela patria, mas não admittem que se apresente na rua a Guarda do Rei para lhes dizer e a todos os que pensam mal da monarchia: — Callados! Senão, aqui estão espingardas para vos fuzillar, espadas para vos acutillar, cavallos para vos esmagar. — E então sem violencias, com um pedaço de bom humor, com a alegria dos vinte annos, aquelle rei, gordo demais para tyranno, aquelle ministro reformador... de generaes, aquella gente que só pensa em esmagar o povo, passaram de um campo de batalha para um theatro de fantoches.

E o que não faziam os protestos, os artigos politicos, as indignações, fello a gargalhada. Perdeu-se o medo. O rei viu-se que tanto podia montar o bucephalo de Alexandre como a varçeira d'um varredor. Perdeu-se a noção do seu ar terrivel. D. Carlos deixou de apparecer ás multidões como ellas o sonhavam, de sceptro d'ouro e manto bordado a estrellas do ceu. Passou a ser um burguez de rabona e guarda-chuva. Assim cahiu moralmente.

Tres mezes de rhetorica pela pro-

vincia, artigos em normando, invocações jacobinas á memoria de Passos, edições baratas da historia da revolução franceza, nada d'isso abalou o throno como esta gargalhada de rapazes.

D'onde se conclue que, para inutilisar um lobo, vale mais do que uma montaria prender-lhe ao rabo uma panella. Até os cordeiros lhe mordem.

Uma parodia á monarchia, que dure tantos dias como as festas do centenario de Santo Antonio, e a casa de Bragança desaparecerá pelo buraco do ponto.

Basta encher o theatro e recomendar á gente do *gallinheiro* que falle a tempo.

Diz o *Correio da Manhã* que na gare de Coimbra a rainha foi saudada por estudantes e populares. Não nos consta.

A rapaziada estava nas aulas e agora, que os actos estão á porta, ha um nó na garganta que não permite o vivo-rio.

Creia o collega que não houve acclamações da academia. E, francamente, tudo isso perfeitamente se dispensa desde que a rainha onviu, entre outros versos, na estação de Parada de Gonta, esta quadra phantastica:

Salvé, Rainha esplendida,
ó matutina estrella
entre as melhores, optima,
entre as mais bellas, bella.

Lindo!

Diz-se que o governo, ameaçado pelo general Queiroz, quer dimittir o director da Escola Medica de Lisboa, por ter consentido na parodia dos estudantes. Claro que, ao contrario de alguns ingenuos, não deixamos de acreditar no boato.

Agora o que nos custa a acreditar é que o sr. Manuel Bento de Sousa se preste a substituir o actual director da Escola. Isto porque não nos custa a crer que o sr. José d'Azevedo Castello Branco o accete. Em todo o caso esperaremos para fallarmos sobre o caso, como devermos e como entendermos, seja contra quem fór.

Entristece-se o *Correio da Noite* porque a rapaziada das escolas de Lisboa troçou as instituições na parodia que fez ao espalhafato guerreiro da Avenida.

Nas *Novidades*, embora se dê mel pelos beijos aos estudantes, também transparece um pouco de despeito pela troça.

E eil-ós em defeza do rei, uns tristes e outros zangados. Estimamos vel-os quasi de accordo. O resto virá com o tempo.

A *Provincia*, que ha dias dizia nada haver a esperar do 13.º bragança, concebe já algumas esperanças de que D. Carlos chame ao poder os progressistas. E diz, com a resignação de martyr que espera alcançar o ceu, estas palavras:

«Quanto mais força tiver actualmente contra nós a intriga das auto-camaras ministeriaes, tanto mais rasgada, productiva e gloriosa será a nossa iniciativa, quando a força das circumstancias levar ao poder o partido progressista. O desassombro da nossa attitude e a intransigencia da nossa acção partidaria dobrará todas as resistencias e extinguirá todos os obstaculos á ardua, difficil, mas nobre missão, que o partido progressista é chamado a desempenhar na politica portugueza.»

Claro. O José Dias subirá ao poder succedendo ao João Franco, para *disfargar*. Depois aos filhos de Passos chegará a vez de desempenharem a sua «ardua, difficil, mas nobre missão.»

Nobre?! Nobilissima, a tirar o futuro pelo passado. Nem outra coisa se pode esperar, etc. É de cavalheiros.

Bagatellas

Não são decorridas muitas semanas, depois que o facto occorreu.

Era no Jardim Botânico. Um padre estrangeiro, de qualquer congregação missionaria, movia-se em redor da estatua do Brotero, procurando o effeito da mais bella *silhouette*. Acompanhava-o um padre portuguez, capellão conhecido, dos arredores da cidade.

A chuva cahia miuda e pertinaz; e o missionario, cada vez mais absorto, n'uma concentração carinhosa de espirito, contemplava satisfeito a obra de Soares dos Reis.

O outro, manifestamente contrariado, retirou-lhe o abrigo do guarda-chuva; e não percebendo como é que a imagem mundanal d'um profano, que não exige recitações mentaes, podesse reter a atenção demorada, desdenhosamente relaxou-o ao barão vingador da chuva. E seguiu vagarosamente caminho de Santa Anna acima.

De longe observei a peripecia caracteristica, que tem o valor d'uma synopse. E meditei n'este traço de inferioridade, que exprime nitidamente um estado de deficiencia educativa, que affecta inclusivamente as classes letradas do paiz.

No numero das disciplinas dos estabelecimentos litterarios de qualquer categoria não ha uma cadeira de historia de arte. O bacharel atravessa um mar de locubrações fuleis, de reminiscencia ephemera. Em historia sabe um rosario de anedoctas burlescas dos reis da Persia, da Lydia, da Syria e da Macedonia, etc. Conhece de boa fé as lendas mais comicas de Romulo e Remo; o concomitante rapto das Sabinas; o desfloramento de Virginia, a violação conjugal de Lucrecia e outras ignominias pornographicas de igual torpeza.

Sómente lhe não chega o tempo para a aquisição de algumas noções fundamentaes e fortificantes de esthetica, de critica e de historia de arte, pela qual as passadas civilizações se affirmam!...

Por sua vez o bacharel, assim desprovido do *sexto sentido*, entra na vida publica; é chefe de repartição, conselheiro d'estado e ministro; mas não deixa por isso de ser o bacharel d'outros tempos!...

E n'esta successão de entidades homogeneas se acha garantida a permanencia das velhas formulas da educação de ha cem annos. A substancia do ensino immutavel é transmittida hereditariamente, como as mumias veneradas!

Todas as tentivas de reforma não vão além da superficie; e a falta de succos alimenticios da educação portugueza deu isto que por ali se vê: uma sociedade sem energia e sem convicções, lymphatica e covarde, a cahir de debilidade e de crapula!

Para restaurar a constituição d'um povo moralmente definhado pela anemia e pelos excessos da masturbação d'uma politica de pussilanidades e de perfidias, que dura ha cincoenta annos, a unica causa a fazer, depois da extirpação radical das causas viciosas, seria submettel-o ao regimen de uma instrução praticamente util e sadia. O mal é fundo, e a cura teria de ser rigorosa, paciente e longa, de prescripções severas e medicamentos amargos.

Esperar n'esta atmospheria infecciosa robustecer com sangue vermelho e novo este corpo derrancado de orgias e de deboches, só os *ingenuos* o concebem. Suster, porém, os progressos

rapidos do mal e adiar o desenlace da crise pela attenuação dos agentes morbidos, poderiam tental-o os homens que a todo o custo se empenham na manutenção d'esta estúpida carcassa, que se sustem pela mentira e pelo apoio reciproco dos interesses conservadores.

A preparação intellectual do clero pela preponderancia que de ordinario exerce sobre as populações ruraes seria um problema bem digno de attenção, para que fosse uma força verdadeiramente util no mecanismo social.

Na maior parte dos vandalismos da arte, que tem escandalizado a opinião publica, apparece sempre o padre, ou o engenheiro!

Pela sua posição especial, os parochos esclarecidos seriam outras tantas sentinelas, com os quaes se deveria contar n'uma vasta organização artistica, que, cedo ou tarde, terá de ser levada a effeito.

Poderiam ser elles os mais fervorosos e prestadios defensores das raridades historicas e monumentos d'arte, como tantas vezes têm sido inconscientemente os mais damnhos e calamitosos instrumentos de destruição.

Ha annos, alguns bispos tiveram a ideia feliz de annexar ao quadro do ensino nos seminarios um curso de historia de arte. A iniciativa foi cairosamente acolhida e com tanto mais justiça e louvor, que era a acção ecclesiastica a abrir os olhos aos reformadores da instrução secular, que incendem todo o ardor das suas controversias sobre a vantagem de mais *linguas mortas* ou menos *linguas mortas* na marcha utilitaria da civilização!...

Nos seminarios de Portalegre e Faro a innovação vingou; e em Beja esta disciplina é lida pelo proprio prelado diocesano.

Em outros talvez surgissem obstaculos insuperaveis: o projecto ficou de remissa.

A.

Nomeada administrador fiscal da companhia dos phosphoros a rica prenda do ex.º sr. conselheiro José d'Azevedo.

E não querem que o publico se queixe das caixas trazerem poucos phosphoros!

Entende o jornal do Navarro que o ministro da guerra fez bem demittindo o sr. Ribeiro Coelho de professor do Collegio Militar. Nós achamos que fez mal. E a esse respeito seja-nos permitido admirar a *ingenuidade* d'alguns jornaes progressistas que dizem: «A demissão do secretario da Universidade foi uma indignidade, mas a do sr. Ribeiro Coelho! Ah! essa é caso mais serio! E' maior a infamia!» Não sabemos porque ha de ser mais grave a demissão do sr. Coelho. Só se foi por elle ter, segundo a sua declaração, pronunciado um discurso anodyno e o nosso querido amigo dr. Coimbra ter feito declarações categoricas, obedecendo ás determinações da sua immaculada honestidade.

Só se foi por isso. Ou não?

A commissão da camara municipal de Lisboa calcula em **cinco contos de réis** a despeza a fazer com o jantar offerecido aos vereadores das municipalidades que forem assistir ás festas do centenario de Santo Antonio.

Cinco contos de réis! Muito bem, tanto mais que o povo gosta. E os operarios da camara ha duas semanas que não recebem os seus salarios. Pois que arrebatem e não perturbem as festas!

O caso da «Chantage»

Prometemos no ultimo numero da *Resistencia* fazer a transcripção do artigo publicado no *Jornal do Commercio*, relativamente ao caso Carlos de Mello. Fazemol-o hoje.

A sua doutrina é verdadeira e muito para meditar sendo publicada n'um jornal monarchico, bem conhecido de quanto se passa na politica e na finança. De qualquer outro jornal, seja elle qual for, que colloque a questão n'estes termos, transcreveremos o que disser.

E' de notar que os jornaes monarchicos, verberando, como nós o faremos sempre, o proceder do sr. Carlos de Mello, não deixam de evidenciar todos os factos que n'esta questão se passaram e que não podem por caso algum, como os que se lhe são semelhantes, deixar de ser registados.

E repudiada toda a solidariedade com qualquer individuo que pretenda deshonrar o partido republicano, aproveitamos a occasião para repellir com o maior desprezo as accusações infames que pretendam dirigir ao nosso partido, tentando fazer reflectir n'elle o acto indigno d'um desgraçado em quem não mais fallaremos desde que está entregue á Justiça.

Segue o artigo:

«Não, decididamente, o impulso da justiça tem de sobrelevar ao sentimento da commoção de ir na onda.

A maioria dos nossos collegas, movida por sentimentos de diversa natureza, cabe a fundo sobre o desgraçado, que a policia filou n'um *quet-opens* diplomatico, e já agora pretende como que tornal-o victima expiatoria de toda a immoralidade impune em que o paiz ha muito se afunda.

Não, ainda que desagrademos aos proprios que prezamos, e cuja violenta opinião na materia se não pôde explicar pela satisfação de vêr desviada a attenção e a condemnação publica para outrem, não podemos calar o nosso pensamento, o grito irresistivel da nossa consciencia.

Certamente o sr. Carlos de Mello peccou, e o seu crime é de essencia repugnante; mas o que não é licito é apresental-o como symbolo da devassidão jornalistica, onde os ha bem mais devassos do que elle, que brilham no apogeo da influencia, e que em vez de estarem, como elle, sentados no banco dos réos, antes parecem ter a cynica pretensão de tomarem logar entre os accusadores.

E com esta attenuante a favor de Carlos de Mello, que elle operou no augo da miseria (com os 20.000 réis que o sr. ministro dos negocios estrangeiros começou por lhe dar, começou elle por comprar umas botas e alimentos), enquanto que outros tem exercido a *chantagem* pela mera cobiça do dinheiro.

Como pôde o nosso prezado collega o *Seculo* escrever:

«Até agora, se se davam os casos de *chantagem* no nosso paiz, eram praticados por individuos sem nome, sem posição social, sem influencia de ordem alguma, verdadeiramente extranhos ao jornalismo. As folhas, em que exercitavam essa vil industria, não se contavam, na verdade, entre os orgãos da imprensa.»

Como pôde o *Seculo* dizer que isto nunca se viu cá?

Pois então o *Seculo* está tão desmemoriado, que se não lembra de celebradas *chantagens* exercidas por meio de violentas campanhas, em materia de heranças, contrabandos, guerras financeiras, etc., e que subitamente cessaram sem se saber por quê?

Pois o *Seculo* não viu ainda ha bem pouco tempo a demonstração expressa de um jornal collocando-se em opposição ao governo porque este não tributava determinados papeis de bolsa?

Então o *Seculo* nunca viu um jornal tão pouco atacar a companhia, e alguns dos seus redactores ou influentes entrarem depois para ella?

Então ao *Seculo* passou despercebida, nomeadamente a grande *chantagem*, cujos documentos este jornal teve já occasião de produzir, do *empréstimo D. Miguel*?

Como pôde, pois o *Seculo*, em sua justiça, escrever taes palavras?

E a *Vanguarda*, como vem ella assimilar Carlos de Mello a *Portalis* o celebrado *maitre-chanteur* do XIX Séclo?

Carlos de Mello, repetimos, é um desgraçado, que, certamente pela sua má cabeça, a miseria finalmente perseguiu, levando-o a indelicados extremos. *Portalis*, ao contrario, era um influente, um preponderante, de quem os governos tremiam, e que só cuidava de extorquir dinheiro, para viver a faustosa vida que vivia.

Mas por que é que o *Seculo* e a *Vanguarda* assim carregam a parte a Carlos de Mello?

Por falta de espirito, de justiça e equidade? Não, seja dito fora de todo o intuito offensivo, por covardia politica.

A verdade é que as folhas governamentais começam a explorar o caso Carlos de Mello, pretendendo derivar para o partido republicano a macula do desgraçado, e os órgãos republicanos, para combater a insidia, entenderam constituir-se no dever de se lançarem encarnadamente sobre o miser criminoso.

Não, colegas, é necessário ter a coragem da justiça, antes de tudo, e a justiça não consiste em carregar quem está em ferros de elle, em benefício de quem lá não está ainda, pois se ha em Portugal quem possa pôr-se em confronto com Portalis e o seu cabo d'ordens Girard, não é certamente esse desgraçado professor, cheio de talento e de saber, e que as engrenagens da vida e um mau destino arrastaram, a um tempo, á miséria e á ignomínia.

A proposito de *chantage* diz o *Diário Popular*: «Procurando-se bem ha de achar-se mais e mais caro. Até um juiz muito conhecido tem documentos curiosos a esse respeito.»

Tenha esse conhecido juiz a bondade de fallar. Não se perde nada em conhecer mais um patife.

Da *Provincia*, jornal monarchico.

«Commenta-se muito o facto de a Rainha D. Amelia não estar em Lisboa no dia 22, dia do anniversario do seu casamento.»

São questões com que nada temos. Todavia permitta-se nos observar que, em subindo o progressistas ao poder, todos os seus jornaes hão de annunciar jubilosos que a rainha passou com o rei o dia 22, 23, etc., até ao dia 35. Que em os progressistas governando até os mezes serão maiores. Prosperidades que o paiz ha de gosar!

O *Seculo* não publica por inteiro toda a poesia lida pelo rei da parodia dos estudantes, ao sergente da Escola Medica. Achamos extraordinário isto, tanto mais que o *Correio da Noite*, jornal que tambem umas vezes parece monarchico outras vezes parece republicano, reproduz em artigo editorial e em normando as quadras mais aggressivas contra a bandalheira da politica actual.

Mas não nos admiremos, que o *Jornal do Commercio*, para significar, mansosamente diga-se de passagem, que a troça dos rapazes não foi aggressiva, diz que a descreveram com o maior «desvanecimento o *Seculo*, o *Diário de Noticias* e o *Illustrado*, jornaes de maxima gravidade e cordura e absolutamente insuspeitos ao governo».

Está bem. O *Seculo* incolor como o *Noticias* e colorido como o *Illustrado* do Sergio. E' isso!

O ministro da guerra elevará Santo Antonio á patente de coronel, dizem jornaes de Lisboa.

A general é que não. Tinha de o reformar e podia intervir o Papa. A questão era mais séria.

Parte no dia 26 para Kiel o couraçado *Vasco da Gama*. Tocará em varios portos da França.

A Grecia, quando a convidaram para a festa disse que não podia gastar dinheiro em folias pois precisa de applicar o seu dinheiro, que não é muito, convenientemente.

Nós porém, que eatamos podres de ricos, mandamos o couraçado á festa e não enviamos mais navios porque os não temos. Aliás iria uma esquadra. Que em se tratando de fazer figura não pensamos nos calotes. Santo paiz! Santa pouca vergonha!

Partido republicano

A comissão republicana de Penacova, eleita no domingo, 19 do corrente, ficou assim constituída:

Effectivos—Dr. Alipio Barbosa d'Oliveira Coimbra, medico; Alipio Augusto Leite, proprietario; José Antonio d'Almeida, ex-presidente da camara municipal e quarenta maior contribuinte; Manoel Joaquim da Silva, quarenta maior contribuinte; Joaquim Maria da Silva, proprietario e capitalista.

Substitutos—João Lopes Guimarães, ex-vice-presidente da camara municipal; Bernardo Rosa d'Almeida, proprietario; Manoel Pereira da Costa, negociante e proprietario; David d'Oliveira Coimbra e João Antonio d'Almeida, proprietarios.

A comissão executiva ficou composta dos srs. dr. Alipio Barbosa e Alipio Leite.

A reunião foi concorridissima, estando todos animados da melhor boa vontade para acompanharem os trabalhos da comissão municipal de Coimbra. Assistiram á reunião dois delegados d'esta comissão, que expozeram o plano da organização do partido republicano, iniciado pelos nossos distinctos correligionarios do Norte.

A comissão, como se vê, ficou composta de cavalheiros respeitaveis, quer pela sua posição quer pelo seu character. Causou, como não podia deixar de ser, enorme impressão em todo o concelho e o partido republicano licita-se por ver alistarem-se debaixo das suas bandeiras novos combatentes, enojados da nefasta politica monarchica.

Entre os que assistiram á reunião, vimos um ancião de 80 annos, que ha annos não vinha a Penacova, João Guimarães, soldado das luctas liberaes mas que, vindo para que serviram essas luctas, se alistou de ha muito no nosso partido.

E' um exemplo a seguir. Para a organização d'esta comissão trabalharam com verdadeiro empenho os srs. dr. Alipio Barbosa e Alipio Leite, dois nomes que se impõem á consideração de todos.

Tivemos occasião de abraçar o nosso amigo e valente correligionario José Antonio d'Almeida, pae do nosso collega Antonio d'Almeida.

Felicitemos-nos com os nossos correligionarios de Penacova, pela formação da sua comissão municipal.

A comissão municipal republicana de Vizeu ficou assim constituída:

Effectivos—Dr. Antonio Corrêa de Lemos, medico; Dr. José Lourenço de Mattos Leitão, advogado; Alfredo Xavier de Sousa Lobão, proprietario e negociante; Antonio da Silva Sequeira, cirurgião-dentista e proprietario; Serafim Lourenço Simões, proprietario e mestre d'obras; Virgilio Botelho, negociante; Bernardo Ribeiro de Sousa, pharmaceutico.

Substitutos—Antonio Alexandre de Campos, proprietario e industrial; Antonio José Alves, proprietario; Silverio Regalla Themudo, professor d'ensino livre; Francisco de Figueiredo Lacerda, proprietario e alfaiate; Manuel Hippolito Ferreira, proprietario; Antonio Marques Guedes, negociante; Herculano Beirão, negociante.

Comissão executiva—Dr. Antonio Corrêa de Lemos, Alfredo Xavier de Sousa Lobão, Bernardo Ribeiro de Sousa.

Vidigueira:

A comissão republicana ficou assim composta:

Effectivos—Pedro de Sequeira e Sá, Francisco Antonio Ramalho, Sebastião Rodrigo Ramalho, Antonio Francisco Pinto e José Romão Garcia.

Substitutos—Emygdio Antonio Ramalho, Alvaro Xavier do Rego Rosa, Antonio Jacintho Jorge, Antonio Maria de Mira e Pedro Covas.

Os tres primeiros constituem a comissão directora, sendo o primeiro como presidente, o segundo como secretario e o terceiro como thesoureiro.

Ervidel:

A comissão parochial ficou assim constituída:

Effectivos—Antonio do Nascimento Sant'Anna, vereador e proprietario; Luiz do Monte Saraiva, proprietario; Manoel Alexandre Ribeiro, proprietario; Gervasio Martins Mourão, proprietario; Jacintho Balthazar Salles.

Substitutos—João Ignacio dos Santos, artista; Manoel Leão de Sousa, proprietario; Antonio Jacintho Jordão, commerciante; Manoel João da Silva, proprietario; Luiz Antonio da Costa, proprietario.

Assistiram á eleição mais de duzentas pessoas.

Paiva:

Ficou assim constituída:

Dr. Serafim Martins dos Santos, medico e proprietario; Manoel Soares de Pinho, proprietario; José Duarte Cerdiera, capitalista e proprietario; Alfredo Augusto Ribeiro, negociante; Julio Stretch de Vasconcellos, proprietario e jornalista.

Para a comissão foram eleitos os srs. Manoel Soares de Pinho e Julio Stretch de Vasconcellos.

LITTERATURA E ARTE

NASCER D'AMOR

(FRAGMENTO)

Muito depressa ia! Nem sentia a relva, que ha pouco acariçara o olhar d'Elle, e toda a tremer ainda de vida se levantava a morder-lhe os pés de inveja.

Ella já mais perto, muito devagar, falava a todos os arbustos, deixando-se abraçar pelos seus braços delgados em que corria forte o sangue da primavera, mergulhando o rosto nas flores que lhe estendiam os labios, como bocas de creanças a estalar de beijos perfumados.

Iam já a par e as suas mãos pendentes encontraram-se e fugiram-se levando marcada n'uma impressão do fogo, a impressão da carne.

Acabava o caminho a costear o monte, e o vento fresco e livre atirou os cabellos d'Elle sobre a bocca do Pastor. Elle ficou parado e mudo, os labios abertos, os dentes cerrados, as narinas a sorverem fortemente o perfume secco dos cabellos d'ouro d'ella.

E as suas mãos uniram-se n'um movimento brusco e forte, palma contra palma.

O vento corria ao longe vivo e são e dos labios verdes da folhagem cahiam os beijos a tremer.

Todo o campo parecia mais leve levantar-se a crescer, e ao cimo da relva setinosa e tenra como a barba a nascer dos adolescentes, parecia nadar o soro da terra na mancha branca e dourada dos malmequeres.

Olhou-A, a medo.

O olhar d'Elle, humido e azul, tinha o brilho fugidio d'uma saphira a dissolver-se. Elle desviou o olhar triste, com pena, talvez lhe tivesse feito mal!...

Ao fundo alastrava então o poente em nuvens vermelhas e a terra indecisa parecia continuar-se, ceu dentro, em montes cõr de rosa e azul.

Ficaram-se mudos e parados, as mãos dadas, o olhar perdido ao longe a caminhar a par pelo paiz melancolico da tarde...

Do Campanario d'Aldeia a fluctuar branco no nevoeiro azul dos povoados pequenos ao entardecer voaram ave-marias, e elles desataram as mãos para rezar...

—Boas noites, disse Ella.
—As mesmas lhe dê Deus.
—Tão branco aquelle espinheiro.
—Um espinheiro, onde?
—Alli...

Ella depressa subiu o rochedo a cortar-lhe um ramo e Ella foi-se a andar devagar, sorrendo longamente o halito perfumado das flores que elle apanhara.

Que linda flor azul, aquella? É azul não é? dizia ella debruçando-se sobre uma fenda negra aberta a pique na terra.

O pastor mal olhou, e largou o corpo encosta abaixo. Ella medrosa, agarrou-lhe o braço; mas já elle lhe offerencia a flor azul e pequena como o timido olhar d'ella.

Puxou-lhe o corpo forte que veio humilde, e encontraram-se os seus labios n'um beijo breve perfumado e leve como a caricia da flor do espinheiro.

Começaram a andar mais juntos e mais tristes na saudade d'aquelle primeiro beijo. Os passos mal se ouviam, que soavam alto os corações, a bater fortes e timidos como o das aves prezas.

—Já tão tarde! O que dirá tua mãe?!

A mãe, nunca elle a conhecera! E ella arrependida beben-lhe n'um beijo as lagrimas tristes dos olhos e fugiu, encosta abaixo.

Elle ficou-se, como se tivesse acordado, triste do ultimo beijo, parado, a recordar-se de tudo o que passara e havia de fugir-lhe, como os sonhos bons de que quizera lembrar-se sempre e se iam, mal elle acordava de todo.

Já se não via...

E elle voltou colhendo as flores que Ella pisara.

Que diria S. João de tanta demora? Se sabia que se perdera o seu cordeirinho branco ficava com certeza de mal com elle. E era tão tarde, tinha que andar antes que chegasse á capella!

Começava a chover. Nem o sentia, coitado. O que diria o Santo?

Ao fim do carreiro, onde começava o caminho fechado de castanheiros, parou como se encontrasse alguém. Era a sombra que fugia ao longe no fundo negro do arvoredo...

As flores que colhera pareciam tremer e chorar de chuva.

A ladeira! Estava proximo a casa. Estava accessa a lampada! Talvez S. João adormecesse. Mal chegasse a manhã, elle ia outra vez a procurar o cordeiro. O Santo tinha o somno tão pesado! Se elle o não chamasse nunca acordava.

Estava fechada a porta da capella. Já devia estar a dormir...

Olhou pela grade onde se deitava o azeite para Nossa Senhora...

O Santo dormia, o braço branco arqueado a levantar a cabeça do seu cordeirinho branco.

Tinha-o Elle levado! E elle andara toda a tarde a procural-o.

Soceguou e de repente ficou cheio de alegria pondo-se com muito cuidado a arranjar as flores, a lembrar-se do sitio em que elle as colhera e Ella as pisara. Custavam bastante a separar, algumas que se conheceram no caminho e se beijavam.

Muito socegado dormia S. João! Como era branco! Tão branco, como Ella! Era a mesma a cõr dos seus cabellos, e o olhar, agora se recordava era azul e humido como o olhar d'Elle.

Quem dera que elle acordasse!

A luz da lampada de vez emquando oscillava quasi a apagar-se de todo, e a elle parecia-lhe vêr a imagem d'Elle a fugir em claridades pela parede.

Embrulhou-se na manta quente. Como chovia! O campo fechava negro e preto, riscado de prata pela agua a cair do telhado a babar-se de chuva.

Das flores humidas subia o aroma da carne d'Elle e elle debruçou-se a aspiral-o largamente, fechando os olhos para A vêr, e adormeceu...

Dia claro! Já tão tarde. Ninguem espreitava-lhe o acordar, quieto, a cauda a bater devagarinho sobre o lagedo do alpendre.

Felizmente o Santo dormia ainda. Abriu mansinho a porta, e foi-se pé ante pé, muito devagar, enfeitar-lhe o altar de flores.

S. João acordou...

O Pastor olhava-o enternecido, os olhos rasos d'agua, sem fallar.

Não se enganára, o olhar do Santo era azul e doce como o olhar divino d'Elle.

O Santo debruçou-se, pareceu-lhe que elle ia dizer alguma cousa; mas elle voltou a cara e fugiu, deixando-lhe o altar coberto de flores.

Não era seu o segredo, não devia confiar-lho!

Sosinho pôz-se o Santo a ver as flores.

Não eram da serra aquellas, não, bem as conhecia elle do valle onde andara tanto tempo a amar.

Por isso Elle o não vira toda a tarde, por onde andaria o Pastor?

E poz-se a estudar as flores.

Tudo plantas de primavera, plantas de Valle em maio, mez do amor e de Maria, carregadas de flores tantas, de esmaltes tão variados e tão simples—sempre o mesmo desenho, o mesmo calicé cheio de pó a cair dourado dos estames rigidos a tremer mal passava o vento. Parecia que a Primavera, como um ourives que começasse a trabalhar, andara a reproduzir e a retocar a primeira forma creada, a ver se realisava o seu sonho d'artista.

Sempre as mesmas folhas verdes, enrolando-se á volta das flores, erguendo-se altas e duras, levantadas pelo sangue novo e forte da terra a arder d'amor.....

T. C.

Carta de Lisboa

21 de maio de 1895.

Ainda se falla no caso da *chantage*. Esmorecido o furor da *Tarde e Novidades*, que pretendiam envolver o partido republicano n'esta aventura miseravel, passada tambem a especie de terror indesculpavel de alguns jornaes republicanos perante as insidias monarchicas, recobrado o sangue frio e estabelecido que a *chantage* é privilegio dos jornaes do rei em muitos e infamissimos casos, começa a apreciar-se o procedimento do sr. Carlos Valbom, que tendo o incontestavel direito de se defender, foi comtudo de uma cobardia pessoal deprimente e d'uma perversidade estúpida na comedia que representou.

×

Não desculpo quem faz *chantage*, condemno sem a menor complacencia os *maitres-chanteurs*, mas não approvo o procedimento do sr. Avila.

Ha outras formas de proceder: Quando se é um homem, corre-se a pontapé o patife que nos ameaça, e quando se não tem coragem para isso, entrega-se o caso aos tribunaes sem ardis grosseiros e sem levar o culpado a consummar um crime que se podia evitar. Emfim, lá se entendem uns e outros.

Sobre este caso seja-me permitido dizer que admiro o impudor com que certos canalhas se levantam a condemnar Carlos de Mello, n'um grande alarido para fazer esquecer outros casos bem mais immundos. Tem a palavra a este respeito Silva Pinto, que conhece o mundo e sabe chicotear a tempo as vestaes com carta suja. Diz elle:

«Cous! Que de gente honesta! E como o Nyassa é gentilmente coberto pela *Provincia*! Não ha consciencias sujas, nem hediondos *respectáveis cavalheiros* suspiraveis de, ao sahirem de casa, serem entruilhados pela policia! Tudo honesto, e nobremente revoltado! E grandes generosidades: os inimigos dos republicanos dizem que não confundirão—e que lhes agradeçam—o Carlos de Mello com outros republicanos: que não julgarão por exemplo, capazes de malandricos, gordas ou magras, Rodrigues de Freitas, Julio de Mattos, Manuel d'Arriaga, Theophilo Braga, Bernardino Pinheiro, etc., etc. E' de amigos e de opulentos corações!»

Nyassa! Nyassa! Não esqueçamos isto! Olhem que a berrata dos moralistas, á conta do peitirão Carlos de Mello, perdido e espinhadado, pôde levar no bico a agua lustral para a gorda patifaria «que cumpre e urge esquecer!» *Nyassa! Nyassa!* E não percam tempo em apuros sobre a indignidade do jogador *ouca abois*; porque este Carlos de Mello passou a vida alraz de dez tostões,—assiti á episodios de tal miseria! *Nyassa! Nyassa!* E não deixemos de perguntar por isto!

Isto é a verdade, a verdadinha. Ainda para despedida d'este caso; os collegas de Carlos de Mello, no *Instituto Industrial*, abriram uma subscrição para o socorrer e o director do mesmo *Instituto*, ficou por fiador d'elle. Fizeram bem não abandonando um desgraçado muito embora tenham de, como homens honestos, censurar o seu proceder na vergonhosa *chantage*. E agora, amigos, é não deixar adormecer o caso do *Nyassa*. Vale muitas vezes os duzentos mil réis que o outro pedia ao sr. Valbom!...

×

O Dias Ferreira continúa a preparar-se para herdar o poder. Está na sua especialidade. O governo creio que o auxilia nas eleições. Ha quem diga porém que José Dias ficará logrado.

Tambem não me admiro d'isso. Nem os progressistas são tão parvos como se suppõe, nem o José Dias tão esperto como elle se julga.

×

Já sabem do que se passou na Escola Medica, a parodia dos estudantes á parada da guarda municipal na Avenida. Estimo ver estas manifestações dos academicos. Os de Coimbra recusando-se a pedir feriados ao rei, os de Lisboa recusando-se a tomar a

serio o mesmo rei. Pena é que por cá, assim como por lá, alguns peçam aos reinantes favores que humilham. Mas deixal-os. É necessario que uns sejam assim para se ver que os outros são dignos.

A troça dos rapazes foi esplendida. E se todos se convencessem de quanto o ridiculo prejudica a monarchia! Um carnaval de quinze dias, com parodias d'este genero, faria cahir o throno á gargalhada. Pensem n'isto; é mais economico e dispensa a carabina do revolucionario. Basta o guarda-chuva.

Jocelli.

Corria em Lisboa que o sr. Carlos Lobo d'Avila, por occasião do centenario de Santo Antonio pedira ao rei o perdão de Carlos de Mello. E' de coração magnanimo.

Brito Camacho

O jantar oferecido pelos nossos cor-religionarios de Beja ao nosso distincto amigo Brito Camacho teve lugar no dia 19 do corrente, tendo um caracter intimo e correndo muito animado.

São justas todas as manifestações que se façam áquelle bello caracter.

Por causa d'um artigo publicado no jornal republicano de Braga *A Patria*, foi cobardemente agredido o sr. Simões d'Almeida. Este cavalheiro nada tinha com o referido artigo. O seu auctor, o sr. Marçal d'Oliveira, tomou nobremente a responsabilidade do que escreveu. O artigo era referente á peregrinação ao Sameiro, organizada pelos patrões, em nome dos operarios, como se mostra pela circular que aquelle nosso collega publica.

Mas estes christãos de Braga acham que quem diz as verdades deve apunhar.

Pois olhem que Christo não lhes ensinou isto.

Varias pessoas dizem que a troça dos estudantes não teve significação politica. Não passou d'uma brincadeira, e, se offendeu o rei e os seus defensores, foi inconscientemente. Dado mesmo que assim fosse, o que é extraordinario é a consciencia do povo, mais ignorante que os estudantes e que diz: Aquillo é troça ao rei! Aquillo é troça ás suas ameaças de força!

Chegaram a Lisboa mais soldados de caçadores 2 que estiveram em Moçambique. Vieram todos doentes, cheios de febres, n'um estado desolador. D'esta vez ainda não tinham os carros de saude militar para os conduzirem ao quartel e ao hospital.

Em compensação lá estava a musica. O rei, tão sollicito em lisongear a guar-

da municipal e em beber *champagne* a partida das expedições, esse rei que tantas vezes se diz chefe supremo do exercito, não appareceu. Para que afinal?

Se não tiraria d'ahi proveito, se não serviria para amar á popularidade. E d'ahi quem sabe? Preparara-se para receber Antonio Eanes, o *Africano*, como lhe chama Silva Pinto.

Haverá abraços, gran-cruz da Torre Espada e outros numerós de programma convenientemente ensaiados e preparados.

Até lá, os que vão chegando quasi mortos, que arreentem!

Segundo um telegramma de New-York, o general Venemleam Quisada offerceu os seus serviços aos insurrectos cubanos que foram acceitos, procurando levantar tropas e munições para aquelles insurrectos.

A parada real e a troça d'academia

A academia de Lisboa acaba de manifestar os sentimentos anti-monarchicos da grande maioria dos seus membros n'uma *charge* espirituosa e farsante de humorismo em que, sob a forma d'uma brincadeira de rapazes, d'uma apothose alegre a um velho empregado da escola medica, os estudantes de todos os cursos da capital infligiram á celebre parada da guarda pretoriana na Avenida, e aos seus burlescos promotores o mais desopilante e expressivo dos correctivos.

N'um espalhafato berrante de hypotheticas forças, n'um desafio estúpido ao espirito revolucionario do povo portuguez o medio e rolicio senhor d'estes reinos, rodeado pela cainçada ignobil da sua camarilha, pela turba-multa dos seus validos, permittiu-se o luxo de se apresentar em plena Avenida, aos olhos extaticos do seu povo, a galardoar, com uma medalha d'ouro, um pobre cabo da municipal, da fidelissima municipal em que as instituições têm, depois do Sergio, o seu mais valioso esteio, os seus mais firmes defensores.

Os intuitos ignobeis d'esta especulação eram frisantes e claros.

Frisante e clara a troça com que a academia de Lisboa acaba de a vergastar.

Senão vejam:

Peloiões de todas as escolas, fardados a capricho com barretinas de papel, armados aguerridamente com coheres de pau e cavalgando paus de vassoura, fogosos e indomaveis, desfilaram, disciplinados, ante um rei de faces rosadas e barba loira, que, rodeado de marchaes grutescos, cheios de commendas e penacharias, passou revista ás tropas e, no meio d'um quadrado bellico, entregou a um pobre servente da escola, honrado velhote, querido dos rapazes e sem sopeiras na biographia, uma medalha d'ouro commemorativa d'aquelle dia festivo e de pandega.

O D. Carlos, na Avenida, deitou falla ao cabo, na prosa mazorra das portarias officiaes; o rei da festa, mais espirituoso e grammatical, apostrophou, no pateo da escola, o servente com estas quadras engraçadissimas:

Ser ou não ser honrado eis a questão!
Se fôras um patife, pobre velho,
Já era tua a carta de conselho
E tinhas no Nyassa concessão.

Porque és um bom, immaculado e lonto,
Não tens o monopolio do tabaco
Nem o das iscas, nem do lume prompto,
Nem tens um chalézinho no Bussaco.

Não és banqueiro de poder immenso,
Nem ao menos fallido ou emprezario;
Nunca falaste aos peixes, meu Lourenço,
Por isso não terás um centenário.

E és mais santo que os frades franciscanos;
Em nome do meu povo aqui t'a exigem!
Este nobre Lourenço ha quarenta annos
Que vive entre rapazes, e está virgem.

E's o inventor da celebre pomada
Que emenda dos carecas o defeito;
Ninguem te deu porriso a Torre Espada,
Pois bem, esta medalha põe ao peito

Podes usal-a com orgulho—é d'ouro
Em nome do meu povo aqui t'a entrego.
Como lembrança nossa é um thesoiro
E em caso de afflicção põe-se no prego.

Do fundo d'alma um viva agora arranco,
O' de Esculapio exercito aguerrido!
Mas não vão dizer nada ao João Franco
Que pôde ser o velho demittido.

E, como final caridoso e útil a esta tarde folgazã, os rapazes cotisaram-se para dar um alegrão pecuniario ao heroe da festa, que, commovidissimo agradeceu a manifestação grandiosa de que era alvo.

Já não precisavamos mais affirmações rasgada e altivamente anti-monarchicas da Academia Lisboense, para avaliarmos da inconcussa hombridade e independencia de caracter da mocidade portugueza; mas esta *charge* violenta contra os dispausterios dos nossos governantes, e em que a velha chalaça nacional se expandiu livremente, enchendo de sympathia e de respeito pelos que assim se revoltam contra as infamias e ineptias d'um desmanchar de feira nojento.

E continua a campanha do ridiculo. Goube agora a vez aos alumnos da escola industria! Rodrigues Sampaio que fizeram segunda feira uma grande parada para condecorarem uma velha gata que tem doze annos de serviço raticida na escola.

A gata, que é preta com malhas brancas, foi trazida triumphalmente pelos alumnos do terceiro anno, recebendo no pescoço uma medalha de cobre.

Houve muita risada e muita alegria pela forma como os estudantes parodiaram a celebre parada da Avenida, que está aqui esta a passar aos dominios da opereta.

E ainda ha quem se atreva a vir a publico com a popularidade das instituições e com o respeito que lhe consagra o povo honesto e intelligente. Farçantes!

apenas uma hora de dia aos vencedores.

O exercito francez avançou sobre a estrada de Mons, cheia de inimigos em fuga.

A companhia de Henrique Lenoir acampou juncto das casas do arrabalde. As primeiras palavras que Henrique pronunciou foram:

—A Belgica está livre!
—Cadet diz:
—Morro de fome!

Devorou a ceia, deitou-se e só acordou no dia seguinte, para entrar victorioso em Mons.

A's portas da cidade, os magistrados e os cidadãos vieram saudar a Revolução aclamando o general e o seu exercito. Offereceram uma corça de carvalho a Dumouriez e outra a Dampierre.

Durante a marcha, Henrique disse a Cadet:

—Cabo, é preciso applicares-te mais uma hora por dia á escripta; eu venho do quartel general: acabas de ser promovido a tenente.

III

O ACAMPAMENTO

Jemmapes libertou a Belgica. De hoje para o futuro a nova Republica franceza, tinha por vizinha e aliada uma nação independente, prompta a seguir a sua sorte. Quando os magistrados de Bru-

O «Seculo»

Ha tres dias que não recebemos este periodico.

Lemos a descripção do fuzilamento do tenente Gallego. Que bravo e valente homem!

E o heroe Martinez Campos ainda teve a coragem de explicar o motivo porque assignou a sentença de morte do infeliz official.

Maldito Martinez Campos! Que sobre a sua cabeça caiam todas as maldições da viuva do fuzilado e que elle ensine aos seus filhos como se vingam a memoria d'um paes assassinado. E quem sabe? Talvez ella perdê!

Talvez ella queira dar-nos a consoladora ideia de que n'este mundo nem tudo é infame.

Fallecimento

Victima d'uma doença crudelissima acaba de fallecer em Lisboa a ex.^{ma} sr.^a D. Mariana Lence Vieira, mãe virtuosa e extremosissima do sr. conselheiro Custodio Borja, padrao do nosso querido amigo e scintillante collega João de Menezes.

A enlutada familia e em especial ao nosso amigo João de Menezes a expressão sincera do nosso profundo pezar.

Está em Coimbra, com sua ex.^{ma} esposa, o sr. dr. Antonio Luiz de Freitas, dignissimo delegado na Povoia do Varzim e irmão do nosso querido amigo e collega João de Freitas.

Cmprimental-o.

Realizou-se no domingo passado a eleição dos corpos gerentes da Sociedade Philantropico Academica, sendo reeleita quasi na sua totalidade a actual direcção.

Bom foi, porque só a ella se deve o estado florescente d'esta sympathica instituição.

Ficou assim composta a direcção.

EFFECTIVOS

Dr. Julio Augusto Henriques
Luiz dos Santos Viégas
Augusto Cymbon Borges de Sousa
José Figueira d'Andrade
Antonio Vellado da Fonseca.

SUBSTITUTOS

Dr. Antonio José Teixeira d'Abreu
Antonio d'Almeida Dias
Manuel F. da C. Amador Valente
José Cardoso de Menezes Martins
José Leite Nogueira Pinto.

DELEGADOS

EFFECTIVOS

José Aureliano de Paiva Pinheiro
Jayme Constantino Fernandes Leal
D. Vicente Zarco da Camara
Antonio de Padua
Joaquim Antonio Lopes de Castro

Francisco Antonio de Paula
Manuel de Mello Nunes Giraldes
José Maria Joaquim Tavares
José Carlos de Barros
Francisco Casimiro Pinheiro Torres.

SUBSTITUTOS

Arthur Braga
Joaquim Pedro Martins
Antonio Pinto d'Albuquerque
Carlos Alberto Lopes d'Almeida
José Maria d'Oliveira Mattos Junior
José Augusto Rodrigues Ribeiro (padre)
José Guilherme Pacheco de Miranda
José Augusto Diniz (padre)
Antonio Pessoa de Barros Gomes
Miguel Tobin de Sequeira Braga.

Reuniu na segunda feira passada a congregação da faculdade de Medicina, resolvendo que o ponto nas aulas tivesse lugar no dia 1 de julho, e que os actos começassem no dia 5.

Designou tambem o dia 20 para um exame de dentista.

Em congregação da faculdade de direito, reunida hontem, resolveu-se que os actos principiassem em todos os cursos da faculdade no dia 31 do corrente mez.

Ficaram assim constituídos os jurys.
1.º anno, drs. Albuquerque e Amaral, Avelino Callixto e Alves Moréira;
2.º anno, drs. Emygdio Garcia, Sanches da Gama e Frederico Laranjo;
3.º anno, drs. Assis Teixeira, Lopes Praça e Guimarães Pedrosa;
4.º anno, drs. Emygdio Garcia, Fernandes Vaz e Chaves e Castro;
5.º anno, drs. Avelino Calixto, Paiva Pitta, Henriques da Silva e Dias da Silva.

Os actos do 1.º anno principiam ás 8 horas; os do 2.º ao meio dia; os do 3.º e do 4.º ás 9 horas e os do 5.º ás 10 horas.

Bibliographia

Recebemos o numero 6, 7, 8 e 9, da *Revista de Medicina e Cirurgia* cujo summario é o seguinte:
Congresso nacional de Tuberculose: notas e informações.
Agradecemos.

Gratidão

O abaixo assignado vem mais uma vez tornar bem publico o testemunho da sua inolvidavel gratidão, para com o distincto professor da Universidade o ex.^{mo} sr. dr. Joaquim A. de Sousa Relfois, que, como clinico da Santa Casa, o tem tratado e a seus filhos em as suas prolongadas doenças, com incedivel zelo e muito carinho; pehoradissimo receba s. ex.^a o meu profundo reconhecimento.

Coimbra, 16—5—95.

José Alves Miranda.

27 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

II

JEMMAPES

Avançam com Dampierre á frente, destroçam os batalhões inimigos, entram com elles nos dous reductos.

Dumouriez, que chegava a galope, parte para o centro e dirige com o duque de Chartres, a massa dos combatentes que deve apoderar-se das alturas entre a esquerda e a direita do seu exercito.

Ora avançam, ora recuam. As linhas rompem-se e recompõem-se. O primeiro ataque é repellido; o segundo é já bem succedido, e os Francezes sobem aos reductos fazendo degraus dos cadaveres.

A batalha, ganha na esquerda e no centro, fica indecisa á direita, onde o duque de Saxe, acaba de reunir os seus melhores soldados e a sua poderosa cavalleria. Restam-lhe tres seductos: é lá que elle se fará forte.

Dumouriez avança de novo com o seu cavallo para a direita. Encontra tudo

immovel. Ambos os exercitos estão inactivos. A noite está proxima.

O general em chefe percorre as fileiras dos soldados de Paris. Falla-lhes; garante-lhes que os conduzirá á victoria.

—Quereis seguir-me?
—Sim! Sim! Viva Dumouriez! Viva o nosso pae!...

N'este momento os esquadões austriacos dão uma carga.

Os velhos soldados do campo de Maulde cruzam baionetas para a receber. Os batalhões parisienses, ao centro, esperam a carga, fazendo pontaria ao peito e á cabeça dos cavallos, repellem o ataque. As brigadas, fuzillam os esquadões que se movem ao alcance das suas pontarias. A cavalleria franceza avança por sua vez. As encostas estão livres: pôde dar-se o assalto.

Dumouriez apeia-se. Com os velhos soldados e com os voluntarios forma uma columna, colloca-lhes aos flancos os caçadores e os hussars; entea a Marselheza, que é repetida por os filhos de Paris.

O canto abafa o troar do canhão, os homens enthusiasmam-se e os cavallos ganham fogo. Os voluntarios arremetem á baioneta calada para os reductos. O fumo espesso da polvora envolve tudo. Ao fogo vivo dos dois exercitos, succede um combate corpo a corpo, silencioso e desesperado.

Eram quatro horas da tarde. Restava

frente de 60:000 homens, para reconquistar a Belgica. Para lhe fazer frente, havia apenas dois generaes sem talento, sem bravura, e bandos de voluntarios desmoralizados pela inacção durante o inverno. Dumouriez era o unico que podia reorganisar o exercito, e deter o inimigo. Abandona a Hollanda e volta á Belgica, onde é derrotado. Fica tudo em desordem; o exercito francez destroçado encontra-se nas fronteiras da patria.

A 2 de abril de 1793, ao meio dia, uma carruagem de posta parou á porta de Dumouriez, na pequena cidade de Santo Arnaud, onde elle tinha estabelecido o seu quartel general.

Cinco homens desceram da carruagem: O ministro da guerra Beurnouville, os convencionaes Camus, Lamarque, Baucal e Quinette. Vinham trazer ao general um decreto que o chamava a Paris, para dar explicações á Assembléa a respeito dos seus planos.

Dumouriez apresenta a sua demissão.

—Quando a tiveres dado, que fareis? pergunta Camus.

—O que me agradar!
Discutem durante muito tempo, Hussars allemães e alsacianos estavam a cavallo deante da porta.

Os deputados intimaram pela ultima vez o general a obedecer.

(Continúa).

RESISTENCIA

N.º 28

COIMBRA — Domingo, 26 de maio de 1895

1.º ANNO

Commissões municipais

A organização do partido republicano continúa rápida, incessante e seguramente.

Multiplicam-se as commissões concelhias, estende-se a organização ás parochias, procede-se em toda a parte ao recenseamento dos cidadãos republicanos.

Dentro em breve será constituída a commissão de Lisboa, em que entrarão elementos de valor pela sua intelligencia e saber, pela sua elevada e independente posição social e, sobretudo, pelas suas tradições immaculadas de acrysolado civismo e probidade.

Formadas as commissões em numero sufficiente e chegada a oportunidade para a eleição de um directorio definitivo do partido, proceder-se-ha a esse acto e continuará a propagação — feita certamente por monarchicos e republicanos — e ao mesmo tempo a elaboração organisadora, de modo que em todas as cidades, villas e aldeias se complete a selecção dos cidadãos mais patriotas, mais competentes e mais dignos.

É esta, no actual momento, a missão mais importante no partido republicano: selecção, ou antes, segregação dos melhores caracteres, congregando-os para um fim commum — a salvação da patria pela inauguração de uma verdadeira vida nova.

Programmas, questões doutrinaes, soluções de intrincados problemas politicos, financeiros ou economicos — para depois. Antes de tudo selecção dos melhores, dos que mais valem socialmente. Agrupados esses, d'elles brotará o melhor governo, a mais conveniente resolução das difficuldades nacionaes, a normalidade evolutiva, que a monarchia invertiu.

Sob diferentes aspectos é semelhante ao estado social e politico da Prussia nos primeiros annos d'este seculo, a situação em que nos encontramos hoje. Também lá houve tentativas de *absolutismo illustrado*; também por lá existia, assim como por toda a Allemanha, o *particularismo*, o excessivo egoismo, que produz a indifferença politica. As formidaveis sovas que Bonaparte applicou a essa sociedade sem patria, despertaram o sentimento da collectividade, como hoje o estão despertando entre nós, a quasi um seculo de distancia, as affrontas, as exigencias, as espoliações dos estranhos e a miseria propria.

O despotismo deu á Prussia lena; o patriotismo, o levantamento nacional deu-lhe a victoria sobre Bonaparte nos campos de Waterloo.

A monarchia, entre nós, de envolta com as suas facções a um tempo corruptas e corruptoras, isolou-se da nação, constituiu-se em corpo estranho cravado violentamente no seu organismo. Resultado, o que se está vendo: o paiz, buscando em si proprio, por sua exclusiva iniciativa, os meios de se libertar da monarchia, salvando a sua existencia e recuperando a integridade e a normalidade das suas funcções.

É esta a significação do incremento enorme do partido republicano, partido essencialmente nacional, que em breve absorverá os mais valiosos elementos d'essas facções, as quaes, pela sua propria incapacidade e impotencia, se dissolvem dia a dia, como todos os aggregados a que faltam favoraveis condições de meio.

É complexa e difficil a missão das commissões municipais republicanas.

Conquistar adhesões é facil empreza, quando ha patriotismo, profundas convicções e dedicação partidaria. Porém nomes em evidencia é mais difficil. Ha sempre mil teias de aranha para os espiritos timoratos e de que não é facil desentrelhar-os. Manter as adhesões conquistadas é negocio de muito tacto e principalmente de suggestão pelo exemplo. É preciso que cada membro de uma commissão republicana seja o primeiro a dar a lição do mais puro civismo, de sã e rigorosa disciplina. Assim mantêm-se as posições adquiridas, conquista-se novo e mais vasto terreno.

Por isso o directorio tem tido o maior cuidado possivel e sempre manifestado o empenho em que, para as commissões concelhias, os seus correligionarios escolham cidadãos queridos e respeitadas pelas suas puras tradições democraticas, pela sua coherencia politica e pela sua honestidade, qualidades de superior influencia moral á que exclusivamente deriva da abastança ou da riqueza.

Além de promoverem a propagação republicana angariando proselytos e a organização do partido, formando as commissões parochiaes, as commissões concelhias terão ainda um espinhoso encargo a desempenhar, se a administração publica — o que é mais que certo — contiver a precipitada dissolução, que inevitavelmente nos arrastará uma tremenda catastrophe — a banca-rotta e consequente revolução da fome.

Então o partido republicano terá de salvar este paiz, a um tempo, da anarchia e das garras do estrangeiro. Verdadeiras *juntas de salvação publica* terão de refrear os excessos das multidões sedentas de justiça e de vingança e ao mesmo tempo de organizar rapidamente a defeza contra os inimigos externos.

Mas pode bem ser que um quasi geral consenso transforme a vida politica d'esta sociedade sem grande abalo, sem cruéis violencias. Não mudou o Brazil em poucas horas as suas instituições politicas, sem effusão de sangue? Não fez outro tanto a Hespanha em 1873 e a França ao ter noticia do desastre de Sédan?

Neste caso ainda as commissões municipais têm um grande dever a cumprir: limpar as administrações locais da chuзма de galopins que as infestam, especie de moimantas que, ao passo que exploram por mil variadas artimanhas o publico nas suas relações com as auctoridades, recebem gordos subsidios e gratificações de todos os governos e dos candidatos aos cargos electivos, pelas tratantadas que põem em pratica nas chamadas luctas electoraes.

É uma limpeza necessaria, inevitavel, instante.

Se houver a choradeira do costume pelos «desgraçados que ficam na miseria, as familias sem abrigo e sem pão, os sagrados direitos adquiridos, etc., etc.», a resposta é simples e breve: na miseria têm sido lançadas familias aos centos, por causa d'esses gauderios; na miseria, por a acção dissolvete d'esses e d'outros que taes — que equal destino terão assim que um governo justo e de pulso tome conta d'este paiz — têm sido precipitados milhares e milhares d'infelizes, trabalhadores honestos e bondosos que tiveram de trocar a terra da patria pela do exilio, onde tantos soffrem in-

clencias dos homens e do clima, e onde tantos morrem extenuados, longe do amavel trato da familia e do aconchejo do lar domestico; na miseria, no descredito e na deshonra foi precipitada esta nação, por todos os seus maus funcionarios, pela infame galopagem das suas auctoridades. Direitos adquiridos também os tem o paiz, e o primeiro, a todos superior, é o de escolher para o servir quem melhor preste, quem mais valha, e de expulsar dos cargos publicos quem não soube, ou não quiz, desempenhar bem os deveres que elles impõem.

É preciso que todos se convençam de que o Estado não é uma entidade providencial, um tutor e muito menos um asylo. O Estado é uma machina, simplesmente. Todas as suas peças devem ser o mais bem adaptadas possivel ás funcções que têm a desempenhar. O Estado, *pae de todos*, com os seus anachronismos decorativos, é um trambolho, um embaraço ao progresso humano, uma coisa a deitar fóra. Nem empresario de festas, nem asylo de parasitas, nem — isso então muito menos — protector de malandros. Por fórma nenhuma.

Ora ás commissões concelhias cabe em grande parte essa missão depuradora. Quem não prestar, ou fóra de mais, tenha paciencia, vá para a rua, procure outro modo de vida. Quem tem letras e tretas, nunca lhe faltará em que empregar o tempo e ganhar para comer. Os bons, os de prestimo, os susceptivos d'emprego — *hã de receber os seus bens* — nada tem a recear.

Só assim a administração publica de Portugal entrará nos devidos eixos; só assim deixaremos de ser tidos no estrangeiro como um povo sem governo, sem disciplina, sem brio, incapaz de satisfazer honradamente os seus compromissos e de progredir sem a intervenção violenta dos estranhos.

Pensem bem as commissões municipais na missão que têm a cumprir, imposta pelas circunstancias afflictivas da nossa patria, e pensem bem os nossos correligionarios das terras onde essas commissões estão por formar na tremenda responsabilidade em que incorrem, se não fóra o mais escrupulosa possivel a escolha que fizerem.

Relevem-nos a ousadia do conselho; é de quem, por dever do cargo e por disciplina e dedicação partidaria, tem obrigação e necessidade de lh'o dar.

H. F.

O nosso artigo editorial

Do nosso estimado collega de Lisboa a *Vanguarda*, transcrevemos o excellento artigo «commissões municipais» devido ao nosso distincto correligionario dr. Horacio Ferrari, membro da commissão provisoria do partido republicano de Lisboa.

Com a doutrina do artigo transcripto hoje, concordamos absolutamente, pois é e têm sido sempre a doutrina do nosso jornal.

Diz a *Provincia* que o governo em se lhe acabando o dinheiro dirá adeus ao rei. E accrescenta o referido jornal que n'essa occasião o caso ha de ser fallado.

O fallatorio já nós sabemos qual será. Deve ser o mesmo que houve por occasião do casamento do D. Carlos. O Fontes cahiu por não haver dinheiro e os progressistas que o substituíram no poder arranjaram logo mil contos de réis para as festas.

Está na historia do reinado do sr. D. Luiz I.

A queda da Monarchia

Para que em Portugal a monarchia se mantivesse, era necessario que fosse auxiliada por algum d'estes elementos: o respeito do paiz pela tradição real, a sympathia pessoal inspirada pelo rei, ou alguns homens de Estado cujas qualidades moraes e politicas podessem exercer predominio no espirito do povo.

Ora o respeito pela tradição monarchica não pôde servir já, não só porque o argumento dos muitos seculos de existencia já hoje pouca força tem para manter qualquer instituição, mas porque a verdadeira monarchia que podesse fallar á imaginação do povo e estivesse com elle identificada, a monarchia onde o rei fosse tudo, desapareceu completamente. Existiu em quanto teve de existir.

Quando acabou essa monarchia perdeu-se a noção do poder real. Ficou uma phantasmagoria banal de theatro de feira, com um rei tolerado, sem poder ser tomado a serio nem pelos democratras, nem pelos realistas puros, sonhadores d'um passado que já mais voltará. Em Portugal um rei serve-se da Carta para ser absoluto e tropeça na Carta quando quer ser despota. De maneira que embrulhado no papel Constitucional, ora apparece o rei fufibundo atravez um rasgão, ora desaparece quando se volta uma pagina da Carta. Tudo depende do rei ter um cordeiro. Em geral o rei é sempre feroz na sua basofia absolutista. Feroz e ridiculo.

Vejam os agora se o rei actual pôde inspirar sympathias pessoaes. Não pôde. Primeiro, porque não é sincero nos seus actos. Tudo quanto faz é estudado e mal estudado. Diz os papeis tanto de côr e sem expressão que logo se descobre o mau actor. Uns dias, olhando para a Allemanha, vê aquelle imperador intelligente e maluco, cheio de sonhos guerreiros, evocando as lendas da Germania, á frente do seu exercito, dominador e brutal, pretendendo intervir em toda a vida do povo allemão, tentando resolver todas as questões, invadindo a esphera dos problemas mais arduos. E então, querendo imital-o, aqui temos o sr. D. Carlos sem poder evocar senão a memoria de D. João VI, a importunar o somno de Nun'Alvares, querendo voar mas cahindo, a fazer paradas militares com a sua Guarda Real, descontentando o resto do exercito que vê na predilecção pela Guarda simplesmente a conquista de amigos para a defeza do seu throno, contra tudo e contra todos.

Espirito guerreiro do rei? Não o pôde ter, é muito gordo para isso e pesa-lhe nos hombros toda a dynastia de Bragança frascaria como D. João V ou impotente como D. Afonso VI. E as tradições grotescas da corte d'uma Carlota Joaquina fazem desaparecer o esplendor d'uma lenda que o inspirasse e fizesse viver. Este rei é um *bon-vivant* a quem mais preoccupa um bom charuto do que uma boa lei, e que percebe tanto das condições economicas da nação portugueza como nós dos seus exercicios venatorios. Lembrou-se nunca o rei do que será bom para o paiz! Ora! Preoccupa-o mais ver n'uma tourada um bom curro, do que na politica um bom ministerio.

De quando em quando uma festa de caridade, onde se massa, e umas phrases sem grammatica nos livros de fabricas que visita.

Finge conhecer a litteratura e pro-

teger as artes. Mas faz tudo tão de sobreposse que aborrece quem o vê.

Será este homem infeliz e incomprehendido? Pôde ser. Também os genios são incomprehendidos. É possivel que d'aqui a seculos se falle nas obras d'elle, mas a verdade é que até agora ninguem as viu. E enquanto os seculos não passam, o paiz não está para o aturar.

Quanto a homens de estado manda o pudor que n'elles não fallemos. Pertence ao poder judicial informar sobre as multiplices aptidões de prestidigitadores com que na passagem dos dinheiros dos cofres publicos para as algebras suas e dos amigos, elles se têm illustrado. Homens de Estado actualmente não os vemos. O Fontes tão ornamental e papelão, occo e banal, cheio de phrases e resumindo todo o progresso d'um paiz na marcha da locomotiva, foi o ultimo d'essa geração que ainda podia illudir os ingenuos.

Hoje ha para ahi finorios como Dias Ferreira, ou arguciosos como o Barjona, malucos como o João Franco, insignificantes como o Hintze, sem senso moral como o Marianno, e ridiculos como o Navarro, pimpão de feira que bate no ar com o seu cacete ferrado, sem atingir ninguem porque recta demais.

Ora uma monarchia assim desamparada vive á mercê dos acontecimentos e a cada passo pôde cahir. Ninguem a respeita, ninguém a teme, todos os seus actos são discutidos e discutidos que se discutir a fórma de a deitar a baixo.

E parece que esse meio está descoberto. É a bella troca.

Imaginemos no dia em que o rei fosse abrir o parlamento, entrar pela sala da camara, onde estivessem ministros, deputados e pares do reino, uma *lata* parodiando a corte, discursos em que se parodiasse a rhetorica official, rapazes fazendo sobresahir o ridiculo, a ineptia, a falta de senso moral das nossas camadas dirigentes. O que succederia!

É facil de prever, a monarchia fugia espavorida como um caloiro acosado por implacaveis trocistas. Experimentem. Não corre sangue e diverte-se o paiz.

Germano Martins

Seguiu para a Guarda, em companhia de Joaquim Madureira, o nosso bom Germano Martins, que tantos amigos tem conquistado na redacção d'este jornal. Uma feliz viagem e um regresso rapido para o abraçarmos.

O «Seculo»

O nosso collega e estimado correligionario *O Povo da Figueira* refere-se com palavras de elogio ao artigo por nós publicado sobre o procedimento do jornal *O Seculo*. Agradecendo as immerecidas e amaveis referencias que nos faz transcrevemos as seguintes palavras:

«Não temos nada com o facto de os proprietarios do *Seculo* quererem tirar grandes proventos do seu jornal, pois é justo tal desejo; mas o que não podemos tolerar é que com a capa de republicano, esteja servindo unicamente os seus interesses, compromettendo o partido a que diz pertencer.»

Esta é a doutrina que todos os jornaes republicanos da provincia, que não cuidam de interesses pecuniarios, devem seguir, por bem do partido republicano.

O *Seculo* decidiu não trocar com o nosso jornal. Não sentimos.

Diario d'um rebelde

IV

Quando Danton, o corrupto imbecilado, — vá de paradoxo — de braços atados na carreta que o levava á guilhotina viu as contrações afflictivas de Desmoulins, gritou-lhe com aquella voz portentosa que mais d'uma vez arrempou a França ao campo ardente da Revolução: «despreza essa canalha que te glorificou e hoje te apedreja». Referia-se o grande caudillo á massa esfarrapada e ebria de sangue que insultava, no seu derradeiro momento glorioso, aquellas victimas da demencia revolucionaria.

É de resultados funestos e tremendos o desvairamento do povo nas occasiões agitadas em que o salvamento heroico é feito, por vezes, á custa de impulsos loucos.

Mas que importa para a critica das grandes resultantes historicas, se sem esse desvairamento nada se faz de grande e de util n'este avançar, cheio de arrancos, pelo campo das conquistas humanas, em que é do destino fatal que cada passo da humanidade abra no chão uma poça de sangue?

Vem isto a pello para testemunhar o seguinte: pobre do povo, desgraçada da raça que não é capaz de, n'um dia, ou n'uma hora, perder a serenidade calma, lançando-se ao turbilhão exasperado em que a immensidade da gloria só pôde ser medida pela grandeza vertiginosa da loucura.

Aqui está este bom povo portuguez, bondoso, mas passivo, soffredor, mas paciente até á cobardia, sem soltar um uivo a não ser de fome, sem soltar um rugido a não ser de dor, sem fazer um movimento a não ser de medo.

Fialho notou um dia, com uma verdade flagrante, que após uma serie de humilhações sem igual, elle não tinha tido um unico trejeito que revelasse uma explosão de violencia, ou fosse n'ella moções uma manifestação de des...

Lá fora por qualquer coisa, por um mero incidente que até pôde ser futil, apedrejam-se carros de pessoas celebres ou assobiam-se personalidades na emminencia do poder.

Que o diga Canovas. Que o diga no seu tumulo, que uma grande irrisão cobre, Affonso XII de Hespanha que, um dia, ao passar por Paris, soube como lá se pagam os insultos com assuadas tremendas. Etc.

Aqui nada. Notava Fialho que tudo o que figurava de violento, no periodo posterior ao ultimatum, eram os vidros da casa do Barros Gomes feitos em cacos. Assim é.

Dépois veio o 31 de Janeiro. Mas o glorioso movimento parece ter esgotado por completo a nossa energia de revolta.

Positivamente, isto vae muito bem e a monarchia escusa de ter medo. Mal empregado o tempo gasto com paradas na Avenida e outras coisas guerreiras. Este povo ainda está com muito juizo. Ainda está muito longe d'aquella loucura que levou a plebe de Paris á injustiça de insultar o Danton, mas que foi afinal a mesma loucura que fez o dia ardente da Bastilha, e que soltou para o ar a aguija da Revolução, que, mais tarde, mutilada, ainda não levantou todavia a garra de cima da consciencia dos homens, onde deixou para sempre impressa uma marca de fogo.

Positivamente só uma coisa nos salva: é darmos em doidos... Mas doidos á maneira d'aquella gloriosa canalha de Paris, nos dias medonhos que nós sabemos, — bem entendido.

Antonio d'A.

A convite da redacção do Tiro Civil, reuniram nas salas da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes diversos cavalheiros, para tratarem de organizar em Portugal, na primavera de 1896, uma exposição nacional de caça e pesca.

Foi approvada unanimemente esta ideia. Applaudimos.

É FALSO!

Diz o Tempo que os republicanos não poucas vezes terão posto a victoria do seu ideal politico acima dos interesses da patria.

Quando?

Quando impediram que se fizesse o tratado de Louraça Marques?

Quando levantaram o paiz contra a subserviência do governo portuguez perante o ultimatum da luglaterra?

Quando protestaram com a maior energia e o maior desassombro contra o tratado de 20 de agosto?

Quando accusam na imprensa todas as ladroeiros d'alguns ministros e altos personagens monarchicos?

Quando é que o partido republicano antepoz a victoria dos seus ideaes aos interesses do paiz? Diga-o o sr. Dias Ferreira!

Talvez os republicanos tivessem prejudicado o paiz, quando tiveram a ingenuidade de acreditar que o sr. Dias Ferreira poderia concorrer para salvar a patria de todas as desgraças que a affligem.

Sim! Com boas intenções procederam os republicanos quando acreditaram no sr. Dias Ferreira. Erraram a final. Mas esse erro será resgatado com a declaração de que nunca mais o sr. Dias Ferreira poderá ser tomado a serio em qualquer governo. Nunca mais o sr. Dias Ferreira poderá merecer como mereceu a nossa commiseração. O sr. Dias Ferreira é um comediante infeliz e nada mais. Todos o conhecem.

Partiu para a Guarda, onde vae passar alguns dias acompanhando sua familia, o nosso querido e bom amigo Joaquim Madureira, talentoso e alegre companheiro de redacção.

Estimamos que elle encontre restabelecidas de saude as pessoas que lhe são queridas e que nós tanto respeitamos.

Partido republicano

Angra do Heroismo: A commissão municipal republicana seguintes cidadãos:

Effectivos — Manuel Dias Pacheco, proprietario; José Maria Correia d'Avila, proprietario e industrial; Jacintho Martins Cardoso, proprietario e industrial; Joaquim Caetano Martins, proprietario e quarenta maior contribuinte; Augusto Carlos da Luz, proprietario; Francisco da Rocha Lemos, commerciante e jornalista; Eugenio da Silva Camacho, proprietario e jornalista.

Substitutos — Antonio d'Avila Gomes, proprietario e escriptor; José Francisco d'Amaral, proprietario; João Victor Valentim, proprietario e commerciante; Manuel Sabino Coelho de Magalhães, negociante; José Malhado Severino, proprietario; Joaquim de Sousa, negociante; Francisco Coelho da Rocha Gomes, proprietario.

Cuba: A commissão municipal republicana d'este concelho, eleita em uma reunião a que assistiu o nosso illustre correligionario, sr. dr. Brito Camacho, ficou assim constituída:

Effectivos — Dr. Augusto Baeta das Neves Barreto, medico; Manuel José Rodrigues Junior, procurador; Antonio Fialho Pereira Janeiro, commerciante; Joaquim Nunes Caetano, commerciante e vereador da camara municipal; Candido Amador Contreras, commerciante; Fernando Augusto d'Oliveira Motta, proprietario; José da Conceição Monteiro, vereador da camara municipal e quarenta maior contribuinte.

Substitutos — Albano Baeta Bissaia Barreto, negociante e vereador; José de Jesus Adelino, negociante; Antonio Jesuino da Silva, negociante e vereador; José Estevão Lucas d'Aguiar e Mira, proprietario; Manuel Firmo d'Oliveira Motta, proprietario; Manuel Joaquim Leiria Monteiro, proprietario e quarenta maior contribuinte; Francisco Manuel d'Oliveira, negociante.

Villa Alva: Constituiu-se do seguinte modo a commissão parochial:

Effectivos — Firmo Antonio d'Oliveira Motta, proprietario; Antonio Joaquim de Carvalho, proprietario e negociante; Manuel Jeremias Coelho, proprietario e quarenta maior contribuinte.

Substitutos — Antonio Maria Baptista, negociante; Fernando Pires, artista; Antonio Francisco da Silva, negociante.

CRUZ VERMELHA

Quando entrei ouviam-se os primeiros compassos da Cantata a Camões, enchia a sala o vôo heroico da primeira phrase — *Longe da Lysia Amada* — dita pela banda com maestria que se sustentou até á ultima nota da partitura, musica bem feita d'um largo character descriptivo, cheia da alma portugueza, cortada de cantos d'amor e gritos de heroes.

O panno desceu entre ovações aos executantes e aclamações ao sr. Ribeiro Alves, mestre da banda do 23. E bem as merecia quem conseguira reunir tantos executantes, e soubera obter um conjunto e uma execução como nunca ouvimos em Coimbra, senão nas festas do centenário de Camões.

É facil entreter o publico escolhendo *trucs* conhecidos — os clarins que soam ao longe e veem a approximar-se, o echo que lhes responde nas quebradas da serra, o canto do pastor perdido, a festa d'aldeia, fazendo executar musicas populares sem grandes trabalhos de estylisação; porque assim o publico não as conhece, — cousas habituaes e sabidas d'effeito conhecido e seguro, que todos se deliciaem a assobiar no intervallo entre uma cerveja e uma sandwich; mas não é para todos ensaiar e fazer executar, com correcção e colorido, uma partitura como a de Miguel Angelo, difficil de comprehender e de executar, complicada d'instrumentação, sempre a acompanhar e a accentuar a letra do canto.

A Cantata foi escripta por um poeta que é o nosso primeiro librettista, e que conhecia o talento de Miguel Angelo, de quem é um dos mais ferventes adoradores. O poeta fez obra para o musico, obra para ser cantada, dobrando os versos ao temperamento do maestro, por isso ella é sem duvida do melhor que produziu o talento musical de Miguel Angelo.

O primeiro intervallo, e escolheu bem o lugar que devia ter n'aquelle sarau a obra que o primeiro maestro portuguez dedicara ao Cantor do nosso passado feliz, ao soldado heroico das pelejas da Africa e da India.

O primeiro era o lugar da obra de Miguel Angelo. Bem justa a aclamação ao sr. Ribeiro Alves, que conseguiu fazer executar e ouvir com attenção esta obra portugueza, cheia de *nuances* delicadas, tão difficeis de comprehender, tão difficeis d'accentuar.

O primeiro intervallo. Na sala toda a gente que se conhece em Coimbra, em toletes de seda clara as senhoras, os homens de casaca e fardas cheias de condecorações. Pelas cadeiras e pela geral os vermelhos dos uniformes abrem risos de papoula.

O theatro cheio de cortinas de verdura presas por cordas de flores. Ao alto, no tecto, estendido em todo um grande tapete persa do seculo XVI, enorme, d'um colorido apagado e d'um desenho bizarro suspendia-se do lanternim, agarrado a festões verde-negros d'hera e descia n'uma curva lenta até ao palco, indo ligar-se ao panno de bocca e ás bambolinas d'uma côr vibrante e quente.

Pelos camarotes arcos triumphaes d'espadas e sabres em que corriam festões de flores, suspendendo colchas de seda e de damasco. Nos camarotes do centro um grupo enorme de trez palmeiras. Na varanda que corre ao longo dos camarotes festões de flores bordando as baionetas suspensas, como uma larga franja de prata. Cruzes a brilhar feitas de marmittas pregavam sedas coloridas, que desciam pegando-se em espadas ou sabres até cahirem sobre festões de flores que lhe deixavam no ar a ponte livre, a flutuar como uma bandeira.

O arco do proscenio estava decorado com flores e peças d'armamento emolduradas n'uma larga tarja de antigos tapetes persas que encobriam a frieza das paredes brancas e affinavam com o colorido do panno de bocca.

Do lado esquerdo do proscenio crescia encostada ao arco uma palmeira, cujas folhas se iam perder por cima do toldo persa estendido alto sobre a plateia. Entre as columnas do arco, adeante d'um tapete muito igual de louros e flores, uma palma de sabres a faiscar de luz enlaçava-se ao guião do regimento d'infanteria 23, de seda vermelha com o numero em caracteres brancos, erguido sobre um tropheo de tambores, espadas e cornetas.

Do meio do arco descia uma larga cortina d'hera suspendendo tambores, sabres, cornetas, cahindo n'uma curva larga adeante do panno e levantando-se depois para subir a prender-se á Cruz Vermelha que occupava o alto da parede do lado direito, crivada d'espadas em gloria e sustentando uma rede enorme, como as que nos quartéis servem para levar o pão das companhias, e que descia ao longo das columnas, se estendia, palco fora, e vinha morrer em baixo sobre a orchestra, occultando em parte n'uma nuvem de rosas um grande tropheo dourado d'armas de guerra.

Da rede cresciam sobre o palco grandes massiços de ramagem fina dos bambus.

Levanta-se outra vez o panno e no palco entram os alumnos do Gymnasio, devagar, os corpos finos cingidos por camisolas brancas riscadas d'azul, os braços nus, os olhos pretos a luzirem como brilhantes negros.

Formam-se grupos d'escadas e elles ficam-se suspensos no ar, rindo muito garotos, outros muito serios, com um ar grave que encanta e faz sorrir.

É communicativa a alegria das creanças. Se até as boccas das senhoras velhas riem quando ellas riem... No publico ciciava baixinho o riso que estalava forte com as palmas a voar no fim dos numeros.

Aos applausos, nas suas faces pallidas accendia-se e corria uma chama vermelha e pequenina de alegria.

A Ginira é um vicio delicioso, cheio d'intelligencia.

Cantou cançonetas francezas que eu não entendi, cousas de caridade talvez... Não sei...

V. ex.ª perceberam?...

É bem curto o tempo; mal se podem ver os rostos que conhecemos e gostamos de olhar.

A banda e a orchestra executaram a *marcha do propheta* e a *ouverture de Tutti in Maschera* com uma correcção que admirou. Muito justos todos os applausos.

No programma houve uma surpresa. A ex.ª sr. D. Marcellina Warnhagen cantou a *Avé Maria* de Vellani.

Figura captivante de senhora, cheia d'uma grande distincção. A sua phisnomia coroada de cabellos brancos que mais encanto dão ao seu olhar tão negro a brilhar como as gotas d'agua a luzir como os brilhantes e o velludo, á alegria do seu sorriso, á mocidade e frescura da sua voz, prendeu o publico desde a sua apresentação.

Quando terminou, soaram justos os applausos, e s. ex.ª teve de vir mais uma vez ao palco agradecer com o seu sorriso bom e captivante.

Brilhante o assalto de florete entre Antonio Martins, o nosso primeiro mestre d'armas, e Luiz Martins, um rapaz fino de olhar escuro accentuado por sobranceiras negras e espessas, face pallida, olhar penetrante, corpo d'aço, esguio e fino como a lamina d'um florete.

Os floretes encontrando-se enroscavam-se como raios de luz.

Não se desviavam os olhos de Antonio Martins muito attento, o florete flexivel, fino e intelligente como um eltro a beijar o florete do adversario.

As senhoras foram recebidas com uma triplice salva de palmas, quando

vieram cantar o *Hymno-marcha* do sr. Ribeiro Alves, manifestações que se repetiram no final e quando foram occupar os seus logares na plateia e nos camarotes.

O assalto de sabre entre Antonio Martins e Furtado Coelho foi cheio de *brio*. Furtado Coelho tem uma phisnomia alegre de meridional, sempre disposta a rir, viva, intelligente.

No assalto põe todo o vigor dos seus nervos, todo o impeto do seu temperamento, por isso o publico applaudiu entusiasticamente e chamou os esgrimistas muitas vezes á scena.

Penso que na terceira parte a Ginira cantou novamente outras cançonetas. Não me lembro bem...

V. ex.ª lembram-se?...

No dia immediato. Na sala do Hotel Bragança. Fim de jantar alegre. Abertas as janellas. Antonio Martins falla de doença, Furtado Coelho ri, na rua um reajeio moe a *Traviata*.

Alguem — Não me parece hoje domingo...

— O domingo para nós, foi hontem, dia de alegria, dia santo...

T. C.

Nyassa

Foi já apresentado o libello pedindo a dissolução da companhia do Nyassa. Dos 23 artigos de que esse libello se compõe, extrahimos, como mais importantes, os seguintes:

12 — P. que logo na escriptura da constituição da sociedade foram nomeados não só os administradores, mas tambem os vogaes do conselho fiscal, quando estas só pela assembleia geral deviam ser eleitos.

13 — P. que na mesma escriptura o conselho de administração escolheu para gerente o vogal George Wilson, que era e é estrangeiro.

14 — P. que na primeira assembleia geral extraordinaria, em que até se approvou um contracto de 16 de fevereiro de 1893, se realison, embora não appareça a acta que se lavrou, como consta de folhetos publicados ultimamente, grupos entre si divergentes a hostie do conselho de administração e do conselho fiscal, sem suggestão aos outros preceitos dos estatutos, cuja disposna na escriptura não fora determinada.

15 — P. que a lista dos subscriptores, que faz parte da escriptura da constituição, é ficticia.

16 — P. que o conselho fiscal celebrou algumas sessões em Londres.

17 — P. que a companhia Ré não tem os livros da sua escriptura irredispensaveis, e os que tem estão irregularmente arrumados.

21 — P. que n'estas circumstancias violada a lei e os estatutos, tornada anormal, anarchica e escandalosa a administração da companhia impedida ao governo fazer uso do direito, que na prevenção de casos taes foi creado pela lei de 22 de julho de 1867 no artigo 58, § unico, e mantido pelo codigo commercial de 1888 no artigo 147.

Claro que d'aqui a uns cem annos a companhia deve estar dissolvida, e dentro do curto prazo de duzentos annos terá sido feita completa justica.

Chegou a Lisboa Lord Russell, um dos individuos mais interessados no contracto inglez feito pela companhia do Nyassa.

Vem para conferenciar com o sr. Valbom. Ainda temos muito que ver.

A respeito d'esta questão diz o nosso collega *A Provincia*:

«No depoimento do barão de Merck, dado em Londres, e que já está no ministerio da marinha, entre outras informações gravissimas, diz-se o seguinte:

«Que o contracto celebrado em Lisboa com o grupo inglez fóra feito por descejo e imposição do governo portuguez. Assim lh'o affirmaram não só o sr. dr. Arroyo, como o proprio commissario regio junto da companhia. Accrescenta-se ainda, que o governo ameaçara retirar a concessão, se por ventura o contracto não fosse assignado.

«Ainda mais. Noticias da capital garantem-nos, d'um modo categorico, que o sr. Pedro Victor, ex-commissario regio, procurara convencer o sr. visconde d'Assoca, de que era indispensavel assignar aquelle contracto, porque o governo assim o exigia, sob pena de retirar a concessão, o que concordava com as declarações do barão de Merck.

«O illustre titular recusou-se terminantemente a pôr o seu nome no contracto, onde a honra e o credito do paiz eram vendidos, não se sabe — porque preço. São pois chamados á auctoridade, n'este novo periodo de tão suja questão, o inculcado director da Companhia, o sr. Arroyo, o ex-commissario regio, o sr. visconde d'Assoca, e o governo.»

Não se esclarecerá um dia tudo isto!

Carta de Lisboa

24 de maio de 1895.

Já socegou o barulho dos moralistas no caso de Mello. Começaram a consultar as consciências e acharam-se ainda mais culpados do que elle. Era de suppor.

Agora veremos o que se passa perante os tribunales.

Só lhes digo que por alguns dias não fallarei no caso, por ter talvez de fallar n'elle mais tarde, com certo desinvolvimento.

×

O *Correio Nacional* e as *Novidades* estão em via de travar grande conflicto por causa do centenario de Santo Antonio.

Parece que o *Correio Nacional* vê que as festas não correspondem nem á sua expectativa nem á do Papa, e enfurece-se por as *Novidades* dizerem que as festas estão ameaçadas d'um grande desastre.

É pena que dois jornaes catholicos, tão religiosos e crentes, andem assim desavindos.

Que até pode cair um raio! Como dizia o Libaninho.

×

A obra do Nyassa parece que tende a embrulhar-se com os estrangeiros.

Quando os jornaes do governo disseram que não havia perigo de reclamações, houve muita gente que não acreditou no socego dos amigos inglezes, interessados no negocio. Pois ahi os temos, parece que pouco alegres e assás reclamadores. O lord Russell já precisa de conferencias com o ministro dos estrangeiros.

Vamos ver o bom e o bonito! Mas que deixem isso para depois do Santo Antonio. Não azedem as festas, que o povo anda tão contente que é uma dôr d'alma fallar-lhe agora em indemnisações, coitado!

×

O *Correio da Noite* anda entretido a demonstrar que o partido progressista não polluiu a sua creença monarchica, por se ter aliado com alguns republicanos amantes da Carta, na defeza d'essa mesma carta violada pelo governo.

Tudo isto é engraçado. O que o *Correio da Noite* disse irado contra o rei, e como hoje vem manso a demonstrar que está monarchico puro como os arminhos do manto real, aquelle manto celebre que o *Correio da Noite* conhece tão bem.

E sabem porque os progressistas andam desvairados? Porque o succes-

sor d'este governo será o sr. Dias Ferreira. Mas amigos, o sr. Dias Ferreira vae restaurar a Carta. Porque se lastimam pois os colligados? Não vêem feita a sua vontade?

Jocelli.

Dr. Affonso Costa

Concluiu hontem as suas theses na faculdade de Direito o nosso querido amigo e talentoso collega dr. Affonso Costa.

Collegas do sr. dr. Affonso Costa n'este jornal onde elle tem feito algumas das brilhantes armas do seu talento, não seremos, talvez, os que estejamos mais no caso de lhe dirigir as palavras de incondicional elogio, que pela defeza brilhantissima das suas theses lhe é devido.

Mas não importa. Não somos nós adnal-que fallamos. É a unanime opinião de Coimbra. É a propria imprensa local.

Sendo assim, não receiamos que ás nossas palavras possam ser passados os foros de uma amizade despertada pela sympathia que o nosso collega a todos inspira.

Sim, temos orgulho em affirmar-o: as theses de Affonso Costa são a mais audaz e extraordinaria manifestação de talento que ha muito tempo tem tido logar nas pugnas universitarias.

A sua dissertação, atacando uma questão do mais palpitante interesse, fizeram acompanhamento theses d'um incomparavel arrojado que foram sustentadas com vigor audaz.

Dicção elegante, palavra fluida e eloquente, poder de convicção impresso ás palavras, esplendida orientação em questões sociaes, profundos conhecimentos que dão á sua bagagem scientifica uma poderosa collecção de factos e informações, — tal a blindagem que fez de Affonso Costa um lutador temerario nos dois dias das suas theses.

Demais é preciso frisar um ponto: Affonso Costa moldou a sua dissertação e as suas theses nas modernas ideias socialistas. O que quer dizer que o nosso amigo arvorou uma bandeira nova, que um vento de grande actualidade agita. Arvorou-a com pulso e defendeu-a com talento e agasalhou-a com a sua sinceridade de alma crente. Eis tudo. Por isso Affonso Costa não foi sómente um paladino d'uma grande ideia, foi tambem o convicto defensor d'uma grande causa.

Sob estes dois aspectos o saudamos.

Dizem jornaes de Lisboa que no Collegio Militar ha estudantes que frequentam de graça aquelle estabelecimento e recebem subsidio, quando têm meios para pagar a sua mensalidade.

É por estas e outras que não são admitidos gratuitamente no Collegio Militar, quando têm direito a essa admisão, muitos desgraçados sem dinheiro. Isto é uma santa pandiga e uma santa pouca vergonha.

duque Chartres, que servia no seu estado maior? Ou para iniciar uma dictadura republicana, á frente da qual elle se collocaria?

Taes eram as duas faces da questão que se ventilava entre os officiaes e os soldados.

Dumouriez julgava firme o seu exercito, mas a verdade era que elle estava dividido. D'um lado a cavallaria, os velhos soldados, fieis ao seu general. Do outro, a infantaria, os voluntarios, mais cidadãos que soldados, não querendo obedecer ao seu chefe senão com a condição de este obedecer por sua vez á Convenção.

Dumouriez para não ser incommodado no seu crime pelo exercito austriaco, celebrou com elle um tractado secreto que lhe assegurava a sua immobilitade. A pequena cidade de Condé era o penhor da traição.

O general, seguido dos seus officiaes e oito hussars de ordenanças, poz-se a caminho de Condé.

Estava a meia legua d'esta cidade, quando soube que a guarnição, concedora dos seus projectos, se sublevára, declarando que respondia pela praça para com a patria, e que não deixaria entrar n'ella algum novo corpo que compromettesse a sua defeza.

Apeou-se do seu cavallo, á beira da estrada, e procurou o caminho que devia seguir.

Dr. Augusto Barreto

Acabamos de ver o nome de Augusto Barreto entre os que formam a comissão republicana de Cuba. Enche-nos de alegria vel-o figurar activamente nas luctas do nosso partido. Augusto Barreto ha de ser sempre querido como um irmão por aquelles que foram seus compañeros nas luctas de Coimbra, e reconheceram n'elle uma intelligencia de primeira ordem e um caracter purissimo. Homens de energia e coragem como elle ha poucos. De coração mais bondoso é difficil encontrar.

D'aqui o abraçamos e ao nosso Brito Camacho, tão incansavel organisador do partido republicano ao sul do paiz.

Dissemos n'um artigo aqui publicado que ao partido republicano cabem as honras civicas do centenario de Camões e de Pombal. Alguns pacovios quizeram desmentir-nos. Quanto ao centenario de Camões, diremos a esses pacovios que predominou tanto n'elle o partido republicano, que foi uma festa tão cheia de espirito democratico, que o rei e o ministerio voltaram insolentemente as costas ao cortejo que desfilava. Até por este motivo o sr. Ramalho Ortigão escreveu uma carta onde dizia que o rei e o ministerio «voltavam as costas ao povo».

Os jornaes do tempo do centenario fallam bem claramente da importancia que elle teve para o partido republicano. Quanto ao centenario de Pombal, é escusado dizer como, promovido pela Academia de Lisboa, republicana sempre, e com a adhesão de todas as associações democraticas, foi contrariado pelo governo. Ainda ninguem esqueceu a intervenção do celebre governador civil Arrobas, prohibindo a marcha *aux flambeaux*, organisação n'uma das noites das festas do centenario pela Academia.

Um dos pacovios, julgando que o centenario de Camões só foi celebrado em Coimbra, publica uma noticia onde transcreve um documento assignado pelo dr. Eduardo Abreu e diz que elle ainda não era republicano. Bem o sabemos, mas já era da irmandade dos parvos o Sergio de Castro que assigna tambem o tal documento.

Mas agora reparamos que estavamos a dar a confiança de responder a banalidades!

Nada de responder. Fallem á vontade.

Este anno vêm dois medicos da escola de Paris habilitar-se perante a Universidade, para exercerem a clinica em Portugal.

Dr. Assis Brazil

Foi imponentissima a festa que o Centro Commercial do Porto realisoou em honra do sr. dr. Assis Brazil, illustre representante da grande Republica Americana, em Portugal. A essa manifestação vibrante e gloriosa do Centro

N'este momento apparecem tres batalhões de voluntarios equipados, seguidos da sua artilheria. O official que os commandava, novo ainda, era grosso, baixo, pescoco curto e usava oculos. Chamava-se Davout.

— Onde ides, commandante? — perguntou Dumouriez.

— A Condé!

— Quem vos deu essa ordem?

— Soubemos que a praça ia ser entregue ao inimigo...

— Detende-vos e ouvi!

Os batalhões fizeram alto.

Os soldados d'um dos batalhões levavam escripto a giz nos chapéus a palavra Republica.

Dumouriez afastando-se uns cem passos da estrada, lá a entrar n'uma choupana para dictar uma ordem. Ouvindo gritos, voltou-se.

Um dos officiaes apontou-o com o dedo aos seus homens; outro pega em uma espingarda, e todos os voluntarios gritam:

— Viva a Republica!

O general tornou a montar a cavallo.

— Fogo! diz Henrique Lenoir.

— Fogo! repetiu o segundo official, que era Cadet Tricot.

É o pequeno estado maior de Dumouriez pôz-se em fuga deante das balas.

— Voltemos ao acampamento! diz Davout.

Commercial do Porto associou-se, n'um movimento de espontaneo enthusiasmo, a população da laboriosa cidade.

Este facto, que tão ruidosamente symbolisou a effusão ardente e amavel d'uma cidade que é, apesar de tudo, a mais legitima representante das aspirações liberaes, deve ter ecoado no coração do ministro com extranha sympathia. Deve o dr. Assis Brazil, a estas horas, bem sinceramente reconhecer que, se as nossas relações com o Brazil se interromperam, não foi porque na alma ingenua e generosa do nosso povo se apagasse por um minuto sequer o amor por essa grande patria de além do Atlantico, onde pulsam os melhores globulos do nosso sangue e se espraia o mais intenso vigor da nossa raça. Outras coisas, a um tempo ridiculas e vis, motivaram a ruptura de relações que o intenso fervor das duas patrias irmãs não podia além deixar de apagar com uma onda de explosivo enthusiasmo.

Mas deixemos, por agora, na sombra a recordação d'essas torpes aventuras. Não queremos, n'este momento, revolver um passado de vergonhas e traições.

Nem sequer nos move o animo a dizer que muitos falsos patriotas, miseraveis caudilhos de causas impuras, são agora os primeiros, que arrependidos e habbantes de medo, se acercam do illustre ministro implorando a benevolencia do seu olhar.

Não! Deixemos essa miseria na penumbra para onde a espancou a ruidosa explosão da sinceridade d'este bom povo...

Na sessão que o Centro Commercial do Porto promoveu em homenagem ao dr. Assis Brazil, e que se realisoou no theatro de S. João, fallaram os srs. Carlos Braga, Bernardo Lucas, Gomes da Silva e conego Alves Mendes.

Foram muito applaudidos todos os oradores, que timbraram em frisar a grande amizade, que, n'um movimento unanime, faz pulsar, á distancia de leguas infinitas, os corações das duas patrias.

Mas a palavra dos homens é sempre pouco quando em volta d'ella se ergue sonoro e altivo o rumor affectuoso d'uma patria. Por isso não damos uma resenha dos seus discursos e nos limitamos, mais uma vez, a affirmar a consagração que ao dr. Assis Brazil se gerou em todos os peitos, sahindo de todas as boccas.

Por ultimo, ao terminar a sessão, tomou a palavra o illustre representante dos Estados Unidos do Brazil. Pelos extractos dos diferentes jornaes portuguezes vemos que o seu discurso foi brilhantissimo. Não admira. O dr. Assis Brazil é um publicista notavel e homem de rara illustração. Quente e audaz, como o sangue brasileiro, fez durante algum tempo correr a onda da sua palavra, que sempre, n'uma longa vida coherente e prestimosa, tem

No acampamento os officiaes formaram conselho.

— Somos trahidos! O general tem do seu lado os hussars, os dragões e os couraceiros. Pôde voltar com o inimigo e surprender-nos. Condúzamos os nossos homens a Conné e a Valenciennes.

Dumouriez voltava, com effeito, depois de uma noite passada á ventura, mas só, conchado na sua estrella e no seu exercito.

Os cavalleiros correm ao seu encontro; enfileiram-se atraz d'elle. Approximam-se do acampamento. Vêm que elle está deserto desde o romper do dia. Que ordens podia elle dar a um exercito que tinha desaparecido?

Dumouriez vê que está tudo perdido e dirige-se para a fronteira.

Isto passava-se na manhã do dia 4 de abril.

No dia 5, seis commissarios da Convenção partiam de Paris para o exercito do Norte, reunido por um decreto ao das Ardenes, sob o commando de Dampierre.

A 16, os austríacos eram destrogados deante de Lille e de Condé.

No mez de maio, um novo general em chefe, Custine, restitue a confiança aos espiritos abatidos, reúne os pequenos corpos dispersos pela fronteira, e consegue fazer avançar de novo os soldados da Republica.

sido excessivamente leal e profundamente honrada.

Os applausos, por fim, tudo cobriam e na vehemencia das saudações se confundiram as aspirações das duas patrias, — a nossa, representada pela cidade do Porto, o theatro da gloriosa insurreição de 31 de janeiro; a brasileira symbolisada em Assis Brazil, esse bello typo de patriota e de democrata.

A faculdade de Mathematica resolveu, em congregação de 22 do corrente mez, encerrar as aulas no dia 15 do proximo mez e que os actos principiém no dia 20.

Esteve em Coimbra e deu-nos a honra da sua visita o nosso amigo e distincto correligionario da comissão republicana de Penacova, o sr. Alipio Leite.

Theatro Principe Real

Realisa-se hoje n'este theatro um sarau dramatico-gymnastico-musical, em beneficio do operario Francisco Coelho.

Tomam parte n'esta festa de caridade, por especial obsequio, alguns amadores dramaticos e gymnasticos, e a banda d'infanteria 23.

O programma será o seguinte:

- N.º 1.º—Preenchido pela banda regimental.
- N.º 2.º—*Cada doído...*, comedia em 1 acto, interpretada por Rosa, Brandão e Sanhudo.
- N.º 3.º—*Aventuras d'um bombeiro*, cançoneta, por Borges de Mesquita.
- N.º 4.º—*Exercicios de gymnastica*, por um grupo d'amadores.
- N.º 5.º—*O Descarrilar*, cançoneta, desempenhada por A. Brandão.
- N.º 6.º—Preenchido pela banda regimental.

Bibliographia

Recebemos e muito agradecemos: O *Instituto*, revista scientifica e litteraria, n.º 4, volume XIII. Sumario:—Boletim do Instituto; Estudos de Historia Ecclesiastica, por J. Mendes dos Remedios; O exame das aguas potaveis sob o ponto de vista hygienico, por A. J. Ferreira da Silva; Cantiga, poesia por Alberto d'Oliveira; Memorias de Castilho, por Julio de Castilho; Constituyções do Bispado de Coimbra, de D. Jorge d'Almeida (continuação); Livro das obediencias dos geraes (continuação); Revista bibliographica.

Recebemos e agradecemos o numero 10, da *Revista das Escolas*.

Recebemos o n.º 12 do *Tiro Civil*, cujo sumario é o seguinte: Exposição nacional: caça e pesca, por Palermo de Faria — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes — Brazil — Alimentação e doenças dos coelhos, por Gastão Percheron — Associação dos Atiradores Civis da Estrella — Carta — Grupo Patria, por J. F. — Carreira de tiro — O tempo defeso — Concurso federal de tiro em 1895, traducção de Jeronymo Rollo — Anuncios.

O primeiro encontro com o inimigo foi um successo. Um tenente de voluntarios toma um estandarte.

O representante do povo, Duquesnoy, que se encontrava allí, nomeou-o commandante, em recompensa do seu valor militar.

— Mas, disse-lhe, concedo-te outra recompensa, mais cara á alma d'um cidadão. Partirás amanhã para Paris. Leváras este estandarte ao palacio da Convenção e dirás allí que os soldados do exercito do Norte, novos como a Revolução, são, como ella, invenciveis!...

— Meu capitão, disse Cadet a Henrique Lenoir, como eu estou contente! vou tornar a ver o cidadão Santerre e a menina Jenny!...

Henrique apertou a mão do seu camarada.

Ficou por momentos immovel, pensativo, com os olhos fixos na campina. Murmurou um nome.

O peito intumescceu-se-lhe; a cabeça inclinou-se-lhe sobre os hombros.

— Que fará ella a estas horas?...

Pensará em mim?

Depois:

— Amigo, hei de tornar a verte antes da partida!...

E afastou-se para se occupar do acampamento da sua companhia.

(Continúa).

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

III

O ACAMPAMENTO

Nova recusa d'elle.

— Pois bem! diz Camus, declaro-vos suspenso de todas as funções; não sois mais general. Prohibo que vos obedeçam: ordeno que vos prendam e ponham sellos em todos os papeis.

Dumouriez chamou em allemão os seus hussars.

— Prendei estes homens.

— General, exclamou Camus, perdeis a Republica!

Os hussars arrastaram os deputados, fizeram-nos subir para a carruagem e os conduziram para Tournay, onde ficaram como refens nas mãos do general austriaco Clairfayt.

Dumouriez tinha pactuado com o inimigo.

Que faria?

Marchar sobre Paris.

Seria com o fim de restabelecer a monarchia constitucional, a favor do

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica de encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1.000 réis

HISTORIA DA BASTILHA

Camillo Leynadier

Para commemorar a data gloriosa do dia 14 de julho, a empreza editora do Porto com sede na Praça do Bolhão, n.º 70, começa a publicação da *Historia da Bastilha*, livro de primeira ordem, dedicado aos homens liberais de todos os partidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores srs. João da Costa Brandão e Abílio de Brito.

NOVISSIMA

REFORMA JUDICIARIA

Contida no decreto de 21 de maio de 1841, conforme a auctorisação concedida ao governo pela carta de lei de 1840, seguida de uma

COLLEÇÃO DE LEGISLAÇÃO

Contendo as leis, decretos e portarias, que têm interpretado, completado ou revogado algumas de suas disposições, tanto em relação ao continente do reino e ilhas adjacentes, como em relação ás possessões ultramarinas.

PREÇO—800 RÉIS

FELIX MAGALHÃES

OS POETAS

Plaqueta em 25 paginas, formato 16.º primorosamente impresso na typographia occidenal, do Porto.—Preço, 200 réis



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, a Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. —Chá medicinal de Hamburgo.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabel-cimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á *Papellaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amarante. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

TANDEM

Vende-se um quasi novo. Nesta redacção se diz.

Bom emprego de capital

FABRICA DE GAZOZAS

Passa-se uma em boas condições, com todo o vasilhame e receitauario de fabrico, por seu dono a não poder administrar, tendo uma machina de Casaubon & Fils, que fabrica 1:200 garrafas por dia ou 900 sifões.

É de pouco dinheiro. Dirigir-se a José Maria d'Almeida—Vizeu.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE A GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **para-raios, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofoe, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas differentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente para venda por atacado**, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A venda em todas as principais pharmacias e drogarias.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres anlares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59. Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima! Alta novidade!

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344:000\$000

Fundo de reserva 225:000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basílio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Liquidação de cigarros de tabaco especial

Caixinhas de 500 réis com 50 cigarros abundantes de fino tabaco, vendem-se a 400.

De 400 réis com 50 cigarros, a 300.

De 100 réis com 10 cigarros, a 80.

De 80 réis com 10 cigarros, a 60.

Tabacaria União

SOPHIA—COIMBRA

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 29

COIMBRA — Quinta feira, 30 de maio de 1895

1.º ANNO

A' superficie do monturo

Vigorosamente agitada por despeitos insofridos, impellida por interesses gananciosos, ergueu-se d'entre mil syndicatos infames, d'entre milhões de burles criminosas, d'entre innumeras proezas congeneres, a nojentissima questão do Nyassa.

E, a principio, a opinião interessou-se na disputa vil. Por ingenuidade ou leveza d'animo, um sentimento de anciedade insofrida perpassou pelo coração de todos nós e um brado de justiça, — d'estes brados altisonantes que parecem bandeiras de exterminio, — soou de norte a sul, em busca das cabeças dos infames. A elevada posição social que os *arranjistas* (vá o termo de bordel!) tinham conseguido n'este paiz prospero aos intrigantes sem pudor, as sommas de milhares de libras que se diziam embolsadas pelos ignobis syndicatos, o apoio que esses miseraveis de luva branca sempre dispensaram a um regimen odiado pela nação. — tudo isso era de molde a collocar em evidencia, largo tempo, o immundo panamá desvelado subitamente aos olhos compassivos do povo portuguez.

Sucedeu até que o governo de bandidos que nos está excitando a todas as revoluções sangrentas, esse bando de corruptissimos serventuarios da monarchia, que, em impudor, excede todos os despotas da historia e, em ridicula insignificancia, attinge o cumulo de todas as ineptias, — elle proprio, accossado pelo perigo, veiu a ter-reiro contra os homens do Nyassa, e declarou entregal-os resolutamente á punição dos tribunales. Houve mesmo algumas almas candidas, — corações d'ouro em que nunca perpassou a brisa da verdade e que se alimentam de illusões inebriantes, — que se rejubilaram com a attitudé d'um governo que não hesitava em mandar ás galés o mesmo homem ainda ha pouco gratificado com um logar na companhia real, e que em novembro era o *leader* da maioria regeneradora e em março se indigitava para juiz do supremo tribunal administrativo.

Passaram alguns dias.

Nas regiões monarchicas fez-se um silencio commodo. Emfim, a questão estava entregue aos tribunales... do commercio, e convinha deixar livre e desafogada a acção da justiça. Aproveitou-se o primeiro caso que a chronica dos immundos forne eu ao noticiario do jornalismo e com elle se fez algarzarra que extinguisse os gritos já rarefeitos dos ultimos campeões do bom nome portuguez.

E agora erguem-se de todos os lados exclamações de espanto, de toda a parte surgem interrogações anciosas sobre o que terá motivado esta reviravolta nas opiniões, ou, ao menos, nos conceitos de tanta gente ainda hontem indignada; perguntam-se os motivos porque, desde os patriarcalos do governo até aos proprios paladinos do povo, o socego começa a estabelecer-se e a berrata se extingue pelas quebradas em seus echos longinuos. Custa a acreditar que a immoralidade se alastrasse tanto, e que tão profundamente se arreigasse na consciencia nacional.

E, todavia, nada mais simples. Nada mais logico e frequente. Nada menos afflictivo e descorçoante.

A opinião geral afirma que o centro da governação publica é formado d'um enorme monturo em que todas as podridões se agitam, em que as boas iniciativas morrem e os vermes pullulam e se multiplicam na razão directa do seu poder malefico. Inconsciente ou reflectida, esta ideia é geral: foi ella que ergueu no Porto umas centenas de lidos portuguezes ameaçando pela destruição d'esse foco de milhões de immoralidades diarias, foi ella que espalhou pelo paiz essas dezenas de commissões municipaes que são a aurora d'uma redempção proxima, — e ha de ser ella que nos levará todos ao campo de sangue em que Portugal será purificado ao amanhecer da Revolução.

Porisso, ao saber-se que uma infamia grandiosa lança as raizes n'esse monturo ignobil, o espanto, que, n'um movimento ingenuo, tinha despertado repentinamente a nação inteira e feito vibrar um desejo de justiça imparcial e severa contra os cabecilhas da immoralidade sobrenadante, vem a esmorecer, e a desvanecer-se, a concentração opera-se, e, ao odio fremente, que ha de erguer Portugal n'um repellido salvador, vae juntar-se uma nova parcella que o torna mais forte e pertinaz.

Assim aconteceu com a acção criminal Marianno de Carvalho. Assim está succedendo com o processo do Nyassa.

E' que as ultimas revelações dos interessados inglezes e o proprio depoimento de João Arroyo, postos diariamente em evidencia por jornaes da opposição, — levaram a todos os animos a certeza de que a immundissima negociata do Nyassa é um fructo do governo do rei, — é um dos mil episodios, quasi sempre mal occultos, da vergonhosa administração monarchica, — é uma porção lamacenta do monturo enorme que ameaça suffocar-nos, — é a parte d'um todo immoralissimo que urge arrancar de dentro do coração da patria, não pedaco a pedaco, que o contágio seria fatal, mas d'uma vez, abruptamente, com todas as energias sobrehumanas de que é susceptível um povo á beira do abysmo!

O commandante da policia de Lisboa mandou distribuir pelos seus guardas revolvers carregados.
Ora... pense lá n'isso!

De como o «Correio da Noite» quer que o rei abra os olhos e chame ao poder o patriota da Anadia

Falle primeiro o Correio:

«Recelemos do Porto uma carta, em que se nos diz que no sarau realisado hontem, em honra do ministro do Brazil, o viva levantado ao presidente da republica brasileira foi entusiasticamente correspondido, ao passo que o levantado ao rei de Portugal foi apenas secundado por meia duzia de pessoas. Garante-nos pessoa de toda a confiança a verdade d'este facto. Foi um *fiaseo* repetido já de muitos outros, mas o rei, por mais que esses factos, desagradaveis para elle e fataes para as instituições, se repitam, não abre os olhos, e imagina que está vivendo com o melhor dos governos. Deus o illumine, se elle ainda não está completamente ego.»

Agora nós:
Saiba o sr. José Luciano que o rei não desperta entusiasmos porque o povo não pôde soffrer-o mais; e que, se o illustre patriota quizer aferrar-se muito a esse bragança sem meritos, corre o risco de ficar estatelado na lama com todos os seus pergaminhos de «velho estadista e illustre parlamentar».

Senão, que o diga o candidato Dias Ferreira no tocante á ultima vinda do rei a Coimbra.

O Lazarista Ennes

Fallamos do sr. Antonio Ennes, celebre jornalista que declarou no seu jornal, ao ser publicada a lei contra a imprensa em 1890, que a bandeira das liberdades publicas passava desde o dia da publicação da lei a flutuar no campo republicano.

Fallamos do preclaro sr. Antonio Ennes, que disse a dois redactores do jornal academico de Lisboa — *A Patria*, que perante os attentados contra as garantias liberaes commettidos pelo celebre Lopo Vaz, se tornava necessaria «uma nova *Maria da Fonte* para reconquistar, com as armas na mão, as liberdades publicas».

Fallamos do illustre sr. Ennes, que, subindo ao poder, se manteve no ministerio, que mandou proseguir todos os processos instaurados contra os jornalistas republicanos.

Fallamos do illustre sr. Ennes, que a 50\$000 réis por dia, está vice-rei de Moçambique, mandando pelo telegrapho as memorias da sua campanha.

É ao illustre Antonio Ennes acima citado, que nós chamamos o Lazarista Ennes e é das suas façanhas que o Marianno reza no *Diario Popular*, como abaixo transcrevemos.

Como se sabe Antonio Ennes annunciou ha dias grandes coisas para Lisboa, Marianno, diz das coisas annunciadas por Ennes:

«Assim de um arguero fez o telegrapho valleiro, não sendo facilmente explicavel porque se mandou força tão importante para tão pequeno feito, gastando-se impropiamente centenas de contos de réis. Para aquillo, uma columna de 600 homens bem commandados e coadjuvados pelas lanchas de guerra. Para debellar toda a revolta não mais seria preciso.»

E a proposito da politica seguida com o Gungunhana, diz o mesmo Marianno:

«Mas que fez o commissario regio acerca do Gungunhana, que haverá tres mezes, entre varias derrotas que nos fez, ameçou o regulo da Matola, por nos prestar auxilio, destruiu o commando militar de Imitano, onde fluctuava a nossa bandeira, e havia um official portuguez, que por milagre escapou ás iras d'aquelle potentado, para quem é pouco todo o vinho do Porto e dinheiro com que o tem presentado o governo de Lourenço Marques, e ainda ultimamente o sr. Ennes com um saguati (presente), de que foi portador o conselheiro Almeida, que nos custou mais de 1.000\$000 réis.»

«A revolta dos regulos Mahazul e Zixaxa pouca ou nenhuma importancia teria, se em todo este negocio tivesse havido uma boa orientação cuja falta custou ao paiz mil vezes mais do que seria n'ecessario.»

Relativamente ao dinheiro que se consome lá por Moçambique, explica Marianno:

«Vem a proposito dizer que se pagam a certos individuos, mentores, ordenados, soldados que vão, pelo que se diz, até 800\$000 réis mensaes.
«Se as contas publicas não fossem um mysterio insondavel no nosso paiz, seria curioso saber-se as fabulosas sommas gastas, a pretexto da pacificação de uns regulos que pouca importancia tinham. Não firmamos de vez a nossa auctoridade, n'aquellas regiões, visto que ainda estamos dependentes da vontade do Gungunhana. Valia a pena tanto dinheiro gasto, para se chegar a tão mesquinho resultado?
«O que ha relativamente ao Maputo, e que desaffronta tirará o governo da traição d'este potentado que domina n'um paiz, que pela sua posição é uma ameaça constante ao nosso dominio em Lourenço Marques?»

Ainda a respeito do presente dado ao Gungunhana, interroga Marianno:

«Como se occultou que fôra pelo sr. Ennes mandado um presente ao Gungunhana, e apenas se telegraphou para Lisboa que este enviara um pequeno presente de marfim, occultando que não era mais que retribuição conforme o costume?»

E quanto aos resultados finaes das glorias do sr. Antonio Ennes, que está

ganhando cinquenta mil réis por dia, Marianno termina com estas palavras:

«Tudo poeira, gastos enormes, vantagens, para o nosso dominio, mais que duvidosas.»

Em outro artigo Marianno publica de novo o telegramma do celebre sr. Antonio Ennes e commenta-o como se vê. Ahi vae o telegramma e o commentario de Marianno:

«Lourenço Marques, 24.—Findaram hontem as operações Incomati, sendo batida margem esquerda desde Macanca até Macaneta, onde havia preparos forte resistencia. Revoltosos dispersaram. Mahuzul fugiu. Revolta está toda debellada, não havendo indicios se já renovada com auxilio Gungunhana; resta policar paiz; postos Marraqune, Incanhine ficam defendidos.

Tomaram parte operações secções engenharia, montanha, companhia infantaria 2, cem angolas, mil auxiliares do Moamba, Matolla e Cherinda. Nenhuma perda; tropas muita subordinação.—Ennes.

«A redacção d'este telegramma é logo de si extranha. Se o inimigo fugiu e nem d'elle houve vista, como queria o sr. commissario regio que os nossos soffressem perdas? Só poderia haver-as se os da nossa força se batessem uns com os outros.

Além d'isso, diz-se como coisa nova, que o regulo revoltado Mahazul fugiu, e assim parece ter fugido agora, quer dizer, na occasião de marchar a nossa tropa, o que não é exacto. Com effeito ha bastante tempo chegára a Lourenço Marques pelos indigenas de Cherinda a noticia de que o Mahazul fugira. Estas declarações foram publicadas officialmente, e, portanto, não é certo que o Mahazul fugisse agora.

Dizia o telegramma, que de Macanda a Macaneta havia preparos de forte resistencia. Ora esta affirmção não era exacta. Os pretos tinham na verdade construido alguns abrigos mas era apenas para se abrigarem do fogo dos navios, mas não coisa que offuscassem o minimo embarçar a marcha de tropas europeas, e ainda esses abrigos apenas faziam face ao rio per orrido pelos navios, e, portanto, a expedição terrestre sem nenhuma difficuldade os tornearia. Havia dois mezes, que nem os rebeldes faziam fogo da Macaneta, que era o ponto onde mais existiam os taes abrigos.»

Eis pois as façanhas do Lazarista Ennes, illuminadas pela prosa do illustre Marianno, rato velho e conhecedor de todas as manobras d'aquem e d'alem mar.

Registemos tudo. Registemos, que no partido progressista já se pensa em receber com aclamações o Lazarista conquistador para, pela mão d'elle, terem logar no poder os desprotegidos filhos de Passos Manuel, heroes da liberdade, etc.

Ainda temos muito que ver...

Wilde e Taylor, dois apreciaveis cavalheiros, cujas qualidades eram por alguns, *particularmente* conhecidas em Londres, foram condemnados a 2 annos de prisão com trabalhos forçados. Bem sabemos nós quem apesar das suas relações com as potencias estrangeiras, não se naturalisa inglez...

Apenas uma rectificaçãozinha!

Emile Arnaud diz no prefacio do livro da pá:

«Magalhães Lima compraz-se em recordar o facto de haver traduzido durante o seu tempo de estudante na Universidade de Coimbra o pequeno livro de Charles Lemmonier — *Os Estados-Unidos da Europa* — e de haver feito com elle uma propaganda activa e benefica, tanto em Hespanha como em Portugal.»

Parece-nos que o illustre presidente da *Liga da paz e da liberdade* foi illudido: o sr. Magalhães Lima só fez propaganda activa e benefica com o brilhante romance da *Senhora Viscondessa*. Todos o sabem em Portugal.

Agradecemos ao nosso collega a *Montanha*, de Trancoso, a transcripção que faz de varios sueltos nossos.

O mesmo agradecimento fazemos a todos os collegas que transcrevendo-nos não nos citam.

Bagatellas

A tradição diz que a igreja primitiva de S. Bartholomeu era orientada de este a poente; e, segundo a conjectura mais provavel, seria edificação do seculo XII. Outros, como é costume, attribuem-lhe antiguidades mythologicas.

Talvez que a elevação constante do terreno a tivesse soterrado, ou o estado de ruina fosse tal, que tornasse impossivel a sua permanencia; o que é certo é que em tempo do bispo D. Miguel d'Anunciação entenderam fazel-a demolir, e no seu logar construíram essa detestavel barraca com duas torres á frente, que se vê ao fundo da Praça, como um movel desarrumado, a atrapancar o largo.

Mal collocado, a impedir o transitio com permissão da policia, este frio edificio, d'um *churrigueresco* miseravel, é a mais insipida e imbecil frioleira architectonica, que possa envergonhar uma cidade!

No interior, não é menos desagradavel o aspecto: um casarão provisoriamente adequado ao culto; simples armazem caído convertido em igreja, como que para illudir uma exigencia transitoria.

Nada se concebe de mais feio, mais lórpa e inexpressivo!

Em tempos os esforços combinados pelo interesse de alguns proprietarios tentaram eliminal-o, mas a reacção dos *carolés* pôz-se em campo, cabeçada e irritante, sem outra allegação que não fosse o — santo temor de Deus! — e a igreja ficou.

E ficou sede da parochia, tendo a dois passos o monumento romanico de S. Thiago, cujos direitos de primazia a mais incomprehensivel obcecação de espirito lhe não tem reconhecido.

A igreja de S. Thiago desde longe que vem sendo o dynamometro da estupidez. Desde o seculo XVI que cada geração que passa lhe deixa impressa uma patada: a actualidade pôz-lhe todas as quatro em cima!

Os estragos sobre ella perpetrados por tantas gerações de devotos e de ignorantes foram graves; mas muito inferiores ao vandalismo insano que em 1861, — quando alargaram a velha rua do Coruche, — lhe amputou as capellas absydaes, em honra do progresso e das commodidades publicas!

E para gloria da engenharia, deve saber-se que o problema, em nome do qual foi sacrificado o bello templo, tinha vinte soluções plausiveis, poupando-lhe a integridade!

Isto é o paiz dos audaciosos e dos irresponsaveis!...

Cometteram até o crime ignobil de lançar ao entulho ou sepultar no aterro as estatuas dos evangelistas, que adornavam o hemicyclo da capella môr!... É odioso!

Mas a sabedoria das nações aconselha o silencio aos males irremediaveis!... Em compensação, é de presumir, á simples observação visual, que alguns dos estragos mais antigos são sanaveis e menos profundos do que possam parecer!

Em 1758 as confrarias de commerciantes e de devotos praticaram o desacato de converter em pilastras de reboco as columnas primitivas, e outros desvarios semelhantes. Aos commerciantes, pois, cumpre uma reparação actual.

Poucas vezes será possivel deparar-se á classe commercial de Coimbra uma occasião, como esta, de servir os sentimentos piedosos dominantes, dando ao mesmo tempo provas

d'uma iniciativa verdadeiramente illustrada.

Seria este o momento asado, para levantar de sobre si, por meio d'uma acção intelligente, esclarecida e desinteressada, as suspeições que sobre ella ha muito pesam de se inutilisar em retrahimentos egoistas, sem respeito pela reputação e valimento do seu nome, enfraquecendo na inacção os laços de solidariedade, unica base do seu prestigio, com o mais deprimente e absoluto desdem pelas vantagens e creditos da terceira cidade do reino.

Pelo lado da crença e da ostentação religiosa, repare a classe commercial, que a restauração do historico monumento de S. Thiago e a sua elevação a igreja matriz seria um facto bem mais honroso, digno de homens illustrados e fertil em consequencias permanentes, do que essas outras manifestações estereis de procissões e festejos ruidosos de luminarias, festões de murta e panno crú pintado!

Pense a corporação commercial de Coimbra, que tem nos seus antepassados accções exemplares de tão rasgada generosidade, no papel que por todos os motivos n'este empreendimento lhe compete.

E ao tratar-se da protecção e apreço a este monumento, uma das glorias da cidade e um dos notaveis exemplares da architectura medieval que o paiz possui, invocamos a opinião, sempre bem acolhida e respeitada, do nosso illustre amigo redactor do *Combricense*, cuja penna jámais deixou de cumprir a missão benefica e nobre de animar todos os incitamentos que possam concorrer para o engrandecimento e maior luzimento da cidade.

E a conservação das obras d'arte monumental que attestam um passado historico, é em todo o mundo uma fonte de proventos economicos e um titulo legitimo de altivez patriótica.

A.

A *Gazeta* diz asneiras varias ácerca da dissertação inaugural do nosso amigo dr. Alfonso Costa.

Pois perde o seu tempo a *Gazeta* se deseja «interessante e animada polemica».

Diz a *Provincia* que o governo, auxiliado pela opposição do sr. Dias Ferreira, talvez se mantenha no poder, preparando a mascarada eleitoral e parlamentar para a epocha competente. E escreve:

«Talvez... Em Portugal tudo é possível.»

É verdade amigos, em Portugal tudo é possível desde que houve um ministerio progressista onde estiveram o Marianne e o Navarro, tão conhecidos e apreciados.

Tudo é possível, tudo menos o paiz tomar a serio os progressistas.

Dizem telegrammas para varios jornaes que os infantes, em S. Pedro do Sul, andaram apanhando grillos e borboletas.

Claro que tolos seriamos nós se fossemos censurar as crianças por se divertirem, mas temos o direito de exigir que os taes jornaes digam tambem quantas borboletas caça por Lisboa outro infante já crescido. Que os jornaes referidos até são capazes de as contractar para o herdeiro de Nun'Alvares.

O «Seculo»

Continuamos a não receber este periodico de grande circulação. Nem sentimos nem compramos.

N'um telegramma de Vizeu para o *Seculo* diz-se que, na Sé, junto do altar da Senhora de Lourdes, se liam estas palavras:

«A rainha do ceu pela sua rainha na terra, as filhas de Maria da cidade de Vizeu fazem ardentes votos. Oremos por sua magestade a rainha D. Amelia e augustos principes.»

Estas palavras são de tal ordem que, se não as escrevessem em Vizeu, era o *Seculo* capaz de as inventar.

A' «Provincia»

Está illudida. Não procuramos nos seus artigos «aquillo que não serve... á causa republicana.» Temos até registado as passagens dos artigos em que mais verdadeiramente, para não dizer violentamente, se critica o modo porque a monarchia sabe cumprir os seus deveres. E se isto temos feito, é porque acreditamos na sinceridade de alguns membros do partido progressista do Porto que directamente influem na *Provincia*. Mas, e por isso mesmo, não deixaremos tambem de criticar os artigos em que a *Provincia* se afaste do unico caminho serio e digno que, em nosso entender, devia seguir. Procedendo assim, ninguem nos pôde accusar de incoherencia, nem a *Provincia* pôde ver debiques nas criticas que, ao seu diverso modo de ver conforme as circunstancias, a *Resistencia* tem dirigido.

E quanto á illegalidade da transferencia do escrivão de Pedrogão para o logar vago na comarca de Coimbra, nós dizemos á *Provincia* o motivo por que nos não occupamos d'ella. Quando se rasga a constituição do Estado, quando se desacatam as mais importantes leis organicas, não reconhecemos a necessidade de pôr em relevo a inobservancia d'um artigo de qualquer lei ou decreto, de cuja applicação rigorosa não depende um importante mehoramento para o paiz, nem maior descredito para a monarchia. Mesmo porque, se fossemos a pôr em relevo todas as illegalidades que assim se praticam, não teriamos muitas vezes espaço para tratar de outros assumptos.

De resto, nós não tinhamos interesse algum em que fosse provido este ou aquelle individuo n'esse logar. Absolutamente nenhum.

Percebeu, collega?

Diz o *Diario Popular*, que a força de artilheria que de Penafiel partiu para Lisboa affm de seguir com direcção a Lourenço Marques, chegou á capital sem que o quartel general soubesse coisa nenhuma! Bravo!

Final tremendo d'um artigo da *Provincia*:

«Se el-rei encarregar de formar governo o falso liberal e o estadista pé fresco do Pateo do Pimenta, não é o partido progressista que soffre as consequencias de mais este golpe no prestigio das instituições e na força da monarchia. O futuro dirá se nos enganamos.»

Palavras estas que escaparam ao terrível propheta Isaias, mas que podem acrescentar-se ás propheticas em uma edição da Biblia, revista pelos filhos de Passos.

Mas pôde ser que a eleição não se faça, visto como o rei talvez reflecta e chame ao poder o sr. José Luciano d'Anadia.

Então é o paiz que soffre mais um golpe.
De mão.

O ministro da marinha, lobo do mar com exercicio nas aguas da Sabuga, está agora nas Caldas da Felgueira, concluindo o orçamento colonial. Deve sahir uma boa obra!

Faz lembrar o Gouvarinho, dizendo ao seu collega das finanças — «Você vae para Pedrouços, toma o seu banho, dá o seu passeio e depois de jantar entretêm-se a resolver a questão de fazenda...»

Partido republicano

Constituiu-se a comissão municipal republicana de Cabeceiras de Basto, ficando composta dos seguintes nossos correligionarios:

Francisco de Moura Coutinho Bastos, negociante e proprietario; Eduardo Gonçalves Fernandes, capitalista; Bernardo Gonçalves Bastos, proprietario; Manuel José Carvalho Bastos, capitalista e proprietario; Augusto Moreira de Castro, pharmaceutico; José Teixeira Leite Bastos, negociante; Antonio Pereira Ramos, negociante; Alfredo Pereira Leite, capitalista e proprietario; e Francisco Luiz de Castro Maia, pharmaceutico.

A comissão executiva ficou composta dos srs. Francisco de Moura Coutinho Basto, Bernardo Gonçalves Basto e Augusto Moreira de Castro.

Notas d'um azedo

III

V—A caminho—E como lhes digo. Um coice do destino, brutal, muito estúpido, em pleno estomago, vem de me atirar, em 1.ª classe, n'um dia pardo, de chuva miudinha, cinzenta, por esta Beira dentro, na velocidade pacata, modorrica, d'um comboio mixto —metempsychose ultima da mallaposta nacional, ronçeira e pittoresca. A paisagem, embaciada, monotonica, penedias escalvadas, campos n'um charco, pinheiras sombrias a guacharem-se ao fundo, no horizonte verde-negro, tinha o ar desconfiado, bizonho, da velha alma lusitana, aldeã e macabuzia, á rabicha do arado, a olhar de soslaio, velhaca e suja, para as cantigas do abbahe, do agiota, na expressão vesga d'um caracter franco e concentrado, maleavel e teimoso, mixto hybridado do sangue rubro dos nossos heroes, dos nossos bandidos com a sangueira pacovia, flacida, da nossa fradaria, do Senhor D. João VI, nosso rei que Deus haja.

Na estação ganhápões glabros, jalcoes de serguita, chapéus braguezes e varapau nas unhas, sahem e entram, atarantados, na lufa-lufa pascacia de viajeros inexperientes; dos *hangars* de zinco, pingos de agua, grossos, cahem pesados no asphalto negro, já gasto, em poças lamacentas; empregados barbudos, mal encarados, bonets cebosos, cheios de dourados, perpassam a correr, em vozes de commando, e cachopas sadias, fórmas rijas de camponezas, offerecem risõhas, em olhadelas excitantes, aqui morangos vermelhos, ainda humidos, mais alem quèques, tostados, loiros, a pedirem que os mordam em dentadas sófregas de lambarice.

Aquem de Pinhel o horizonte alargase n'uma bacia ampla, vastissima, d'um verde musgo veludineo, macio, a que a folhagem tenra dos carvalhos novos, a floração amarella das giesteiras põe notas ternas, appetitosas, em olhadelas excitantes, aqui morangos vermelhos, ainda humidos, mais alem quèques, tostados, loiros, a pedirem que os mordam em dentadas sófregas de lambarice.

Cá de baixo da estação até lá riba á cidade, n'um zig-zag ingreme, por entre soutos de castanheiros e barrenos campos incultos, a fita branca do macadam serpenteia, monotono, cortando, aqui e allí, pedaços loiros de cearas, quintalorios pobres de visinhos.

E a gente lembra-se, n'um calafrio, n'um pesadelo, que os solavancos da traquitana durarão ainda coisa d'uma hora, que as pobres mulas, lazarentas, esqueleticas, podem rebentar a meio caminho e ter uma pessoa de calcuriar a pé, sob uma chuvinha miuda, de molha tolos, o resto da ladeira até lá riba á cidade, onde as férias do ponto, um coice do destino, brutal, muito estúpido, em pleno estomago, vem de me atirar por 15 dias.

F. V.

Mostraram á evidencia as ultimas eleições na Italia como o socialismo avança, a passos seguros.

Apesar das extraordinarias prepotencias de que usou Crispi na recente campanha eleitoral, —prepotencias, de resto, que são o *clou* de todos os governos despoticos—os socialistas conquistaram, pelo menos, 15 circulos eleitoraes, ficando eleitos, entre elles, Mazzo e De Felice, os encarcerados da ultima revolta dos *Fasci* sicilianos.

Dr. Eduardo Vieira

Acha-se ha dias incommodado este nosso presado amigo e collega na comissão municipal republicana, o que muito sentimos, fazendo votos pelo seu prompto restabelecimento.

O *Correio da Noite*, publica um artigo melodramatico, pavoroso, escripto certamente nas florestas da India, intitulado—*Thug de generaes*.

O Thug é Pimentel Pinto Napoleão da Costa, reformador de generaes. N'esse artigo, devido á pena de um apocalypticico plumitivo lê-se a passagem que transcrevemos e que é um documento do mais baixo servilismo perante o rei:

«El-rei, que é generoso e amante da sua patria; El-rei, que recebeu o legado precioso da coroa para o transmittir ao seu primogenito, não quer ver que este governo de reprobos tem arrastado o paiz até ao cair do abismo, convertido os proprios indifferentes ao republicanismo triumphante; que o seu ministro da guerra aniquilou um exercito, que sempre foi fiel ás instituições e acolheu os nossos reis com jubilosas saudações.

Não vê El-rei que uma pleiade lustrosa de generaes, preados pelas garras da ambição desenfreada, espumeja desesperos, e verte prantos d'uma cruel amargura em torno do seu throno, implorando justiça. Triste, muito triste!»

No mesmo *Correio* não é raro dizer-se que o rei protege o governo dos bandidos. E a este rei chama o citado *Correio*, generoso e amante da sua patria.

Querem maior sabujismo aliado á maior incoherencia?

E querem palavras mais comicas do que as que transcrevemos?

Aquella dos generaes—*espumejando desesperos e vertendo prantos d'uma cruel amargura em volta do throno*—é de fazer rir um catholico em sexta feira de Paixão!

Parece o reclame á *Emulsão de Scott*:—«As creanças pedem a gritos a Emulsão de Scott!» como dizem os prospectos.

Agora a sério. Que homens são esses que vão chorar em volta do rei as suas desgraças, quando esses homens devem saber que o ministro que os reformou tem o mais incondicional apoio do rei, como affirmam os jornaes progressistas?

Francamente chega a causar nojo isto de todos os dias estar a notar a triste figura dos jornaes progressistas. Mas é preciso. Elles tanto hão de rojar-se nos degraus do throno que o rei ha de chamal-os e então é necessario fazer com estes pedaços da sua prosa a mortalha em que temos de embrulhal-os.

A parodia dos estudantes

Alguns estudantes da escola medica de Lisboa resolveram publicar o seguinte manifesto:

«Tendo chegado ao conhecimento do «rei» da festa da escola medica que o jornal *Novidades* publicara umas locaes ácerca d'uns falsos incidentes que alli se tinham dado, entre professores e estudantes, convocou immediatamente a sua «côrte» para ser tomada uma deliberação conveniente.

«Compareceram «ministros, commandante das guardas intestinaes», e depois de exposta a questão, tomou a palavra o «ministro da fazenda», que apresentou o alvitro que segue: «Na sua opinião acatava-se a questão irritante, que as *Novidades* estavam explorando, mandando marmellos, mas muitos marmellos á digna e respeitavel redacção.

«O «rei» revoltou-se contra tal ideia e disse que estava pobre e, por isso, que não dava marmellos a tal gente.

«O ministro insistiu e tentou convencer o «rei», lembrando-lhe um «celebre inventario», em que o dito jornal repentinamente embuchou, depois de lhe darem «desasseis marmellos!»

«O «rei» exaltado, exclamou: «Ó bolas marmellos meus é que elles não apanham!»

«Os mesmos estudantes previnem os seus collegas de que não têm a menor importancia aos commentarios do jornal *Novidades*, que, na opinião d'elles, os está provocando a irem á redacção para os levarem a vias de facto e, em seguida, contando com o auxilio da policia, se regosijarem com a sua prisão.»

Francamente estes marmellos são de embuchar.

A proposito de parodias podemos dar a grata noticia de que brevemente alguns rapazes de Coimbra, apresentarão um projecto de parodia em que podem tomar parte todos os estudantes do paiz. Creemos que será uma glorificação tremenda.

Carta de Lisboa

28 de maio de 1895.

Nada mais curioso do que ler agora os jornaes progressistas, os regeneradores e a folha do Dias Ferreira. É uma discussão toda revelando intrigas tão mesquinhas que bem depressa qualquer pessoa chega a concluir que os politicos monarchicos, pensando unicamente nos seus interesses pessoais, são ao mesmo tempo de uma imbecilidade a toda a prova.

É a velha historia de ter o Dias Ferreira sido guerreado pelos regeneradores e não obter o apoio dos progressistas. Estes não se queriam metter na intriga para que o rei os chamasse ao poder; mas por tal forma andaram, que afinal foi a gente das *Novidades*, por motivos já sabidos, que venceu, levando ao poder os regeneradores. Agora lá estão todos descobrindo-se uns aos outros. Para qué, afinal? São tão conhecidos já!

As festas do centenario de Santo Antonio são positivamente um fiasco. Todos os dias se dissolvem as commissões que nas varias freguezias tratavam dos festejos, umas porque não têm dinheiro, outras porque descobriram que o pensamento do centenario, tal como o povo podia interpretar-o estava sendo empalmado pelos reaccionarios.

A este desastre vem juntar-se a discussão de sachristia entre o *Correio Nacional* e a folha *Novidades*, a qual está sendo o debique de todos os bons disfructadores.

Emfim, o prestito civico foi-se, foram-se as grandes festas populares. Tudo se limitará a alguns páos de bandeira e mais bicos de gaz na rua e fartas festas de igreja. Uma semana santa alegre e nada mais. Tolos serão aquelles que da provincia vierem a Lisboa. Não vale a pena. É um logro indigno, uma buria reles.

A questão do Nyassa, que os jornaes do governo não conseguiram abafar com o caso da *chantage*, continua dando logar a curiosas revelações. Eu receio perder-me no meio de tantos boatos que por aqui circulam a respeito do celeberrimo caso.

Parece-me que não perdem, se lerem varios jornaes, pois cada um, conforme os syndicatos que representa, vae a seu sabor contando casos varios para edificação dos povos.

A respeito do Nyassa eu tenho sómente uma opinião:—Que não se descubra culpados, que, embora se descubram, nenhum será condemnado e que, no genero do Nyassa, ha muitos casos no paiz constantemente impunes.

O calor vae apertando e d'aqui a pouco fogem para as praias todos os politicos. Tudo socegará.

Quando se approximar o inverno, agitam-se de novo as feras de todos os partidos.

Descem ao povoado como os lobos.

Jocelli.

Palavras de João Franco:

«Os progressistas não querem ir á urna? Pois não se fazem eleições enquanto elles não desistirem do seu proposito.»

Aos republicanos tanto importa que os progressistas vão á urna como não vão. Assim como nada lhes interessa que o governo faça eleições ou que deixe de as fazer.

Perguntam os innocentes porque, dizendo o sr. Ennes estar terminada a campanha em Africa, faltando unicamente policier, partem ainda para Lourenço Marques mais forças de artilheria. Porque? É boa, é que lá passa a fazer-se a policia com buccas de fogo! E esta idêa não é original. Já o Ferrão pediu canhões Krup para os policias de Coimbra.

«Livro da Paz»

Acabamos de receber esta nova produção do nosso collega Magalhães Lima. Agradecemos a offerta e a amabilidade da dedicatória.

Que dirá a isto o sr. Silva Graça, que deixou de enviar-nos o *Seculo*?

O *Seculo*, publica em telegrammas do seu sollicito correspondente de Vizeu e S. Pedro do Sul, tudo quanto os príncipes e a rainha fazem por aquellas doces paragens da Beira.

No telegramma publicado hontem lê-se o seguinte, entre outras coisas encantadoras:

«Os príncipes brincaram junto do rio Vouga. Retirou o antigo pessoal. A rainha acenou da sacada do paço com um lenço, dizendo-lhe adeus.»

Francamente não causa noja esta reportagem do *Seculo*?

Vejam o descaramento com que falla o *Tempo*, do sr. Dias Ferreira:

«E' ao paiz que nos dirigimos. Este appello será talvez inutil.»

Todos os symptomas de anemia geral denunciam uma situação approximada d'aquella que nos trouxe os desastres de Alcaer-Kibir!

Parece que Portugal está resolvido a assistir, de braços cruzados ou de mãos fechadas na cabeça, ao esphacelamento das suas liberdades e ao exgotamento completo dos haveres do thesouro!

A respeito de Portugal estar de mãos fechadas, concordamos com a condição de o *Tempo* fazer a seguinte alteração—que o paiz não está de mãos fechadas na cabeça, mas segundo a regra de S. Francisco.

Ora repare bem o sr. Dias Ferreira como o povo lhe mostra as mãos.

A esperançosa mocidade academica de Vizeu anda, de philarmónica á frente, berrando pela cidade de Viriato em fogosas acclamações á rainha. Um dos gritos, que os jovens filhos de Minerva soltam com mais entusiasmo, é o viva á casa de Orleans.

Ora se os meninos, que estão tocando gaita antes dos exames, como predestinados, em vez de darem vivas á casa d'Orleans, dessem vivas á Casa dos Bicos, não era melhor?

Experimentem os jovens capachos; e não nos agradeçam a lembrança.

Gymnasio de Coimbra

Muitas vezes tenho tido obrigação de falar do Gymnasio e nunca o fiz. Para quê? Se toda a gente diz tanto bem.

Como elle principiou! Era n'uma casita pequena cheia de actividade do Augusto Martins, sempre a iniciar cousas novas, os movimentos livres para as creanças, a esgrima para outros, o jogo do pau e cousas que nem sempre iam até ao fim.

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

IV

O CHEFE DE BATALHÃO

A familia Combat estava reunida. O pae tinha trabalhado todo o dia no arrabalde, em Picpus. O antigo convento dos penitentes da ordem terceira de S. Francisco, tinha sido secularizado em 1789, e a Communa de Paris, desajozada de utilisar esta casa, acabava de decidir que fosse transformada em prisão. Os pedreiros e carpinteiros preparavam os alojamentos para os aristocratas.

A pequena Jenny, voltava da praça da Revolução. As execuções chamavam sempre muita gente e os laços vendiam-se alli como por encanto.

A Combat fazia meia junto da chaminé vigiando a ceia; e o filho tão tímido e tranquillo com ella, quanto era ousado e brincalhão com os outros, estava encostado á janella olhando silencioso para os rapazes que jogavam a pedra no terreno inculto.

— Está a ceia na mesa, disse Jenny,

Jeronymo Silva ria-se e ajudava-o. Ensaava pacientemente os rapazes, dispunha os grupos, escolhia os trabalhos que cada um devia preferir. Por onde andarão elles agora?

O Jeronymo está medico em Poiares, o Carlos Bastos ama na Escola do Exercito, o Roma de Lemos, o dos saltos, já vocês se não lembram!, deve andar n'um quartel qualquer a aborrecer-se, o Alves Affonso vai em caminho de rico, tem uma roça em S. Thomé, o Antonio e o Philomeno da Camara andam em viagem de tirocinio nos chavos da esquadra portugueza.

Da velha guarda ha só o Coelho, muito espigado, com a mesma cara e o mesmo riso de creança.

Custa a acreditar como uma instituição tão util tem vivido até hoje vida desafogada e feliz n'este paiz em que medra a inutilidade, quando a vaidade a alimenta.

Que dedicações desde a de Augusto Martins até á d'hoje de Victor José de Deus, um amigo que admiro, e cujo character cheio de honestidade e altivez respeito. Na casa nunca se perderam as tradições e a gratidão, e eu, que fui uma vez presidente e não sou socio, recebo pontualmente o meu convite para todas as festas do Gymnasio. Jeronymo Silva é sempre consultado, e quando lho permitem os seus doentes, vem rapidamente collaborar na organização d'um sarau, e toma ás vezes parte com um numero de gymnastica, dos que elle inventa e só elle faz. Só uma vez faltou ao compromisso: foi quando se inaugurou o seu retrato. Então faltou á festa, esquivando-se modestamente á ovação que sabia todos lhe fariam.

D'uma pequena casa que se abria uma vez ou outra para uns saraus intimos, quasi á porta fechada, o Gymnasio acha-se hoje com uma magnifica instalação, bem provido de apparatus, com uma direcção activa e intelligente, que tem alargado o seu programma, ministrando a gymnastica tão necessaria ás creanças, promovendo o ensino da esgrima tão descuidado no nosso paiz.

Os outros Gymnasios portuguezes que o de Coimbra, ainda em começo, sempre auxiliou nos seus esforços e nas suas festas, consideram esta instituição coimbrã, e ainda ha pouco, no ultimo sarau, os de Lisboa e Porto se fizeram representar por Possolo, um barrista extraordinario, mais que um amador, um artista, e Corker e Oliveira dois atiradores distintos que nos deram um assalto que foi justamente applaudido apesar de ser ainda tão recente o de Antonio Martins.

N'este sarau surpreendeu a todos a fórma como foram executados os numeros d'argollas e o trabalho d'Alvaro Coelho e Navarro.

O Gymnasio de Coimbra que tem um passado brilhante deve continuar na cruzada de regeneração physica da sociedade portugueza, e ha de fazel-o, que é penhor d'isso a sua prosperidade actual, a sua energia e a sua actividade n'uma terra em que tem tão rapida-

mente morrido tantas instituições sympathicas d'um passado historico tão brilhante.

Continúa o Gymnasio a sua obra, o resto virá depois; com a força physica, o vigor do cerebro e com elle a regeneração da vida da mocidade, a restauração das antigas associações d'uma tradição historica tão honrosa para esta cidade e para o nosso paiz.

Agradeçamos, entretanto, a offerta.

Esteve em Coimbra dando-nos a honra da sua visita o nosso amigo e correligionario, Moraes Caravela.

O sr. Bruno Telles de Menezes de Vasconcellos, dedicado correligionario nosso, acaba de brindar-nos com uma formosissima edição dos seus versos.

Não podemos hoje fazer a apreciação, que o bello volume nos merece; mas em breve a faremos com largueza.

Agradeçamos, entretanto, a offerta.

Esteve em Coimbra dando-nos a honra da sua visita o nosso amigo e correligionario, Moraes Caravela.

O Instituto

Sahiu o n.º 5 (maio de 1895) d'esta excellente revista. A direcção merece todos os elogios pelos esforços que envidou para pôr em dia esta revista que por habito antigo andava em atraso de alguns mezes.

Alem da publicação de ineditos ou livros de grande raridade, o Instituto continúa as publicações dos trabalhos de José Caldas (D. Fr. Bartholomeu dos Martyres) e Julio de Castilho (Memorias de Castilho) e enceta um trabalho muito interessante de A. J. Teixeira sobre Antonio Homem. Carlos de Mesquita dá-nos de novo versos superiores aos que tem publicado, e Antonio de Vasconcellos continúa os seus estudos sobre a Sé-Velha. Querieríamos ver o trabalho do sr. dr. Vasconcellos mais acurado, tanto na redacção como no cuidado de informação sã e segura.

O illustre archeologo esquece-se por vezes e segue exemplos pouco para seguir. Assim, fallando da decoração das campas, cujo estudo é interessante, indicando a marcha da ornamentação renasçença em Coimbra d'uma maneira muito clara, escreve phrases vagas e nem de leve chama a attenção para este ponto tanto para estudar.

O trabalho sobre a Sé Velha tem ainda um defeito: falta de indicação das fontes historicas o que, se por um lado torna indiscutíveis as asserções, lhe tira tambem toda a auctoridade. Assim, negando uma opinião que por ali corre, afirma que a capella de S. Giraldo era no transepto e que o altar ficava exactamente no sitio onde o bispo D. Affonso de Castello Branco rasgou a porta, que dá communicação para a sacristia. E não transcreve os textos que possam abonar esta affirmacão muito contestavel.

A pag. 265 afirma que o altar do Santissimo era o que hoje é de Santa Isabel e deixa por citar as provas. Mas o que extraordinariamente nos

Prismas outoniços

Esteve em Coimbra dando-nos a honra da sua visita o nosso amigo e correligionario, Moraes Caravela.

O Instituto

Alem da publicação de ineditos ou livros de grande raridade, o Instituto continúa as publicações dos trabalhos de José Caldas (D. Fr. Bartholomeu dos Martyres) e Julio de Castilho (Memorias de Castilho) e enceta um trabalho muito interessante de A. J. Teixeira sobre Antonio Homem. Carlos de Mesquita dá-nos de novo versos superiores aos que tem publicado, e Antonio de Vasconcellos continúa os seus estudos sobre a Sé-Velha. Querieríamos ver o trabalho do sr. dr. Vasconcellos mais acurado, tanto na redacção como no cuidado de informação sã e segura.

O illustre archeologo esquece-se por vezes e segue exemplos pouco para seguir. Assim, fallando da decoração das campas, cujo estudo é interessante, indicando a marcha da ornamentação renasçença em Coimbra d'uma maneira muito clara, escreve phrases vagas e nem de leve chama a attenção para este ponto tanto para estudar.

O trabalho sobre a Sé Velha tem ainda um defeito: falta de indicação das fontes historicas o que, se por um lado torna indiscutíveis as asserções, lhe tira tambem toda a auctoridade. Assim, negando uma opinião que por ali corre, afirma que a capella de S. Giraldo era no transepto e que o altar ficava exactamente no sitio onde o bispo D. Affonso de Castello Branco rasgou a porta, que dá communicação para a sacristia. E não transcreve os textos que possam abonar esta affirmacão muito contestavel.

A pag. 265 afirma que o altar do Santissimo era o que hoje é de Santa Isabel e deixa por citar as provas. Mas o que extraordinariamente nos

magôa no artigo do sr. dr. Vasconcellos é que, fallando com o louvor que aliaz merece, do sr. Augusto Mendes, que tanto tem trabalhado em estudos de archeologia coimbrã, e citando-lhe a par Borges de Figueiredo, não teve uma palavra para Antonio Augusto Gonçalves, que na restauração da Sé Velha tem gasto tão grande parte da sua actividade artistica.

E devia fazel-o,—porque a primeira inscripção que descreve, foi descoberta por o sr. Antonio Augusto Gonçalves. Foi elle o primeiro que a leu, elle o que fez o primeiro calco. Porque se não citou o nome do sr. Antonio Augusto Gonçalves na primeira referencia que se fazia á inscripção tantos seculos desconhecida?

No artigo do sr. Vasconcellos que, á parte estes leves defeitos e a falta de propriedade na linguagem artistica, revela um esforço louvavel, deve emendar-se este erro que, com franqueza o dizemos, não cremos motivado em menos consideração pelos sacrificios que Antonio Augusto Gonçalves tem feito á Arte e ao Paiz em toda a sua vida de trabalho arduo e honrado.

O destacamento de cavallaria, que se achava de guarnição a esta cidade, retirou para Castello Branco.

magôa no artigo do sr. dr. Vasconcellos é que, fallando com o louvor que aliaz merece, do sr. Augusto Mendes, que tanto tem trabalhado em estudos de archeologia coimbrã, e citando-lhe a par Borges de Figueiredo, não teve uma palavra para Antonio Augusto Gonçalves, que na restauração da Sé Velha tem gasto tão grande parte da sua actividade artistica.

E devia fazel-o,—porque a primeira inscripção que descreve, foi descoberta por o sr. Antonio Augusto Gonçalves. Foi elle o primeiro que a leu, elle o que fez o primeiro calco. Porque se não citou o nome do sr. Antonio Augusto Gonçalves na primeira referencia que se fazia á inscripção tantos seculos desconhecida?

No artigo do sr. Vasconcellos que, á parte estes leves defeitos e a falta de propriedade na linguagem artistica, revela um esforço louvavel, deve emendar-se este erro que, com franqueza o dizemos, não cremos motivado em menos consideração pelos sacrificios que Antonio Augusto Gonçalves tem feito á Arte e ao Paiz em toda a sua vida de trabalho arduo e honrado.

O destacamento de cavallaria, que se achava de guarnição a esta cidade, retirou para Castello Branco.

Carta das Caldas da Felgueira

N'esta estancia, que ultimamente tem adquirido uma grande fama, entre a nossa melhor sociedade, encontram-se já bastantes familias e muitas pessoas gradas. As maravilhas obtidas em padecimentos do estomago e doenças de pelle com o uso das aguas sulphuricas da Felgueira, são de ha muito conhecidas em toda a Beira Alta e outros pontos do paiz, porém só ultimamente, depois da constituição da companhia, dos melhoramentos que aqui se fizeram e que, em parte, se devem ao genio activo e prestimoso do sr. dr. João Filicio, clinico de grande valor e de muita modestia, é que no Porto e Lisboa se tornaram mais conhecidas. O sr. dr. Manuel Bento de Sousa no seu reatorio faz-lhe os maiores elogios, os quaes calaram no espirito de todos os que d'elles tiveram conhecimento, mas a sua fama provém mais das curas que os doentes, muitos d'elles cançados de as procurar em outras instancias, só aqui encontravam.

N'esta terra, tão humilde até ha bem pouco tempo, encontram-se já commodidades e um bem estar relativo, que muito convem ao doente.

Tem dois hotéis bons que recebem hospedes a preços de 15000 até 25000 réis, e casas para alugar que, sendo de construcção antiga e pouco acceiadas algumas, todavia vão remediando emquanto outras as não substituem.

Os hotéis são bons. O Meial, construido na crista do monte conhecido pelo Monte do penedo da saudade, está bem situado e das suas janellas e do seu terraço vê-se, correndo por entre

grandes tragos de cerveja e as boas camas.

—Falla-nos dos representantes do povo! disse Miguel.

Então elle contou o episodio da bandeira; repetiu o que lhe havia dito o cidadão Duquesnoy.

O trabalhador com os cotovellos apoiados sobre a mesa, a cabeça entre as mãos, os olhos brilhantes, escutava. —Em Jemmapes, disse Cadet, tinhamos Baudot, um bom homem que se segurava mal a cavallo. Atacamos os reductos, debaixo d'um fogo do inferno. Fomos repellidos. Elle diz-nos: A Republica vós contempla. E atira o cavallo para a frente. Mas a besta recusa avançar. Chega-lhe as esporas. Elle empina-se. Deixa o cavallo! Parámos. Que-reis correr! disse-nos; eu cheguei antes de vós lá em cima!...

—E chegou?

—Antes, não. Mas ao mesmo tempo. Era um bravo. Quantas vezes nos valeu elle para não morremos de fome!

—Ah!

—Sim! É uma cousa bem simples. Chegava a uma cidade. Tomava um papel e escrevia: «Tantos arrateis de pão, tantos barris de cerveja». Em seguida mandava imprimir e affixar esta requisição. Ninguem dizia que não.

—Ainda nos não disseste nada do cidadão Lenoir!

—O meu capitão?

Cadet hesitou. Procurava as palavras.

Tinham-lhe escapado muitos dados da vida de Henrique.

—É meu amigo; ensinou-me a escrever; passa a vida a servir todo o mundo. É incançavel a pedir isto e aquillo para os outros. Para elle, nada. Era general se o tivesse querido ser; mas recusou todas as promoções; diz que é um cidadão e não um soldado.

—Tem razão! diz Miguel.

—Eu julgo, disse Cadet, que elle está apaixonado. Entregou-me uma carta...

—Para a cidadã Jane de Bernard? disse a pequena Jenny.

—Sim. Tu conhece-la?

—É minha amiga.

—Nesse caso, vae commigo a casa d'ella amanhã de manhã.

—Sim, meu Cadet.

Elle mirou a rapariga dos pés á cabeça. Achou a crescida.

—Não tens engordado; mas isso pouco importa, porque estás muito gafante; que edade tens?

—Vou fazer quinze annos.

Elle mirou-a outra vez; ella corou e baixou os olhos.

Voltou á narração interrompida por este incidente.

(Continúa).

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica de encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1:000 réis

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Académica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO

DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

Charutos estrangeiros

MARCAS ACREDITADAS

Vendem-se em caixas de 25, 50 e 100 charutos a preços excepcionalmente reduzidos.

Tabacaria União

SOPHIA — COIMBRA

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flóres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha equal para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Colocação de dentes artificiaes por preços modicos.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

TANDEM

Vende-se um quasi novo. Nesta redacção se diz.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coróas e bouquets, fnebres e de gala. Fitras de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.



AS verdadeiras machinas

SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92—Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Bom emprego de capital

FABRICA DE GAZOZAS

Passa-se uma em boas condições, com todo o vasilhame e receitauario de fabrico, por seu dono a não poder administrar, tendo uma machina de Casaubon & Fils, que fabrica 1:200 garrafas por dia ou 900 sifões.

É de pouco dinheiro. Dirigir-se a José Maria d'Almeida—Vizeu.

Vinho de meza sem composição

Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.ºs 9 e 11. A. Marques da Silva.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranthe.

Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroi, 103, se trata.

BENGALAS

Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra—Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

LIVROS DE MISSA

Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabel-cimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 30

COIMBRA — Domingo, 2 de junho de 1895

1.º ANNO

Maquinações tenebrosas

As estridentes festanças do centenário de Santo Antonio promovidas pelo partido clerical e ajudadas pelos sectarios hypocritas e nefastos do obscurantismo, dizem algumas folhas, correm o perigo d'um completo fiasco.

Mas corresponda o exito aos programmas ou não, nem por isso essa audaciosa tentativa dos ultramontanos deixa de ser um novo grito de alerta e motivo grave de reflexão aos espiritos dedicados á civilisação e á liberdade.

Durante longos annos o trabalho da seita foi medroso, cauto e subtil; presentemente, que encontra apoio franco e protecção declarada no proprio paço dos reis, com o impudente desprezo das leis e das conveniencias, a audacia jesuitica arremessou a mascara, e, segura da victoria, levanta a cabeça, como se calcasse paiz conquistado!

Colligados n'um pacto de defesa mutua, consubstanciados na mesma causa commum, os reaccionarios do altar e os reaccionarios do throno julgam-se triumphantes n'este momento anormal de pavorosa crise, em que a alma nacional se sente desnorteada e abatida.

Por seu lado a monarchia, allucinada pelo desvaivamento de tresloucadas ambições, sonhando com a resurreição do velho absolutismo, imagina-se grande e forte, porque tem ao seu serviço a policia, as espingardas das guardas municipaes, a propaganda dos jesuitas, a caterva dos falsos liberaes e dos agentes assoldados, promptos a rasgarem n'um momento os direitos sagrados da nação.

A burguezia medrosa, sentindo pre-nuncios de tempestade que se aproxima, fecha os olhos aturdida e abstem-se de pensar, preferindo covardemente que tudo corra entregue aos azares do acaso.

As incertezas do dia de amanhã; a desconfiança na probidade dos homens, alimentada pelos escandalos todos os dias denunciados á condemnação publica; as difficuldades da vida nas classes medias, n'uma ostentação ficticia de recursos improvisados; a immoralidade e o cynismo com que o roubo campeia impune, tolerado e sem desdouro para os delinquentes de alta cotação; tudo isso constitue uma vasta estremeira moral em fermentação, onde a astucia jesuitica possa estabelecer o seu predomínio, e o fanatismo lançar raizes fundas, florescer e fructificar.

A nação pobre, sem educação e sem trabalho, onfraquecida pela emigração em massa dos braços validos, perde cada vez mais a energia e deixa-se arrastar n'uma corrente de retrocesso, que ninguém pôde prever onde irá parar.

Os covis jesuiticos, amparados pela influencia da corôa, multiplicam-se pelo paiz, como uma praga, zombando de todas as leis e das reclamações da imprensa livre.

Vê-se perfeitamente que a organisação de todos os elementos da reacção politica e religiosa obedece a um plano unico maduramente pensado e assente.

O atraso da população, onde a proporção dos analfabetos é de 79,5 por cento, e o despovoamento rapido do paiz pela emigração, sem que os governos se preocupem das providencias urgentissimas a adoptar, formam um contraste frisante com a multipli-

cidade dos estabelecimentos jesuiticos todos florescentes, que se alastram com a acquiescencia e a protecção do estado, que lhes cedê edificios e lanttas generosidades de favoritismo escandaloso.

E a attitudo ignobil de certa imprensa liberal em presença da invasão d'essa horda asphixiante de hypocritas e de traidores é significativa!

Tudo isto exige meditação séria e a acção de todos aquelles que entendem que não pôde ser sacrificada a patria e a liberdade á odiosa conspiração do absolutismo.

Agora as exhibições publicas, para afirmar poderio e impressionar o espirito das multidões, succedem-se e correlacionam-se, como capitulos d'um mesmo programma. Ha pouco a parada jesuitica, expondo a infancia das suas escolas pelas ruas de Lisboa, seguida da corte e acolytada pela governação, com o sequito dos ministros! Pouco depois o alarde basofiante das tropas municipaes no arraial da Avenida, como uma ameaça ridicula aos partidos avançados! A manha os projectados festejos, a que serviria de pretexto qualquer santo do calendario!...

Tudo isto, no meio do desalento geral e das desgraças do paiz, é de molde a abrir os olhos aos homens honrados e de boa fé, para que vejam bem o caminho por onde a mais incomprehen-sivel e ignominiosa das traições pretende arrastar a sociedade portugueza!

Vejam esta pouca vergonha!

Escreve uma folha monarchica de Lisboa:

«O Correio Nacional não diz a verdade, quando afirma que não ha nenhuma missão catholica inglesa no sul de Angola, e que o «Portugal em Africa» é uma revista genuinamente portugueza. Que tem redacção propria e portugueza, isso sabemos nós, e já o dissémos. O que desejariamos saber é por quanto está ella contratada para servir uma empresa, que, pelo lado da religião, se pôde considerar cosmopolita, mas que, por outra ordem de considerações, devemos reputar estrangeira, e por isso mesmo de expansão perigosa.»

Commentarios para quê?

Simplemente um apontamento para o ajuste de contas.

O sr. Cabral Moncada vae examinar o processo do Nyassa para elaborar a competente acção criminal. Decerto se ha de encontrar nas dobras das folhas a mesma celebre razão d'estado que desembarçou o Marianno de Carvalho da possibilidade d'uns annos de penitenciaría.

Que o diga a procuradoria geral da corôa e fazenda...

O Seculo de quinta feira inseria os retratos de alguns marinheiros, victimas da explosão do Anvernois no Tejo, e os croquis da popa e da caldeira d'esse barco.

Comprehendemos.

Um redactor d'esse jornal dizia-nos ha poucos mezes:

—A tiragem do Seculo é hoje muito grande. Mas ouça: não podemos metter-nos em questões politicas irritantes. A tiragem, quando nos fazemos aggressivos, diminue logo dois ou tres mil exemplares. Enquanto que, se ha um desastre ou algum assassinato e publicamos os retratos das victimas, a carantonha do criminoso e o croquis do instrumento perfurante nas suas tres posições (cumprimento, largura e espessura) a tiragem pula mil, dois mil exemplares...

—De modo que vocês, ás vezes mand m esfaquear uma victima...

—Tanto, não. Mas gostamos,

O «Correio da Noite» e o rei

O jornal do sr. José Luciano diz n'um artigo intitulado *Viva o Rei e o Governo tambem*, as seguintes palavras que não esqueceremos:

«Viva o sr. D. Miguel — bradavam as rogadeiras da praça da Figueira, e quemol-o rei absoluto. E' este o direito publico tradicional, legitimo, e que o ramo segundo da casa de Bragança procurou abolir. Foi uma usurpação que custou muito sangue e muitas lagrimas, mas a Providencia não dorme, e aquelle direito publico legitimo, verdadeiramente portuguez, está de novo restituído ao velho Portugal.»

Viva o rei, e damos graças a Deus, porque os seus designios são insondaveis. Pareceria logico e justo que, restituído o direito publico legitimo, tradicional, do antigo regimen, fosse o ramo primogenito o seu representante. Mas os desiguais da providencia são insondaveis, repetimos. Na corte do eu não ha habimento para questões pessoas. Ser, ou não ser D. Miguel, ou os seus legitimos representantes, é isso uma questão secundaria. Deus os compensará no ceu, e louvado seja nas alturas, porque faz ea na terra a nossa felicidade.

O solitario de Valle de Lobos, que a Deus agradece não achal-o de todo corrompido para continuar nas luctas politicas do seu tempo, escreve:

Podem valer pouco os juramentos politicos; pôde, até, ser absurdo o juramento em geral. Mas a quebra de promessas solennes e espontaneas, seja qual for a sua formula, será sempre uma vilania, enquanto tiverem cuito a honra e a lealdade.»

Tem razão o jornal do sr. José Luciano, chefe do partido progressista. Mas nós, que o vemos agora chamar vil ao sr. D. Carlos, teremos amanhã, quando o *Correio da Noite* disser que o rei está illudido ou quando aceitar o poder das suas mãos ou o defender das nossas accusações, o direito de chamarmos vilissimo ao jornal do sr. José Luciano e aos progressistas com elle solidarios.

«A Provincia» e o rei

A respeito de não serem correspondidos os vivas ao rei, lê-se na *Provincia*:

«Não quer o governo, ver isto. Não quer, porque lhe não convem e preferê trazer illudido o rei, convencer o de que tudo vae no melhor dos caminhos e de que o paiz não tem a comprehensão dos seus direitos, ultimamente calcados sem a menor sombra de certunomia.»

Está bem!

O *Correio da Noite*, progressista, chama vil ao rei, a *Provincia*, progressista, chama-lhe illudido.

E ainda ha pacovios, *habilitados* ou indignos, que tomam a serio o partido progressista!

O «Tribuna Popular» e o rei

Perguntava ha dias o *Tribuna Popular* quem eram os culpados do desprestigio das instituições:

«Serão os estudantes, que, rindo e folgando imprimiram o cauterio irresistivel do ridiculo na farçada indecorosa da Avenida, aonde o governo commetteu a inqualificavel imprudencia de arrastar o proprio chefe do estado — ou será antes o mesmo governo, que não reconhece rei nem lei, que compromette aquelle e atropella esta, todas as vezes que bem lhe apraz?»

Como se vê quem compromette o rei, segundo a opinião do *Tribuna*, é o governo. O rei, pelo que se vê acima, é arrastado pelo governo.

De maneira que hoje apresentamos aqui a opinião de tres jornaes progressistas notaveis, a do *Correio da Noite* que chama vil ao sr. D. Carlos, a da *Provincia* que lhe chama illudido, e a do *Tribuna Popular* que lhe chama... arrastado.

Ora... *pensem lá n'isso!*

Discutem os jornaes monarchicos se o rei é ou não acclamado em sarauos, banquetes ou qualquer outra festa.

Os progressistas dizem que não ha

vivas ao rei por estar no poder um governo regenerador, os regeneradores dizem que não ha vivas, porque o nosso povo é em geral bisonho.

Esclareçamos: Não ha vivas ao D. Carlos porque, estejam no poder progressistas ou regeneradores, o povo entende que tão bons são uns como os outros e o rei tão bom como todos. Isto dizemos aos progressistas.

Aos regeneradores lembramos que o nosso povo, apesar de bisonho, sabe acclamar quem o merece.

Vejá-se a manifestação a João de Deus.

Dir-nos-hão que essa manifestação foi feita pelos rapazes e que esses se entusiasmassem facilmente por uma idéa justa e generosa. Muito bem. Pois vejá-se o rei, apesar de todos os seus *trucs*, conseguiu ser acclamado no sarau dos estudantes em honra do poeta. O theatro estava cheio de academicos, levantaram-se vivas ao poeta, ás academias, a tudo quanto representava uma idéa digna.

Mas vivas ao rei ou a alguém da familia real que assistiu *au grand complet*?

Nem nada! E foi melhor assim...

E a rapaziada que, praticava por um feriado actos menos dignos, quando o João Franco disse para os estudantes o pedirem ao rei, agradeceu a lembrança mas não acceitou.

João Franco queria vivas ao monarcha?

Já não ha d'isso.

Se tivesse dado dois feriados, talvez se lhe agradecesse com um vivasinho á Republica.

Era o mais que se podia fazer.

Agora vivas ao rei? Talvez pelos seus lindos olhos?!

Ora, pois não! Lindos olhos tem o mocho!

«Seculo» e «Vanguarda»

Acerca d'uma operação financeira ultimamente realizada pelo governo, diz a *Vanguarda*:

«O governo acaba de fazer um contracto no estrangeiro, para o levantamento de cinco milhões de francos, isto é, 900 contos de réis em oiro.»

Não tendo podido fazer qualquer operação sobre os 9:000 contos de obrigações dos tabacos, encontrando difficuldades pelo que respeita á collocação das obrigações da companhia real e não tendo dinheiro para pagar os seus compromissos, o governo recorreu ao credito, pedindo 900 contos, não se sabe em que condições.

Para pagar os coupons de janeiro e abril, o governo recorreu a diversas operações de thesauraria, e para satisfazer os encargos internos tem continuado a recorrer ao papel estampado do banco de Portugal.

Como, porém, não tem feito nenhuma economia, e antes tem augmentado as despesas publicas, acontece que os embarços augmentam de dia para dia, falando-se já na hypotheca dos caminhos de ferro do Minho e Douro.»

«E' pavoroso o abysmo para que caminhámos. Este emprestimo de 900 contos que o governo acaba de contractar é um seguro indicio de que a nossa administração é absolutamente incorrigivel.»

O *Seculo* porém *elogia* mais este golpe do governo e diz que elle não carece do dinheiro agora adquirido para pagamento do coupon de julho proximo, ficando com um stock de mil e tantos contos de réis em oiro á sua disposição.

Os jornaes monarchicos entendidos no assumpto dizem que o governo cada vez mais compromette financeiramente o paiz.

A consciencia e a dignidade da *Vanguarda* deixamos o apreciar esta consideração que fazemos:

Se o dever dos jornaes republicanos dignos d'esse nome, como a *Vanguarda*, é accusar os jornaes monarchicos que illudem o paiz sobre as manobras financeiras ruinosas do ministerio, não se tornará muito mais imperioso o dever de castigar os jornaes que se dizem republicanos e defendem, como o *Seculo*, vilmente os actos do governo? Ou não?

Notas d'um azedo

IV

VI—*Camillo*—Vá de fallar nos mortos...

Passa desapercibido, sem uma lagrima sentida da Alma nacional á orvalhar-lhe a campa, sem uma manifestação grande, condigna, do lucto, da gratidão que vibrar devia nos corações intelligentes do povo portuguez, a memorar-lhe a obra, o anniversario triste, doloroso, da morte dolorosa, tristerima, do grande romancista peninsular.

Alora locaes desenxabidas, banaes *suellos* das gazetas, que fazem da noticia uma litteratura, notificando a data: tirante missas roufenhas, fanhosos officios dos amigos portuenses que fazem do cantochão uma apothese, a lusitana estupidez commenta, com silencio irreverente, com alvar indifferença — na impassibilidade cynica de irracionais triumphantes — o desfecho tragico, negerrimo d'uma vida luminosa, d'uma obra rutila de gloria, chispante de genio.

Camillo morreu vae para 5 annos.

Rude pioneiro do pioneiro vesgo, rachitico das letras contemporaneas, onde as intelligencias, no elogio mutuo aviltante, se polluem para subirem, e as obras, na banalocrazia deprimente da epocha, se amesquinham para se immortalisarem, couraçado na tempera japonica do seu genio, na maleabilidade prodigiosa da sua organisação artistica, Camillo, cobrindo-se de louros, deixando no horizonte igneo das mais puras glorias nacionaes um rasto luminosissimo de scintillações fulgurantes e eternas, farto da vida, escouceado pela sorte, flagelado pela doença, o espirito lasso, alquebrado o corpo, rematou a serie ininterrupta dos seus triumphos litterarios, das suas torturas pessoas, desfechando na cabeça, com a firmeza d'um stoico, a serenidade d'um martyr, as cargas homicidas d'um revolver pacificador.

Vae para 5 annos.

O colosso invencivel, o luctador insubjugavel deixou-se vencer pela morte, cahiu subjugado pelo desespero acre, pungente, d'uma velhice de trevas, pela fatalidade implacavel, funebre, d'uma cegueira irremissivel.

Suicidou-se.

E o seu cadaver, — despojo sacrificissimo ante o qual hemos todos de nos curvar, doloridos, reverentes, n'um deliquio intellectual de respeito — apodrece, vae-se desfazendo, sem um protesto util, sem uma revolta grande, na sarcastica torpeza d'uma pedra mortuaria que um dia irá cobrir, n'uma promiscuidade sacrilega, o esqueleto precioso e venerabilissimo do Suicida de Seide e os restos mortaes de Urbino.

Repisando...

Não é com locaes insulsas, tropegas, com psalmos lythurgicos de mau cantochão, de mau latim, que se paga a divida em aberto, inadivavel, de desaggravar a memoria do primeiro, do maior escriptor portuguez.

É de poucos mezes ainda a apothese a João de Deus, o poeta e o apostolo. Iniciada pela gente nova, bem ou mal, debaixo d'agua e n'uma desorientação de viverio, foi a cabo sem fiasco de monta, sem contratempo arreliador.

Pois bem. Já que antes não foi, que depois do poeta, do apostolo, venha o Romancista, o luctador. Iniciada por este ou por aquelle, mas apothese nacional, em todo o caso, livre-se o

prosador maximo da nossa litteratura, do lugar em que se encontra, removendo-lhe a ossada para o Pantheon, n'um cortejo glorificador, expontaneo, em que todos os portuguezes honestos, novos e velhos, ricos e pobres, minusculos e grandes, irão a resgatar a infamia de quatro annos de inercia criminosa, quatro annos de estúpida ingratitude.

Mas não vale barafustar por uma ideia grande, por uma ideia justa.

Os tempos vão mais para actos honestos, d'uma honestidade sem entrelinhas, sem escaninhos, em que a Alma d'um povo possa abrir-se sem mira cubiciosa no lucrosinho dos cinco por cento que a letra da lei torna legal.

Camillo morreu. O povo portuguez, a não serem os borbullhões da monarchia que o tram na espinha, passaria em novidade na sua importante saude.

Camillo vai para 5 annos que está no jazigo do Urbino.

O povo portuguez amezendou-se, vai para 70, na casa de prego dos Braganças Constitucionaes.

Camillo, cheio de glorias e de talento, encarou a morte a sorrir e suicidou-se com coragem, com frieza.

O povo portuguez, cheio de vicios e de cães, encara o D. Carlos com espanto e deixa-se deslombiar pela municipal em estarrecimentos de cobardia, em convulsões de medo.

O romancista foi genial. O povo é insensato.

... Ou não ha justiça, ou o coval do Urbino cabe de direito ao Portugal moribundo.

E tiremos de lá o Romancista, depressa, sem delongas, que um Povo a apodrecer ao sol pode causar uma epidemia.

F. V.

Dr. Mendes Correia

Acompanhado de s. ex.^{ma} familia, partiu na quinta feira passada para Vagos, este nosso distincto amigo e abalizado clinico portuense. S. ex.^{ma} demora-se alli por todo o mez de junho.

A um jornal que se publica em Lisboa, *O Academico*, diremos que os academicos de Coimbra não tem absolutamente nada com o que na *Resistencia* se escreve.

Creia o *Academico* o seguinte: em Coimbra só algum raro estudante se lembrará de protestar, a sério, contra o facto de alguns estudantes de Lisboa desejarem que o governo decreta para elles o uso obrigatorio da capa e batina. A esse respeito, mesmo em carta publicada no *Seculo* e no *Primeiro de Janeiro*, já o distincto academico de direito, o sr. Marreiros Netto, disse o que todos em Coimbra pensam.

Anda desavisadamente, pois, o *Academico*, pretendendo querer ligar a academia de Coimbra a responsabilidade do que se escreve n'este jornal. Julgamos que o mais elementar dever de lealdade obrigará o *Academico* a concordar conosco.

Quanto aos ataques que nos dirige por criticarmos o desejo que tem alguns estudantes de Lisboa de que o governo os obrigue a usar capa e batina, tem somente importancia pelo simples motivo de que nós temos razão criticando esse desejo. A respeito de capa e batina, a maioria dos rapazes de Coimbra, até apoiada em opiniões bem auctorizadas, já se tem lembrado por varias vezes, de pedir a supressão d'este uniforme.

Mas para que discutirmos com o *Academico* a proposito de insignificancias?

E para que envolvermos a academia de Lisboa e a de Coimbra em questões banalissimas?

A academia de Lisboa, que tantas palavras de efugio nos tem merecido pela sua satyra implacavel da parodia á parada real, e a academia de Coimbra que tão dignamente repelliu com desprezo os artificios do João Franco para se obter uma manifestação a favor do rei, são dignas uma da outra, sa-

bem quanto se estimam e não podem estar á mercê de ridiculas invectivas. Acredite pois o *Academico* que nunca mais lhe responderemos, por muito estimarmos as duas academias.

Vemos com prazer figurar na commissão municipal republicana da Regoa o nosso distincto amigo e intelligente advogado, dr. Antão de Carvalho.

Conta o nosso amigo antigos camaradas seus n'esta redacção, que não esquecem ter elle sido seu companheiro nas luctas politicas iniciadas em 1890, aqui em Coimbra, pelos estudantes republicanos. Antão de Carvalho foi um dos que assignaram o manifesto dos estudantes republicanos de Coimbra em 1890, o documento colectivo mais audacioso que n'estes ultimos tempos se tem publicado em Portugal.

Dos signatarios d'este manifesto a maioria ficou fiel ás nossas idéas, e n'essa maioria contamos os mais queridos pela sua intelligencia e pelo seu caracter.

«Paginas de Critica»

Com este titulo publicou-se em Vizeu uma *Revista Academica*, que insere um *Pelourinho* engracadissimo. É brilhantemente redigida pelos srs. Eduardo Borges, Amadeu Monteiro e Aurelio Vasconcellos, que receberam adhesão ás suas idéas por parte d'um grupo de academicos vizienses promptos a declarar-se.

A *Revista* é um protesto nobre e alto contra o capachismo dos tunos da pobre cidade de Viriato, que por lá têm andado a praticar servilismos para com a rainha.

Vem acompanhada d'uns gracejos curiosos, de que extractamos o seguinte:

—Em que estou eu agora a pensar? O tuno, distraído, que n'essa occasião se disponha a emborcar a decima taça de champagne:
—Na morte da bezerra!...

Partido republicano

Organisou-se a commissão municipal do partido republicano na Regoa. Compõe-se dos srs.:

Dr. Antão Fernandes Carvalho; dr. José Vasques Osorio d'Almeida; engenheiro Gregorio Rolla; Antonio Francisco Ferreira; Antonio Pereira do Espirito Santo e Antonio Padua Vasques, capitalistas; Gaspar da Silva Martins, José Pinto da Fonseca e Antonio Augusto Gomes, negociantes; Manuel Alvares Pereira Leal, D. Antonio Peixoto Coelho Padilha, José Maria de Araujo e Francisco Correia Teixeira Menezes, proprietarios.

Constituiu-se tambem a commissão de Freixo de Espada à Cinta, que é formada dos seguintes cavalheiros:

Presidente, Antonio Manuel Capellas, quarenta maior contribuinte, proprietario e ex-camarista; Antonio Firmino Affonso, Francisco Manuel Affonso e Manuel Maria Duarte, proprietarios; secretario, Antonio Candido Guerra, professor de ensino livre e secundario.

Fafe:

Effectivos—Dr. Alvaro Vieira Campos de Carvalho, medico, proprietario e capitalista; dr. Virgilio Teixeira e Castro, advogado e proprietario; dr. José Maria Leite de Campos, advogado; dr. Arthur Vieira de Castro, capitalista; Antonio José de Castro Azevedo, capitalista e quarenta maior contribuinte; José Maria Gonçalves, negociante, proprietario e vereador, e Adriano Vieira de Castro, capitalista.

Substitutos—José Joaquim Fernandes Ribeiro, negociante e proprietario; José Soares Leite d'Oliveira, quarenta maior contribuinte; Francisco José Leite Lage, proprietario e capitalista; José de Moura e Silva, pharmaceutico; José Antonio Ribeiro de Freitas, proprietario e capitalista; Manuel Augusto da Costa Oliveira, negociante, e José Teixeira Leite, negociante.

Commissão executiva—Dr. Alvaro Vieira Campos, dr. José Maria Gonçalves e Adriano Vieira de Castro.

Começou a publicar-se em Famacão o jornal *O Porvir*, que vem militar no campo republicano.

Damos as boas vindas ao illustre campeão desejando-lhe uma longa vida.

LITTERATURA E ARTE

AMOR DE SANTO

Havia arvores que pareciam fugir da terra, e elevar-se envoltas no vestido leve de gaze bordado a branco, de que as cobriam as flores brancas tantas e tão miudas.

A renda verde da folhagem fina das acacias andava a bordar-se d'ouro em flores.

Os taludes cobertos de relva verde, fina, macia, muito egual, pareciam talhados em verdura por um jardineiro antigo, e as flores vermelhas do pecegueiro voavam como insectos sobre os troncos tão finos a tremer ao vento que passava, humido, quente e perfumado.

No fundo dos vallados corriam, em ondas d'ouro e leite, regatos de malmequeres; e da relva verde levantavam-se em hastes muito finas flores douradas, em que parecia soar como em campainhas a alegria da terra que na primavera ri seu riso de creanga.

Sorrisos em toda a parte. Nas rugas fundas dos rochedos soam florescencias d'ouro, riem risos de seda as flores vermelhas das papoulas!

Muito novinha era a terra! Velho, apenas um castanheiro encrustando no céu azul, fresco, muito lavado, os ramos sem folhas, torturados, duros de bronze, em que os musgos punham manchas verdes claras d'oxidação. As raizes á mostra, seccas, fechavam-se sobre os rochedos, rigidas e nodosas como as linhas dos pés magros dos velhos a agarrarem-se ao chão para não cahirem ao andar.

Do tronco roído já só havia metade, fendido, todo estalado, negro. Parecia que lhe tinha pegado o fogo e lhe levava o resto.

Fôra aquelle tronco aberto ao vento, como um capote esfarrapado de mendigo, que cobria o seu ultimo amor. Lá estavam ainda os fetos de que ella tivera tanto medo.

Lembrava-se bem... Tinha-a encontrado na fonte.

É verdade! Comp estaria a fonte?... A fonte estava na mesma, enterrada n'uma cova para que se descia por uns degraus gastos de pedra toda comida de relva. A agua sahia d'um cano de ferro a babar-se, roído de ferrugem, para sumir-se logo na terra aberta e fresca da florescencia verde dos agriões. Em cima corria á volta um muro de pedra, muito gasto do debruço dos namorados, alegre como uma bocca desdentada de velho bom a rir de uma historia alegre.

Tambem lá tinha o seu lugar. De longe parecera-lhe vel-o occupado por alguém a debruçar-se sobre a fonte: era a mancha escura dos fetos verdes, os guardas bons dos sitios abandonados.

Olhou a fonte. Ninguem! Tambem não podiam tardar!

Tornou a olhar a agua, sorrindo para a sua imagem distante, confusa, como vista atravez de prata em fusão.

Os fetos lambiam-lhe o rosto. Como estava trigueiro! Era do ar da serra! O seu cabelo parecia mais louro, como chamma d'ouro a arder, e tão grande... Debruçou-se mais e pôz-se, com as mãos espalmadas, a puxal-o para a face, a ajudar os fetos que o lambiam para ir beijar-lhe os olhos!

Alguém rira! Era a Nossa Senhora do nicho que estava a vel-o e a rir-se como a da serra.

Porque riria tambem Aquella?

O Santo trepou rapido para o nicho e pôz-se a conversar com Ella, a contar-lhe a sua vida toda, desde que a deixara e á aldeia, a amizade do pastor, a sua vida na serra...

Muito bom era a serra! Até tinha engordado. E negro então? Era do sol. Pudera! Se elle, mal nascia, logo na serra, e na serra se demorava até tão tarde, depois de deixar o valle escuro! E mostrava a sua carne dourada, como se corresse nas suas veias a luz dourada do sol a pôr-se!

—E na Aldeia? Havia muitas raparigas? Ainda vivia a da Azenha? Quantas tinham casado? Provavelmente todas... NOSSA SENHORA sorria e calava-se. Bem sabia Ella d'esses cousas...

Elle, cansado de falar, encostou a cabeça ao seu regaço, fechando os olhos para ouvir melhor o cabir da agua, tão bom, baixinho e triste como canção para embalar.

De repente poz-se a agua a rir. Olhou. Debruçada uma rapariga enchia rapidamente o pote na poça, cheia da imagem d'ella, e partia.

A agua ficou mais triste...

Elle tossiu, e a rapariga voltou-se a olhar para cima; mas já Elle desviara a vista muito entretido a acariciar com uma aste de feto verde a sua carne d'ouro.

—D'onde seria aquelle rapaz? Continuou a andar mais devagar, a ver se se lembrava...

—Quem seria? E nem olhara para Ella! Na Aldeia não havia outro assim.

A' volta do caminho olhou outra vez, e voltou logo a vista, porque encontrou o olhar do Santo parado, já á espera.

—Estava corada com certeza. Se Elle a via, imaginava logo que fôra Elle. Se O encontrava, era certo que corava outra vez. Não voltaria á fonte; mas em casa não havia agua para beber. E depois?! Havia de voltar e olhar para Elle muito séria, sem corar, para Elle ver que Ella nem o vira. Assim...

E franzia o sobrolho, olhando para deante, como quem não vê, indifferente.

Voltou. A poça estava ainda vazia, e Ella teve de esperar que a bica lhe enchesse o cantaro.

Corria tão devagar a agua! E Elle, em cima, a olhar para Ella, a assobiar uma canção d'Aldeia. Bem sabia Ella os versos da cantiga. Era uma canção d'amor. Debruçou-se ao sentir-se corar, e o Santo:

—Quer que eu a ajude? quer? Eu vou...

E desceu.

Ajudou-a, e poz-se a andar ao lado d'ella.

—Já duas vezes á fonte! Vinha á agua ou a procurar o conversado?...

—Não tenho...

—Porque cora então?... dizia o Santo procurando prender-lhe o olhar que lhe fugia.

Ella perturbada tropeçou, e ia-se indo a agua e o pote, se o Santo lhe não deitasse as mãos n'um movimento forte e languido, como um abraço de Amante.

Parou.

—Não ia mais longe, que podiam reparar e pôr-se a falar... Viesses ella depressa, elle esperava.

Quando Ella voltou, logo, encontrou-o no mesmo sitio e ficaram-se parados a conversar.

Vinham chegando os rapazes á fonte, diziam-lhe adeus a andar e paravam mais longe a ver com quem Elle fazia.

—Ella!... por isso nunca ninguem lhe conhecera conversado. E o Santo escondido tanto tempo. Andara a namorar. Ora ahí estava porque ninguem o via em festas ou romarias. Pois d'esta vez parecia agarrado. Casava, á certa.

E iam-se, a sorrir-se...

—Ah! E a agua?...

—Ora, é cado...

Pozeram-se a caminhar. Ella, o olhar baixo, a sentir-se andar. Elle o olhar pregado no peito d'ella, tão fraquinho e azulado, a deixar em cima adivinhar os ossos. Se ella o olhava, elle desviava a vista e cobria com as mãos os labios para ella lhe não ver a bocca cheia de beijos. Sem querer debruçou-se sobre o seu collo. A espada d'ella levantou-se n'uma movimento afflictivo d'aza a fugir, a cabeça cahiu e ao cimo do seu peito fraco logo acima do osso, fez-se como um ninho de carne em que foram-se agasalhar-se os labios vermelhos do Santo.

Atravez da pelle fina d'ella sentia-se bater forte o sangue. Subira o coração a receber aquelle beijo. Andava o corpo cheio de sangue a ferver.

Era pela tarde. Verde e cor de rosa o céu.

T. C.

Diz um jornal do governo:

«O sr. ministro da justiça vai tratar das bases do código do processo criminal. Este trabalho será submettido ao estudo de uma commissão, para esse fim opportunamente nomeada.»

Consta que o novo código será organiado de fórma que não possa mais escapar-se pelas suas malhas o galuno *Zé Galuno*.

Carta de Lisboa

1 de junho de 1895.

Continua aqui e ali a historia do que se passa entre o José Dias, os progressistas e os regeneradores, quando o estadista dos carapaus esteve no poder. Intrigalhadas varias com que os republicanos nada têm que ver senão para notarem o que é a choldra dos politicos monarchicos.

Que se entendam lá uns com os outros!

As festas do Santo Antonio, continuam a fazer as delicias dos lisboetas, sempre promptos para a pasmaceira.

Entusiasmo não ha. Existe simplesmente por parte d'uns o desejo de se divertirem e por parte d'outros o desejo de especularem.

Emfim, enquanto elles todos pensam n'isto está o governo socegado. Mas o peor será d'aqui a uns tempos, quando isto estoirar. Ninguem quer ver, ninguem sabe ver as desgraças que estão pendentes sobre o paiz. Tudo pensa na bella pandega, como se um dia não tivessesmos de pagar tudo quanto temos gosado.

Mas que se importa o paiz com o seu futuro, que se importam os partidos, que se importa o governo? Nada, absolutamente nada.

Santo povo! Santa canalha! Santos imbecis!

Os progressistas continuam desorientados por verem que o José Dias irá primeiro que elles ao poder. Por isso umas vezes insultam e ameaçam o rei para o amedrontar, outras vezes desfazem-se em louvaminhas que enojam. E assim conseguiram inutilisar-se. Mal com o rei que por dignidade pessoal os não pôde chamar ao poder (mas chama que é tão bom como elles), mal com o povo que os vê só interessados na conquista do poder e não na defeza do paiz.

Lá se vão por agua abaixo. E' pena, podiam salvar-se alguns.

Mas sua alma sua palma. Que os leve o diabo.

Diz-se que em breve será constituída a commissão do partido republicano de Lisboa. Que assim seja. E se essa commissão for bem organisaada, em todos os sentidos, que não deixe de fazer justiça limpando o partido de alguns elementos que por aqui o desacreditam.

Temos aqui homens de energia e de caracter para que se espere d'elles um procedimento que corresponda ás aspirações do partido republicano.

O nosso partido, que é hoje o partido nacional, tem o dever de manter-se na linha da mais recta austeridade, procedendo por fórma — doa a quem doer! — que o paiz tenha nelle absoluta confiança.

Uma das medidas mais necessarias é que, na commissão do partido republicano d'esta cidade, não entrem empregados da camara municipal de Lisboa. Não porque elles não sejam merecedores de muito, mas porque vejo aqui em Lisboa uma forte corrente impondo-se a favor d'esta sã doutrina. Eu até direi que estava para ser apresentado no congresso uma proposta n'este sentido, apoiada por bastantes republicanos insuspeitos de quererem occupar qualquer cargo no partido. Assim se torna necessario. Precisamos de não sacrificar ninguem inutilmente. O governo cevará os seus odios em quem poder, seja quem for.

Não seria doloroso vel o expulsar da camara municipal individuos merecedores de lá estarem, só por pertencerem á commissão do partido?

Demais a mais são bem conhecidas as intenções do sr. João Franco. E nós que temos tantos homens dignos, medicos, advogados, commerciantes, industrias e professores, com recursos, havemos de ir sacrificar pessoas que podem prestar-nos excellentes serviços sem se comprometterem?

Não quer isto dizer que os empregados da camara municipal, que são republicanos, receiem expor-se?

Seria offender-os, e nós nunca pensamos que elles receiem sacrificar-se pelo partido.

Não! Conhecemol-os bem! Sabemos de quanto são capazes! Mas fazer a vontade ao governo é uma tolice.

Deixar de obedecer ás indicações do partido republicano é um erro.

Proceda-se pois de harmonia com os interesses do partido e tudo irá bem. Na próxima carta referir-me-hei a outros pontos importantes, de que a comissão municipal de Lisboa tem que tratar.

Jocelli.

Acaba de ser communicado á Sociedade Philantropico Academica que o Definitorio da Santa Casa da Misericordia, accedendo a um pedido que a benemerita direcção d'essa Sociedade em tempo lhe fez, concedera soccorros clinicos e pharmaceuticos aos alumnos por ella subsidiados. O acto praticado pelo Definitorio da Santa Casa é digno de todo o elogio.

Compendios de instrucção secundaria

No lyceu d'esta cidade foram apresentadas as seguintes obras para o concurso dos compendios de instrucção secundaria:

- Dr. Francisco Monso Preto — Elementos de geometria plana e tratado de arithmetica
Dr. Sousa Doria (fallecido) — Compendio de historia (aptes. pelos herdeiros)
Manuel Francisco Medeiros Botelho — Grammatica portugueza elemental; compendio de historia antiga e da idade-media curso de geographia.
Jose Gomes de Moura (fallecido) — Grammatica latina (edit., Imprensa da Universidade.)
Phedro, Cicero e Tito Livio — Selectas latinas, 3 vol. (edit., a mesma imprensa.
Alves de Sousa (fallecido) — Grammatica elemental da lingua italiana; curso de themas graduados, e curso de Philosophia elemental (edit., F. Franca Amado).
Ildelfonso Marques Mano — Compendio de historia da idade-media; elementos de philosophia (edit., M. d'Almeida Cabral) e compendio de historia universal.
Dr. Miguel Archangelo Marques Lobo (fallecido) — Elementos de arithmetica, elementos de chimica, trigonometria reclinica (edit., M. d'Almeida Cabral).
J. A. Vieira da Cruz (fallecido) — Nova grammatica franceza (edit., o mesmo).
Jose Adelino Serrazqueiro — Curso completo de mathematica elemental em cinco volumes: 1.º arithmetica (13.ª edição); 2.º geometria (9.ª ed.); 3.º algebra (6.ª ed.); 4.º trigonometria (5.ª ed.); e 5.º cosmographia (1.ª ed.).
A. Cardoso Borges de Figueiredo (fallecido) — Logares selectos dos classicos portuguezes (30.ª ed.) e instituições elementares de rhetorica (13.ª ed.) (Edit., José Diogo Pires).
Jose Alves Mattoso — Compendio de historia universal; compendio de historia de Portugal e compendio de geographia geral.
Thiago Smilaldi — Elementos de philosophia.
Dr. Souto Rodrigues — Trigonometria plana.
Jacob Bensabat — Nova grammatica franceza (edit., Manuel d'Almeida Azevedo, de Lamego).
Dr. Clemente Gomes de Carvalho — Elementos de philosophia.
Ildelfonso Marques Mano e Manuel Rodrigues Vieira — Compendio de geographia.
Bento José d'Oliveira (fallecido) — Nova grammatica portugueza (edit. e corrector, dr. A. Augusto Cortezão, herdeiro).
Dr. A. J. Gonçalves Guimarães — Elementos de geologia.

Sobre o mesmo concurso noticia o nosso collega Voç Publica:

Consta-nos que o sr. dr. Illidio do Valle, ante da Escola Medica e reitor do lyceu central, tem já recebido, para remetter á commissão nomeada pelo governo para os examinar,

cerca de cento e trinta compendios, referentes a diversas disciplinas professadas nos cursos dos lyceus, e cujos auctores pretendem lhes seja dada a preferencia.

Se dos outros lyceus do paiz forem remettidos compendios, em identica proporção, a alludida commissão, embora numerosa e por mais que se subtitida, terá que fazer por muito tempo, se quizer proceder a uma analyse conscienciosa dos livros submettidos á sua apreciação.

Uma questão séria

Coimbra está ameaçada de mais um enxovalho; a faculdade de Medicina da Universidade corre risco de ser mais uma vez posta absolutamente de parte.

Como todos sabem, foi em Coimbra que, pelo meado d'este seculo e durante largos annos, se fizeram com mais rapidez e economia os exames toxicologicos, necessarios nos processos criminaes de quasi todo o paiz.

Pois, apesar d'isso, porque Coimbra não tem influentes graduados, porque esta terra de balofos presidentes de camara é um burgo desprezado em todas as iniciativas dignas, o ministro da justiça vae crear, por um decreto prestes a ser publicado em dictadura, gabinetes toxicologicos só em Lisboa e Porto e um necroterio só em Lisboa.

Accresce que a faculdade de Medicina reuniu ha tempos e decidiu representar no sentido de ser instalado em Coimbra um posto toxicologico. Não sabemos que destino teve a representação e se até foi elaborada. Mas clamaremos bem alto contra a inepcia do ministro, que, em obediencia ás mais torpes conveniencias partidarias, deixa esta terra sem um instituto, a que tem direito pelo passado, e que é indispensavel para mais expedita e economica instrucção dos processos crimes movidos nos tribunaes da região central do paiz, e, sobretudo e urgentemente, para completa instrucção pratica dos alumnos da faculdade de Medicina.

Voltaremos ao assumpto.

Diz o Correo da Noite:

«Ao contrario do que succedia ao bom rei D. Luiz... etc.»

Lembram-se das insolencias que os progressistas, quando opposição, dirigiam ao rei D. Luiz?

Lembram-se quando os jornaes progressistas lhe chamavam Copa de Lardões?

Rainha Santa

Dizem os jornaes que Teixeira Lopes anda a estudar a Rainha Santa, e vae viajar a colher subsidios para a estatua. Por cá pouco ha. Em Franca, na Italia e mais não sei onde, dizem as acreditadas gazetas, encontram-se documentos muito para ver e consultar.

A estatua promette ser uma cousa estranha; de cabeça e mãos de mármore, vestida d'ouro e prata, uma trapalhada que tem feito anticipada-

As suas primeiras palavras no dia seguinte, foram: — Meu Cadet...

Pois bem! sim, era o seu Cadet, o maior, o mais forte, o mais bello dos Cadets, o unico Cadet do arrabalde e do mundo.

La passeiar pelo seu braço, e para isso tinha-se adornado com os mais bellos enfeites: um vestido de riscas vermelhas sobre um fundo pardo, curto por diante e deixar ver os tornozelos, comprido atraz varrendo a rua; um chapéu de palha, levantado d'um lado como o de uma marquezia, voltado do outro sobre a fronte como o de uma pastora; a sua bella cintura apertada por um laço de fitas fluctuantes, e um bouquet preso na fivela...

Todas as economias da pequena vendedora de laços desapareceram nos arranjos d'esta toilette, que ella tinha promettido, para si, não vestir senão quando Cadet voltasse do exercito. Tinha chegado esse dia, e do seu guarda fato sahio o vestido e o chapéu, não esquecendo um par de meias brancas bordadas a encarnado, e uns sapatos de salto muito alto, que a haviam de fazer parecer mais crescida.

A pequena Jenny não era formosa; mas a sua cara era tão fina, os seus cabellos rebeldes tão negros, os seus olhos pequenos tinham tanta viveza e brilho, era tão esbello o seu porte, que seria

impossivel imaginar em todo o arrabalde rapariga mais seductora.

O que a tornava mais bella, era o seu ar alegre. Orgulhava-se de si mesma, de ter escolhido aquelle ramo de negocio, ganhando a vida, ajudando seus paes, de ter economizado o preço da sua toilette, de ter bons factos, e sobre tudo de passear pelo braço do seu chefe de batalhão.

Não ha mulher que não seja rainha pelo menos um dia. Em pleno 93 a pequena Jenny tinha o seu dia de realza. Cadet estava contentissimo. Talvez na consciencia lhe pezasse o haver esquecido por momentos a sua pequena amiga, em presenca das raparigas fortes e de boas cores de peitos roliços, das cervejarias de Liege e de Bruxellas. Mas o esquecimento se o houve foi passageiro, e em compensação agora não se cançava de admirar a pequena meridional do arrabalde de Santo Antonio, morena e pallida, vaporosa, de modos bruscos. Ria-se das suas diabruras; escutava gravemente as considerações que elle fazia sobre as cousas, do tempo; em mais d'uma hora ella tinha sobre elle o mesmo ascendente d'outrora.

Ao canto da rua de Reully, não resistiu ao prazer de entrar em casa do cidadão Santerre.

O general estava no Hotel de Ville,

Doutoramento

Celebra-se no proximo domingo, 9, o doutoramento do nosso collega Affonso Costa.

Presidirá á apparatusa cerimonia, no impedimento do sr. dr. Bernardo d'Albuquerque, o sr. dr. Emygdio Garcia. Farão os discursos de recommendação do candidato os srs. drs. Frederico Laranjo e Guilherme Moreira.

Servirá de padrinho o tio do doutorando, sr. general Antonio d'Almeida Coelho e Campos, que substituirá seu irmão Francisco de Barros Coelho e Campos, impedido por incommodos mores de vir a Coimbra, onde um de saestre lamentavel lhe roubou ha annos o unico filho.

Quasi toda a familia do doutorando e alguns seus amigos intimos virão assistir á cerimonia e alegrar a festa intima do nosso querido collega.

Tem passado felizmente melhor, esperando-se em breve a convalescença, o sr. Oliveira Mattos, nosso collega do Tribuna Popular.

Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

O matadouro

A commissão districtal, em sessão de 30 do corrente, não approvou o local no alto da Quinta de Santa Cruz para a construcção do novo matadouro.

Procedendo assim, a commissão districtal cumpriu o seu dever, porque não podia de modo algum ser acceito o projecto da camara e designadamente quanto ao local que destinou para o matadouro.

Consta-nos que a camara já não gosta do projecto do edificio que foi reproduzido em zincographia pelo Seculo, e que incumbiu da elaboraçao d'outro o sr. Silva Pinto.

Vamos ter a repetição do que se

está dando com o elevador. Mil projectos, duas mil promessas, para afinal nada se fazer.

Nós, prevendo esse resultado, não nos temos occupado do novo matadouro, que aliás tem sido justamente criticado sob o ponto de vista financeiro e hygienico. Mas é tempo perdido.

Actos na Universidade

Começaram ante-hontem os actos na faculdade de Direito. N'esse dia e hontem ficaram approvados os seguintes academicos:

1.º anno — Abel José Fernandes, Abilio Anthero Lopes Machado, Alberto Carlos de Magalhães Menezes, Alberto Pedroso, Alexandre Agnello Paes da Silva e Alfredo d'Almeida.

2.º anno — Abel Thomaz Oliveira e Sousa, Abilio Ferreira Botelho, Affonso de Albuquerque Amaral, Affonso Marques de Sousa, Affonso de Mello Pinto Velloso, Agostinho Albano de Figueiredo Lobo e Silva, Alfredo de Magalhães Barros Judice Queiroz e Amadeu Ferraz de Carvalho.

3.º anno — Abel de Vasconcellos Gonçalves, Abilio Maria Mendes Pinheiro, Abilio Monteiro da Fonseca e Acacio Mendes de Magalhães Ramalho.

4.º anno — Abel Pereira d'Andrade, Abilio Duarte Dias d'Andrade, Adelino Julio Mendes d'Abreu e Alberto Augusto Leite Ribeiro.

5.º anno — Albertino da Veiga Preto Pacheco, Alberto Genteno, Alberto Maria da Silva Casqueiro e Alvaro da Costa Machado Villela.

Communicado

O serviço da conducção das malas do correio da estação central d'esta cidade á estação velha do caminho de ferro foi posto em praça, e houve quem fizesse este serviço pela quantia de 25000 réis diarios.

Albino Alves de Mattos, alquilador, d'esta cidade, offereceu-se a fazer o serviço por 15000 réis e para isso mandou um requerimento ao sr. director geral dos correios.

Em virtude d'este requerimento houve quem fizesse aquelle serviço por 15300 réis diarios; porém Albino Alves de Mattos, sabendo d'esta offerta, mandou segundo requerimento ao sr. director geral dos correios e offereceu-se a fazer o serviço pela quantia de réis 15000 diarios.

Este requerimento foi lançado, com o primeiro, na ambulancia do caminho de ferro; mas, certamente, se extraviou, pois que Albino de Mattos não tornou a ser ouvido, e a adjudicação fez-se, ao que parece, pela quantia de 15300 réis diarios, — o que representa um prejuizo para o Estado de 24 libras por anno.

Albino Alves de Mattos ainda está prompto a fazer o serviço pela quantia de 15000 réis diarios, se o Estado eslivir a tempo de querer economisar dinheiro.

Coimbra, 1 de junho de 1895.

A.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 16 de maio de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, vice-presidente.

Vereadores presentes: — João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos; — José Corrêa dos Santos, substituto.

Mandou abrir o pagamento dos vencimentos das amas dos expostos e das subsidiadas com referencia ao trimestre de janeiro a março do corrente anno.

Tomou conhecimento da approvação superior á sua deliberação acerca da prorogação do prazo para a inauguração dos trabalhos do ascensor n'esta cidade.

Autorisou o fornecimento de diversos artigos para a escola d'ensino elemental de Santa Cruz.

Resolveu mandar collocar uma bocca de incendio na rua da Galla.

Attestou acerca de algumas petições para subsidios de lactação.

Resolveu que sirvam durante o corrente anno os louvados nomeados em 1894 para os serviços de distribuição d'aguas em diferentes freguezias do concelho.

Autorisou a limpeza da ruua que passa junto da abogaria municipal, orçada em oito mil réis, e o acylindramento do caminho de Sant'Anna a Cellas, orçado em vinte cinco mil réis.

Autorisou a impressão de boletins quinzenaes acerca dos serviços de conservação das estradas municipaes.

Mandou collocar um marco fontenario na rua de Ferreira Borges, no terraço junto á rua do Cego.

Mandou recomendar o córte de comoros e limpeza de valias da freguezia de Sernache.

Mandou orçar a despeza a fazer com a canalisação d'aguas para a rua Garrett na quinta de Santa Cruz.

Mandou averiguar se um barracão que existe no rocio de Santa Clara está ou não em terreno publico.

Autorisou a venda de um rolo de madeira no rocio de Santa Clara e uma arvore secca alli existente.

Autorisou diversos pagamentos. Resolveu que o candieiro que se retirou de uma casa em construcção na rua Direita seja collocado na casa fronteira, pagando o proprietario d'aquella todas as despezas.

Foram despachados requerimentos: pedindo collocação de uma grade de ferro num jazigo no cemiterio da Conchada; trasladação de ossadas no mesmo cemiterio; reconstrucção de predios de casas; para venda de um lote de terreno na rua do Lourenço d'Almeida Azevedo; pedindo attestado de comportamento; annullação de collectas sobre cães; venda de terreno para jazigo no cemiterio da Conchada, e acerca de uma troca de terreno da rua do Tenente Valadim, requerida pelo dr. Augusto Antonio da Rocha, fazendo este proprietario á sua custa um passeio em frente de sua casa na rua de Sá da Bandeira, e cano de exgoto, orçado em 405000 réis, quando o valor de terreno que mede 16m,50, é de 58115 réis, (310 réis o metro quadrado).

Bibliographia

Recebemos e muito agradecemos um exemplar do relatório da direcção da Companhia de Seguros Bonança, relativo ao exercicio de 1894.

Pelo seu balanço fechado em 31 de dezembro, accusando lucros importantes, e pelos seguros que leve de pagar em virtude de sinistros, se vê claramente o estado de prosperidade em que se encontra esta companhia, o que sem duvida se deve á sua intelligente direcção.

dadeira jacobina e ioimiga dos aristocratas e dos tyranos.

Cadet estava tão satisfeito, que de boa vontade ficaria alli até á noite. Mas ella tocando-lhe no braço, fel-o levantar, dizendo-lhe que era preciso partir.

Deram então numerosos apertos de mão.

— Havemos de encontrar-nos outra vez, cidadão! dizia Labroche.

E Galand disse a ri: — Ah! ah! o chefe de batalhão encontrou o seu general!...

— Não é conveniente fazer esperar a cidadã Bernard, disse Jenny, quando chegaram ao arrabalde. Foi ella que me entregou a tua primeira carta.

E' tão bonita, tão boa! Recebeu-me tão bem!... Todos os dias me falla de ti; eu fallava-lhe do seu noivo. Ella ama-o muito. Comtudo, eu creio que te ama mais ainda. Mas isto é muito natural, não é? pois se tu me salvaste a vida!...

— Eu?

— Vamos, hom! eis aqui quem já se não lembra de me haver salvo a vida! Pois quem foi que me tirou debaixo dos pés dos cavallos no dia em que morreu o meu irmãozinho? Quem foi que me deu um escudo para fazer a sopa á pobre creança? Quem foi que me levou quando eu não podia andar? Ah! tu não te lembras!...

Folhetim da RESISTENCIA DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO (ROMANCE REVOLUCIONARIO) SEGUNDA PARTE: — 1793 IV O CHEFE DE BATALHÃO Era um espectáculo commovente o desta mesa de operarios, á roda da qual se sentavam a mulher de rosto inflexivel, o homem attento, a filha commovida, o rapazito brincando com o punho do sabre do chefe de batalhão, e este contando as victorias da Republica. — Até amanhã disse elle, emfim. E levantou-se. A pequena Jenny collocou-se ao seu lado. — Como tu estás crescido! Lembras-te de quando pegavas em mim ao collo?...

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1:000 réis

20 **A**rrenda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105. Para tratar — Rua Ferreira Borges, n.º 110 — Coimbra.

(1.ª publicação)

19 **N**o dia 9 do proximo mez de junho por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, hão de ser postas em praça e entregues a quem maior lanço offerer alem do preço da sua avaliação, todos os bens mobiliarios, taes como, sacos com farinha, sacas vasias, caixotes, peneiras, cestas, masseiras, teudeiras, balanças, taboleiros, arcas para farinha, um fogão, bahnás, lenha, jogo de medidas completo, armarios, prateleiros, camas de ferro com colchões e enxergões, meza de escriptorio, peneiras, mezinha de cabeceira e outros objectos, arrestados pela companhia de Moagens em Vianna do Castello, com sede na rua Augusta em Lisboa, ao executado Antonio Simões Peixeiro, casado, negociante, d'esta cidade, mas ausente em parte incerta.

Pelo presente são citados quaesquer credores do executado, que se julguem com direito aos referidos bens ou ao seu producto para que o deduzam no prazo legal.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

18 **C**ASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

puigas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

MATAM

17 **E**STES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, puigas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drograria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Casa com quintal

16 **A**rrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma ua rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

CALDEIRA DA SILVA
CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

15 **C**onsultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

Aos photographos amadores

14 **A**caba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

Arrenda-se

13 **D**o S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39 — Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE
A GUERRA

12 **U**til nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o appetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra — Cartaxo.

Drograria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34. — Coimbra.

11 **A**LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Praticante de Pharmacia

10 **P**recisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drograria Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

TANDEM

9 **V**ende-se um quasi novo. Nesta redacção se diz.

POMADA DO DR. QUEIROZ



8 **E**xperimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drograria Rodrigues da Silva & C.ª. N. N. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

6 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

5 **A**cabam de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças.

Ditos capotas, ultimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos.

Capas romeiras, a principiar em 15000 réis.

Meias e piugas de fio de escocia.

Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephires, muito chics.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.

Sombriuhas, para senhoras e crianças.

Enviem-se amostras a quem as pedir.

Encarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

Vinho de meza
sem composição

4 **V**ende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.ºs 9 e 11.

A. Marques da Silva.

ARRENDA-SE EM CONTA

3 **U**na casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente.

Mont'arroi, 103, se trata.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

2 **E**sta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drograria Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

LIVROS DE MISSA

1 **M**agnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 13350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 12700

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral — Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 31

COIMBRA — Quinta feira, 6 de junho de 1895

1.º ANNO

O Partido Republicano

O nosso partido deixou de ser um grupo de doutrinarios romanticos para ser um nucleo de homens de acção. A sua influencia não se exerce no espirito de meia duzia de sonhadores ou jacobinos de edição barata, mas accentua-se e faz-se sentir em todos os que amam o seu paiz e os seus interesses de cidadãos.

É um partido creado pela nação, por ella auxiliado constantemente, um partido pelo qual se fizeram já graves sacrificios de interesses e de vidas e que contrahiu perante o paiz graves responsabilidades. Por isso o partido republicano não deve somente fazer justiça aos que por elle se sacrificam, mas tem como fim principal satisfazer o compromisso tomado de salvar este paiz. Possui hoje o partido republicano homens de envergadura moral e politica para arcarem com todas as dificuldades? Respondemos com a maior confiança, que sim.

Será chegado o momento de o partido republicano aproveitar todas as energias e dedicações para um fim determinado, imprescindível? É. Esse momento chegou.

Será o estado do paiz de molde a justificar os actos de maior audacia e desassombro, sem receios de sacrificar ninguém á salvação da patria? Evidentemente. Já não se pôde tomar á conta de figura de rhetorica ou de expediente oratorio e provinciano de opposição constitucional, o dizer-se que nós estamos quasi perdidos, que muito pouca esperança resta de nos salvarmos e que só uma revolução desinteressada, enérgica, absolutamente, implacavelmente justiceira poderá deter o esphacelamento de Portugal.

A historia dos nossos tempos feita no Journalismos e no Parlamento, não deixa duvidas nenhuma acerca da criminalidade dos reis e dos seus ministros e da cumplicidade da maioria dos homens que compõem as chamadas camadas dirigentes.

Ao mesmo tempo que os poderes officiaes da nação estão desacreditados e se tornaram incompatíveis com a felicidade nacional, as forças da monarchia representadas nos seus grupos politicos de nada valem. São duas quadrilhas os partidos monarchicos hoje existentes em Portugal. Nada se pôde confiar n'elles porque não têm auctoridade, nem força, nem dignidade para que d'elles se espere um sacrificio a bem do paiz. A hypothese de soluções extra-partidarias está posta de parte, a criação de partidos novos com elementos conhecidos e velhos é ridicula.

Ha uma solução unica para a crise actual — a Republica. Ha um partido unico em que o paiz confia — o partido republicano. Ha um meio só de o partido republicano fazer a Republica — a Revolução.

Tudo o mais são phantasias de doentes.

Mas proclamar a necessidade da Revolução é muito diferente de aconselhar sedições inefficazes, desorientadas, ineptas. Proclamar a necessidade da Revolução é apontar ao mesmo tempo a condição de que ella se faça como deve fazer-se, unanime, disciplinada na acção, orientada nos intuitos. Será capaz d'isso o partido republicano? É, já o dissemos. Resta-lhe, para que ninguém o possa contradizer, terminar rapidamente a sua organização, impedir as impacencias embora louváveis, corrigir quem pretenda ser

ambicioso, inutilisar quem ouse tornar-se immoral dentro do partido.

Isto é hoje facil. Na força que dia a dia adquire em numero e qualidade de elementos, tem o partido republicano auctoridade para expulsar sem contemplação, nem saudade, nem prejuizo, todos os que não correspondem á aspiração do paiz. A nação, dando todo o seu apoio aos republicanos, exige para definitivamente os acompanhar através de todos os perigos, que dentro do nosso partido se faça uma selecção que tem de ser rapida e que não será difficil. Consiste ella em varrer para longe meia duzia de pobres de espirito e de caracter, que podiam n'outro tempo ser tolerados enquanto o partido só era um sonho de boas almas crentes, mas que hoje não podem merecer a piedade de ninguém, porque quem manda no partido republicano é o paiz.

E nós temos de obedecer-lhe se queremos que elle nos acompanhe.

Procedamos pois a tempo, afim de tambem a tempo vermos se é possivel salvar-se esta pobre nacionalidade.

A *Provincia*, jornal progressista, diz que o governo espalha que o rei não se importa com a opinião publica. E, commentando, pergunta:

«Para que havemos nós de estar a doer nos por coisas que não doem ao rei?»

Como se vê, independentes e ferozes perante o rei. Não é verdade?

Pois não senhor. Mais abaixo das linhas que transcrevemos, diz a *Provincia* em tom ironico:

«Sejamos hypocritas, illudamos o rei, etc.»

Arrependem-se e contradizem-se com a maior semcerimonia estes progressistas, e julgam que o rei ou o paiz os podem tomar a serio! Desgraçados!

Um idiota inoffensivo, mas singularmente boçal, contida no *Academico* a fazer oscillações, como um palhaço, na arena triumphal d'aquella engraçada gazeta. Parece que o manco é da Polytechnica e parece mais julgar que os rapazes de Coimbra, com cujas idéas de resto, nada temos, se incommodam com a idéa de que os seus camaradas de Lisboa arrastem pelas ruas os balaudras do velho habito fradesco. Uma tolice que se anichou no craneo, positivamente asymetrico, do engraçado moço, destinado a ser levado nos braços dos imbecis que o rodeiam á ovação troante, paga dos seus feitos e dizeres.

Final o que vale é que elle é um irresponsavel por conta propria. Nem a academia de Lisboa nem a de Coimbra se devem importar com a creança. É elle, o interessante pateta, uma curiosa excrecencia do pedantismo estudioso.

Ainda bem. Accrescentando pela nossa parte que, se voltamos ao assumpto, é somente para deltar no chapéu do pateta o nosso vintem de espectadores comoidos.

O *Correio da Noite* escreve que este rei D. Carlos recebeu nos primeiros tempos de aclamado manifestações de entusiasmo e amor.

É falso! Este rei nunca foi estimado pelo paiz. A sua aclamação foi um fiasco monumental.

Mas porque diz o *Correio da Noite* que nos primeiros tempos era o rei estimado e victoriado?

Porque estavam no poder os progressistas, que, por signal, bastante concorreram para arruinar o paiz, gastando centenas de contos nas festas da aclamação.

Bagatellas

Hoje, como cidadão, eleitor e contribuinte, não pôde a gente resistir á tentação de se expandir em transportes de jubilo diante da alta comprehensão e iniciativa audaz das collectividades administrativas, a cuja mentalidade foi confiada a tarefa espinhosa de impulsionar a cidade na — *senda luminosa do progresso*.

Recordam-se bem dos episodios da eleição municipal. Houve programmas, cartazes, e nem faltou o bando a prometter melhoramentos: matadouro, mercado, elevador, o diacho!

Suas senhorias não subiram em nome d'um partido, como sustentáculos d'um principio, ou instados pela opinião publica. Nada d'isso: suas senhorias treparam até á urna por si mesmos, de gatinhas, empurrados pelas proprias prosapias; e depois, d'ahi para cima, levantados não nos braços da popularidade, como outrora os chefes guerreiros nos escudos das hostes victoriosas; mas simplesmente sobre as pás intemeratas dos fornos colligados!...

E ahí estão elles! Como documento de honestidade e inteireza de principios, basta dizer que são partidarios estrenuos e convictos de todos os ministerios, que successivamente empolgam o mando. Como centelha de intellecto, dão volta ao mundo as anedoctas desopilantes. Como energia util á cidade, desovaram em partidos medicos!...

Agora um relatório de peritos dá como conspurcadas de microbios vis as fontes da cidade. O remedio, para a purificação das aguas, consistia exclusivamente na renovação dos canos; mas a camara extenuada debate-se em angustias extremas sobre os cofres vazios.

Então a junta de districto, apoz engulhos meditados, sentiu pousar-lhe no cocuruto a lingua do fogo inspiador e veiu denodadamente em auxilio da vereação, — que outra vez fossem restituídas as caudae, pondo ao lado da bicca a legenda fantastica: — «*Estas aguas são prohibidas para usos internos!*»

D'aqui se infere que, providencialmente, a fazer symetria e equilibrio ao grupo da vereação, na baixa, quiz o destino que na alta fosse collocado um outro grupo equivalente, sob a denominação de *junta do districto e junta de saude*, constituídas por patriotas não menos illuminados, nem menos prestimosos.

Com effeito, se a agua das fontes é uma ameaça á saude publica, como se concebe que baste uma simples prevenção verbal para que o perigo cesse? As classes de modestos recursos, precisamente as que não possuem agua nos domicilios, são as menos credulas e obedientes ás prescrições hygienicas.

Facultada a agua ao livre consumo, o jocoso aviso será tão efficaç, como se mandassem suster a respiração aos transeuntes á aproximação d'um foco pestilencial.

Não ha meias medidas em assumptos de tal maneira temerosos: ou a camara inutilisa as fontes, ou reforma as canalisações.

Que «a agua ficará servindo para irrigações e lavagens», dizem elles?!

As unicas lavagens e irrigações, de que a cidade precisa, não devem ser feitas com agua saturada de microbios; mas de desinfectantes enérgicos.

Porque a verdade é que, enumerando bem todos os agentes deleterios que

nos cercam, parece impossivel que ainda haja gente viva n'esta terra! A cidade tresanda e para attenuar as exhalações infecciosas que de todos os lados nos suffocam não seria de mais que as fontes derramassem agua de Labarraque!...

Todaya, mergulhando a fundo em cogitações conciliadoras, talvez occorra ainda uma outra solução, de modo que as fontes apparentemente funcionem, sem o perigo de envenenar a população, entretendo as exigencias e encravando os maledicentes.

E vem a ser:

A camara e a junta adaptarem ás biccas meadas de *canutilho prateado*, com movimento rotatorio, como se faz nos theatros, a fingir agua!...

Muito decorativo, inoffensivo, e sobre tudo barato, perfeitamente em harmonia com a penuria do cofre e a sovinnice do programma!...

Parece ser esta uma bella idéa... e de graça!

A companhia das docas

O nosso illustrado collega O *Commercio do Porto* encetou uma valente campanha contra a *companhia das docas*, do Porto, trazendo a publico factos que mostram d'um modo irrecusavel que a sua administração bem merece ser equiparada á da companhia do Nyassa.

Essa companhia, que se constituiu em 1890, ainda não realizou obra alguma das que se propoz effectuar. O seu capital é quasi todo ficticio. Não prestou ainda a caução de 200 contos de réis a que era obrigada. Tem funcionado com um numero de accionistas inferior a dez. Não registou a emissão de acções no tribunal do commercio.

Respigamos, entre os factos revelados pelo *Commercio do Porto*, estas bellezas, que são sufficientes para mostrar o muito que têm feito os administradores d'essa companhia, que estão recebendo grossos ordenados.

E o que é mais interessante é que o governo tem n'essa companhia nada menos de cinco administradores nomeados por elle!

Ainda ha quem espere que o governo se resolva a proceder contra ella, promovendo a sua dissolução.

Nós é que só acreditamos n'isso, a não ser elle reconheça a possibilidade de, após a sua dissolução, fundar outra onde possa anichar mais afillhados do que n'ella. E com razão.

Não corre propicio este fim de seculo. Accentua-se a crise economica e financeira, augmenta extraordinariamente a emigração e é necessario evitar que tambem emigrem os amigos da monarchia. Enquanto o paiz se não achar completamente exausto, é necessario manter todas as repartições e companhias em que os amigos da monarchia recebem grossos ordenados sem prestar serviço algum.

Se o governo se lembrasse de supprimir tudo isso, de fazer economias sérias por meio d'uma séria remodelação dos serviços publicos, de dissolver todas as companhias em que se estão continuamente praticando as mais revoltantes immoralidades, veria então quanto a monarchia é adorada!

Quasi que podemos garantir que o proprio *Zé Gatuno* e o *Sergio* a abandonavam.

Senão que experimente.

O *Seculo*, jornal de grande tiragem e que se diz órgão do partido republicano, tem como correspondente na Figueira da Foz o administrador do concelho. Assim o declara o nosso presado collega O *Povo da Figueira*. Sem commentarios.

Conferencia notavel

O sr. dr. Antonio de Vasconcellos expoz no domingo ultimo, na sala das conferencias do Instituto, um magnifico elogio historico do fallecido João Correia Ayres de Campos.

O vasto recinto, ornamentado com elegante simplicidade, estava quasi cheio. Em frente da mesa presidencial, muitas senhoras, em garridos vestidos de festa, emprestavam á solemnidade do logar e do momento uma frescura inebriante. Viam-se, a um e outro lado, numerosos homens de sciencia e bastantes academicos.

As nove horas começou a conferencia. Presidiu o sr. dr. Epiphanyo Marques. Á sua direita, em vestes academicas, estava o orador. Á esquerda tomou logar o sr. dr. Manuel Gayo. Á direita do sr. Vasconcellos, sentou-se o nosso intimo amigo Antonio Augusto Gonçalves, que tanta auctoridade e tão larga importancia está dando, com o seu nome glorioso e respeitado, ao Instituto de Coimbra.

N'um breve exordio, o orador mostrou a oportunidade e o valor da consagração. Não era Ayres de Campos nobre pela raça. Nas veias corria-lhe sangue honrado e plebeu. Não tinham os seus appellidos arvore genealogica vetusta ou padrão de feitos cavalleirosos em que podessem enflorar-se. Porém, herdando um nome de commerciante probo, Ayres de Campos soubera adornar o pelas mil virtudes do seu caracter inflexivel, do seu genio trabalhador, da sua intelligencia lucida e do seu admiravel senso.

O elogiado formara-se em direito em 1841. Advogara desde 1844 a 1856; e da sua profissão nobilissima só manteve os conhecimentos necessarios para poder acudir, como juriconsulto, áquelles que tinham sede de justiça e soffriam as perseguições de fidalgos poderosos.

Era exemplarmente caritativo. A sua bolsa farta estava sempre aberta para socorrer, no recato das obras efficaçmente meritorias, aquelles que o procuravam e até muitos que, precisando de socorro, o recebiam de subito, sem poderem adivinhar de que parte se lhes estendia a mão bemfazeja. O *Asylo de Mendicidade* foi um dos campos mais fructiferos da sua activa e modestissima generosidade. Para elle derivou, n'um arranco final de beneficencia simples, o donativo de dez contos de réis, incumbido verbalmente aos seus herdeiros para que não fosse divulgada tão bella acção.

Se esta parte da conferencia mereceu as atenções do auditorio, aquella em que o sr. dr. Vasconcellos estudou Ayres de Campos como eximio publicista attingiu uma grande elevação e despertou os encomios dos competentes. É que, embora occulta sob o veu da modestia, a vida de Ayres de Campos fôra tão excepcional e tão incansavel de bem fazer, que todos a conheciam em suas linhas geraes. O mesmo não succedera com os seus trabalhos, cheios de valor, sim, mas desconhecidos do grande publico, e por isso mesmo dignos do largo e caloroso elogio, que ao orador mereceram. A attenção da assembleia foi, então, mais viva, e o discurso tomou a elevação que era propria dos talentos do seu auctor e dos altos meritos do elogiado.

Alóra escriptos espalhados pelos jornaes e revistas, e quatro opusculos forenses, Ayres de Campos publicou os notabilissimos «catalogos, indices e summarios dos pergaminhos, foraes e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra», — trabalho de folego tão extraordinario, que daria gloria a uma sociedade de eruditos, quanto mais a um só homem, desprovido de auxiliares, sem perspectivas de gloria e sem ambições de lucros!

Impossível resumir aqui tudo quanto o orador referiu sobre os meritos e a curiosa historia d'esta obra colossal, que, desgraçadamente, está incompleta. O quarto e ultimo fasciculo da segunda parte,—em que se encontram «as copias integraes de varios documentos muito importantes, alguns pertencentes a particulares», e que forma «um suplemento aos indices, que daria a estes o mais elevado interesse»,— não foi até hoje dado á estampa. Não o quiz publicar o seu auctor, porque os outros camaristas, impertinente e desconsideradamente, levando-o a «arrimar para o canto a fragil varinha da governança municipal», como elle proprio dizia. Tambem o não foi pela ultima vereação progressista, porque o original não foi concedido. Urge, porém, que o actual presidente da camara cumpra esse dever sagrado, «pouco assim a cupula na obra construida pelo erudito e infatigavel homem de letras».

Chegando a este ponto da sua interessante conferencia, o sr. dr. Vasconcellos, para examinar com particular cuidado os serviços prestados ao Instituto por Ayres de Campos, historiou a criação d'essa academia scientifica, que muitos serviços deve prestar ás letras, sciencias e arte nacionaes. Renunciamos, com magua, a extrair esta parte do magnifico discurso. É longa e cuidada: perderia muito do seu valor n'uma synthese de poucas linhas.

Ayres de Campos escreveu no *Instituto* (volumes IX a XIII, XXVI e XXVII) varios artigos sobre velhos cerimoniaes,—curiosos apontamentos historicos e antiguidades nacionaes sobre edificios, inscripções, instituições e costumes sobretudo de Coimbra,—algumas cartas de reis antigos sobre a Universidade, collegios e mosteiros d'esta cidade,—e, em especial, largos documentos para a historia do Santo Officio e um estudo sobre os autos de fé.

Acerca d'estes ultimos trabalhos, o sr. dr. Vasconcellos manifestou quanto é progressivo o seu espirito. Associou-se a todos os liberaes para chamar abjecto e caviloso ao tribunal da *Santa Inquisição* ou do *Santo Officio* e ao que n'elle se praticava; e, n'um rasgo que arrebatou o auditorio, disse, baseando-se em processos de autos de fé lidos no archivo da Torre do Tombo:

«Ao pensar n'essas infamantes perseguições, n'essas denuncias villissimas, n'esses tormentos horriveis, n'essas confissões arrancadas a força de torturas; ao lembrar os carcereiros, o pótro, a polé, as carochas, os sambenitos, os solenmes autos, as fogueiras: não posso conter um brado de horror e indignação, quaisquer que sejam as recommendações em contrario, feitas em nome de uma falsa prudencia, ou de conveniencias suppostas. Não, senhores. A minha dignidade de homem, a minha educação christã, a minha consciencia de sacerdote, revoltam-se simultaneamente protestando contra tão infame tribunal!»

É certo que o orador affirmou não ter a egreja sido solidaria com esse tribunal indigno. Entretanto, e felizmente para a sua reputação de erudito consciencioso, não pretendeu demonstrar o seu asserto, que, pela nossa parte, julgamos insustentavel á luz da historia imparcial.

A notavel conferencia terminou pelo relato dos serviços prestados por Ayres de Campos ao museu de archeologia do Instituto, creado em 1873 por iniciativa do benemerito dr. Philippe Simões. O *catalogo* que elaborou, na qualidade de conservador do museu em 1877, e a que juntou em 1883 um primeiro *supplemento*, «revela,—disse justamente o orador,—grande competencia, minucioso e escrupulosissimo exame para a classificação, assim como probidade digna dos mais rasgados elogios».

Declarou depois o sr. dr. Vasconcellos que o Instituto vae mandar collocar no museu o busto de Ayres de Campos. Esse busto é feito pelo actual conservador sr. Antonio Augusto Gonçalves, «que todos conhecem como artista distinctissimo», e que d'esta forma rende, pela sua parte, um espontaneo tributo de admiração ao seu predecessor».

«Ao entrarmos depois no museu,—concluiu o orador,—fizeremos com respeito e gratidão as feições vigorosas e austeras d'aquelle rosto bem expressivo, e isso nos servirá de lição e incitamento.»

Uma longa e repetida salva de palmas unanimes coroou o brilhante elogio historico. O sr. dr. Vasconcellos foi abraçado por todos os seus amigos, e

ninguem deixou de fazer rasgados elogios á sua esplendida dicção, ao trabalho arduo, mas curioso, revelado no seu discurso, e ás qualidades brilhantes do seu espirito bem formado.

Bom é que a iniciativa, coroada de exito tão feliz, ainda por aqui não fique; que novas e repetidas conferencias venham animar a vida do Instituto e diffundir por um publico selecto, mas mais extenso, os fructos do trabalho dos seus socios mais devotados e estudiosos.

Ao sr. dr. Vasconcellos enviamos sinceras felicitações.

O Lazarista Ennes

Recebemos as seguintes noticias, datadas de maio:

Vou dizer-lhes alguma coisa do modo como se tratam em Africa os soldados portuguezes, para que se não atribuam ao clima culpas que elle não tem.

Ha tempos, partiram as forças expedicionarias de Lourenço Marques para Anguane ás 6 1/2 da manhã chegando alli pelas 11 1/2, depois de terem atravessado um pantano com agua pelo joelho, o que podia ter sido evitado, mas não o foi, porque os chefes iam a cavallo—por ser por alli mais perto dois kilometros.

De Anguane, onde a maioria dos soldados dormiram n'uma varanda ao relento, partiram para Macarruene ás 6 1/4, em jejum absoluto, fazendo uma viagem de 5 1/2 horas apenas com o descanso de 20 minutos, por maus caminhos, indo cada soldado carregado com 120 cartuchos e uma manta collocada a tiracollo, que o sufocava. Chegadas a Marracuene, deram-lhes por abrigo umas folhas de zinco ondulado collocadas sobre uma armação de madeira, e por cama o terreno. A alimentação é deficiente e reles: carne de vacca pessimamente preparada e durissima, com arroz ou feijão. Se chove, estão os pobres soldados de cocoras sob o seu pessimo abrigo para não se encharcarem. Se faz sol, ou estão de baixo do zinco, onde faz um calor abrazador, ou a descoberto. As sentinellas, que na Europa têm por abrigo uma guarita, aqui não têm nada que as proteja das cacimbas ou do sol.

Tudo isto se faz sem necessidade alguma, por quanto era possivel, administrando melhor o dinheiro que se dispõe, ter os soldados abrigados e melhor alimentados, com mais segurança as sentinellas, bastando para isso imitar o que os inglezes fazem com os seus.

Pelo que respeita a dinheiro dispendido com obras, basta dizer que é raro o material destinado a uma obra que n'ella seja applicado, o que, é claro, augmenta extraordinariamente as despesas.

Quanto a alimentação, basta dizer que, em virtude do nosso systema, metade dos generos enviados são inutilizados a bordo das lanchas pela agua. Pelo aluguel d'algumas d'estas lanchas, pertencentes a figurões, estão-se pagando preços fabulosos, sendo, aliás, possivel compral-as no Natal por preços que em breve estariam cobertos pela despeza que até agora se tem feito.

Relativamente á questão medica, devo dizer que ha dias ficou o hospital do porto de Marracuene, que tem nas enfermarias 40 doentes e no qual a cifra das consultas se eleva diariamente a 60, sem medico nem enfermeiro algum, pois que, aos alli existentes, foi dada ordem de marcha para outro porto, para onde iam os chefes e onde não havia ainda doentes. Esteve o hospital assim por espaço de 6 dias, ha vendo doentes perigosos, um dos quaes já falleceu.

Era um soldado de engenharia que morreu de uma angina. Quando na Europa se diz isto, ninguém acredita.

Disse um illustre official que a peor coisa que ha em Africa é o branco. Eu vou-me convencendo d'isso.

Está construido um porto no Incanire guarnecido por duzentos homens. Está-se fazendo naquella localidade uma ponte de barcos sobre o Incomati para a passagem de 5:000 matolas para o outro lado, em direcção a Maponga. Creio que depois se construirá n'esta localidade outro porto.

Foi constituida uma columna de operações no Incomati.

Os cavallos e muars tem morrido quasi todos em meia duzia de dias.

Politica estrangeira

XII

SUMMARY:

A insurreição de Cuba;—causas; estado da revolta.
Italia:—a sua situação financeira julgada pelo ministro da fazenda; um horizonte cor de rosa.

Obrigados por occupações impreteríveis a interromper estas revistas da politica externa, destinadas a expor singelamente os factos mais frisantes que se vão succedendo no vasto cosmorama da politica, tivemos de deixar em silencio alguns, durante esta pequena interrupção. Como, porém, nas sociedades, como em tudo, o facto presente é uma consequencia, sempre natural e logica, dos que o precederam, na intima correlação da casualidade mutua que faz que o phenomeno consequencia seja ao mesmo tempo causa dos que d'elle vão derivar, teremos occasião, por vezes, de nos referir aos que por necessidade, agora calámos. Se em todas as manifestações da actividade cosmica é absoluta e impreterível aquella lei, na politica, principalmente, se evidencia e domina ella de modo, que impossivel é estudar um phenomeno sem o correlacionar com os anteriores, na sua profunda complexidade.

Não faremos, pois, a analyse do anteriormente succedido, destinadas, como são, estas revistas á exposição synthetica dos factos occorrentes.

Não perdeu ainda a sua frisante actualidade, pelas consequencias notaveis que d'ella derivam, a insurreição de Cuba. Os esforços extremos da Hespanha estão sendo exercidos do mesmo modo em debellar a revolta; Martinez Campos, o heroe bandido, continúa pondo em acção os recursos da sua crueldade enérgica para conservar á Hespanha o seu dominio precioso.

Tem-se dedicado a imprensa, e, principalmente, a *Correspondencia de Hespanha*, á investigação das causas determinantes da rebelião, e remontam-n'as á guerra que ha dezeseis annos terminou pelo tratado de Zanjon, guerra que, se conseguiu dominar o espirito latente da revolta, não logrou aniquillal-o de todo. Nem se extinguiu assim, á força de fuzilaria e de metralha, os sentimentos patrioticos d'um povo.

E, por isso, o tratado de Zanjon não poudo extirpar do peito dos separatistas o ideal constante da revolução.

Quer na propria ilha quer fóra d'ella, o fermento revolucionario permaneceu sempre. Na Florida e em New-York fundaram-se clubs por toda a parte, onde os irreconciliaveis com o dominio hespanhol, reunidos com Yankees dedicados á sua causa, iam, dia a dia, alimentando no espirito a ideia da separação, congregando por todos os modos as adhesões e os meios de a levarem á effectivação sonhada. Urdiam-se tramas fóra da ilha, que na propria ilha tinham um echo sympathico; e foi d'este modo que, apesar da vigilancia das auctoridades, se produziram o movimento de 1880, o desembarque de Bonochea e de Limbanó Sanchez em 1885, e bem assim outras tentativas como a de 1893. Abortavam os movimentos; eram perseguidos os revoltados; expatriavam-se os residentes... mas o ideal sagrado dos separatistas continuava fluctuando nas suas almas como um centro de força e de audacia.

Augmentaram os adeptos; a legião fez-se exercito; os inimigos da Hespanha multiplicaram-se... e agora desafiaram a metropole com recursos numerosos como d'antes não possuíam.

Por seu lado a Hespanha, enquanto os separatistas assim cresciam em força, ella, com a ineptia predominante nos governos da peninsula, descurava por completo os meios de obstar á propagação da revolta nos espiritos. Desprezando as condições liberaes que poderiam afastar do grupo separatista as adhesões e os sectarios, não cumpriu escrupulosamente o tratado de Zanjon; com a reforma de 1892, provou o descontentamento, não lhes dando as condições ambicionadas de autonomia administrativa; não escrupulisou na escolha dos governadores que á frente dos Cubanos collocava; não reparava no espirito revolucionario a alastrar incessante... Neste descuido, sem reservas, tão caracteristico do espirito peninsular, que se aproxima, sob este ponto de vista, e de muitos outros, do *lazzaronismo* napo-

litano, a insurreição tomou vôo e tão alto, que nem o falcão mandado pela Hespanha logrou ainda colhel-a nas garras recurvas, se bem que algum tanto a tenha caçado já. Mas vença, embora, a Hespanha uma vez ainda; entre o Martinez Campos em Madrid, triumphante, armado em conquistador heroico, envolto nos loiros d'essa victoria maculada pelo assassinato hediondo do tenente Gallego;—a Hespanha não tem muito a contar com a ilha que lhe quer fugir. As insurreições repetidas e as repetidas derrotas não extinguiram nem attenuaram na alma dos cubanos o ideal da sua libertação de dominio estrangeiro; têm-no robustecido os desastres de passado.

É, por isso, para a Hespanha certa a perda d'aquella sua possessão, sejam quaes forem os esforços e os sacrificios que lhe ella custe.

É questão de tempo, e talvez que não de muito.

×

Um dos factos que mais sensação causaram ultimamente no alto mundo politico, foi o discurso de Sonnino, ministro da fazenda em Italia, pronunciado ha quinze dias na Toscana, e em que o illustre ministro italiano se propoz demonstrar que o estado financeiro da Italia vae progressivamente melhorando.

Descrevendo as difficuldades quasi insuperaveis da situação financeira e economica da Italia antes de 93, Sidney Sonnino demonstra n'um quadro minucioso como era muito mais grave do que se dizia (e não era pouco o que se dizia...) o estado da Italia, assomborada por uma crise tremendissima em que a precipitosa a sua politica de aventuras.

—O credito do Estado estava abalado interna e externamente; a cotação dos titulos publicos baixava de dia a dia, cada vez mais; o cambio subia assustadoramente; a desconfiança invadia tudo e todos; o publico amontoava-se nos *quichets* das caixas economicas e dos bancos particulares a levantar os seus depositos; os grandes estabelecimentos financeiros pediam moratorias não honrando os seus compromissos...; e por aqui adeante uma enumeração pavorosa de factos symptomaticos d'uma ruina eminente.

Subiu, pelo fim de 1893, o ministro Crispi, e com elle Sidney Sonnino para ministro da fazenda.

A situação foi olhada de frente e atacada com desassombro, pondo em acção os mais enérgicos recursos para sustar a derrocada ameaçadora; e logo de 94 a 95 a situação se apresenta consideravelmente melhorada e o paiz em convalescença.

—«Convem seguir a marcha da cura, mas já não são necessarios remedios heroicos; bastará um tal ou qual regimen—sobriedade nas despesas; algum ligeiro reconfortante tonico, e o restabelecimento completo, a volta proxima a uma saude normal e vigorosa podem ser seguramente garantidos.»

É desenvolve em seguida que o actual exercicio de 94 a 95 foi notavelmente melhorado e que o orçamento corrente se fechará sem gravame nenhum para a situação do thesouro, continuando a demonstrar com factos e com numeros que a regeneração financeira da Italia é já hoje innegavel, contra o que dizem os noveleiros por officio e pessimistas por systema. Mas, fallando da divida publica italiana, affirmou que, para o exercicio de 95-96, sem que seja possivel evital-o, os juros serão de 790 milhões, ou sejam proximoamente 158 mil contos de réis!

Como se vê, estão diluidas em cor de rosa as tintas com que Sidney Sonnino pintou o horizonte financeiro e economico da Italia; mas não esqueçamos, que uma divida que paga de juros 158 mil contos de réis, é um cometa de mau presagio, annunciando horrores, por mais limpido e cor de rosa que se apresente o ceu onde elle se ostenta.

Apreeie cada um como lhe aprouver o discurso do ministro da fazenda de Italia; livre-se com elle aos paromas ideas e luminosos das finanças italianas, como elle as sonha, ou afunde-se no pessimismo intransigente dos noveleiros por officio; tenha, porém, sempre em vista, como dado essencial para a formação do seu criterio, as circumstancias em que o discurso foi pronunciado, e o fim para que foi feito;—estava-se em vespervas de elei-

ções; Crispi andava pela Italia n'uma *tournee* politica a justificar-se das gravissimas accusações que sobre elle foram lançadas; e Sonnino, por sua vez, preparava os espiritos para a batalha proxima, formava opinião e ia firmando o ministerio Crispi.

Levem-se estes motivos em linha de conta.

N'um artigo intitulado o *Amor dos povos*, diz o jornal do sr. José Luciano o que os reis devem fazer para serem amados. E faz grandes elogios á sr.^a D. Amelia.

Vejam isto: uns dias descompõe o rei, outros dias elogia-o, e ás vezes faz como agora: diz bem da rainha e mal do rei para estar seguro no paço por qualquer forma.

Causa nojo tanta intriga, tanta incoherencia e tanto servilismo!

À «Provincia»

Não sabiamos ainda que tinha bossa especial para dar ás palavras um sentido que não têm nem jámais tiveram. Ficamos, porém, devidamente elucidados a esse respeito.

No regimen de illegalidade em que vivemos, implantado por successivos e repetidos golpes de estado, dissemos nós que não reconheciamos a necessidade de pôr em relevo a *inobservancia de um artigo de qualquer lei ou decreto de cuja applicação rigorosa não dependia um importante melhoramento para o paiz, nem da inobservancia maior descredito para a monarchia*. E acrescentamos: *mesmo porque, se fossemos a pôr em relevo todas as illegalidades que assim se praticam, não teriamos muitas vezes espaço para tratarmos de outros assumptos*.

E a *Provincia*, como quem repete o que dissemos, escreve:

«A *Resistencia* diz que não falou na escandalosa e illegal transference do esorivão de Pedregão, Joaquim David, porque não... vale a pena. Ficamos sabendo.

Rasgar uma lei, seja ella qual for, não é para a *Resistencia* coisa que mereça censura enérgica.»

Nós tambem ficamos sabendo... como o collega sabe contar as cousas a seu modo.

Mas visto que a *Provincia* deseja verberar todas as illegalidades que se praticam, e como nós lhe temos notado muitas lacunas a esse respeito, principiaremos já a apontar-lhe algumas para que encete a devida campanha.

Alguns professores da Universidade estão desempenhando em Lisboa commissões incompativeis com o exercicio do magisterio, devendo por isso sahir dos quadros das respectivas faculdades, se quizerem continuar n'essas commissões.

Na *companhia das docas*, onde o sr. conselheiro Corrêa de Barros tem grande preponderancia como administrador nomeado pelo governo, têm-se praticado as maiores illegalidades, estando inclusivamente essa companhia a funcionar com menos de dez accionistas.

O collega prestará um bom serviço ao paiz pedindo instantemente ao governo para que cumpra a lei, obrigando os taes professores a optar pela commissão ou pelo exercicio do magisterio e promovendo a dissolução da *companhia das docas*.

Por hoje limitamo-nos a apontar estes factos, que já lhe dão assumpto até para um artigo editorial.

Diz mais a *Provincia* que o governo não é tão mau para os republicanos como estes o pintam. Talvez seja verdade para alguns, e a *Provincia* prestará um bom serviço dizendo quem elles são.

Mas olhe que não nos parece que siga bom caminho falando do nosso illustre correligionario sr. Jacintho Nunes. Não nos consta que elle entrasse em syndicato algum, e não se lhe pôde levar a mal que pugne pelos interesses da sua terra, onde tem exercido importantes funcções administrativas.

Mas como o collega está tanto ao facto do que se passa nas secretarias em Lisboa, onde nós jámais entramos, deve saber as *crueldades* praticadas pelo governo contra os progressistas no districto de Aveiro. Vá, collega, conte tudo isso. Nós sabemos de muitas, mas temos a certeza de que o collega sabe muito mais do que nós.

Ora pois, venha de lá isso, que nós não deixaremos de o transcrever.

Carta de Lisboa

5 de junho de 1895.

Começo por um assumpto alegre. O jornal de Navarro declara que é catholico e conservador, sem receiar as investivas dos jacobinos.

Alegre chamo eu a este caso da profissão catholica das *Novidades*, pois quem conhece aquelles cavalleiros seus redactores ha de rir-se do descaramento d'elles. Catholicos? Quem os conhece, bem sabe que elles até com os trinta dinheiros do seu irmão Judas eram capazes de fazer um syndicato.

Catholicos o Collen, o Armando da Silva e o Navarro! Que farçantes!

E dizem ativos que não receiam os nossos ataques ao seu catholicismo! Estão positivamente a disfructar o publico.

Mas sentir-se-ão os bomeus realmente religiosos, repetindo a cada momento o acto de contricção allucinados com a perspectiva de balouçarem suspensos n'uma corda presa ao celebre candieiro? Se assim é, mais um motivo para lhes chamarmos disfructadores, porque hoje só o idiota do Sergio se dá ares de martyr.

Coitado, é lá uma mania...

×

O centenario de Santo Antonio continua a preoccupar todos os que vêem n'elle, e com razão, uma manobra jesuitica patrocinada pela rainha e pelo governo.

O descaramento chegou ao cumulo. O que é essa gente do *Correio Nacional*, órgão do partido catholico, podem sabel-o lendo as denuncias feitas nas *Novidades*. Creio bem que o partido republicano tem de olhar a sério, muito a sério, a reacção que se manifesta. Nada temos com a religião de cada um, existem bastantes ecclesiasticos nas commissões republicanas, não temos nem podemos ter odios religiosos, mas devemos impedir por todas as formas a interferencia da igreja nos negocios politicos do paiz. E' preciso que o partido republicano attenda bem a isto. A intriga é enorme, figura n'ella a rainha, figura o nuncio, altas summidades ecclesiasticas, a aristocracia e uma grande somma de imbecis que se prestam admiravelmente a serem instrumentos da reacção. E' necessario lutar, combater a todo o transe a intervenção da igreja nos negocios do paiz.

Attenda o partido republicano a todos os perigos que se preparam.

×

N'uma mensagem enviada pela commissão executiva do partido progressista ao sr. Ribeiro Coelho, leio as palavras que trancrevo, a mais de um titulo curiosas:

«Aos professores que abertamente se declaram adversos á monarchia, manda-os o governo advertir para que não reincidam em manifestações politicas, e apezar de serem as

suas advertencias recebidas com indifferença ou desprezo por parte dos advertidos, não ousa proceder contra elles. A um professor monarchico, distincto pelo saber, e benemerito pela maneira como sabia desenpenhar-se das obrigações do magisterio, despede-o do serviço publico sem audiencia sua, e sem processo, não por faltas, ou abusos praticados na regencia da sua cadeira, mas por algumas palavras perfeitamente consoantes á legalidade existente, pronunciadas n'uma reunião tambem monarchica, realisada n'uma casa particular!»

A primeira impressão que resulta da leitura das palavras acima transcriptas é que parece fazer-se uma referencia por muitos sentidos insidiosa. Mas não passa d'isso. Insidiosa ou inepta.

Depois vejo que a mensagem é frouxa, o que não condiz com a violencia do alto. Quanto mais energica não era a que ao nosso querido dr. Coimbra enviaram os dignissimos lentes do Porto, Duarte Leite e Amandio Gonçalves, já ao tempo ameaçados mas desprezando as ameaças, e pelo nosso distincto amigo Nunes da Ponte!

Como eu me sinto satisfeito quando ponho em confronto este caso da demissão do sr. Ribeiro Coelho com a do dr. Coimbra! Como o nosso dr. Coimbra foi ativo e digno! Como o partido republicano se lhe deve sentir reconhecido por dever uma das suas mais distinctas paginas ao nosso perseguido correligionario!

Mas adiante. A mensagem é monarchica, todos elles são monarchicos. Adiante...

×

O jornal do sr. José Luciano de Castro diz que o rei quando tomou conta do throno exclamou que ia governar: *contra os republicanos e contra os ladrões.*

Que elle dissesse que ia governar contra os republicanos, comprehendese; agora contra os ladrões, não se percebe muito bem.

Pois que? O rei governar contra os monarchicos?!

Emfim, elle lá os conhece. E nós conhecemos-os a elle e a elles.

São todos bons, não haja duvida.

×

Quería hoje dizer-lhes algumas palavras em continuação do que eu disse entender que devia fazer a commissão republicana municipal de Lisboa, mas a carta já vae longa e o tempo escasseia-me.

Na primeira carta fallarei a respeito do que prometti. E creio que se todos os republicanos acceitassem como indispensaveis á moralidade do partido aqui em Lisboa as considerações que no ultimo numero da *Resistencia* expuz, seria bom.

Muito bom, por muitos motivos... *Jocelli.*

A grande cirurgia em Coimbra

Pelo que nos consta, deve em outubro estar concluida a sala d'operações gynecologicas que por iniciativa do sr. dr. Sousa Refoios vae ser construida no hospital d'esta cidade e para a qual este abalizado clinico tem conseguido alguns donativos importantes.

Comprehende-se bem o valor d'esta obra, sendo digno dos maiores encomios o illustre professor que tanto se empenha pela sua realisacão e d'esperar é que seja auxiliado por todos aquelles que sinceramente estimam o bem da humanidade e as honras da escola de Coimbra.

O sr. dr. Sousa Refoios é um grande operador a um tempo audaz e prudente, tendo uma larga educação technica e uma superior organisacão cirurgica. Todos os annos realisa na enfermaria-escola que está a seu cargo algumas das grandes operações que lá fora fazem a reputação dos specialistas, e que aqui se têm realisado devido apenas á sua boa vontade, á sua energia e aos seus meritos reaes de operador de largos e incontestaveis merecimentos.

Já este anno o sr. dr. Refoios realisou duas laparotomias e uma hysterectomia por via vaginal em que o exito foi completo e absoluto, pois que as tres operadas estão ao presente n'uma franca convalescência.

Isto alem de tantas outras operações de menor vulto do que aquellas, sem duvida, embora na verdade muito importantes tambem.

Tudo isto conseguido n'uma pequena sala de operações em que a mais cuidada asepsia é sempre uma cousa pouco menos que duvidosa.

Vê-se bem, portanto, quanto não será vantajoso para a humanidade e para a sciencia que se construa uma boa sala de operações, vasta, nas melhores condições de aseo e asepsia, satisfazendo emfim aos preceitos da sciencia moderna.

Os nossos votos são pois para o bom exito da tentativa do talentoso professor, e não regatearemos louvores a todos aquelles que desinteressadamente o coadjuvarem.

De resto, devemos notar que são frequentissimas as entradas de mulheres que precisam de operações gynecologicas, — o que justifica de sobra a construcção da projectada sala de operações que, de mais a mais, terá, custeando-lhe a maioria senão a totalidade das despesas, a subscripção particular. Como devemos notar a mais que ao sr. dr. Sousa Refoios assiste toda a força moral para metter hombros á utilissima empreza. Se não fossem as altas aptidões de s. ex.ª, não se teriam feito nos hospitais da Universidade as grandes operações abdominaes, sempre ariscadissimas e delicadas.

A escola de Coimbra estaria pois, sob este ponto de vista, em plano muito inferior ás escolas de Lisboa e Porto, e só a enormissima e pouco honrosa distancia seguiria a sciencia estrangeira que lá vae na sua marcha intrepida e serena.

Desde 1770 até 1782 tinham allí trabalhado os comediantes francezes. Depois foram os italianos, que durante a construcção de Feydeau, se installaram allí.

A Convenção fazia lá as suas sessões desde 10 de maio.

As secretarias da Assembleia, casas de conferencias e comités, occupavamos compartimentos reaes; o comité de salvacão publica, deliberava sob um tecto azul semeado de flores de lys douradas.

No anno anterior, o procurador-syndico da Communa, Manuel, tinha proposto que se dessem aposentos ao presidente da Convenção no Palacio Nacional.

Mas Tallieu subindo á tribuna disse: —Quando houvesse necessidade do presidente da Convenção, devia ir procurar-se a um quinto andar; é lá que habita o genio e a virtude!...

A moção de Manuel foi regeitada. As immedições da Assembleia pareciam uma praça de guerra.

Cidadãos armados vigiavam os representantes da nação. No Carrousel estava postada uma bateria de artilheria. Ouvia-se o rumor das deputações populares que subiam as ruas proximas. De longe a longe os uniformes regulares das patrulhas, circulavam no meio dos barretes phrygios, das Carmagnoles, das coifas ornadas de laços,

desde 1770 até 1782 tinham allí trabalhado os comediantes francezes. Depois foram os italianos, que durante a construcção de Feydeau, se installaram allí.

A Convenção fazia lá as suas sessões desde 10 de maio.

As secretarias da Assembleia, casas de conferencias e comités, occupavamos compartimentos reaes; o comité de salvacão publica, deliberava sob um tecto azul semeado de flores de lys douradas.

No anno anterior, o procurador-syndico da Communa, Manuel, tinha proposto que se dessem aposentos ao presidente da Convenção no Palacio Nacional.

Mas Tallieu subindo á tribuna disse: —Quando houvesse necessidade do presidente da Convenção, devia ir procurar-se a um quinto andar; é lá que habita o genio e a virtude!...

A moção de Manuel foi regeitada. As immedições da Assembleia pareciam uma praça de guerra.

Santo Antonio dos Olivae

O Santo Antonio dos Olivae Está em festa, que lindo Santo! Dos santos todos o que amo mais E' Santo Antonio dos Olivae, O Santo Antonio que eu amo tanto...

Pombas fugidas das pombae, As raparigas lá vão cantando Ao Santo Antonio dos Olivae Cantigas brancas feitas com ais Em que lhe pedem que as vá casando.

As campainhas cantam baladas Só d'uma nota, que lindas são! O' almas virgens das alvoradas Como são lindas essas baladas Quando nos vibram no coração!

Vinde meninas que em noites bellas Lá vae a lua fazendo versos, Com letras feitas só com estrellas Que dão palavras talvez mais bellas Que os vossos cantos que vão dispersos.

Vinde meninas, vinde cantar (As vossas faces já sem cor!...) Estaes cançadas de tanto andar, Ou estivesteis a namorar Entre as silveiras que já têm flor?!

Coimbra, 3 — 6 — 95. Um Romeiro.

Doutoramento

Para assistirem ao doutoramento do nosso collega Affonso Costa, chegaram no sabbado ultimo a Coimbra seu tio José de Barros Coelho e Campos, proprietario no Ervedal da Beira, e sua prima D. Palmyra de Barros Coelho e Campos.

Hoje chegam: a mãe do nosso amigo, D. Anna Augusta Pereira da Costa, seu irmão Arthur Costa e respectiva esposa e filho, e bem assim o particular amigo do nosso collega, sr. dr. Francisco Antonio Soares de Vilhena, que, com sua esposa e filha, vem propositadamente a Coimbra abraçar Affonso Costa no dia da sua festa.

No sabbado proximo devem chegar os tios do doutorando, srs. generaes Antonio d'Almeida e João d'Almeida Coelho e Campos, com suas esposas e filhas.

O nosso collega conta receber ainda a visita de outros membros da sua numerosa familia.

Lyceu de Coimbra

Diz-se que na proxima epocha de exames as mesas que funcionarão serão as seguintes:

Portuguez, Litteratura e Latim (5.º anno)—Dr. Luiz Pereira da Costa, Padre Gaspar Alves de Frias d'Eça Ribeiro e Hermano José Ferreira de Carvalho.

Francez e Ingles—Dr. Francisco Anto-

tom grave, tens alguma cousa que te prenda em Paris?

—Tenho a bandeira que devo entregar na Convenção. No ministerio, disseram-me que seria recebido hoje na Assembleia.

—Bem! Então, partirás esta tarde!

—Partir! Tão cedo!

—E' preciso! Cadet, o cidadão Le noir tem sido teu amigo, teu protector; ensinou-te a escrever. É justo que elle saiba por ti a sorte da sua amada. Uma vez sciente d'isso, providenciará.

—Mas ella? disse Cadet.

—Sim, ella? repetiu a porteira.

—Ella! Não te disse que contava commigo?

A CONVENÇÃO

A Convenção funcionava nas Tulherias, transformadas em Palacio Nacional.

A sala das sessões era a antiga sala de espectaculos, retocada por Servandoni, no tempo de Luiz XV, e conhecida pelo nome de Sala das Machinas, por causa dos grandes trabalhos que allí se tinham executado para facilitar a representacão das dansas e das pantomimas.

A corte havia posto a sala á disposiçã da Opera, depois do incendio d'este theatre, em 1763.

A elle pertence essa gloria que, illuminando o seu nome, positivamente se esbate n'um grande e honroso relevo sobre toda a faculdade.

Por todas estas razões será um crime tolher o passo do illustre professor, e uma incorrecção flagrante deixar de o applaudir.

Santo Antonio dos Olivae

O Santo Antonio dos Olivae Está em festa, que lindo Santo! Dos santos todos o que amo mais E' Santo Antonio dos Olivae, O Santo Antonio que eu amo tanto...

Pombas fugidas das pombae, As raparigas lá vão cantando Ao Santo Antonio dos Olivae Cantigas brancas feitas com ais Em que lhe pedem que as vá casando.

As campainhas cantam baladas Só d'uma nota, que lindas são! O' almas virgens das alvoradas Como são lindas essas baladas Quando nos vibram no coração!

Vinde meninas que em noites bellas Lá vae a lua fazendo versos, Com letras feitas só com estrellas Que dão palavras talvez mais bellas Que os vossos cantos que vão dispersos.

Vinde meninas, vinde cantar (As vossas faces já sem cor!...) Estaes cançadas de tanto andar, Ou estivesteis a namorar Entre as silveiras que já têm flor?!

Coimbra, 3 — 6 — 95. Um Romeiro.

Doutoramento

Para assistirem ao doutoramento do nosso collega Affonso Costa, chegaram no sabbado ultimo a Coimbra seu tio José de Barros Coelho e Campos, proprietario no Ervedal da Beira, e sua prima D. Palmyra de Barros Coelho e Campos.

Hoje chegam: a mãe do nosso amigo, D. Anna Augusta Pereira da Costa, seu irmão Arthur Costa e respectiva esposa e filho, e bem assim o particular amigo do nosso collega, sr. dr. Francisco Antonio Soares de Vilhena, que, com sua esposa e filha, vem propositadamente a Coimbra abraçar Affonso Costa no dia da sua festa.

No sabbado proximo devem chegar os tios do doutorando, srs. generaes Antonio d'Almeida e João d'Almeida Coelho e Campos, com suas esposas e filhas.

O nosso collega conta receber ainda a visita de outros membros da sua numerosa familia.

Lyceu de Coimbra

Diz-se que na proxima epocha de exames as mesas que funcionarão serão as seguintes:

Portuguez, Litteratura e Latim (5.º anno)—Dr. Luiz Pereira da Costa, Padre Gaspar Alves de Frias d'Eça Ribeiro e Hermano José Ferreira de Carvalho.

Francez e Ingles—Dr. Francisco Anto-

nio Diniz, Hermann Christiano Dhürsen e José Christiano Medeiros.

Geographia, Historia e Philosophia—Dr. Raymundo Motta, Clemente Pereira Gomes de Carvalho e Manuel Joaquim Teixeira.

Latim (4.º e 6.º anno)—Dr. Bernardo Augusto Madureira, Francisco Maria Pereira e Padre Manuel de Carvalho.

Mathematica (1.ª e 2.ª parte) e *Phy-sica* (1.ª e 2.ª parte)—Dr. Francisco Adolpho Manso Preto, José Adelino Serrasqueiro e dr. Francisco da Costa Pessoa.

Allemao—Dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama, Henrique Teixeira Bastos e Hermann Dhürsen.

Grego—Dr. Manuel de Jesus Lino, Francisco Maria Pereira e Hermann Christiano Dhürsen.

Desenho (1.ª e 2.ª parte)—Dr. Francisco Adolpho Manso Preto, João Rodrigues Vieira e Luiz Augusto Pereira Bastos.

A commissão que tem de examinar os compendios de instrucção secundaria installar-se-á no dia 10 do corrente.

Na secretaria da Universidade já se recebeu um officio em que se fazia esta communicacão.

Actos na Universidade

Foram approvados nos dias 3, 4 e 5 os seguintes academicos da faculdade de Direito:

1.º anno—Alfredo Augusto Cunhal, Alfredo Narciso Marçal Martins Portugal, Alfredo Pinto Azevedo e Sousa, Americo Guilherme Botelho de Sousa, Antonio Alves da Costa, Antonio Augusto Mendes de Gouveia, Antonio Caetano Macieira Junior, Antonio Julio do Valle e Sousa, Antonio Lino Netto, Antonio Manuel Santiago.

2.º anno—Antonio Alves d'Oliveira Junior, Antonio Fortunato de Pinho, Antonio Mauricio de Sousa Freire Pimentel, Antonio de Sá Barreto Pereira do Couto Brandão, Arthur Cardoso Pinto Osorio, Arthur Correia Ribeiro, Arthur Ribeiro de Lima, Arthur Teixeira Fontes, Augusto Angelo Villela Passos, Augusto Pedro de Figueiredo Falcão, Augusto Pires do Valle e Avelino Augusto d'Oliveira Leite.

3.º anno—Alberto de Vasconcellos Moraes, Alfredo Augusto Ricoes Pedreira, Amandio Antonio Baptista de Sousa, Antonio Augusto d'Almeida Morujão e Antonio Barreto Soares Lencastre.

4.º anno—Alberto Ferreira Vidal, Alberto de Magalhães Cerqueira de Queiroz, Alberto Teixeira de Sampaio, Albino Alves d'Oliveira, Albino Antonio d'Almeida Mattos, Alfredo Martins Fernandes Nogueira, Alipio Albano Camello e André João dos Reis.

5.º anno—Antonio d'Abreu Leite Velloso, Antonio Bocage de Macedo, Antonio Caetano Salvado, Antonio Candido Vieira d'Araujo, Antonio Homem de Mello Macedo e Antonio Maria Fructuoso da Silva.

dos fichus listrados, dos andrajós pittorescos da multidão...

De tempos a tempos os frequentadores das sessões indicavam em voz alta aos curiosos os deputados que passavam.

Quando passavam Danton, Robespierre, Couthon, Saint-Just ou Collot-d'Herbois, abriam respeitosa e ligeiramente as portas para cada instante para pronunciar algumas palavras na sua brilhante eloquencia familiar. Interrogavam-no e elle respondia. Robespierre passava mudo e frio, quasi sempre seguido de alguns jacobinos entusiastas...

Os deputados da direita, ao contrario, os amigos dos Girondinos proscritos, encontravam apenas rostos irritados, punhos fechados: os sectionarios ameaçavam-nos de longe com as lanças. Em alguns dias, foi necessaria a intervenção dos soldados da guarda para proteger a sua segurança...

Os membros de concelho da Communa, e os chefes de secção estavam nos corredores, silenciosos,—manifestando, com a sua presença, a influencia da vontade de Paris nas deliberações da Assembleia.

O recinto tinha sido invadido de alto a baixo.

(Continúa).

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

IV

O CHEFE DE BATALHÃO

—Sim! sim! Lembro-me de tudo o que tu quizeres. Não faças porém mais scenas, como esta, no meio da rua.

O caso é que a pequena chocalheira não admittia graçaes no capitulo, recordações.

Tinha largado o braço do seu camarada, collocando-se-lhe deante, decidida a esperar que elle lhe desse razão.

—És tu agora, que nos fazes demorar!—disse Cadet sorrindo.

Nos campos da batalha, elle perdia a cabeça, irritava-se, espedaíava tudo; mas allí, no arrabalde, depois de ter bebido boa cerveja com os seus companheiros, e quando levava pelo braço a pequena Jenny, tornava a voltar aos seus tempos de papalvo dos primeiros dias.

—Corramos para recuperar o tempo perdido! diz Jenny.

Começou a puxal-o atraz de si. Elle

deixava-se levar riado ás gargalhadas, segurando com uma das mãos o sabre que arrastava sobre o pavimento da calçada.

Chegaram assim junto da pequena casa.

No momento em que Jenny ia tocar a campainha, a porteira correu para ella.

—Ah! cidadã, como estou contente de vos tornar a ver! Eu venho de vossa casa; disseram-me lá que tinheis sabido, e não sabia onde encontrar-vos...

—Acontecen alguma cousa á vossa patroa?

—Alguns cousa, minha menina? Uma desgraça! Ella foi presa!...

—Presal! Ella, uma patriota! A noiva d'um official republicano! Porque? Que quer isto dizer? Para onde a levaram? Não vos disse nada para mim?... Falla pois!... Presal!... Ah! Cadet como eu sou desgraçada!...

E a pequena Jenny debulhou-se em lagrimas.

—Cidadão commandante,—disse a porteira—eu não sei mais nada. Tudo o que a minha patroa me ponde dizer foi: Preveni a pequena Jenny!...

Jenny levantou a cabeça.

—Ella disse isso? Tem razão.

—Reflectiu um instante.

—Cadet, perguntou-lhe ella n'um

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1:000 réis

19 **A**renda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.º de policia 104 e 105. Para tratar—Rua Ferreira Borges, n.º 110—Coimbra.

(2.ª publicação)

18 **N**o dia 9 do proximo mez de junho por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, hão de ser postas em praça e entregues a quem maior lance offerer alem do preço da sua avaliação, todos os bens mobiliarios, taes como, sacos com farinha, sacas varias, caixotes, peneiras, cestas, masseiras, tendedeiras, balanças, taboleiros, arcas para farinha, um fogão, baltis, lenha, jogo de medidas completo, armarios, prateleiros, camas de ferro com colchões e enxergões, meza de escriptorio, peneiras, mezinha de cabeceira e outros objectos, arrestados pela companhia de Moagens em Vianna do Castello, com sede na rua Augusta em Lisboa, ao executado Antonio Simões Peixeiro, casado, negociante, d'esta cidade, mas ausente em parte incerta.

Pelo presente são citados quaesquer credores do executado que se julguem com direito aos referidos bens ou ao seu producto para que o deduzam no prazo legal.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

17 **E**STES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmaeias e drogarias.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

16 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

(1.ª publicação)
15 **P**elo Juizo de direito da comarca de Coimbra, vão á praça, no dia 23 do corrente, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, os predios abaixo descriptos, pertencentes ao casal inventariado de José d'Oliveira Ferreira, morador que foi no logar do Ameal e são os seguintes:

O dominio util d'uma terra de sementeira com oliveiras no sitio dos Covões, freguezia do Ameal.

O dominio util d'uma outra terra de sementeira com oliveiras, no mesmo sitio dos Covões, freguezia dicta.

Estes dois predios são foreiros a Antonio Calheiros de Noronha, d'Ois de Bairro, a quem paga o fóro annual de 9 alqueires ou 118'448 de milho, 9 quartilhos ou 3'132 de azeite e 2 galinhas. Foram avaliados, liquido do fóro, em trezentos e cincoenta e seis mil e oito centos réis, e vão á praça, pela 3.ª vez na quantia de 250\$000 réis.

A contribuição de registro é paga pelo arrematante.

São citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

Arrenda-se

14 **D**o S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

13 **U**til nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

12 **A**LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

BENGALAS

11 **U**m sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

40 **E**sta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **para-ralos, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofo, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moínhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

Vinho verde

9 **E**specialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

ARRENDA-SE EM CONTA

8 **U**ma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arrioio, 103, se trata.

Praticante de Pharmacia

7 **P**recisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogeria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

Charutos estrangeiros

MARCAS ACREDITADAS

6 **V**endem-se em caixas de 25, 50 e 100 charutos a preços excepcionalmente reduzidos.

Tabacaria União

SOPHIA—COIMBRA

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

5 **G**rande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

COIMBRA

Casa com quintal

4 **A**rrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Aos photographos amadores

3 **A**cabou de chegar á **Papelaria Central**, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

2 **R**oupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima! Alta novidade!

Liquidação de cigarros de tabaco especial

1 **C**aixinhas de 500 réis com 50 cigarros abundantes de fino tabaco, vendem-se a 400.

De 400 réis com 50 cigarros, a 300.

De 100 réis com 10 cigarros, a 80.

De 80 réis com 10 cigarros, a 60.

Tabacaria União

SOPHIA—COIMBRA

Tubos para pulverisadores de viúhas, vendem-se na Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas acommodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmaeias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 32

COIMBRA — Domingo, 9 de junho de 1895

1.º ANNO

Ultimo esforço

Não ha que hesitar—estamos quasi perdidos. Insensivelmente primeiro, depois com algum sobresalto que passava rapido, agora vertiginosamente, vamos cahindo e quasi sem esperanza de nos salvarmos.

Um povo inerte, burguezia egoista, altas classes cretinadas e sem caracter, um rei toireiro, eis a sociedade portugueza. Arremedo grotesco da epoca de D. Sebastião, com esta differença que então ainda na allucinação estúpida d'um mysticismo guerreiro, já fóra da epocha, se pensava em morrer bem. Dil-o a divisa do hysterico discipulo dos jesuitas que adoptou para si o verso de Petrarca:

Un bel morir tutta la vita honora!

Hoje nem assim se pensa. Morrer, mas satisfeito, a divisa do rei de agora é:

Morra Martha, morra farta!

Nada de pensar em tristezas, nada de pensar em honra. Gosar, e quem não puder que arrebente. Isto pensa o rei, isto pensa o povo, isto pensam todos. Os que apontam o perigo, os que descobrem a miseria, quasi são escorraçados por toda a gente que explora um paiz inteiro, sem que esse paiz dê por isso. Não é tal qual como no tempo de D. Sebastião em que a fidalguia nova, devassa, aventureira e estúpida alearbava de velhos fofões aos que diziam a verdade e recebiam os perigos d'aquella jornada de Africa? Foi verdadeiramente assombrosa, tornando-se merecedora de reparo, a rapidez com que se effectuou o julgamento e executou a sentença contra esse capitão, que revelou desde a pratica do crime até ao fuzilamento uma coragem extraordinaria, quasi inacreditavel. Tendo sido o crime cometido ás 11 horas e meia da manhã, reunia-se na terça ás 5 horas da tarde o conselho de guerra que ás 8 horas da noite votava por unanimidade a sentença de morte. A' meia-noite é confirmada a sentença pelo novo capitão general de Madrid, sr. Mario; á 1 hora da manhã dava o ministro da guerra ordem para a execução da sentença; ás 2 horas já estava sorteada a companhia que tinha de fazer a guarda no oratorio e no quadrado e dar o pique para a execução, e, finalmente, á hora já referida expirava Clavijo a sua culpa.

Vamos morrer sim, mas sem as armas na mão.

Cahimos por terra não como feridos, vencidos na batalha, mas como bebados vencidos na propria infamia.

Não ha de haver no campo da lucta manchas de sangue, mas nodos de vinho.

Santo paiz! Santa canalha! Ladrões por toda a parte, devassos a cada canto, idiotas em todo o Portugal! Festas e mais festas!

A epopea que aconselhava loucuras e dizia ao rei que fosse a luctar contra os mouros tem bella substituição hoje. Já se não sabe o que dizem os *Luziadas*, prefere-se cantar o *Burro do sr. Alcúide*. É isso, fazem bem, a alma nacional consubstancia-se hoje perfeitamente n'um burro conduzido pela arreata á apothose da albarda.

Na ultima arremetida, quando nos levantarmos para avançar, vamos bater com a cabeça na primeira esquina. Já não temos bandeira que deixar no combate, simplesmente pensaremos se não nos cahiu o relógio da algebeira.

Interesse e calculo. Na retirada não nos voltaremos ainda para aparar os golpes e vender cara a vida. Simplesmente apressaremos a fuga, que os

pontapés succedem-se a perseguir-nos. E quando o dominador nos algemar, não será para nos encerrar na enxovia onde ainda podiamos ser grandes na resignação heroica do martyrio.

O paiz ha de ser enjaulado como um animal raro e ridiculo, tão ridiculo como aquelle macaco de chapéu arrojado desenhado no *Punch*, corrido a pontapés por John Bull e que tinha esta legenda humilhante e cheia de desprezo:

The little Portugal

Assim o querem, assim o tenham! Mas não haverá por ali alguém com vergonha?

Não haverá por ali alguém com coragem?

Que diabo! Alguns criminosos á hora da morte, chegam a impressionar bem, por se mostrarem corajosos em frente da força...

Complica-se a questão de Cuba, que vemos cada vez mais longe da solução desejada pelos nossos visinhos.

Foram pedidos novos sacrificios de homens e dinheiro, e assim é que o governo hespanhol vai enviar para lá mais 10 regimentos, e promover o alistamento de voluntarios com o mesmo destino.

O fuzilamento de Clavijo

O capitão Clavijo, que disparara dois tiros contra Primo de Rivera, foi fuzilado no dia 5 ás 6 horas e meia da manhã.

Foi verdadeiramente assombrosa, tornando-se merecedora de reparo, a rapidez com que se effectuou o julgamento e executou a sentença contra esse capitão, que revelou desde a pratica do crime até ao fuzilamento uma coragem extraordinaria, quasi inacreditavel. Tendo sido o crime cometido ás 11 horas e meia da manhã, reunia-se na terça ás 5 horas da tarde o conselho de guerra que ás 8 horas da noite votava por unanimidade a sentença de morte. A' meia-noite é confirmada a sentença pelo novo capitão general de Madrid, sr. Mario; á 1 hora da manhã dava o ministro da guerra ordem para a execução da sentença; ás 2 horas já estava sorteada a companhia que tinha de fazer a guarda no oratorio e no quadrado e dar o pique para a execução, e, finalmente, á hora já referida expirava Clavijo a sua culpa.

Mediaram, pois, entre a execução da sentença e o attentado, só 48 horas!

E para que tanta rapidez? Haveria alguma necessidade de Estado tão imperiosa que a exigisse? Não conseguimos lobrigar qual fosse.

E para que o processo não corresse tão rapidamente, se tal nome se pôde dar ás formalidades que se praticaram, havia a ponderosa consideração de que Clavijo, tendo sido em tempo um militar de exemplar comportamento e de uma rara coragem que lhe mereceu duas promoções por distincção, tinha dado de ha uns annos para cá claros indícios de alienação mental, sendo constantemente torturado pela mania da perseguição. Era essa mania que o levava a dirigir aos superiores e até á rainha regente injurias e insultos, e foi ainda ella que o fez disparar contra Primo de Rivera.

E para com um desgraçado d'estes não ha a minima commiseración e nem sequer se trata de averiguar qual o estado das suas faculdades mentaes!

Exigiria, repetimos, alguma necessidade social que assim se procedesse? Parece-nos que não, e, podemos-o afirmar sem receio, a verdadeira justiça e o sentimento d'humanidade abertamente condemnam tão extraordinario procedimento.

Para prevenir insidias

Temos presente uma carta d'um nosso estimado assignante em que, a proposito do artigo publicado na *Resistencia—Maquinações tenebrosas*, diz sentir que comecemos a agredir a classe ecclesiastica e a offender a religião. As affirmações enunciadas n'essa carta revelam que o seu auctor, a cuja illustração e honradez de caracter somos aliás os primeiros a fazer justiça, não deu ao artigo referido a interpretação que lhe devia dar. Se assim não fosse, não podia de modo algum vir declarar que a *Resistencia* se mostrava inimiga da classe ecclesiastica, na qual existem representantes que são merecedores de toda a consideração e respeito.

E não o poderia fazer por isso mesmo que se declara liberal, verberando com a maior indignação os attentados praticados pelos poderes constituidos, que descaradamente implantaram o absolutismo entre nós.

Pensa a este respeito do mesmo modo que a *Resistencia* e não pôde, portanto, como ella deixar de verberar o procedimento de todos aquelles que por qualquer modo estão cooperando para a miseravel situação em que nos encontramos. Ora no artigo contra o qual se insurge, o que ha é uma justa condemnação d'actos praticados pelo *partido clerical*, que está de mãos dadas com o paço para estabelecer ao lado do absolutismo a intolerancia religiosa e o obscurantismo.

Para nós o centenario de Santo Antonio, com o caracter que pretendem imprimir-lhe, não é mais que uma ostentação d'esse partido, que assim quer mostrar a sua força, e que tem como aliados muitos exploradores tanto em politica, como em religião, como ainda no commercio. E o illustrado auctor da carta deve saber muito bem o que essa seita pretende. Deve saber mais do que isso: que ella está sendo extremamente funesta á propria religião que aparentemente diz defender.

Não é com pretendidas influencias politicas; não é com cortejos, luminarias, regatas e corridas de touros que se difunde e arraiga o sentimento religioso. Affirmamos até, sem receio de errar, que essas manifestações são o que ha de mais contrario ao espirito da religião christã.

Ora é contra esses abusos que a *Resistencia* se insurge, e, quando o não fizesse, deixaria de ser liberal para se tornar reaccionaria.

Não se faça politica com a religião; não se pretenda pela acção d'esta tolher o livre desenvolvimento das forças sociaes. Limite-se o clero, na qualidade de representante do catholicismo, á sua legitima esphera d'acção, cumpra escrupulosamente os seus deveres, que a *Resistencia* nada dirá contra elle.

Nada temos com os sentimentos ou ideias religiosas que os cidadãos manifestam, mas não podemos admitir sem o mais vehemente protesto que a religião esteja servindo para fins que Christo nunca teve em vista, nem os principios liberaes admittem.

E fique dicto d'uma vez para sempre.

Diz o Navarro nas *Novidades*:

«Somos catholicos, dizemol-o de cabeça bem alta».

Mais alta ha de tel-a um dia suspenso d'um candieiro.

E diga então que é catholico.

Foi nomeado thesoureiro da camara municipal o sr. João de Sousa Bastos, filho do nosso amigo e illustre advogado sr. dr. Antonio Maria de Sousa Bastos.

As nossas felicitações.

Congresso de tuberculose

No seu ultimo numero, o *Correio Medico*, fazendo uma larga noticia a respeito do congresso de tuberculose refere-se, pelos modos, ao nosso collega Antonio José d'Almeida. E, para evitar massadas de investigação, deita-se a inventar. Processo barato de fazer historia, já se vê.

Ora a coisa ha de ser esclarecida a seu tempo. E pena é que o não possa ser já. Mas a questão não pôde ser tratada em detalhe, e, na sua filiação e nas suas consequencias, só é legitimo fazel-o mais tarde.

De resto, o artigo do *Correio Medico* queira correr sem embargos. É uma *blague* engraçada, que, pareça, foi recolhida na inspiração d'algum abelhudo bohemio, n'esta terra illustre da sabedoria.

Passe, pois, o artigo sem impedimentos.

A questão, a bem fallar, é muito outra. Não é bem do congresso que a coisa parte. As raizes vem de mais longe. Quem as seguir encontra-as no 31 de janeiro. E quem as quiser seguir terá quem o guie.

Que, a bem dizer, só quem fór cego é que se perderá.

Os candieiros foram uma grande invenção,—para allumiar já se vê. Que não para metter em colicas pescocões auctorizados de sabios,—que se deitam a descobrir perseguições para botar figura. O que de resto é logico, pela theoria simples de que quem tem a cabeça vazia bom é que no pescoco faça gosto.

Partido republicano

Tratando do desvolvimento que tem tido o partido republicano, diz o *Correio da Noite*:

«A expansão do partido republicano é tão rapida e tão intensa que já chegou aos extremos do paiz.

Não ha burgo, por mais insignificante que seja, onde os republicanos não tenham representação valiosa.

Até ao anno passado, a influencia republicana circumscrevia-se quasi exclusivamente a Lisboa e Porto; em menos d'um anno essa influencia irradiou-se com uma rapidez assombrosa para toda a periphèria do paiz.

Em quasi todos os concelhos e em muitas parochias se tem constituído commissões republicanas.

Os jornaes ao serviço do partido archivam diariamente os nomes e as condições economicas dos membros das commissões, que se organisam, e onde figuram quarenta maiores contribuintes, ex-presidentes das camaras, ex-camaristas, medicos, advogados, pharmaceuticos, etc., e até ecclesiasticos. As proprias theorias, onde a ideia republicana era esconjurada com horror, se vão convertendo á fe antimonarchica.

Até no paço e quasi ignorado concelho de Freixo d'Espada á Cinta se constituiu uma commissão republicana, composta dos srs. Antonio Manuel Capella, *quarenta maior contribuinte* e *ex-camarista*, Antonio Firmino Afonso, *proprietario*, Manuel Maria Duarte, *secretario*, e Antonio Candido Guerra, *professor de ensino livre secundario*.

Em Cabeceiras de Basto constituiu-se ha pouco uma commissão republicana importantissima pelos vultos que a compõem.»

E espanta-se com muitos pontos de admiración o jornal do sr. José Luciano que em Freixo-de-Espada-à-Cinta se formasse uma commissão republicana.

Francamente, não comprehendemos o espanto. Ainda se uma commissão republicana se fundasse no paço das Necessidades, comprehendamos. Ainda que tambem ha gente do Paço que ataca o rei. Lá temos amigos do sr. José Luciano, por exemplo, em cujo jornal se chama vil ao sr. D. Carlos.

Francamente, o tal espanto pela commissão em Freixo-de-Espada-à-Cinta só tinha razão de ver se nós nos espantássemos por exemplo de os progressistas serem tão bons como os regeneradores. Ora de coisas simples e verdadeiras ninguém se admira.

Pois não é natural, desde que se sabe em toda a parte o que é a monarchia, que em toda a parte o paiz se prepare o combate?

Diario d'um rebelde

V

D'um jornal portuguez:

«A academia das sciencias de Berlim consultou-o (Pasteur) para saber se elle accetteria a cruz do merito, da Prussia, que o governo allemão desejava conceder-lhe por occasião das festas de Kiel.

Pasteur respondeu aos seus confrades allemães, agradecendo á academia, mas declarando que as recordações da guerra de 1870 não lhe permittiam, na sua qualidade de francez, accetter condecoração alguma allemã, seja de que categoria fór.

A vista de tão nobre procedimento, alguns admiradores do illustre chimico e bacteriologo tratam de organizar em França uma subscrição destinada a offerecer-lhe um objecto de arte, que recorde a sua patriótica attitude.»

Este acto expontaneo e modesto do grande sabio é mais importante do que á primeira vista se julga, porque não é um simples facto traductor da sensibilidade d'um espirito, mas antes a manifestação symptomatica d'uma importante verdade social.

A guerra de 70 lançou uma funda nota de despeito nas relações intellectuaes dos dois povos. Todavia é certo que esse despeito se assignala menos entre os homens que cultivam as sciencias medicas do que entre os paladinos mais ou menos audazes que embatem as suas lanças nas outras e multiplas arenas do espirito.

Tem isso uma facil e eloquente explicação.

Além das peculiares circumstancias inherentes ás vantagens sociaes da medicina, uma ha que abruptamente resalta da evolução historica da sciencia franceza.

Quando Laennec n'um rasgo de intuição genial, proclamou a unidade da tísica pulmonar, lançou, sem o prever certamente, a faulha incendiaria d'uma inaudita agitação. Broussais, o grande dictador do espirito, estava em plena força do seu prestigio e da sua envergadura de guerreiro andaz. Combatou com a rudeza ironica da sua palavra as affirmações de Laennec. Depois o recontro generalison-se e a escola allemã arremeçou á concepção de Laennec todas as azagaias d'uma guerra incoherente, mas impavida. Tentando regularizar a campanha e dando-lhe um definido destino mental, vibrou então na França por largo tempo a voz seductora e altiva do professor Jaccoud. Sabendo ferir todas as teclas ousadas d'um vocabulario arduo, Jaccoud deu á escola dos allemães uma camaradagem cheia de prestigio pelo alcance intellectual, e pela nobreza da grande figura de que partiu.

A essa camaradagem que foi intima, a essa permuta de impressões e de esforços no campo commum da mesma arena, a essa serie de arrancos tumultuosos no ventre da mesma agitação seguiu-se, entre os grandes apóstolos da medicina dos dois paizes, uma comunidade de sympathias, que a guerra de 70 alterou mas não apagou por completo.

N'este facto, talvez, e principalmente, assenta a feição das luctas scientificas que entre os grandes vultos medicos dos dois paizes a cada momento se ferem. Feição guerreira que um vago, mas nem por isso menos verdadeiro espirito conciliador afaga e atenua.

N'esta circumstancia historica se devem filiar, em parte e ainda que remotamente, as origens da consulta amavel da academia das sciencias de Berlim, que, pondo, por um momento, de parte, velhos impulsos de *revanche*, assim prestou uma homenagem seria á personalidade de Pasteur.

Verdade seja que Pasteur não accetter. Comprehende-se, afinal. O caso é um para quem *offerece*, e seria outro para quem *accettasse*.

O illustre sabio, gloriosa consubstanciação da sciencia franceza no que ella conta de mais audaz e no que ella possui de mais humanitario, tem sob

o seu nome uma grande parte dos brios da França. Se recebesse a cruz de merito da Prussia, a patria que o glorificou ha bem pouco tempo ainda, sentiria a amargura d'um enxovalho.

Depois,—valha a verdade—Pasteur não precisava do penduricalho allemão para conservar ao seu nome o reflexo rutilante que n'elle brilha. Pasteur ha de ser sempre o incomparavel espirito em que a agudeza fiascante se abriga sob a aza da força generalisadora.

O mesmo espirito que, um dia viu, n'uma assombrosa chimera, a que a sciencia já deu corpo, esse capitão de sciencia que elle desenhou na intelligencia como um artista pinta n'uma tela os grandes traços d'um quadro de genio.

Final o que espanta é que os allemães caissem em fazer o offerecimento. Mettia-se pelos olhos dentro, Pasteur é um espirito sobrio, mas em que dorme uma bella fibra da alma gauleza. Quer dizer: um positivo com coloridos de sentimental.

A tal fibra acordou ha 3 annos, quando foi da consagração nacional que a França lhe fez. Quando tudo o que de prestigioso ha na França se chegou a elle na homenagem mais fervorosa, Pasteur, vivendo a vida arida dos gabinetes de estudo, austero e secco, chorou. Isso é o menos. Mas fazendo ler pelo filho o seu discurso de agradecimento mostrou,—ô espanto das gentes,—que tambem fazia rhetorica.

Alguem disse então: lá acordou a velha furia franceza.

Se ella então acordou, imagine-se como foi infantil suppôr que agora se conservasse a dormir. . . N'elle que é um francez, e como tal tambem tem dentro do peito um pedaço do tumulto de Sedan. . .

Antonio d'A.

Chegou a Lisboa vindo de Macau, com sua ex.^{ma} esposa o sr. Fernando Celli de Menezes, irmão do nosso amigo e collega João de Menezes.

O «Seculo»

O Correo da Noite, referido-se ao facto de o governo truncar telegrammas, diz acerca d'este jornal de grande tiragem, que se apresenta como orgão do partido republicano:

«Decididamente o governo não se emenda nos seus processos de truncar telegrammas. Não se arrepente de como procedeu no humilhante conflicto brasileiro e continúa a usar do mesmo indecoroso systema. Ainda hontem o ministerialissimo Seculo denunciava que do telegramma que ha dias os ministros fizeram publicar d'um combate um Timor, foram truncados os seguintes periodos:

«Necessito officiaes para estabelecer comandos e sustentar vantagens das nossas victorias. Os despojos cobrirão as despesas mas a regularidade da escripturação exige exceder a verba das despesas extraordinarias.

«Em todos os seus actos o governo manifesta sempre o mesmo impudor, os mesmos habitos de fraude, e a falta de toda a dignidade e correção. Até o Seculo já se revolta!

Não vemos motivo algum por que o Correo da Noite se deva mostrar tão admirado de que o Seculo se revolte. O Seculo, tendo só em vista auferir lucros, revoltar-se-á até contra os governos quando por qualquer modo tentem prejudical-o. Se o governo, abrindo uma excepção, mandasse para o Seculo a copia fiel do telegramma, tenha o collega a certeza de que esse jornal não se revoltaria.

Do excellento jornal La Justicia de Madrid transcrevemos o seguinte instantaneo:

O VENCIDO

«O delicto é horrendo, e não obstante, a sympathia popular, acompanha o seu auctor até ao tragico fim.

Talvez palpito no fundo d'essa sympathia a desgraça que acompanha os vencidos; talvez a commiseración que desperta um arrependimento sincero; com certeza a firmeza do culpado que caminha para o supplicio de rosto sereno e coração tranquillo.

O povo é subjugado sempre pelo valor; applaude quem sabe affrontar a morte sem medo nem arrogancia.

E a exemplo das vestaes de Colliseu, perdoa a quem mancha as mãos n'um crime quando sabe, como o heroe do circo, morrer com coragem.

Carlos Christian.

DR. AFFONSO COSTA

Transcrevemos com agradecimentos sinceros e muito calorosos:

—Da Voz Publica [artigo do nosso querido amigo José Pereira de Sampaio (Bruno)]:

«A Igreja e a questão social» — Como tivemos já enesejo de noticiar, publicou o nosso distinctissimo correligionario dr. Affonso Costa a sua dissertação inaugural para o Acto de Conclusões magnas na Faculdade de direito. E', com o titulo da noticia, uma analyse critica da encyclica pontificia *De conditione Opificum*, de 15 de maio de 1891. A obra termina por um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica discutida.

Era, em começo, proposito do auctor apresentar, para dissertação inaugural, a primeira parte de um extenso trabalho que anda organisando, exegético e critico, sobre o Codigo Penal Portuguez. Convencido, pelo estudo do assumpto, da inconveniencia de scindir a sua obra e não sendo possivel offerecer agora, impresso, o trabalho inteiro, ao sr. Affonso Costa forpso foi deixar para outra occasião o apparecimento d'esse seu ensaio acerca do conjunto das nossas leis penaes.

Assim, sollicitado pelo immenso interesse que desperta em todas as intelligencias amplas e generosas o formidavel enigma a que se chama a questão social, o nosso correligionario tomou tam complexo thema para assumpto da sua tarefa academica. Tratou-o com tam vasto, seguro e solido saber, com uma penetração critica tam aguda e percuciente, que a sua dissertação inaugural transcende os estreitos limites d'uma obrigação escolar, para se volver n'um dos livros mais notaveis que se têm publicado recentemente no paiz.

Depois d'um capitulo preliminar, em que se pondera a importancia e difficuldades do assumpto, bem como a sua attinencia com o direito ecclesiastico e a economia politica, entra-se na exposiçào da materia, occupando-se do socialismo inconsciente, do socialismo utopico e metaphisico e, emfim, do socialismo scientifico, examinando a obra fundamental de Karl Marx. A segunda parte da obra é a critica da encyclica pontificia, e conclue pelo estudo dos remedios humanos da questão social.

Calcula-se por esta resenha o alcance da tentativa. A' brilhante audacia correspondeu brilhantemente o exito.

Na verdade, a erudição do sr. Affonso Costa é, como dissemos, solida e séria, mas, ainda, variada e complexa. Elle comprehende a economia, a historia, o direito, a sciencia das religiões, pois que incidentalmente—o que faz o encanto da leitura d'este bello livro—póde dizer-se que todas as questões especulativas que, na actualidade, preocupam os espiritos, seja qual fór o seu caracter, são, no volume do nosso illustre correligionario, apontadas e debatidas.

A forma litteraria da sua obra é nitida, clara, elegante; ella não embaraça o pensamento; ao contrario, ajuda sua intelligencia.

Vê-se que se não tracta já d'um balbuciante, mas d'um escriptor feito. Nenhum polido exaggero n'isto, antes a stricta verdade.

Agora, se o espirito fica satisfeito com a obra, não menos se satisfaz o coração com o auctor. Está-se o leitor pondo em espiritual relação com um caracter direito, rigido, altivo, franco e sincero; o que não quer dizer que seja hostil e duro, severo e rude. Antes um grande sópro de justiça e de piedade percorre as paginas d'este volume, que é o attestado perfeito d'uma alma sensivel e bem formada. D'ess'arte, se ajunta o conceito ethico ao conceito critico, para que se forme um todo completo.

A questão social, com effeito, poucos trabalhos de tamanha valia como este tem conseguido arrancar da nossa indolencia. Quasi que havia opusculos, tão só; obra de folego, pouco; citem-se os dois volumes, atrazados, contradictorios, pezados e diffusos, obscuros e illegiveis, de Oliveira Martins, na sua phase proudhoniana. Ora, a lacuna encontra-se hoje, e por maneira magistral, preenchida pelo livro do sr. Affonso Costa. O historico do socialismo, por exemplo, em nossa lingua, n'um quadro, aliás, tam exacto e vivo, não existe em parte alguma senão allí.

Por todas as razões, é motivo, pois, para felicitar calorosamente o escriptor que, perante o grande publico, acaba de afirmar uma tam poderosa individualidade mental.

Resta-nos agradecer ao sr. Affonso Costa as referencias amaveis que, com endereço ao livro *Notas do exilio*, dirige, em seu volume, ao nosso collega de redacção sr. J. Pereira de Sampaio (Bruno).

—Da Vanguarda [artigo do nosso querido amigo Alves Correia]:

«A Igreja e a questão social» — Analyse critica da encyclica pontificia *De Conditione Opificum* de 15 de maio de 1891, por Affonso Costa.

O sr. dr. Affonso Costa, um dos mais talentosos alumnos da universidade, que no estudo das questões sociaes orientou o seu espirito n'um sentido essencialmente moderno e scientifico, acaba de publicar, com o titulo que serve de epigraphe a estas palavras, a sua dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na faculdade de Direito.

Apreciando desde alguns annos o talento robusto do nosso querido amigo e distinctissimo correligionario, pois que é um convicto republicano-socialista, nós percorremos de um folego a volumosa dissertação que elle apresenta, e este rapido exame mais nos avigorou na nossa já antiga convicção de que ha muito e muito a esperar do sr. dr. Affonso Costa, escriptor distinctissimo, tanto pela sua forma litteraria, como pela probidade scientifica com que trata as questões sujeitas á sua critica.

Possuidor d'uma erudição pouco vulgar na sua idade, exprimindo as suas opiniões com uma franqueza ou mesmo com uma audacia que é o reflexo do seu bello caracter, incapaz de quaesquer dissimulações, e tendo um fino e seguro espirito critico que n'esta dissertação se revela d'um modo completo e brilhante, o nosso brioso correligionario tem um lugar distincto entre aquelles que combatem pelos grandes ideaes democratico-socialistas.

Os moldes do direito classico não entorpeceram o seu espirito, que aspira á constituição de um direito novo, que salvaguarda a dignidade humana.

E o que se verifica por esta excellentissima dissertação (da qual a Vanguarda transcreve em seguida as conclusões)

Tambem a Vanguarda endereçava ante-hontem felicitações muito amaveis ao nosso collega Affonso Costa. A ella, como a outros jornaes que se têm referido com elogio as theses e aos trabalhos do nosso collega, endereçamos agradecimentos muito vivos e sentidos.

Alves Corrêa

Tem passado bastante doente o nosso bom amigo e dedicado correligionario Alves Corrêa.

Na segunda feira deve ser operado. Fazemos os mais ardentes votos para que se restabeleça breve não só por sermos semos seus amigos, mas tambem porque o partido republicano só tem a lucrar com o seu trabalho na Vanguarda, tão cheio de dedicação e desassombro.

Falleceu na quinta feira a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Candida de Bastos, sogra do nosso presado amigo o sr. Antonio Francisco do Valle, conceituado commerciante d'esta praça, pelo que lhe enviamos os nossos pezames.

O Nyassa do Porto

Continuam a occupar-se d'este assumpto os nossos presados collegas do Porto O Commercio do Porto e a Voz Publica, que cada vez mais accentuam as revoltantes irregularidades que n'essa companhia se têm praticado. No O Primeiro de Janeiro tambem têm sido publicados por um A., que só para isso tem recebido 1:200\$000 réis por anno, artigos em que se pretende de fender essa companhia e, principalmente, a doutrina de que não póde ser dissolvido.

Nós cremos que o A. do O Primeiro de Janeiro ha de vencer a questão e até que o governo já deu a sentença a seu favor. E não admira. E' uma questão de moralidade e de legalidade.

Um passeio ao Bussaco

As 4 horas da manhã corriam pelas ruas desertas da cidade, vasta necropole que a luz do dia em breve restituiria á vida, dois char-d-bancs repletos de gente.

O ar puro da manhã vinha fustigar-nos o rosto.

Já fóra da cidade, o silencio continuara-se: a natureza repoisava preguiçosamente das canceiras e lutas do dia.

Seguimos, ao sabôr das traquitanas, ainda entorpecidos e amodorrados por uma somnolencia estotheadora. Pela altura dos Fornos, n'uma volta da estrada, vimos surgir de traz de um monte uma enorme esfera inflamada, cercada de brilhante aureola.

Estrada fóra, a par da monotonia do rodar do carro que pesadamente seguia, ressaltavam estridulas gargalhadas.

As aves respondiam com os seus gorgeios aos risos alegres dos viajantes, como a convidal-os a entabularem relações.

O sol apertava: e, incidindo sobre a poeira esbranquiçada da estrada irradiava vibrações luminosas, estonteantes.

Ranchos pela estrada, em os seus trajos domingueiros corriam ao mercado.

Estavamos perto da Mealhada, a terra do bello pão. . .

Nada de demoras que o sol vae alto e temos pressa de chegar a Luzo, gritava não sei quem—quando nos apeámos na Mealhada—emquanto a padeira soffria um assedio em forma.

E as carripanas pozeram-se de novo em marcha, vagarosamente como se fossemos até ao fim do mundo.

A villa Duparchy, grita da imperial do carro um vigia, e tempos depois, que nos pareceram seculos apezar da amena cavaqueira, chegámos a Luzo.

Fomos á Carolina, para que ella conhecesse, com antecipaçào, quem lhe faria as honras do jantar. . .

E o sol cala insistentemente sobre nós que, abrigados pelos chapéus, treparamos pelos carreiros, para encurtar caminho.

O chalet do Senhor das casas, senhor dos campos d'esta cidade, dizem-me do lado! . . .

E assim era. . . Mais dois passos e deparármos com as portas de Luzo.

O Pedro, o maior commodista que eu conheço, lá vae escarranchado n'um pobre animal, um asinus de orelhas pendentes, olhar triste e pensativo, resignado com um crente.

O pobre burro, cogitava decerto nas tristes condições da sua raça. . .

Estamos ao abrigo do sol. . . Elle bem se mata em querer atravessar as densas ramarias, mas collado apezar da sua realza, só de espaço a espaço consegue que uma pallida restia venha fazer brilhar as areias que alastram o chão. . .

—Nove horas e meia e nada de almoço! dizia eu para um amigo, sentados nós nas escadarias da fonte fria.

—Parece que não lhes chega a pressa. Instantes depois, ouve-se palrar; eram elles que vinham a caminho da fonte.

E passados minutos, o rancho, alegre, despreoccupado, mas cheio de fome, desemboca em frente do antigo convento.

Ha annos que não la ao Bussaco, tudo para mim eram novidades.

Por isso, ao ver aquella casa tão simples, toda guarnecida de pedrighas senti-me impressionado agradavelmente.

Não era feio aquillo, na verdade, mas se o almoço apparecesse.

Entramos no jardim.—Impressionou-me tão vivamente uma construcção, simples, singela, harmonica e discreta, que existê em seguida á primeira, que me que dei em contemplação durante instantes.

Vale um momento grandioso.

A torre sua visinha, é d'uma concepção bella e grandiosa, com estatuas vivas e palpitantes, hócados de alma de um verdadeiro artista.

Que conjunto tão bello! . . .

E vieram tirar-me d'este bem estar de espirito, as descomposturas dos meus companheiros.

Mas a minha vista não queria separar-se d'aquella pequena construcção

tão singela, tão simples, que ella religiosamente acariciava. . .

Minutos depois esperavamos na fonte de Santa Thereza que chegassem os comestiveis.

Conversava se para passar o tempo. Ouve-se então a voz do Manuel, convidando os circumstantes a seguirem para a fonte de S. Silvestre.

E elle, com a sua voz cariciosa e attrahente, gabava as qualidades do local, a sua amenidade, o isolamento, a agua correndo ao nosso lado. . .

Cá de baixo protestava-se, queriam-se commodidades e puzha-se de parte a poesia.

Mas, como o Manuel insistia, suggestionado talvez, nós, os vencidos, seguimos com bagagens e mantimentos para o arraial dos nossos contendores. Corra-se um véu. . .

Davam 11 horas e nós, repletos, bem dispostos e satisfeitos como uns bem-aventurados, fomos passear:

Corremos a mata: estivemos na Cruz Alta, no santo sepulcro e no Calvario a contemplar aquelle vasto oceano de verdura que se desenrolava a nossos pés.

Um grupo que abí tiramos, servimos-na de recordação de tão bello dia.

Até ás 4 horas não fizemos outra vida que não fosse passear e beber a pura e crystalina agua, que a cada passo encontravamos.

Já passava das 4 horas e estavamos na fonte fria em ordem de marcha. . .

Descidas as escadarias tomamos pelo valle dos fêtos.

Eu nunca ali passára, e na verdade fiquei surprehendido com o desenvolvimento d'aquellas plantas. . .

Torrentes de agua se despenhavam em pequenas quebradas, dando uma temperatura hyemal aquelle valle, decerto a habitação predilecta da fada protectora d'aquella formosa floresta.

Todos vinham encantados, com grande prazer do Pedró, que tinha feito o seu lincape em seguirmos aquelle tracto.

E, então é que era ouvil-o. . .

Como eu, desconhecedor de tantas bellezas, tivesse indicado outro caminho, cahia-lhe a lingua aos bocados a dizer mal de mim.

Que catilinarias, Santo Deus! . . .

Vimos assim ter á porta, denominada de Porto das Lapas, e seguimos a estrada, a passo estugado, mercê da necessidade de alguns estomagos enfraquecidos por tão longa caminhada.

No hotel, após as abluições do estylo, preparamo-nos para o jantar.

A mesa tinha sido collocada no quintal, tendo por tecto a ramagem das arvores e o azul do ceu.

Animação, appetite e alegria congregaram-se para nos fazer passar umas horas, magnificamente.

. . . Ainda me parece estar a ver o desembarço com que o Francisco, o Pedro, o Valentim e o José Bastos devoravam os solidos e envasilhavam os liquidos. . . Que destrógo Santo Deus!

E ás 8 horas rodavam dois carros em direcção á Luzo, chegando á Calçada ao dar da meia noite, hora fatidica em que saem dos seus covis as feiteiras e as bruxas, e entram nos seus penates, cançados de corpo, mas cheios de gosos espirituaes, os eleitos que têm a felicidade de passar um dia na mais agradável e alegre companhia.

A P.

Acha-se incommodado ha dias o sr. dr. João Maria Corrêa Ayres de Campos. Desejamos as suas melhoras.

Dr. Sanches da Gama

Fomos surprehendidos hontem com a noticia do fallecimento d'este illustre professor da faculdade de Direito.

Ainda na sexta-feira fizera parte do jury do 2.º anno de direito, parecendo bem disposto.

Quisdo sahia da sala dos actos, foi atacado por uma hemorrhagia cerebral sendo amparado n'essa occasião pelo seu collega o sr. dr. Frederico Laranjo. Pouco depois foi conduzido para casa n'um carro, acompanhando-o o abalisado clinico e nosso querido amigo sr. dr. Daniel de Mattos.

Os officios fúnebres realisaram-se na igreja de S. João d'Almedina ás 6 horas da tarde.

Á ex.^{ma} viuva e filhos do fallecido enviamos sentidos pesames.

Carta de Lisboa

5 de junho de 1895.

Agora claro que não se pensa n'outra coisa senão nas festas a Santo Antonio. Fervor pelo santo? Nada d'isso, quasi ninguém sabe quem elle foi e o que elle fez. Simplesmente desejo do pagode. Nada mais. Sinceridade nenhuma. Character civico da festa é coisa que ninguém vê. Tudo missas. Character religioso, sentimentos piedosos? Tambem julgo que não, pois vejo no programma uma toirada e tiro aos pombos. Mas o que são as festas? Uma especulação reaccionaria da senhora de Orleans, do governo, de meia duzia de especuladores que pretendem alliciar forças que defendam o throno, especulando para esse fim com a religião.

Já o disse e torno a dizel-o, nenhum crente sincero pôde acreditar na boa intenção das festas antoninas. Toda a gente de juizo vê simplesmente n'esta ancia de pagode um symptoma de decadencia e falta de senso moral e uma intriga reaccionaria. Eu quero accentuar bem que o partido republicano nada deve ter com as crenças religiosas de cada um, que a classe ecclesiastica tem gente digna como todas as classes e que cada um é senhor de acreditar no que quizer. Mas o que não é possível esquecer é que se accentua em tudo quanto se passa, um movimento de reacção grave e que é necessario que os homens liberaes attendam aos perigos que se apresentam.

Já passou o tempo em que se julgava o partido republicano inimigo da religião. Tanto os bons padres se convenceram d'isso que já contamos bastantes e dos mais distinctos nas nossas fileiras. Mas o que não deve passar é a idéa de ser perigosissima a intervenção da Igreja nos negocios politicos. Demais a mais quando sabemos que todas as nossas desgraças provêm da monarchia, como havemos de consentir que mais defensores appareçam d'esse regimen odioso? Não combatemos o novo partido por ser formado de individuos catholicos, quer-nos parecer que todos os partidos portuguezes não são constituídos por livres pensadores. O que nós combatemos é o movimento orleanista-jesuítico que pretende dirigir a politica portugueza.

E não temos nós o direito de accentuar o nosso desgosto perante o que se passa?

Não dizia ha dias um jornal monarchico, que o *Correio Nacional*, folha catholica, era representante dos interesses inglezes em Africa? Que gente é esta? E pôde haver padres verdadeiramente portuguezes que consentam na absorção, pelos padres es-

trangeiros, do nosso dominio em Africa? Pôde haver algum patriota, catholico ou não catholico, que deseje ver as nossas missões africanas desconsideradas pelas missões dos padres inglezes ou francezes?

Não! É impossivel. Mas no fim de contas todo o movimento de reacção é feito por essa gente de fora protegida pela senhora de Orleans. Elles não são crentes, são simplesmente politicos. Pensem n'isto os padres das aldeas, os que não aspiram ás grandezas do mundo e creiam na sinceridade das nossas palavras que são as do partido republicano: Nada temos com as crenças de cada um, não atacamos a religião, combatemos simplesmente uma especulação politica. Nada mais. Quem disser o contrario ou não nos percebe e é estúpido, ou dão nos quer perceber e é velhaco.

×

Passando agora a tratar do partido republicano. E' lamentavel a demora em organizar aqui a comissão municipal. Pois sendo sabido de toda a gente que temos em Lisboa bastantes homens de talento e de character, em todas as classes para poderem constituir uma comissão séria e de valor como a dos nossos correligionarios do Porto, Coimbra e muitas outras do norte do paiz, porque se hesita? Será o receio da intriga de alguns que fiquem excluídos? Se assim é muito pouca energia tem a comissão provisoria de Lisboa! Eu podia demonstrar que a força do partido republicano do Porto, consiste principalmente em saber fazer justiça a quem a merece e assim não ha muito tempo que a comissão executiva do nosso partido n'aquella cidade procedeu energicamente com alguém que não soube ou não quiz assumir responsabilidades que um elementar dever de dignidade impunha.

Nada de receios, nada de medos ridiculos. O partido sabe bem quaes são os bons e quaes são os maus, se alguma coisa elle lamenta não é que se proceda dignamente, não é que se proceda com energia.

O partido só se magôa com a tolerancia e a condescendencia a respeito de cretinos ou immoraes com cujo afastamento só temos a lucrar.

Jocelli.

De toda a parte chegam noticias de grandes trovoadas, que têm causado estragos. No Porto, segundo dizem os jornaes d'aquella cidade, foi violentissima, não havendo felizmente desgraças pessoas a lamentar.

N'esta cidade tem havido apenas ameaças de trovoadas, e oxalá que por aqui fiquemos.

go. Expediam decretos e promulgavam leis, no meio dos tumultos de Paris inquieto e sublevado

As tribunas publicas desciam — em amphitetro — até aos bancos elevados da *Montanha*, com os quaes parecia confundir-se.

Na primeira bancada das tribunas, mulheres e raparigas, enfeitadas com laços tricolores, conversavam e riam, não prestando attenção senão quando fallava algum orador conhecido, ou quando havia votações importantes, que ellas marcavam n'um cartão com um allinete. Os criados passavam por entre os bancadas, com salvas cheias de xaropes, gelados, laranjas, que offereciam.

Nos bancos detrás, de pé, os homens do povo vestidos segundo os seus misteres, repetiam o nome do deputado que pedia a palavra, applaudindo ou reprovando, depois d'elle fallar. Havia alli pedreiros com as vestes manchadas de cal, homens fortes dos mercados com grandes chapéus cahidos sobre as espaldas, carneiros de aventaes ensanguentados retorcidos na cinta, aprendizes de typographo com bonnets de papel cahidos sobre a orelha, representantes de todos os officios — de todas as ruas, de todos os arrabaldes.

Um grupo de mulheres, pobremente

Dr. Affonso Costa

Toma hoje o grau de Doutor na faculdade de Direito, este nosso querido amigo e distinctissimo collega de redacção.

Rodeado de todos os que lhe são caros, parentes e amigos, passará este dia de grande regosijo, o maior, talvez, da sua vida, porque o titulo que hoje vae adquirir, deve-o unicamente ao seu trabalho indefesso e brilhantissimo talento.

Receba o nosso querido amigo com um affectuoso abraço as nossas felicitações.

No proximo numero fallaremos mais de espaço d'esta sympathica festa.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia, em sessão de 6 do corrente mez, proveu no lugar de procurador, para que tinha sido aberto concurso, o solicitador d'esta comarca sr. Joaquim da Costa Rodrigues, que já estava exercendo interinamente esse logar.

A comprovada competencia do nomeado e a sua honradez offerecem seguras garantias de que elle ha de saber cumprir exemplarmente os seus deveres.

O nosso amigo Augusto Bastos, digno pharmaceutico d'esta cidade, vae montar uma succursal da sua pharmacia, no novo bairro de Santa Cruz, rua Sá da bandeira.

Tem estado incomodado o nosso amigo sr. dr. Assis Teixeira, distincto professor da faculdade de Direito. Fazemos votos pelo seu rapido e completo restabelecimento.

O Gymnasio Club de Coimbra vae instalar-se no proximo mez de outubro, na Estrada da Beira, em um edificio construido expressamente para esse fim. Este importante melhoramento deve-se, sem duvida, aos esforços dos seus intelligentes e activos directores, que têm procurado sempre o engrandecimento d'esta sympathica e utilissima associação.

Actos na Universidade

Nos dias 6 e 7 fizeram acto, ficando approvados os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno: — Antonio Pereira de Vasconcellos da Rocha Lacerda, Antonio Rodrigues Leite da Silva, Antonio Rodrigues Pio Cavalheiro, Antonio Soares de Moura Quintella, Antonio Xavier Abelho Laranjo, Armando Frederico Casqueiro da Cunha e Arnaldo Moniz Boddallo de Vithena.

2.º anno: — Azi Ferreira de Moura Cruz, Candido do Valle, Claudio Olympio Dias Antunes, Cosme de Campos Callado, Eduardo Julio Correia de Barros, Eduardo de Sequira Oliva e Eugenio de Carvalho e Silva.

vestidas, distinguia-se pelo ruido das suas manifestações. Estas mulheres, moças ou velhas, pertenciam ás classes trabalhadoras do povo. Eram pobres e não podiam por isso perder tempo, todas traziam os seus trabalhos.

Faziam meia, e não interrompiam este serviço senão para reprovár ou applaudir.

A Combat fazia parte d'este grupo, séria, attenta, não deixando transparecer em seu rosto duro as suas impressões intimas.

O espaço vazio por traz das secretarias, a sala, as immedições das portas, as passagens que conduziam aos bancos dos deputados e ás tribunas publicas, — estavam cheias de representantes misturados com os espectadores, que não tinham podido encontrar logar e que haviam chegado com difficuldade até ao recinto reservado.

A confusão da praça publica tinha passado para junto da tribuna.

Mallarmé presidia, n'este dia. Barrère, em nome do Comité de Salvação publica, acabava de ler um longo relatório que terminava por annunciar a nova Constituição.

—Dentro de poucos dias, dizia elle concluindo, os cidadãos dos departamentos virão fraternisar connosco, jurar sobre o altar da patria a Republica una e indivisivel.

3.º anno: — Antonio Casimiro da Cruz Teixeira, Antonio Correia Teixeira de Vasconcellos, Antonio Domingos Jacintho Maia e Antonio da Fonseca Pestana.

4.º anno: — André Lopes da Motta Capitão, Antão José d'Oliveira, Antonio d'Almeida Dias, Antonio Carlos Alves, Antonio Carlos Cardoso de Lemos e Antonio Ferreira de Mattos.

5.º anno: — Antonio Tavares Xavier, Arnaldo Antonio Pimenta e Arthur Maciel de Faria Machado.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno: — José Correia Dias e Manuel Diogo de Sousa Leite Valladares (medicos pela escola de Paris); Antonio Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz e Francisco Henrique David.

2.º anno: — Amandio Celestino Vieira Lisboa, Antonio Dias Milheiro, Arthur Braga e Eduardo de Castro.

3.º anno: — Anthero Augusto Ferreira de Magalhães, Antonio Alexandre Saraiva da Rocha, Antonio Fernandes Pires Padinha e Antonio Olympio Cagigal.

4.º anno: — Adriano Luiz d'Oliveira Pessa, Frederico Augusto Sanches Pereira de Moraes, João Avelino Pereira da Rocha e Alfredo Lopes.

Começam amanhã os actos na faculdade de Philosophia. Os jurys ficaram assim constituídos:

1.ª cadeira (*Chimica inorganica*) — Drs. Manuel Paulino, Gonçalves Guimarães e Bernardo Ayres.

2.ª cadeira (*Chimica organica*) — Drs. Henrique Teixeira Bastos e Bernardo Ayres.

3.ª cadeira (*Physica*, 1.ª parte) — Drs. Henrique Teixeira Bastos e Bernardo Ayres.

4.ª cadeira (*Botanica*) — Drs. Julio Henriques e Gonçalves Guimarães.

5.ª cadeira (*Physica*, 2.ª parte) — Drs. Henrique Teixeira Bastos e Bernardo Ayres.

6.ª cadeira (*Zoologia*) — Drs. Manuel Paulino, Julio Henriques e Gonçalves Guimarães.

7.ª cadeira (*Mineralogia*) — Drs. Gonçalves Guimarães e Julio Henriques.

5.º anno: — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães e Bernardo Ayres.

Carta das Caldas da Felgueira

Domingo, dia de festa, dia santo! De manhã missa na capella do logar, muito pequenina mas limpa e asseada, resada por um padre gordo, severo e muito correcto no desempenho da sua missão. Concorrência numerosa e do mais distincto que por cá está. Formosas mulheres que nos seus mais garridos vestidos ostentam a elegancia das suas curvas e o airoso das suas formas. Nos seus olhares tinham sciñtillações brilhantes que fascinam e o fulgor que subjuga e attrae, dando motivo para que muitos fleis desviassem a sua attenção de Nossa Senhora da Saude, santa padroeira da capellinha e cujo primeiro logar occupa a sua imagem bem feita.

Pobre Senhora! que assim vê offus-

Robespierre fallou tambem. Depois leram-se os despachos dos representantes em commissão, as communicações dos departamentos e do exercito.

Uma carta das auctoridades da cidade de Puy annunciava a partida dos voluntarios de Auvergne para o exercito revolucionario que cercava Lyon.

Uma carta do procurador geral syndico do departamento dos Pyreneus-Orientaes dava pormenores do bombardeamento de Bellegarde.

Os cidadãos de Montauban participavam ao Comité de agricultura que a proxima colheita era tão promettedora, que o pão tinha descido de dois sous para uma libra.

A sociedade popular de Nuits fazia uma offerta de cem libras. Acabava tambem de enviar um tonel de vinho, d'aquella região, ao batalhão de granadeiros da Côte-d'Or, em recompensa pela sua heroica conducta na acção de Santo Armando. A noticia tinha precedido o cidadão Garnier, granadeiro da Côte-d'Or, condecorado com uma recompensa militar por a Convenção. Na sua passagem em Nuits, foi-lhe conferida a corôa civica. O maire, cobrindo de louros a fronte d'este bravo voluntario, cheio de honrosas feridas, disse-lhe:

—Não te envergonhes de coxear;

cado o seu esplendor por devotas tão gentis!

Encontra-se a fazer uso de aguas e banhos o sr. dr. Henriques Gomes, distincto medico de S. João d'Areias, prestimoso correligionario de quem o partido republicano e o paiz têm muito a esperar pela sua dedicação e talento.

Têm chegado muitas familias que procuram n'este ameno logar e nas suas aguas salubres refazer as forças depauperadas pelo viver da cidade e pelo trabalho quotidiano.

A sr.ª condessa de Gouveia continúa na sua faina caritativa. Hoje, devido á subscrição que abriu entre os hospedes do Grande Hotel, mandou dar banho a 13 creanças, jantar a 15 e distribuiu cento e tantos pães de borôa, com fatias de carne, a outros tantos pobres que se apresentaram.

Este acto de caridade exercido tão ostensivamente, tem dado logar a muitos commentarios e á invasão d'este sitio por bandos de creanças que a sordidez e vizeza dos paes para aqui manda, lançando-as assim na indigencia.

A caridade exercida sem ostentação mitiga muita fome, vale a muita miseria, não deprime e chega onde deve chegar. Com ostentação deprime e instiga á indigencia e á mendicidade e dá logar ao que vemos na Felgueira: ranchos de creanças, alguns filhos de abastados proprietarios, a perseguir-nos por toda a parte com um estribilho ensinado adrede e n'um cadenciado lamuriento: — Oh! meu senhor! dê-me dezreisinhos!

É o cumulo da indigencia com todos os vícios que lhe estão inherentes. É transformar bandos de creanças em pedintes, fazendo-lhes perder todas as noções de dignidade e de brio que deviamos procurar desinvolver-lhe, para assim fazer d'essas creanças cidadãos probos e dignos e não um bando desprezível de mendicantes.

Releve-nos a sr.ª condessa esta nossa observação, que em coisa alguma tende a empanar o brilho das suas virtudes, que muito respeitamos e enaltecemos.

C.

AGRADECIMENTO

Julia Baptista Ramos, José Baptista e Antonio da Silva Baptista, não o podendo fazer pessoalmente, agradecem por este meio a todas as pessoas que sinceramente as acompanharam no duro lance por que terminaram de passar, pelo fallecimento de seu sempre chorado marido, genro e cunhado Alberto Ramos de Vasconcellos, não podendo de forma alguma olvidar os assiduos diavelos e carinhos que lhe dispensou durante a sua prolongada enfermidade, seu clinico assistente o ex.º sr. dr. José de Sousa Nazareth, não poupando todos os esforços e vastissimos e reconhecidos recursos para debellar a molestia que lhe arrebatou a existencia, recebendo simplesmente como retribuição um infindavel protesto de gratidão: como tambem e finalmente agradecerem a todos os cavalheiros que directa ou indirectamente concorreram para o seu funeral.

A todos um sublime protesto de gratidão. Coimbra, 4 de junho de 1895.

cada passo que deres ha de trazer-te á lembrança a gloria alcançada e a patria que vingaste!...

—Antes de proseguir a discussão sobre a renovação dos assignados e sobre a partilha dos bens communaes, proponho á Assembleia, — disse o presidente, — que ouça um chefe de batalhão do exercito do Norte. Elle pede para entregar á nossa guarda uma bandeira tomada ao inimigo.

As tribunas applaudiram. O chefe de batalhão Cadet Tricot foi introduzido.

Á vista da bandeira reurentaram os applausos.

Cadet toma a palavra.

—Representantes da Nação, o exercito do Norte acaba de provar em victorias successivas a sua dedicação por a causa da liberdade. Não se limitará, porém, a estas victorias; jurou exterminar os despotas que nos forçaram a declarar a guerra, ou provar-lhes que nos é mais facil morrer com gloria no campo da batalha, de que agrihoados pela escravidão!...

Sim, na verdade, estas foram as palavras de Cadet, e ninguém lh'as havia ensinado. Eram inspiradas pelo seu grande patriotismo.

Danton pediu a palavra,

(Continúa).

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

A CONVENÇÃO

De pé sobre os bancos da sala, — em attitudes diversas — viam-se os representantes, fatigados pelas sessões de 10 horas e pelos trabalhos excessivos dos comités. Tinham as faces pallidas e os olhos brilhavam-lhes d'um brilho de febre. Sabiam e entravam com frequencia; formavam-se grupos; trocavam-se ordens.

Esta Assembleia soberana, reunida para votar uma constituição, decidia tambem da paz e da guerra, regulava as finanças, occupava-se dos mais pequenos detalhes da administração, estava em relação constante com os seus mandatarios, — de quem recebia as indicações, e cujas deputações se succediam na Assembleia.

N'aquelle momento, estes homens tinham contra si metade da França, e toda a Europa. Nenhum, porém, pensava em allijar tão pesado encar-

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Crítica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço 1.000 réis

Arrenda-se

Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades. Para tractar, com Joaquim Augusto Precês Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72 — Coimbra.

ESTACÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

Acabam de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças.
Ditos capotas, ultimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos.
Capas romeiras, a principiar em 15000 réis.

Meias e piugas de flo de escocia.

Volles, tanto liso como em ramagem.

Zephires, muito chics.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.

Sombrinhas, para senhoras e crianças.

Encarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas differentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS E SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de direito da comarca de Coimbra, vão á praça, no dia 23 do corrente, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, os predios abaixo descriptos, pertencentes ao casal inventariado de José d'Oliveira Ferreira, morador que foi no logar do Ameal e são os seguintes:

O dominio util d'uma terra de sementeira com oliveiras no sitio dos Covões, freguezia do Ameal.

O dominio util d'uma outra terra de sementeira com oliveiras, no mesmo sitio dos Covões, freguezia dicta.

Estes dois predios são foreiros a Antonio Calheiros de Noronha, d'Ois de Bairro, a quem paga o fôro annual de 9 alqueires ou 118,448 de milho, 9 quartilhos ou 3,132 de azeite e 2 galinhas. Foram avaliados, liquido do fôro, em trezentos e cinquenta e seis mil e oito centos réis, e vão á praça, pela 3.ª vez na quantia de 2505000 réis.

A contribuição de registro é paga pelo arrematante.

São citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita no fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o appetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Arrenda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105.

Para tratar—Rua Ferreira Borges, n.º 110—Coimbra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **para-raios, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fôra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas. Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofole, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado, Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arrio, 103, se trata.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra. Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

Charutos estrangeiros

MARCAS ACREDITADAS

Vendem-se em caixas de 25, 50 e 100 charutos a preços excepcionalmente reduzidos.

Tabacaria União

SOPHIA—COIMBRA

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

COIMBRA

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Aos photographos amadores

Acabam de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homens, de 50000 réis para cima! Alta novidade!

Liquidação de cigarros de tabaco especial

Caixas de 500 réis com 50 cigarros abundantes de fino tabaco, vendem-se a 400.

De 400 réis com 50 cigarros, a 300.

De 100 réis com 10 cigarros, a 80.

De 80 réis com 10 cigarros, a 60.

Tabacaria União

SOPHIA—COIMBRA

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestrê..... 13350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestrê..... 13200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelcimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

Grande Hotel Club

Magnificas acomodações

Desde 15200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

RESISTENCIA

N.º 33

COIMBRA — Quinta feira, 13 de junho de 1895

1.º ANNO

A greve dos tecelões

Vae-se accentuando entre nós a luta entre o capital e o trabalho. Succedem-se as greves, revestindo um caracter gravissimo. A dos operarios de tecelagem do Porto já assumiu, pela sua duração e pelo numero dos adherentes, exceptionaes proporções e está causando grandes perturbações e enormes prejuizos.

A intervenção do governo no sentido de pôr termo a esse movimento, approximando o elemento industrial do operariado e levando aquelle a melhorar as condições em que este actualmente se encontra, ainda não foi coarada de exito. Continúa a atravessar as ruas da cidade um enorme cortejo de operarios em que se notam evidentes signaes das miseraveis condições em que têm vivido, e succedem-se os comicios em que se revela a impossibilidade de o operario obter pelo seu trabalho recursos sufficientes para satisfazer as suas legitimas necessidades e se investiva a classe burgueza.

Faz-se tudo sem alteração da ordem. Em seguida a diversos comicios em que se pronunciam discursos mais ou menos violentos, os operarios dispersam ou dirigem-se juntos para o governo civil sem levantarem sequer um grito subversivo.

Esta attitude e a situação precaria em que muitos se encontram têm despertado na cidade um vivo movimento de sympathia. A imprensa não occulta que o protesto dos operarios é legitimo. A caridade e a philantropia lá vão soccorrer os mais desgraçados. Os proprios industriaes declaram que eram nimamente baixos os salarios que os operarios tecelões estavam recebendo e compromettem-se a elevá-los até onde reconhecerem a possibilidade de o poderem fazer.

Não é permitido, pois, duvidar de que a greve dos operarios tecelões traduz um justo protesto contra a exploração de que estavam sendo victimas, e necessario se torna, para evitar consequencias mais deploraveis, que os industriaes procurem satisfazer d'um modo eficaz as suas pretensões.

Se o fizerem, como somos levados a crer, cessará esta greve.

Mas ninguém duvida de que outro protesto se levantará, dentro de curto praso, que poderá ser muito mais funesto. É gravissima a crise economica que atravessamos; muitas industrias vivem em difficillimas condições e tudo parece conspirar para que a sua situação se torne cada vez mais difficil, o que, a verificar-se, se reflectirá sobre os operarios deixando muitos sem trabalho e fazendo baixar o salario.

E que medidas se têm adoptado para prevenir esses factos e as necessarias consequencias que d'elles derivarão?

O governo, no que respeita a medidas de character legislativo, decreta as que intende necessarias para salvar a monarchia supprimindo as garantias individuais e, se alguma apparece sobre materia industrial, é para crear monopolios pedidos por syndicatos sob o pretexto de que augmentam os recursos financeiros do Estado. O elemento operario já adquiriu a força sufficiente para ser ouvido, introduzindo-se entre as clausulas em que se fixam as obrigações da empresa a quem é adjudicado o monopolio algumas obrigações respeitantes aos operarios. Mas os mesmos motivos que evam os governos a estabelecer os

monopolios obrigam-no a permitir que de mil modos sejam sophismadas essas clausulas, e, se a classe operaria não se torna victima da mais ousada exploração, deve-o aos protestos que formula quando pretendem fazer-lhe alguma nova imposição.

De resto, para melhorar as condições do operariado appareceram ha annos uns decretos inoffensivos.

Lá fóra, onde a experiencia já revelou que era necessario que o Estado protegesse os operarios contra a miseravel situação a que os sujeita a actual organização economica, occupam-se os parlamentos e os governos da elaboração e discussão de reformas importantes.

Entre nós o governo pensa no modo por que ha de organizar um partido que lhe faça opposição no parlamento.

Pensa n'isso e em proteger escandalosamente os seus afilhados.

As medidas economicas, as medidas tendentes a proteger as classes trabalhadoras que tão urgentes se tornam, a desinvolver as industrias, são assumptos que não merecem a sua attenção.

E, afinal, talvez seja melhor que elle se não metta a decretar sobre esta materia. Para não revelar tanta falta de competencia como nos assumptos de que se tem occupado, onde em vez de organizar tem desorganizado.

Para que se avalie da justiça do Festas apresentamos este facto á judiciosa ponderação dos povos: Existe no nosso exercito um tenente-coronel que ha muitos annos passou o limite de idade e não foi ainda reformado, isto devido a altas protecções no paço e de um importante personagem da igreja.

Querem saber quem é? Damos as iniciais S. A.

A questão do Nyassa

Cada vez se complica mais, accentuando-se a guerra entre os grupos que se julgam os legitimos representantes da companhia. Já houve duas assembleias e dá-se agora a convocação d'uma nova assembleia geral, a pedido de um grupo representante de 100000 acções.

Esta assembleia tem por fim resolver qual o comitê estrangeiro que está legalmente na posse da concessão e a administração que deve ter a companhia.

Difficil é de prever o que sahirá d'este imundo tremedal, em que o governo se acha tambem immerso. Não pôde haver duvida alguma de que elle conhecia as gravissimas irregularidades que se davam na administração da companhia e de que, em vez de tomar medidas promptas e energicas, procurou encobri-las e protegê-las. E' o que se conclue d'um modo irrecusavel da carta em tempo publicada pelo sr. Pedro Victor, ex-commissario regio junto da companhia.

O governo é portanto solidario com um dos grupos da companhia do Nyassa, exactamente aquelle sobre que pesam tremendas responsabilidades, e sem duvida alguma ha de resultar d'essa solidariedade que uma celebre capa se estenderá sobre todos os administradores que praticaram actos criminosos. E será assim que nós mostraremos perante o estrangeiro a moralidade que ha em Portugal, e que o governo mais uma evidenciará que é nas altas regiões do poder que mais descaradamente se desacata lei e commettem os mais revoltantes attentados!

O sr. Bohemio Hilario, estudante de medicina, tambem tomou parte no espectáculo dado em homenagem á memoria do fallecido escriptor Gervasio Lobato.

Bagatellas

N'este divertido paiz tudo é convencional e postigo. Sem a consciante sinceridade das iniciativas e os fortes impulsos da convicção, para tudo ha formulas e moldes sancionados pelo uso.

Agora em toda a festança publica pegou de moda uma *exposição*. Um *bric-a-brac* de cousas brilhantes, rotulos e vitrines, sem intuitos de utilidade educativa, sem um ponto de vista superior, sem aspirações e sem plano.

Uma *exposição d'arte*, e uma *tourada!*...

No programma das festas antoninas, que se espreguizam melancolicamente por dezoito longos dias, não ha uma nota *sympathica* e original: a par da procissão, a corrida de touros; a par do arraial no Terreiro do Paço, uma *exposição d'arte religiosa!* D'uma imbecilidade cabeçada e d'uma velhacaria odienta!

A *exposição d'arte ornamental*, em 1882, que custou á nação mais de 400 contos foi uma fatuidade absolutamente esteril. E deveria dar de escarmento a futuras exhibições de mera exploração e paspallice, se os legitimos interesses da arte e da nação fossem honestamente compreendidos e respeitados.

A repetição da comedia chega a ser uma indignidade! Mas o que se pretende é uma *leria* espalhafatosa, para realçar o programma chato e peganhento da ostentação jesuitica!

Improvisou-se uma *comissão*. Não falta gente para tudo.

Ha uma *collecção de personagens* que só nas occasiões de gala são postos em evidencia. Durante mezes e annos, para que o pó os não estrague, permanecem mettidos em saccos de lona, como os coches ricos da casa real! E, durante esses periodos de entorpecimento, ninguém dá por falta d'elles.

Apenas porém se trata de gaudiosos brodios, *commissões* e *lances* espectaculosos para lustre da corte, surgem lepidos e atarefados, dão as voltas do estylo, e tornam a acolher-se ao retiro dos armarios e dos guardas-roupas.

Um dos mais distinctos vultos d'essa galeria de estatuaría ornamental para as grandes solemnizações artisticas, é o out'ora sr. Delfim Guedes, hoje — o nobre Conde de Almedina Oriundo dos mais illustres cruzados, que arremesaram ao Oriente as catadupas armadas, e espalharam o terror e a morte nas regiões da Palestina, alguns genealogistas o dizem descendente de Raymundo, conde de Tolosa; e outros reconhecem no impavido cavalleiro o sangue ardente de Godofredo de Bouillon!...

Tal é o prestimoso fidalgo que, depois de dividido em zonas o mappa de Portugal pelo dedo da *comissão* executiva, escolheu os terrenos d'entre Douro e Minho para arrebancar as preciosidades que mais convinham a uma *exposição de archeologia christã*, amontuada em tres dias, de afogadilho, como se isso fosse empresa de barraca de feiras.

Pendurando a armadura e a espada dos seus maiores nas ameias do solar romano, visto que já não é preciso conquistar o santo supulchro, o precioso Conde não se tem poupado a grangear os creditos e a immortalidade como critico e como artista, não trepidando ante o recurso supremo do chá e das sandwiches aos remissos e aos incredulos!

Na ultima *exposição* do Gremio artistico expoz á sua conta quarenta e uma telas, porque o seu talento tem a fecundidade das coelhas mansas!...

Ninguém mais apto, portanto, para a espinhosa missão de colligir as preciosidades da provincia para realce e gloria do thaumaturgo Santo Antonio.

Já em 1882 o gentil-homem illustre commetteu taes feitos, que mereceu ser enaltecido com a palma immarcessivel do martyrio.

Andava elle cubicoso de reliquias d'arte pelas plagas inhospitas de Montelavar, quando a população em grita, tocando a rebate, se dispoz a applicar-lhe a coça sacrilega reservada aos benemeritos.

Então o altivo Conde, sentindo despertar em si os instinctos heraldicos e a bravura da sua raça, n'um impeto de coragem que só apparece nos grandes perigos, sua excellencia, dizemos — deitou a fugir diante dos varapaus e das pedradas de Montelavar, com uma presteza quasi fantastica e heroica!...

Esta façanha brilhante foi fartamente contada em prosa e cantada em verso!

Agora, decorridos treze annos, s. ex.^a desmemoriou o episodio, até que outro Montelavar lhe recorde ao vivo aquella brilhante jornada!

Continuar-se-ha.

A.

O paiz está rico!

Contam os jornaes monarchicos em variados tons as grandes, enormes, colossaes festas que foram feitas ao rei por occasião da sua visita á Regoa e no percurso de Lisboa até essa villa. Nós já sabiamos. Houve, em foguetes e bandeiras, um enthusiasmo extraordinario. E assim era preciso.

O rei teve no Porto um mau encontro. Mil tecelões, em nome de 15:000 companheiros, foram expor-lhe a miseravel situação em que se encontra a sua classe, as privações enormes que têm soffrido e continuarão a soffrer se não forem attendidos nas suas justas reclamações. Ora D. Carlos devia ficar um pouco incomodado, porque, como anda *illudido*, naturalmente não supunha que houvesse tanta miseria. Mas não se veio a este mundo para soffrer, e por isso bom foi que houvesse muita musica, muito foguetorio, muito viva devidamente pago, muitas bandeirolas para distrahir o rei. Quando chegou á Regoa, já devia ter esquecido os tecelões.

Lembrar-se-á porém depois de passadas as festas de recomendar ao governo que tome em consideração o pedido dos tecelões?

Talvez não. São tantos os assumptos que lhe prendem as attencões!...

Nos centros militares de Berlim affirmam-se que antes das grandes manobras serão reformados 20 generaes. Isto obedece ao plano, de ha muito traçado pelo imperador, de confiar os altos commandos exercito a elementos novos.

Alexandre Braga

Realisou-se no Porto, na tarde de domingo, a romagem piedosa ao tumulo ainda fresco de Alexandre Braga, o grande causidico e valente democrata cuja morte veio cubrir de crepes a bandeira republicana e encher de saudade as almas crentes de todos os que vão lutando pela derrocada final das instituições que elle sempre combateu com a eloquencia arrebatadora da sua palavra, com o denodo viril do seu talento e com a rigida firmeza do seu character honesto.

Romagem d'amigos, de admiradores, que não de correligionarios, por ter sido posta de parte e por completo a ideia politica, desfilou o cortejo silencioso e triste pelas ruas do Porto até á campa onde jazem os restos mortaes de Alexandre Braga que, juncada de flores, lá ficou attestando o respeito e amor que uma vida immaculada, sem nodos e sem hesitações, inspira áquelles que nem sempre têm a coragem de a imitar.

Notas d'um azedo

V

VII — *Clavijo* — Pejadas as gazetas, com a *reportage* minuciosa, detalhada, d'um crime celebre, assassinato cobardissimo, repugnante, vae para uma semana perpetrado em terras de Hespanha.

Incorrecções fundamentaes, deturpadoras, porém, em todos os órgãos sensatos, ordeiros, subsidiados pelo existente e sempre coherentes, sempre logicos na defesa dos grandes contra os pequenos, dos oppressores contra os opprimidos, dos justos, dos santos, contra os reprobos, contra os phariseus.

Na linguagem prudente, legal, das gazetas a incorrecção é esta: chamam assassino a Clavijo e se não levam o desplante a carpir a lei como victima, como assassinada, choramingam em adjectivações sentimentaes, de rachar pedras. Primo de Rivera, o seu sustentaculo, braço direito das instituições, menino bonito da ordem e militarão despota, sobre quem, n'uma hallucinação, n'um desespero, Clavijo disparou as duas cargas do revolver que a lei, as instituições e a ordem nas mãos lhe haviam mettido para escarmento frio, methodico, dos inimigos e dos desconcentes que a perturbar viessem a bambuchata regalada de suas senhorias: para matar homens.

E, verdade, verdade, não é bem assim.

Se não, queiram ver:

Filho do povo, pobre maltrapilho esfarrapado e sem vintem, Clavijo sentou praça para ganhar a vida, de cabeça levantada, com honorarias, sem correr o risco de topar nas armadilhas, nos obstaculos adrede preparados, por este estado de coisas, aos que, desprotegidos, sem patrimonios, sem padrinhos, sahem a lutar pela vida, nas batalhas incruentas pelo pão nosso quotidiano.

Ensinarão-no a matar sem remorso, fizeram-lhe da vontade um automato, do coração uma couraça; mandaram-lhe que fizesse da alma uma bucha e a mandasse, como coisa inutil, coisa mesquinha, no primeiro tiro ao inimigo.

O soldado não é um homem, e como elle, na campanha do norte, primeiro, matando hespanhoes, em Cuba, depois, matando insurrectos, em Antequera mantendo a ordem contra a revolução, se mostrasse fera, sempre denodado, sempre *valiente*, fez uma carreira rapida, brilhante: promoções por distincção, louvaminhas nas ordens do exercito.

De sangue quente, apdaluz, o guerreiro teve um fraco: as mulheres. Arrebatado, excessivo, uma paixão romantica levou-o na esteira d'uma femea de arribação, M.^{me} Parsons, *cocotte* franceza de maus ligados, ruins entranhas, de cabeça leve, muito dada ás milicias e das relações intimas, amistositas, de Primo de Rivera o capitão general.

Apesar de guapo, bem posto, Clavijo não lhe cabiu nas graças, não lhe deu no gôto, e, antes pelo contrario, um odio mortal, sem treguas, germinou no coração empedernido da madama.

D'ahi, d'esse odio e das relações com o general, a serie das perseguições, dos precalços que a transtornar vieram por completo a vida do tenente.

Descreveu-as, assim, em pleno tribunal, á hora da morte, quando a mentira seria uma inutilidade ridicula, as invenções um sarcasmo infantil:

«He sufrido en ese tiempo y cada dos meses siete traslados a siete reservas distintas, y cuando he acudido á la superioridad en queja no me ha escuchado. Se me ha traído y se me ha llevado desde la Peninsula á la isla de Cuba y desde la isla de Cuba á la Peninsula, sin razón alguna, sin explicación siquiera, y las consecuencias de estos traslados fueron terribles. Llegué á estar diez y ocho meses sin cobrar una sola paga, porque como eran los traslados tan rápidos, yo viajaba de un punto

4 otro antes de que los habilitados de los cuerpos tuvieran ordenes para pagarme. Mi situación llegó a ser desesperada. He pasado siete días sin comer, he estado muchos días sin zapatos, sin calcetines y sin otro traje que un pantalón de dril y una chaquetilla, que por caridad me entregó el oficial encarcelado en el almacén.

Por bons modos primeiro, á valentona depois, em hespanholadas e em lamurias, tentou travar a roda da desgraça com requerimentos, com supplicas.

Num só dia dirigiu 7 a Primo de Rivera—o seu algoz—pedindo-lhe justiça, exigindo equidade.

Para o callarem metteram-no na cadeia, n'um hospital de doidos.

N'uma aberta, entre uma transferencia e uns mezitos de reclusão, desesperado, recordou as velhas façanhas da guerra. O soldado não é um homem; procurou Rivera no seu gabinete, e, sem cerimónias, sem as continências do estylo, desfechou-lhe dois tiros como a um cão.

Filado logo, enviado para o presidio o criminoso, a lei não esteve com demoras, não se permittiu o luxo das formalidades judiciaes, não se prendeu com pequenas coisas, com velhos estorvos sentimentaes, que a pieguice do legislador encafuado havia por entre as sangrentas asperezas do codigo: Clavijo tentou matar um superior, quita saber-se com que razão, com que motivos, quiz matar, logo: morra.

Volvidas 48 horas Clavijo cahia, varado pelas balas.

Na esplanada de Santo Izidro a lei foi mais cruel, mais bruta que o capitão o havia sido no gabinete do general.

Mas as gazetas sensatas, ordeiras, subsidiadas pelo existente, sempre coherentes, sempre logicas na defeza dos grandes contra os pequenos, dos oppressores contra os opprimidos, dos justos e dos santos, contra os reprobos, contra os phariseus, alcunham de assassino o capitão Clavijo, cobrem de opprobrio a sua memoria e vão todas chorosas, muito inquietas, todos os dias, a todas as horas informar-se do estado de saude do general Rivera, a quem o raspão das balas, até á data, ainda não causou a morte.

F. V.

O medalhão que representa o Marquez de Pombal, no pedestal da estatua de D. José, fica encoberto por uma barraca de sortes, armada no Terreiro do Paço, para as festas de Santo Antonio. Folgam com isto os jesuitas. Os monarchicos tambem folgam, porque o rei e o cavallo da estatua ficam bem a descoberto.

O fogueteiro que escreve sultos n'um jornal de Coimbra, diz varias asneiras a respeito do partido republicano.

Como se trata d'um fogueteiro-jornalista, julgamos ser de justiça mandal-o tratar das bombas que é officio leve.

As eleições na Italia

Realisaram-se as eleições na Italia, e são, finalmente, conhecidos os seus resultados. Crispi, que, montada a machina eleitoral como é costume nas monarchias agonisantes e n'este regimen parlamentar decadente, contava com uma absoluta e esmagadora maioria, viu, afinal, a sua maioria bem mais reduzida do que os calculos que tinha feito. Receia-se mesmo, e, segundo a opinião d'um homem d'estado italiano, é bem provavel, que o ministerio Crispi não resista á opposição que sobe a 240 deputados.

A lucta eleitoral correu, em muitas assembleias, apaixonada e vibrante. Os socialistas conseguiram cinco cadeiras no parlamento e os democratas seis. Os deputados socialistas eleitos são: Ferri, Agnini, Garibaldi Borco, Bisso-lati e Salvi, e entre os democratas contam-se Andreis, engenheiro; Cristoforis, medico; e Zavattari, o herculeo e bom Zavattari, chefe de trafego na alfandega.

O entusiasmo popular nas aclamações a estes deputados foi delirante e quente.

O colossal Zavattari, encontrado pela multidão, quando a ella procurava furtar-se, foi rodeado, abraçado e levado em triumpho, aos hombros, pela

multidão enthusiasmada, que o aclamou gritando: Viva Zavattari, o deputado do povo!

Ao engenheiro Andreis foi feita uma acclamação egual. Foram á officina de luz electrica onde Andreis estava de serviço, obrigaram-no a sair, levantaram-no ao hombro e foram-no levando pelas ruas aos gritos de—Viva o deputado republicano!

Estas acclamações ardentes evidenciam bem como a politica absorvente e esmagadora de Zanardelli, e ha uns poucos d'annos para cá, e principalmente, da politica de Crispi, tem, apesar de todas as violencias, fomentado o desenvolvimento das ideias republicanas e socialistas na Italia.

Consta ao *Dia* que o consul inglez em Lisboa foi superiormente encarregado de redigir um relatório semanal sobre cousas portuguezas, devendo enviar este documento com a maxima regularidade.

Parece-nos escusado, porque o sr. D. Carlos, em occasiões difíceis, ha de informar a rainha Victoria do que se passa.

1880—95

Passou na segunda feira o 15.º anniversario das festas nacionaes a Luiz de Camões.

Manifestação consciente e sentida do povo portuguez ao cantor gloriosissimo d'um passado cheio de heroismos e grandezas, o tri centenario de Camões é um dos fastos mais brilhantes da historia contemporanea.

E já agora convém memorar-o para ensinamento dos mordomos do arraial antonino: Iniciada pelo partido republicano, escarnecida pelo rei D. Luiz e pelo ministerio progressista, que voltaram as costas ao cortejo, a apothose Camoneana fez vibrar na Alma nacional a corda do enthusiasmo, sentido e ruidoso; a do Thaumaturgo iniciada pela reacção catholica protegida pelo rei Carlos e pelo ministerio regenerador, faz vibrar apenas no povo portuguez a corda do riso tambem sentido e ruidoso.

Que nem a reacção é a republica, nem o santo é o cantor dos Lusíadas, Mas o povo é o mesmo.

O sr. João Franco publica um aviso no *Diario do Governo*, annunciando que no dia 13 terá lugar a procissão de *Corpus Christi* e dizendo mais «que sua magestade el-rei tenciona assistir a este acto religioso e solemne, devendo todos os gran-cruzes, commendadores e cavalleiros das ordens militares do reino, ora residentes na corte, comparecer com seus mantos n'aquelle templo antes da hora indicada para acompanharem a procissão nos logares competentes, mediante as formalidades do estylo, prescriptas pelos mestres de cerimoniaes, e que os cavalleiros, commendadores e dignitarios das referidas ordens, que não poderam ir a esta solemnia, deverão recorrer ao ministerio do reino, com petição documentada, para serem devidamente considerados os motivos do seu legitimo impedimento.»

Com seus mantos os cavalleiros e que não falte nenhum!

O sr. João Franco sobre ser um leão com juba postica é sobremodo idiota.

Partido republicano

A commissão municipal republicana do concelho das Lages (ilha do Pico) ficou assim composta:

Effectivos—Manoel de Avila de Mello, Manoel Pereira Gomes, João Garcia da Silva, José de Avila de Mello e José Silveira Nunes.

Supplentes—João Antonio de Azevedo, Manoel Gonçalves Maciel Junior, José Christiano Carias, Vicente de Azevedo Freitas e Francisco José da Silveira.

Commissão executiva—Manoel de Avila de Mello, Manoel Pereira Gomes e João Garcia da Silva.

O antigo jornal de Penafiel *O Penafielense*, acaba de prestar a sua adhesão á causa republicana.

Bem vindo seja o illustrado collega, a quem felicitamos pela sua nobilissima resolução.

O capello do dr. Affonso Costa

Realizou-se no dia 9 do corrente a cerimonia da investidura do capello do nosso collega e querido amigo dr. Affonso Costa. Acto imponente, a um tempo d'uma grandeza severa e d'uma alegria doce e sorridente, deve ter deixado na alma do nosso amigo uma profunda impressão de prazer sentido e amado.

Muitas senhoras nas varandas, em *toilettes* de gala, cheia a teia de convidados. Fóra da teia, no corpo da sala, um vazio completo sobre que esbate uma luz mansa coada pelos transparentes vermelhos. Entra o prestito que vem da capella: os lentes com os seus capellos, atraz o doutorando entre o sr. reitor e o decano de Direito, adeante de tudo a musica. Após o prestito entra uma onda de estudantes e pessoas de Coimbra, compacta, que se estrangula na porta principal e se espraia no interior da sala com um rumor surdo que se prolonga.

Tudo completo. O sr. reitor ao cimo e á direita, tendo ao seu lado o nosso illustre correlegionario dr. Garcia, servindo de decano. Nos doutorados os lentes. Nas tribunas as senhoras que põem a nota viva e palpitante dos seus perfis elegantes.

Na sala, que é vasta, uma multidão que se apinha, se contorse e de que sae uma agitação rumorosa.

Cala-se a musica.

Avança o sr. dr. Affonso Costa, de capello já, que deixa sentado junto á mesa o padrinho que o patrocina na solemne investidura. Lê um discurso vibrante, com uma voz alta e sonora, a que a commoção apaga por vezes a musica rutilante da palavra. Discurso muito bem feito, de feição levemente declamadora, em que uma forma talentosa veste o sentimento que o domina.

Produz uma bella impressão, a um tempo valida e meiga, dando nos seus traços firmes e audaciosos a nota que Affonso Costa põe em tudo o que diz, a nota do seu talento brilhante e impetuoso. Refere-se á faculdade de Direito e agradece as attenções recebidas, refere-se ao grau de doutor que solicita e termina n'algumas palavras sentidas.

O auditorio tem um movimento de satisfação e descança da tensão nervosa que durante minutos lhe produziu o discurso do nosso illustre collega. A musica toca, sujando com uma aria pelintra a majestade do acto.

Tomam depois a palavra os srs. Drs. Frederico Laranjo e Guilherme Moreira.

A sua missão é esta: recomendar o candidato. Tal mandam os estatutos.

Nunca uma missão assim foi mais facil, porque jámais ella se prestou a tão sinceramente ser cumprida.

E assim é. Os illustres cathedratcos abandonam o *ram-ram* de quem está moendo o cumprimento d'um dever e, sentidamente, a toda a altura da voz que repercute toda a grandeza da sinceridade, traçam o perfil brilhante do nosso collega. Brilhante pelo talento, pelo caracter, pelas faculdades de trabalho, poderosas e validas, a synthese n'uma palavra, da curta mas honrosissima vida de Affonso Costa. As theses e a dissertação inaugural do doutorando dão azo a que os illustres professores façam uma divagação tendente a demonstrar o papel arrojado de Affonso Costa perante a questão social.

O sr. dr. Laranjo faz em rapidas palavras uma synthese dos principios sociaes, tocando a grande questão nos seus traços mais vagos. Refere-se á faculdade de Direito, onde de ha muito se estudam os problemas sociaes, e, referindo-se ao padrinho do candidato que só por procuração ali estava representado, combateu com vehemencia as troças academicas. S. ex.ª foi feliz no quadro que apresentou blindado pela sua reconhecida erudição.

O sr. dr. Guilherme Moreira faz uma referencia calorosa e eloquente ao socialismo contemporaneo, mostrando como elle é já hoje uma aspiração

grandiosa e consciente e como a velha economia para se conservar orthodoxa teve de deixar de ser scientifica.

O socialismo alastra como uma chamma pavorosa, ameaçando queimar todo um passado com a sua lingua chamuscante,—chamma que se não apaga porque tem a sua origem no incendio das almas, embora oscille ao sopro das grandes correntes historicas. Verdadeiramente feliz nas suas vistas concepçoes e na sua technica oratoria, prende o auditorio. Refere-se depois á obra de Affonso Costa—sim! porque elle já tem uma obra—Apai-xonou-se? Que importa. Exaggerou por vezes, arrastado pela aza vertiginosa da paixão? Tanto melhor.

Porque, disse o dr. Guilherme Moreira, n'uma bella phrase, que se admirava o medico que friamente estuda a doença em todas as suas modalidades expressivas, amava doidamente o medico em cujo espirito a dura observação e a arida experiencia não apagaram a fonte do sentimento que lhe dá a faculdade de soffrer com o seu doente.

Toca tambem o principio da lucta da existencia das escolas individualistas e diz como a sua bella alma se horrorisa ao ver a proclamação d'essa doutrina feroz, que dá, para a engrenagem social, o criterio da lucta pela existencia sanguinaria e cruel. Ainda aqui se refere a toda a altura do seu talento á obra sympathica do doutorando.

Perfeitamente. A obra de Affonso Costa é aquillo mesmo, a revolta ardente d'uma soberba organização intellectual, sob a alçada d'um puro coração amavel.

O sr. dr. Guilherme Moreira comprehendeu muito bem a obra do doutorando, dando d'ella uma interpretação magnifica pelo talento com que a criticou e pela sensibilidade com que a sentiu.

Depois, de novo, a musica piegas da charanga.

Por ultimo, o sr. dr. Garcia n'um discurso caloroso pede para o doutorando o grau de doutor. Falla muito bem, e, n'uma saudação commovente, cumprimentou a mãe de Affonso Costa, sympathica e distinctissima senhora, que, presente ao acto, media a profundidade da sua alegria pela profusão das suas lagrimas.

Finalizando, os abraços nos lentes, os abraços nos amigos que de longe tinham vindo saudar, no seu grande dia, o illustre academico.

De novo, a maldita musica e tudo sahiu.

A Affonso Costa, mandamos um grande abraço. E ao seu coração roubamos a nossa homenagem, ao descrever a festa do seu doutoramento, para a enviar aquella que o seu coração tanto ama—á Mãe, a boa senhora, que foi certamente de todos os que sentiram a alegria da festa, quem mais intimamente a viveu.

Hospedes illustres

Os membros da familia do nosso collega dr. Affonso Costa, srs. Generaes Antonio d'Almeida e João d'Almeida Coelho e Campos e Arthur Augusto da Costa partiram já para as terras em que residem.

Bem desejavam elles, por motivos diversos, demorar-se mais algum tempo em Coimbra. Mas os seus affazeres não lhes permittiram o adiamento da partida. Porisso, pedem-nos que façamos publico o seu agradecimento ás pessoas que se dignaram cumprimental-os e cujas visitas não poderam completamente retribuir agora por falta de tempo, esperando, todavia, satisfazer esses gratos deveres na primeira occasião em que se demorem n'esta cidade.

Dr. Assis Teixeira

Está restabelecido do incommodo que ultimamente soffreu, tendo já hontem presidido ao jury dos actos do 3.º anno, este illustro professor da faculdade de Direito. Felicitamol-o.

Carta de Lisboa

11 de junho de 1895.

Quando publicarem esta carta, já por aqui se festeja o Santo Antonio e Lisboa floresce em plena pandega. As ruas estão ornamentadas como o mais porco arraial d'aldéa, mas isso não faz ao caso, pois a educação artistica de Lisboa não ultrapassa o ideal de qualquer cangalheiro, armador de egreja em dia de festa.

O fervor religioso da gente d'aqui, traduz-se n'uma ancia de gosar as bandeirolas e tigellinhas, babando-se todos de enternecimento perante os milagres do santo, contados em livros inverosimeis de cretinismo, agora lançados no mercado para a exploração de momento, de parceria com chouriços, cigarros e outras coisas, á Santo Antonio, que os provincianos não de admirar com o sorriso soez e bronco de homens naturaes de um paiz cynico e derrancado.

As casas de prego regorgitam. Pouco a pouco os lisboetas vão-se despin-do por amor da festa. Assim se approximam dos povos do sertão os miseros habitantes de Lisboa, cidade meretriz que nem sabe usar o pô d'arroz e fazer-se passar como sendo da roda fina.

X

Uma das notas mais caracteristicas d'este centenario—arraial é a parte activa que n'elle toma o conde de Burnay, esse homem que alguns ingenuos quasi applaudem como bom, por elle ter provado que o Navarro é malandro. Como se isto impedisse que Burnay possa cotar-se da mesma forma que o Navarro, o Colten ou o Marianno.

Mas, como ia dizendo, Burnay foi ao estrangeiro arranjar balões e bandeiras para as festas. Burnay assiste ás reuniões das religiosas senhoras que ardem n'um grande fervor piedoso em louvor de Santo Antonio. Burnay cede o seu palacio para que n'elle se realice o congresso catholico, para o qual contractou cardeaes estrangeiros. Elle é verdadeiramente o empresario, o dono d'isto. E o povo desgraçado, deprimido por uma torturante educação jesuitica que lhe fez perder todas as ideias de alizez e civismo e lhe atrophiou a intelligencia, deixa-se levar pela mão do estrangeiro a quem um parlamento de immoraes e sandeus declarou seu compatriota, provavelmente porque nenhum d'elles tem patria.

Triste destino d'este espantallo do occidente sempre levado a pontapé ou arrastado pelo primeiro estrangeiro que appareça, venha elle da exploradora Inglaterra ou de outro paiz que pretenda aproveitar o que resta do Portugal miseravel.

Burnay mettido no centenario de Santo Antonio, industrializando para mais facil resultado a reacção religiosa, teve uma lembrança impagavel. Está bem alli o homem. E, a proposito, uma ideia: para ajudar as nossas finanças, porque não dão a Burnay o monopolio dos centenarios? Que diabo! heroes e santos e genios não faltam na rhetorica nacional. O conde havia de aproveitá-os bem. Que maravilhas não veriam as nossas algibeiras se elle conseguisse viver o tempo sufficiente, para poder celebrar o centenario do José do Telhado. . .

X

Estou acabando de lhes escrever quando leio nas *Novidades* um artigo sobre a viagem do rei, encabeçando telegrammas, narrando as ovações feitas ao monarcha. D'esse artigo destaco as palavras seguintes:

Na estação de Campanhã, o honrado Adriano Anthero, progressista da velha data, mas espirito elevado e animo recto, foi, quem levantou os vivas a el-rei, em nome da cidade do Porto. Felizmente, a insanía desatinada, que tem comprometido os destinos do velho e nobre partido progressista, não pôde alcançar aquelles, que longe de conventculos facciosos e de mesquinhos despreitos, comprehendem e partilham o sentir da nação.

Pondo de parte as considerações que o palavrado requer, detenho-me simplesmente a commentar o facto de «o honrado Adriano Anthero, progressista de velha data, mas espirito elevado e animo recto» ter levantado os vivas ao rei em nome da cidade do Porto.

Se bem me recorde, este «honrado Adriano Anthero» levou com a porta do paço na cara, quando ia ler a representação do Porto contra a reforma administrativa. Ora viva!

Os telegrammas que as *Novidades* publicam dizem qua houve delirio nas aclamações. *Delirium tremens*. Que a alma nacional é o vinho.

O *Seculo*, que tanto mal tem feito ao partido republicano, continua entendendo-se perante as festas antoninas. Jornaes monarchicos criticam as ornatações ordinarias das ruas. Mas o *Seculo* está callado porque muitos logistas são seus assignantes e os logistas despediam-no se elle os atacasse nas suas inspirações ornatamentaes. O que é extraordinario é ver que os jornaes republicanos não repellam a solidariedade com aquelle pastellão mal escripto, que faz as delicias da bisbilhotica indigena.

E o sr. Magalhães Lima? Esse vae agora para a Russia, cá por causa de coisas, como diz o Guimarães compadre do Gambetta. Aquelle Guimarães dos *Mais*, que na Italia era Guimarães e na Russia Guimarãesoff.

Esperemos outro livro de reportagem e de transcripções com que o sympathico Magalhães Lima ha de enriquecer a litteratura portugueza.

Jocelli.

Um jornal brasileiro que repelle as accusações feitas pelo deputado Erico ao sr. Thomaz Ribeiro, diz saber que o poeta embaixador fizera uns versos respondendo ao deputado accusador. Este nosso paiz é pandego, valha a verdade. Um embaixador respondendo em verso ás accusações que lhe fazem! Louvado seja Deus que, estando tudo isto a desabar, sempre se vae consolado e com a barriguita cheia de riso para a sepultura.

O pão da monarchia

O sr. João Arroyo que, além de director de varias companhias, entre ellas da do Nyassa, pertence á commissão administrativa da companhia real dos caminhos de ferro, também é professor cathedratico da faculdade de Direito, recebendo em Lisboa o respectivo ordenado. Do logar de administrador da companhia recebe por anno 2:400\$000 réis e do logar de professor da Universidade, que nunca exerceu, recebe 800\$000 réis. E ha tão estreita relação entre esses dois

logares, importa tanto ao magisterio que o sr. Arroyo seja administrador da companhia real dos caminhos de ferro, que o governo só attende ao exercicio effectivo do logar de administrador para lhe mandar pagar o ordenado de professor.

É assim que por officio de 21 de maio fludo lhe foi auctorizado «o abono por ter sido effectivo na dita commissão durante o periodo decorrido de 21 d'abril a 20 de maio».

Que o governo pratique taes immoralidades não nos commove nem nos surpreheende, mas que o paiz as tolere é que nos custa ainda a acreditar.

A que situação chegámos!

Realisa-se hoje com toda a pompa a procissão de *Corpus Christi*, que seguirá o itinerario do costume.

Agradecemos o convite que, por este motivo, nos foi dirigido pela camara municipal.

A greve dos tecelões no Porto

Vae tomando um aspecto gravissimo esta greve, que tem despertado vivas sympathias a favor dos operarios.

Hoje deve celebrar-se no monte Aventino um grande comicio para que foram convidadas todas as classes operarias d'aquella cidade por meio de um manifesto. N'esse manifesto declara-se que: «Os signatarios, reconhecendo ser materialmente impossivel sustentar com donativos e subscripções uma classe tão numerosa como é aquella que actualmente está em campo; mas reconhecendo ao mesmo tempo a necessidade de que todo o operariado de esta cidade mostre que está ao lado d'essa infeliz classe e que a acompanha nas suas reclamações e na sua justiça, resolveram a realisacão d'um comicio, onde não só se deve tornar bem saliente a solidariedade operaria, como resolver o que convém fazer no sentido de dar força ás reclamações dos tecelões, que é necessario fazer com que sejam attendidas.»

Alguns jornaes declaram que é de presumir que do comicio resulte um movimento de todas as classes para secundarem a greve dos tecelões. Se assim succeder, a questão tomará um aspecto gravissimo e os industriaes ver-se-ão obrigados a ceder ás pretensões dos operarios depois de haverem soffrido enormes prejuizos.

O código penal de Manu consigna, entre o numero das penas applicadas aos diferentes delictos,—O confisco—e diz que este se applica, entre outros casos, aos ministros que, encarregados dos negocios publicos, lesam os interesses, cuja manutenção lhes é confiada.

Para o nosso paiz, actualmente, é pouco; não podemos prescindir do candieiro para a parte decorativa.

Foi transferido para esta cidade o solicitador em Villa Franca de Xira Vicente Julio Rapozo.

necessario tambem que o Orleans, cumplice de Dumouriez, seja conduzido perante o tribunal revolucionario, e que a cabeça dos Capetos emigrados seja posta a preço, como se fez com o general traidor á patria!...

Ouviram-se vozes.

—E os commissarios? Dumouriez não os entregou como refeus? Não respondem as suas cabeças, por aquellas que nós fizermos cahir?

Danton estendendo o braço, e com uma voz profunda:

—Os nossos commissarios são dignos de Nação e da Convenção Nacional; não devem temer a sorte de Regulus!...

O presidente pôz á votação as propostas de Danton.

Depois de approvadas, voltou-se para Cadet e para os outros defensores da Nação que se encontravam na Assembleia:

—Soldados da Republica franceza, lembrai-vos do que acabais de ouvir; recordai-vos sempre, que d'esta Assembleia saem todos os poderes legitimos, e que é só a ella que todos os cidadãos devem obedecer. Dumouriez desobedeceu. O inimigo bate ás nossas portas; elle fez pacto com o inimigo; prendeu quatro representantes do povo e o ministro da guerra. Foi por o seu esforço

Exposição d'arte ornamental

Esteve em Coimbra o sr. conde d'Almeida que veio colher objectos para a exposição d'arte sacra ornamental que se vae celebrar em Lisboa.

Levou consigo os seguintes objectos:

Um gómil de prata e respectiva bacia (sec. XVI), sem grande ornamentação, mas notavel pelas armas reaes que tem lavradas; dois missaes (sec. XVII) muito apreciaveis pelas suas encadernações marchetadas de prata; uma campainha de bronze com uma inscripção religiosa, em latim, relevada; uma lampada de prata (sec. XVI), que tem uma esfera armillar e as armas reaes; um formoso calix de prata donrada com tintinabulos (sec. XVI ou XVII); uma cruz peitoral de crystal de rocha; uma biblia em pergaminho (sec. XIV), com microscopicos caracteres hebraicos, que formam, em quasi todas as paginas, arabescos e mosaicos de magnificos gostos; um baptisterio, com soberbas letras iniciais e vinhetas de ornato, consideradas de gosto mais apurado do que as do «Missal de Estevão Gonçalves»; seis volumes da vulgata, em pergaminho, com varias letras ornamentadas; um livro de «Horas» com illuminuras d'uma belleza extraordinaria; um pluvial de velludo preto com ricas franjas, uma cobertura d'um pallio de seda bordada a papel, um veu d'hombros, um manto de seda, um veu de sacrário, e outros exemplares de tecidos de seda.

O sr. Bispo Conde não deu licença para que do thesouro da Sé sabbisse objecto algum. Este procedimento é digno de todo o applauso, porque sabido é o destino de algumas preciosidades que têm ido para exposições e as condições em que outras têm chegado.

Esteve em Coimbra o nosso querido amigo e prestante correligionario sr. Cassiano Martins Ribeiro, que voltou para a Felgueira, onde tenciona demorar-se até ao dia 15 do corrente mez.

Compendios de instrucção secundaria

Já se reuniu a commissão nomeada pelo governo para examinar os compendios de instrucção secundaria e resolver sobre os que se devem adoptar. Os professores da Universidade e do lyceu, que fazem parte d'essa commissão, partiram para Lisboa no dia 9.

Installada a commissão, foram assim distribuidos os trabalhos:

O sr. presidente, dr. Santos Viegas, nomeou secretario o sr. Albino Dias Ladeira de Castro e vice secretario o sr. Carlos Joaquim Tavares.

Constituiram-se duas secções da maneira seguinte:

1.^a—Presidente, dr. José Maria Rodrigues; vogaes dr. Lopes Praça, Sousa Lobo, dr. Antonio Diniz, Herman Duhrsen, Simões d'Almeida, Joaquim de Vasconcellos, J. Alves de Moura, Albino Dias Ladeira de Castro.

que alcançaste a victoria de Jemmapes?... Não! Deves ter sempre na lembrança: a liberdade ficará e os tyranos desaparecerão!... Jurai de nunca trahir a causa da Patria; jurai tambem nunca trahir a causa da liberdade!...

Os soldados, os seccionarios, os homens das tribunas gritaram todos: —Assim o juramos!

Um secretario pegou na penna, escreveu algumas linhas e leu:

«A Convenção decreta que a bandeira trazida por o commandante Cadet Tricot seja collocada no tecto da sala das sessões, e que o nome d'este official seja inscripto no processo-verbal.

—Cidadão, disse o presidente, pertencem-te as honras d'esta sessão!

A discussão continuou.

Cadet, um momento depois, era outro homem. O respeito pela soberania do povo, incarnada nos seus representantes, entrava no seu coração com o entusiasmo sagrado dos grandes dias. Tudo para elle era vago e mal definido; mas a impressão dominava-o.

«As leis fazem os costumes,» disse Montesquieu.

E era assim que a Convenção, com os seus decretos e discursos, alimentava dentro e fora das fronteiras o espirito de Revolução.

2.^a—Presidente, dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos; vogaes, dr. Francisco José de Sousa Gomes, Ferreira Roquette, Alfredo Schiappa Monteiro, Carlos Tavares, Luiz Ignacio Woodhouse, Manuel Joaquim Teixeira, J. Paes da Cunha Mamede, Antonio Alves Conte.

Estas duas secções desdobram-se nas seguintes subsecções, sendo presidente o vogal mais antigo de cada uma d'ellas:

Portuguez e latim—Dr. J. M. Rodrigues, Simões d'Almeida e J. Alves de Moura.

Francez, inglez e allemão—dr. F. Antonio Diniz, Hermann Duhrsen, Ladeira de Castro e Joaquim de Vasconcellos.

Historia e philosophia—dr. J. Maria Rodrigues, Lopes Praça e Sousa Lobo. Mathematica e desenho—Schiappa Monteiro, Woodhouse, Cunha Mamede e Alves Conte.

Physica e chimica—dr. Sousa Gomes, Roquette, Carlos Tavares e Cunha Mamede.

Geographia—dr. Vasconcellos, M. J. Teixeira, Roquette e Alves.

A junta de parochia de Santa Cruz recusou-se a emprestar para a exposição da arte sacra ornamental os quadros quincentistas d'aquella igreja. Fez bem.

Deve ser promovido a cathedratico, para a vaga aberta pelo fallecimento do dr. Sanches da Gama, o nosso distincto amigo sr. dr. Manuel Dias da Silva.

O distincto marmorista hespanhol D. Vicente Villaoz dirigiu uma sentida carta á redacção de *La Justicia*, manifestando o desejo que o anima de construir á sua custa, no cemiterio d'Este, um mausoleu destinado a honrar a memoria do infeliz capitão Clavijo.

No domingo passado realison-se a eleição da mesa da Real Confraria de Santa Isabel, sendo reeleita a mesa actual.

Consociou-se no domingo o nosso amigo sr. Arthur Duarte d'Almeida Leitão, alumno da Universidade, com a ex.^a sr.^a D. Maria Cardoso de Moura Coutinho.

As nossas felicitações.

Faculdade de Medicina

Foram designados os dias 5, 9, 18 e 19 de julho para as provas dos concorrentes ás substituições vagas na faculdade de Medicina.

Apresentaram documentos apenas dois candidatos, os srs. drs. Lucio Martins da Rocha e Francisco Bastos.

O jury é composto dos srs. drs. José Epiphânio Marques, Julio Cesar de

Cadet sahiu da Assembleia com a Combat.

Ella ia pouco communicativa; no entretanto da sua physionomia e das suas palavras transparecia um certo contentamento.

—Rapaz, disse ella, iremos esta tarde aos Jacobinos.

—Esta tarde, respondeu, já terei deixado Paris. Eu volto para o exercito.

—Podes ficar um dia mais.

—Não. É vossa filha que quer que eu parta!...

Contou-lhe a prisão da cidadã Bernard, o amor que Lenoir lhe tinha, a visita da manhá á pequena casa...

—A tua cidadã, diz a Combat, é uma aristocrata. Frequentava a casa de Roland; conspirava com os Brissotins. Vi-a passar no arrabalde; levava vestidos de seda e rendas, como se as estações não corressem mal, como se os trigos não tivessem sido queimados pela neve, como se os patriotas tivessem pão! Não quero que a defendas; é no tribunal revolucionario que eu a espero, com os ricos, os mercadores de luxo, com todos os que causam a nossa miseria e a morte dos nossos filhos!...

A Combat dizia isto n'um tom feroz. Via-se que não tinha diminuido o seu odio,

Sande Saccadura Botte, conselheiros Costa Allemão e Adriano Lopes Vieira, João Jacintho da Silva Correia, Raymond da Silva Motta, Philomeno da Gamara, Augusto Antonio da Rocha, Daniel de Mattos Junior, Joaquim Augusto de Sousa Refoios, Luiz Pereira da Costa e Basilio da Costa Freire, todos lentes cathedraticos em serviço effectivo.

Actos na Universidade

Nos dias 10 e 12 fizeram acto, ficando approvados os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.^o anno—Arnaldo Alberto Correia dos Santos, Arthur Lamas, Augusto Simões Cantante, Bernardo Ferreira Gomes de Pinho e Clemente Ignacio Gomes.

2.^o anno—Francisco da Costa Borges da Gama, Francisco Fausto Guedes Gavicho, Francisco Perfeito de Magalhães Villas-Boas e Gaspar Ferreira Baltar Junior.

3.^o anno—Antonio Lopes da Silva Garcez, Antonio Malheiro Pereira de Magalhães e Antonio Pereira Taveira.

4.^o anno—Antonio Joaquim Simões, Antonio Nicolau Carneiro e Antonio Osorio da Fonseca.

5.^o anno—Augusto da Conceição Teixeira da Motta, Augusto de Mattos Cid, Carlos Ferreira Pires e Delphim Martins Flores.

FACULDADE DE MEDICINA

1.^o anno—João da Silveira Malheiro, Luiz Augusto Leotte d'ayet du Perier, Arnaldo Fernandes d'Andrade e Sebastião Maria de Lemos.

2.^o anno—Francisco Pacheco Vieira, Francisco Pinto de Miranda Junior, João Pereira de Lacerda Forjaz e Joaquim Antonio Lopes de Castro.

3.^o anno—Antonio de Padua, Augusto Raphael Garcia d'Araujo, Benjamin de Sousa Teixeira e Carlos Alberto Lopes d'Almeida.

4.^o anno—Antonio Agostinho Mourão de Campos, Antonio dos Santos Tovim, Francisco Antonio de Paula e Arthur d'Azevedo Leitão.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.^a cadeira—(chimica inorganica) Ord.—Antonio Francisco de Sousa e Antonio Pereira Sousa Neves.

Obr.—Alberto da Costa Teixeira, Alfredo Augusto da Silva Pires e José Gomes Lopes.

3.^a cadeira—(Physica 1.^a parte) Vol.—Antonio Maria de Soveral e Camillo Augusto de Souto Rodrigues.

Obr.—Adelino d'Araujo Lacerda e Alexandre Pereira d'Assis.

4.^a cadeira (Botanica) Ord. Antonio da Gama Rodrigues e Elysiu d'Azevedo e Moura.

Obrs.—Alfonso Maria de Sousa Teixeira da Motta, Alfredo Ferreira Christina, Amandio Gonçalves Paul e Antonio José da Costa Sampaio.

Cadet escutava aterrado. Mas, de repente, uma voz melodiosa se ouviu no Carrousel.

—Compre laços, cidadãos! Os bellos laços das cores nacionaes!

A pequena Jenny, com o taboleiro pendurado ao pescoço, dirigiu-se para elles.

Então, para Cadet, tudo desapareceu: a Convenção, os Jacobinos, o exercito. Lembrava-se confusamente das palavras do presidente. A voz de Danton, trazia-lhe á lembrança o som do trovão longinquo. A propria Combat tinha perdido para elle toda a influencia. Apenas pensava na promessa feita á sua pequena amiga.

—Bem! disse ella, fizeste já entrega da bandeira?

—Sim.

—N'esse caso é preciso partir! Elle baixou a cabeça ante o olhar da mãe, e apertou com as grossas mãos as mãos da filha:

—Eu procurarei voltar breve! E afastou-se rapidamente, abrindo caminho com os cotovellos atravez da multidão de curiosos que enchiam an arredores da Convenção.

(Continúa.)

—O melhor meio de consolidar a Republica, disse, é chamar o povo em sua defeza. Ha um exercito de revolucionarios populares que combate o inimigo nas fronteiras, organisemos outro que combata os aristocratas no interior. Proponho que se forme uma guarda do povo, paga pela Nação. Proponho mais que, em toda a França, o preço do pão esteja em harmonia com o salario do pobre, o que faltar será pago pelo rico. D'esta maneira asseguraremos ao povo a sua subsistencia e dignidade. Interzando-o na Revolução, adquirireis a sua estíma e o seu amor e elle dirá: Os representantes deram nos pão; fizeram mais de que os antepassados reis. Ponham á votação estas duas propostas, e que o enviado do exercito do Norte possa levar esta boa nova aos seus companheiros de armas. E'

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1.000 réis

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Vinho de meza sem composição

Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender. Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida. Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.



AS verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE João Gomes Moreira

5º, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina) COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moedores e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
fornilgas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas differentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE A. GUERRA

Util nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Arrenda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105. Para tratar—Rua Ferreira Borges, n.º 110—Coimbra.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

ARRENDAR-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Colocação de dentes artificiaes por preços modicos.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranthe.

Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

Tubos para pulverisadores de viubas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabel-cimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel. As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 54

COIMBRA — Domingo, 16 de junho de 1895

1.º ANNO

Dementados!

A experiencia de sessenta annos de artificio constitucional tem demonstrado de sobejo a todos os portuguezes, quanto foi irracional e fementida a conciliação da soberania do povo com o regimen de direito divino. A monarchia constitucional, amparando-se com as formulas apparentemente liberaes d'um parlamentarismo mercenario e indigno, absorveu e consubstanciou em si todo o illimitado poder d'uma completa tyrannia.

Os factos que se têm succedido, principalmente desde a funebre data de 11 de janeiro de 1890, não podem deixar de produzir no espirito dos mais obcecados e dos mais ordeiros conservadores a previsão convicta de acontecimentos cada vez mais ruinosas e humilhantes, — até a perda da da nossa autonomia, — se o sentimento da dignidade nacional e o instinto da conservação não impellirem o paiz a uma resolução energica.

O procedimento ignobil da Inglaterra, de mãos dadas com os inimigos internos, inicia o ultimo periodo d'esta crise affrontosa. E de decadencia em decadencia, chegamos à situação actual, defendida por serventuários sem brio, que n'esta politica de lupanar se vendem a quem melhor lhes paga, atraçoando o paiz e mentindo sempre com a perfidia mais cynica.

Para estes especuladores, que rastejam em volta do throno, a nação voga n'um mar de prosperidades; as finanças florescem, e o povo reconhecido abençoa os poderosos autocratas, que providencialmente o levam à gloria!

Os vexames que nos infligiu a Alemanha na expolição de Keonga; os ultrages da companhia real; os acontecimentos vergonhosos com o Brazil e Republica Argentina; os opprobrios do porto de Lisboa, dos bancos, do Nyassa; as mil infamias que cobrem o paiz de doestos e de ridiculo no conceito da Europa; todos esses desastres e ignominias provocados pela insensatez de estadistas sem talentos e sem brio; e ainda agora, a sentença do tribunal de Berne, que custará à nação acima de 2:500 contos; a miseria e o despovoamento do paiz por centenas de milhares de emigrantes; — tudo isso são motivos fortes para arancarmos do peito do povo expansões de entusiasmo, de amor e de reconhecimento!...

Pelo que dizem as folhas alagadas da facção dominante, a viagem do rei ás Pedras Salgadas foi uma marcha triumphal. As multidões corriam ao encontro da realza e deliravam em aclamações espontaneas do mais intimo jubilo e do mais entranhado affecto! Pôde a monarchia dormir tranquilla, que tem raizes amovíveis no coração do povo!!...

E n'estas bajulações rasteiras, esses embusteiros emeritos e cortezãos refalsados são os unicos satisfeitos, porque como os corvos e as hienas vão farejando no paiz morto a continuação do lauto banquete que os traz nedios!

E sobre este campo de sombras e de ruinas, o autoritarismo feroz dos governantes a impar de perseguições e exterminio ás energias que se atreverem a reclamar contra os abusos do poder, o sequestro das liberdades, a corrupção da politica, as dissipações e os latrocínios da administração publica.

Nunca a demencia dos governos tyrannicos esmagou impunemente os povos!

Os intrujões tentam acorrentar a opinião e, por bravatas ridiculas, impôr silencio ao sentimento nacional com as mentirozas inhabeis e as leis dictatorias de repressão, tão infames, que chegam a ser estupidas, — porque o mesmo seria que pretender calar um povo a golpes de chicote!...

O futuro provará quem são os *illudidos!*

Noticiam jornaes que das algibeiras dos provincianos agora em Lisboa têm desaparecido varias carteiras.

Continua dirigindo as festas do centenário o conde de Burnay. Marianno abstem-se. Faz penitencia.

Recenseamento politico de Coimbra

Terminaram os trabalhos da inscrição eleitoral n'este concelho, ficando recenseados 4:114 eleitores. Ora no recenseamento anterior, tambem feito este anno, havia 7:911.

Significará esta diferença que seja muito mais restricto o direito de suffragio pelo ultimo decreto eleitoral do que o era pela legislação anterior? Se é certo que alguma restricção se deu n'esse direito, não pôde todavia haver duvida de que essa restricção de modo algum explica tal diferença.

A causa d'esse facto está na indifferença que os cidadãos manifestam, com uma pertinacia inaudita, por tudo o que diz respeito à politica. E para prova d'isso bastará notar que em todo o concelho, exceptuando a freguezia de Sernache dos Alhos, cremos que só houve dois cidadãos que requereram para ser inscriptos pelo facto de saber ler e escrever! Em compensação houve em Sernache uns 80 cidadãos aproximadamente que requereram essa inscrição. O que não admira. Sernache dos Alhos é a freguezia mais illustrada do concelho e tanto que, conhecendo muito bem para o que serve a politica entre nós, entregou-se nas mãos do grande *mirandaceo*, que tudo pôde e tudo manda n'esta malfadada terra. E foi sem duvida para o fazer valer a elle e por meio d'elle obter beneficios para si que deu um contingente tão importante para o recenseamento.

Mas pondo de lado o tal Sernache dos Alhos, não deixaremos d'accentuar a indifferença que os cidadãos acabam de manifestar, não se dando ao trabalho de fazerem um requerimento para exercerem o mais importante direito politico.

Esta indifferença, que é inquestionavelmente uma das causas determinantes da tristissima e miseravel situação em que nos encontramos, gerou-se por uma parte na descrença de que os politicos a quem tem sido confiada a direcção do paiz sejam capazes de modificar os systemas até hoje seguidos, e por outra no reconhecimento de que é impossivel, sobretudo no actual systema eleitoral, vencer na urna os analfabetos e imbecis que cegamente obedecem ao governo.

E' contra essa indifferença que principalmente cumpre lutar, e não é difficil descobrir qual seja o meio para o fazer efficaçmente.

Organize-se o partido republicano, e apresente-se inquebrantavel e imperturbavel no caminho que tem a seguir.

O nosso amigo Alpoim, — nosso, não, das *Novidades*, — diz coisas rhetoricas a respeito da Liberdade e da Revolução.

Pelos modos, Alpoim ainda traz a gravata vermelha dos comicos.

Pois olhe que o «honrado Adriano Anthero» já usa o seu lindo *plastron* azul com pintinhas brancas.

E fica uma beleza, Alpoim amigo. Vamos, caro trovão de toicião, pôde gritar vivas ao rei, que a colligação liberal

Foi mais um aujo que voou da terra
Foi mais um aujo que morreu d'amor.

A FOME

Até ha pouco tempo suppunha-se que Portugal, pela amenidade do clima ou pela belleza do ceu, pela situação geographica ou pela feracidade do solo, estaria sempre isento d'essas crises de industrialismo e miseria, que no seculo actual tanto têm avassalado os paizes mais importantes da Europa. E, a proposito do caso, pensadores optimistas, financeiros sem ideias ou politicos de opera-buffa erguiam louvores à providencia e soltavam gritos de esperança n'um futuro melhor graças às simples causas naturaes.

A recente greve dos tecelões, ainda não comprehendida por todos na sua enormissima importancia, mas já *sentida* pelas classes do Porto que lhe estão dando apoio e que desde começo a olharam com sympathia, é de geito a desfazer todas as illusões e bem propria para obrigar os espiritos reflexivos a pensar na miseravel situação do nosso paiz.

Dez ou doze mil homens em greve são trinta ou quarenta mil pessoas na miseria mais atroz. Esses milhares de tecelões reclamando contra os salarios exiguos, que o regimen brutal e anti-scientifico da concorrência lhes preparou, são outras tantas familias que descobrem os horrores de ignominiosa miseria em que as tem lançado a voracidade dos patrões aliada ao desleixo dos poderes publicos. Falta pão n'esses lares. Não pôde haver abrigo para essas creancinhas. As doencas de tantos desgraçados não são tratadas como o exigem as leis da humanidade.

O momento é, pois, doloroso e d'uma extrema gravidade. Ainda se, acalmada a excitação que está sobre-erguendo-se no Porto industrial, o bem-estar se refizesse, e todas as classes tomassem posse do sagrado direito à vida; — as consciencias poderiam continuar no seu marasmatico socego, porisso que o remedio não seria difficil, nem demorado. O governo, estabelecendo provisoriamente um *minimum* razoavel de salario, que mais tarde as camaras, legitimamente constituídas, fixassem com precisão, poria termo ao conflicto e daria aos patrões do Porto a lição que a sua criminosa teimosia está reclamando. Mas não se tracta sómente d'esse caso: o mal é mais grave e geral e, à chaga que o denunciou, outras se succederão, cada vez mais extensas e terriveis, à porfia mostrando que o organismo economico da sociedade portugueza, como os de todos os povos modernos, está inquinado d'um virus constitucional, que só uma reorganização perfeita e erguida em bases totalmente novas pôde exterminar por completo.

Da industria à agricultura, dos serviços por conta do Estado aos municipaes e particulares, por toda a parte, o povo morre de fome. Não nos illudamos nem mais uma hora! O povo está cheio de miseria, e, aos suicídios de uns, succedem-se as mortes pela fome de tantos outros! O coração da patria não pulsa com vigor porque os alimentos desapareceram. Os protestos altaneiros extinguiram-se, porque a fome provocou o servilismo. Os caracteres corromperam-se, porque sobre a honra tem sido necessario mercadejar o pão quotidiano.

E assim é que, — permitta-se-nos a adaptação d'uma phrase de Michelet, — ninguém comprehenderá um dia a situação actual do paiz, o crecendo de

miserias accumuladas successivamente e pesando cada vez com maior furia sobre a alma da patria, sem que um espirito illuminado escreva esse livro terrivel, feito de sombrias paginas e lugubrememente intitulado — *Historia da fome*.

É forçoso revolver esses antros, trazer à luz esses espectros cavernosos e esqualidos, inquirir esses desgraçados semi-nús, que têm olhares sombrios para o ocioso que passa ostentando faustos herdados, e suspiros de amor para os filhinhos roídos de vermes, desabrigados, famintos e cheios de febre, que, na ignorancia do destino dos seus miseros paes, supplicam repetidamente uns pedaços de pão. É preciso não recuar perante as reformas urgentes, que podem salvar a sociedade inteira d'esse e d'outros dolorosissimos males. Diffundir a caridade, não basta. Erigir creches, instituir associações, alargar as misericordias, é inefficaz. Cumpre tomar de mãos alto o problema. Abraçalo em todos os seus pontos cardeaes. Resolva-o integralmente. A miseria não se cura com a esmola. Antes, por cada acto de beneficencia inconsiderado, cria-se um parasita mais. E' o espirito de trabalho que se mata pelos falsos e incompletos institutos de caridade. A fome continua a mesma, e, às vezes, recrudesce.

O direito à vida aliado ao direito ao trabalho, — eis o que urge estabelecer. Quem recuar perante essa necessidade de tão facil execução, succumbirá. Quem chamar devaneadores aos que serena e scientificamente a propugnam, dará frouxa ideia do seu saber ou da sua intelligencia. Viver regaladamente n'esta era de fome descarnada e multipla, é um crime. Organizemos, pois, em ultima analyse e de uma forma definitiva, o bem-estar de todos pela maneira mais suave e rapida.

E não hesitemos. Porque, «se a fome cria doencas, o espectáculo da fome é tambem uma doença, muito nova e muito propria d'este seculo, a *furia da piedade*» — que, excedendo os limites do que é legitimo, pôde, em terriveis paroxismos de sangrento desespero, fazer arrepender os tibios, causar calefrios aos optimistas, acordar os indifferentes, fazer erguer violentamente os despreocupados da sorte dos outros, — como, por desgraça, casos esporadicos têm já annuciado por forma bem horrivel e tragica! Não hesitemos! Não!

Koff.

Velha questão de hyssope

Em telegramma de Beja dizem ao *Correio da Noite*:

«O bispo veio quarta feira apresentar-se na Sé para acompanhar a procissão de Corpus Christi, sem previamente se fazer annunciar pelo mestre de ceremonias. O governador civil, funcionarios civis e militares, etc., já que não poderam ir receber o foram cumprimental-o e beijar-lhe o anel, que a todos foi facultado, excepto ao primeiro. No regresso da procissão o governador civil retirou-se sem se despedir do bispo, sendo acompanhado n'esse acto por todo o functionalismo civil e militar, e à noite no club foi felicitado por todos os cavalheiros presentes. Está pois aggravado o conflicto já existente entre as auctoridade civil e ecclesiastica.»

Que Santo Antonio faça o milagre de estabelecer a paz e concordia entre as ovelhas e o pastor!

Ao nosso illustrado collega *O Povo da Figueira* agradecemos penhoradissimos as felicitações que dirige à *Resistencia* por motivo do doutoramento do nosso querido collega dr. Afonso Costa.

Diario d'um rebelde

VI

Morreu Zorrilla.

Foi-se pois um homem cuja figura altissima ficará destacando na historia d'este final de seculo como uma estatueta severa, symbolo de inquebrantavel dever.

Não teve talvez um extraordinario talento, nem semeiou pelo mundo, n'uma catadupa de luz, os principios da ideia ardente que na alma se lhe agitou. Mas foi d'essa ideia o impulsor violento, — com uma tenacidade barbara temperada pela pura fé dos apóstolos.

Revolucionario indomavel, mediu sempre o arrojio dos seus actos pela grandeza heroica da sua honra. Verdadeiro hespanhol, no fogo audaz do seu temperamento tinha a persistencia barbara dos caracteres de bronze.

Esteve ao lado da monarchia e amparou com o seu prestigio a coroa cambaleante de Amadeu de Italia. Depois, esse rei, um dia, atravessou Madrid sublevada e deixou a Hespanha entregue à furia das suas paixões.

Zorrilla, então, fez-se defensor claro e veementemente da ideia republicana. E desde esse dia até à hora em que morreu, a sua vida foi uma epopeia de sacrificios modelada em estrophes d'uma energia de bronze. O exilio, as horas devorantes em que se maquinam as conspirações, as lagrimas dos vencidos bebidas pelos labios em fogo, a abalada das chimeras batidas pelas balas monarchicas, o desabar das esperanças, o carcere para os amigos da lucta, o fusilamento para os companheiros d'armas — tudo, toda essa legendaria furia de desastres, encontrou na alma de Zorrilla a sensibilidade d'um crente e a energia d'um guerreiro.

Não se vendeu, nem se intimidou, nem sequer desalentou.

O desalento que é já uma cobardia n'um chefe de revolta, parece que nunca lhe entrou no espirito.

Por fim vivia em Paris rodeado de espiões, não abrindo comtudo a mão aos fios da revolta, que surdamente, a cada momento se urde na Hespanha.

A compartilhar as suas tristezas de vencido estava a esposa, santa mulher que atirou tambem a tranquillidade da vida à fornalha onde o grande agitador elaborava os planos de revolta. Mas a santa mulher morreu e o leão, na melancolia d'um deserto, sentiu a nostalgia dos antigos combates. Elle que tinha resistido a tudo, não accetando o indulto, promettendo não voltar à Patria enquanto a terra hespanhola «fosse conspurcada pelo pé d'um Bourbon»...

Tudo acaba, porém. A rocha mais dura tambem se desfaz.

Mas para que, n'estes tempos de cobardia, a sua figura altissima não desabasse pelo espirito, quiz a natureza que ella se rendesse pela materia.

Um padecimento medonho, d'esses que nem a esperança concedem, prostrou o leão, e Zorrilla teve, já semi-morto, de vir, nos ultimos dias, pisar a terra hespanhola ainda conspurcada pelo pé d'um Bourbon.

Entrou em Hespanha, e tão grande era o seu prestigio que todos os partidos se curvaram à sua passagem, à passagem do homem que, sendo ainda o berço d'uma ideia, era já o tumulto d'uma esperança.

Que o grande homem descance na paz do seu coval involvido pela apothese da sua lenda.

14 de junho de 1895.

×
A Hespanha atravessa uma crise grave. A monarchia suga-lhe o sangue como uma loba e roe-lhe as entranhas como um verme. Filiada a sua parte valida nos arraiaes republicanos, não ha todavia unidade na acção, nem coherencia na technica revolucionaria. Cada um puxa para seu lado. Federalistas que seguem o sr. Pi, os centralistas concentrados pelo sr. Salmeron, e os progressistas, os de Zorrilla, que seguirão o programma do seu chefe a estas horas apodrecendo no tumulto. Assim nada feito. Se todos, ao contrario, se unissem, o assalto seria facil. Foi o que Zorrilla quiz fazer. Ainda á hora da morte aconselhou, da beira do tumulto, essa união. Se a sua vida continuasse, talvez Zorrilla conseguisse uma harmonica colaboração de forças.

Assim, ninguém sabe o que será. E é por isso que o grande revolta-do deixa um enorme vazio. Como o deixa, porque era elle de todos os agitadores de nome do paiz visinho, o unico que tinha verdadeiro pulso de revolucionario. Para elle a revolução era tudo. Deitar abaixo a monarchia, eis o seu fanatismo de toda a hora.

O resto viria depois, quando a nação já livre podesse discutir os seus direitos e marcar a marcha da sua vida.

×
Oxalá que do seu tumulto saia a comprehensão de que os republicanos hespanhoes devem seguir outro caminho. A sua vida prestantissima continuar-se-ha assim na terra do cemeterio, da mesma forma animada por um ideal purissimo, mas como sempre proclamando a urgencia de processos decisivos.

Antonio d'A.

Estevê hontem em Coimbra o nosso illustre amigo e prestante correligionario sr. José Joaquim Aguiar, membro da commissão executiva do partido republicano da Figueira da Foz.

Definição do **SEculo**:—*Jornal republicano... com porta para os envorçoados.*

Dos tres concorrentes ao logar de official de registro do Hospicio d'esta cidade, foi classificado em primeiro logar o sr. José Filipe de Sousa, que já estava exercendo interinamente aquelle logar.

É uma escolha acertada.

E' grave

Informa o correspondente do nosso illustro collega *O Commercio do Porto*:

«Dá-se um caso singular n'um dos nossos tribunales criminaes.

«A protexão de que os carvoeiros d'esta cidade se mancomunaram para elevar o preço do genero do seu commercio, o juiz do 3.º districto criminal pronunciou-os a todos, isto de pois de se averiguar, mercê das competentes diligencias policiaes, não ser verdadeira a accusação, ou, pelo menos, não se haver consummado factum algum que possa reputar-se criminoso.

«A «Tarde», que é o órgão semi-official do governo, e outras folhas de diversas parcialidades politicas, insinuam que a pronuncia recorrida em cerca de 600 carvoeiros, alguns dos quaes, ao que parece, já não existem, teve unicamente por fim arrancar aos pronuncia-dos a importancia das fianças, que já se eleva a cerca de 5:000\$000, a qual deve ser distribuida pelo juiz, escrivão e demais pessoal do 3.º districto criminal.

«Esta insinuação, que pôde muito bem ter por base uma interpretação errada, fere fundamentalmente uma classe que deve estar acima de toda a suspeita, e por isso muito convicia averiguar de que lado está a razão, para se illibar o procedimento dos responsaveis por tão estranho acto na apparencia, ou castigar os culpados, caso effectivamente haja abuso das attribuições que lhes competem.

«A independencia do poder judicial não o inibe de severo castigo, quando se reconheça haver committido uma falta que o mereça.»

Nós não reconhecemos só a necessidade de apurar e liquidar as responsabilidades que porventura existam no caso em questão. E' necessario ir mais longe: reformar a nossa legislação de modo que não possa attri-

buir-se a vis interesses uma decisão judicial. Basta isso para que o poder judicial esteja constantemente sujeito a insinuações que, embora não tenham fundamento algum, nem por isso deixam de ser extremamente prejudiciaes á dignidade e independencia d'esse poder.

E hoje mais do que nunca isso se torna necessario. Ainda ha pouco foram criticados e com toda a razão algumas sentenças e accordãos dos nossos tribunales pelo servilismo que pareciam revelar e pela ignorancia que accusavam.

Faltava-nos agora que, á suspeição de que alguns juizes e desembargadores sejam humildes servos do poder executivo, acresça a de que se deixam influenciar, para condemnarem, por uns miseraveis cobres.

A que estado chegamos Santo Deus! Mas, se é exacto que haja accordo eleitoral entre o governo e os progressistas, tudo está salvo.

Fez ante-hontem acto do 4.º anno de direito ficando approved *Nemine Discrepante* o distincto alumno da Universidade sr. Arthur de Mesquita Guimarães. Os nossos parabens.

Já está aberta a admissão de alumnos para a escola de marinheiros do Porto, sendo apenas admitidos manobras dos districtos de Coimbra, Braga, Vianna, Villa Real, Aveiro, Bragança, Porto e Vizeu.

O sr. Joaquim Maria de Miranda, 2.º official chefe da estação telegrapho-postal de Leiria, foi transferido para esta cidade, na qualidade de sub-chefe.

Foi transferido para a faculdade de Philosophia o bedel da faculdade de Theologia José Galeão, e foi aberto concurso para este logar.

Tambem se abriu concurso por espaço de 30 dias para o provimento de 3 logares de continuos na Universidade.

Festas de Kiel

As festas da inauguração do canal do Baltico começam no dia 18 de junho em Hamburgo, onde se reúnem os representantes da imprensa, a fim de poderem tomar conhecimento dos preparativos feitos pelo senado d'aquella cidade para festejar os seus numerosos hospedes.

No dia 19 chegam a Hamburgo o imperador Guilherme e os principes; assistem n'esse dia a um grande banquete na municipalidade e á noite ás illuminações na bahia de Alster, onde foi construida uma ilha artificial. Em seguida o imperador e os seus hospedes, seguidos d'uma flotilha, descerão o Elba até Brunsbuttel, onde começa o canal.

Ao nascer do sol, o yacht imperial *Hohenzollern*, precedido do aviso *Grille*, entrará no canal seguido de todos os navios allemães e estrangeiros.

A travessia, que é de 100 kilometros, levará dez horas a fazer. Em toda a extensão do canal serão postadas tropas para conter a multidão dos curiosos.

Terminada a travessia ao meiodia de 20, os navios ancorarão ao lado das escuadras das diferentes nações, que desde a vespera estarão reunidas em Kiel; á noite, illuminações geraes e festa no castello imperial.

No dia 21 ás 11 horas da manhã, Guilherme II collocará a ultima pedra do dique na embocadura do canal em Haltenau.

Ao meiodia parará de todas as esquadras reunidas, cerca de 100 vazos, e em seguida o grande banquete do *Imperio Allemão* offerecido ao imperador e aos seus hospedes na immensa *hall* que, segundo a ordem imperial, está armada em fórma de navio. A' noite, festa internacional da imprensa.

No sabbado, manobras de todos os navios allemães, assistindo o imperador, os principes e os estados maiores das esquadras estrangeiras; estas manobras serão executadas no mar largo em frente de Kiel.

As festas terminarão por um jantar offerecido por Guilherme II no castello de Kiel.

Discurso pronunciado pelo sr. Affonso Costa na sala dos capellos, no dia do seu doutoramento

Muito illustre e venerando reitor da Universidade;

Excellentissimos e sapientissimos decano e mais professores e doutores da faculdade de Direito;

Illustrissimos e excellentissimos professores e doutores das restantes faculdades academicas;

Minhas senhoras—Meus senhores—

N'um dia de tanta solemnidade e magnificencia, e perante assembleia tão selecta e brilhante, seria dever meu indeclinavel exornar a breve allocução, que os Estatutos me incumbem, com todas as galas brilhantes, com todos os flôres vistosos, que, á falta de propria inspiração, o momento e o logar saberiam produzir no meu espirito e transmitir ardentemente á minha palavra inexpressiva.

Por desgraça, o acontecimento funesto que hontem veio enlutar a Universidade e, muito particularmente, a faculdade de Direito, põe, com dureza, em toda a sua tragica realidade commovente, embargos cruéis ás expressões de elevado brilho e de calor vivissimo que a animação e as pompas d'esta festa excelsa saberiam arrancar da minha inutilidade e emprestar ás desligadas falas da minha oração. E assim, dominado pela melancolia do tragico successo repentino, apresentarei, não com os atavios do enthusiasmo, mas sim sómente com a singeleza da verdade, os meus agradecimentos á faculdade de Direito e o simples pedido do grau e das insignias doutoriaes.

Illustrado corpo docente—Minhas senhoras—Meus senhores—

É com legitimo jubilo, e sem tibiezas só proprias de quem tem menos tranquilla a consciencia, que, n'este dia assignalado, faço perante todos e, em especial, perante os devotados membros da minha familia, a declaração solemne do meu profundissimo reconhecimento pelos favores que me dispensou a faculdade de Direito durante a carreira academica. Seguramente,—e embora a minha boa-vontade desse ensejos á illusão,—a faculdade enganou-se a meu respeito quando me proporcionou tão dedicados auxilios para atingir o cume da ingreme subida alfim vencida. Mas eu é que me não engano quando, em face dos meus sentimentos, declaro a minha gratidão aos illustros professores da faculdade de Direito e o prazer, em que se banha o meu espirito, por ter occasião de lavar bem alto este certificado de reconhecimento vivo e imperecivel. E oxalá eu possa, por esforços futuros embora arduos, ligar ainda mais intimamente os laços que já me prendem ao corpo docente da faculdade de Direito,—e, então, todos os trabalhos, em que, de bom grado, me tenho envolvido, e todas as fadigas que, jubilosamente, tenho arrostado, receberão o premio mais sublime e desmedido que, em meus devaneios, porventura hei sonhado.

É que a faculdade de Direito,—em generoso protesto contra a crise de immoralidade, que, atravessando quasi toda a Europa, parece ter seu poiso perpetuo no velho e bem-amado canto occidental da peninsula iberica, e apezar dos egoismos ferozes que essa crise alimenta e generalisa,—tem sabido preparar-me, graças a incitamentos cada vez mais honrosos e efficazes, para ajudar a bem-servir a humanidade por intermedio d'um cuidadoso cultivo das sciencias. É que ella,— embora animando e dirigindo os meus esforços,—nunca pretendeu aniquilar a minha iniciativa;—antes,—a despeito do funesto sopro de reacção que se levanta de todos os lados como que

para envolver o Portugal moribundo n'um amplo véu negro capaz de lhe abafar os proprios gritos do estertor,—tem permitido a livre manifestação e garantido a liberrima defeza das ideias que o estudo me inoculou, o amor da patria e a dedicação pela humanidade me radicaram, e a reflexão e serenidade de espirito me fazem venerar cada vez mais devotadamente. É que,—digo-o com a alegria de quem é enobrecido pelas acções illustres de seus maiores,—a faculdade de Direito tem cumprido para comigo, como para com todos, o programma de Sciencia indissolvelmente ligada á Liberdade, que ha um seculo lhe impoz o grande Marquez de Pombal, e que hoje é n'ella praticado por convicção e com amor.

Acceite, pois, o corpo docente da faculdade de Direito os protestos da minha gratidão immorredoura, e queiram elle e a Universidade inteira contar com a minha dedicação illimitada em prol da sciencia e da humanidade.

Resta-me em grato cumprimento dos Estatutos, pedir a vossas excellencias, muito illustre e venerando prelado e sapientissimo decano da faculdade de Direito, se dignem conceder-me, em nome da Universidade, o grau de Doutor e as insignias que o completam.

Fez exame da pharmacia (2.ª classe) no Dispensatorio Pharmaceutico da Universidade, o sr. Manuel Thomaz Sarmiento de Sá Barata, ficando approved.

Actos na Universidade

Nos dias 14 e 15 fizeram acto, ficando approveds os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Costodio da Costa Madeira, David José Rodrigues, Eduardo da Silva Machado Junior, José Marques, e Francisco Antunes de Mendonça Junior.

2.º anno—Jacinto Machado de Faria, João Augusto Gens de Azevedo Junior, Joaquim d'Almeida Brandão, Joachrysostomo da Silveira Junior, Joaquim Gonçalves Limão, Joaquim Narciso da Silva Mattos, José d'Almeida e José d'Almeida Brotas Cardoso

3.º anno—Antonio Rodrigues da Costa Silveira Junior, Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, Augusto Frederico de Moraes Cerveira, Augusto Henriques David e Augusto Frederico de Moraes Cerveira.

4.º anno—Antonio Rodrigues Mendes Moreira, Arnaldo Augusto Bigotte de Carvalho, Arthur de Mesquita Guimarães, Augusto Borges d'Oliveira, Augusto Carlos Vieira de Vasconcellos e Manuel da Silva Mendes.

5.º anno—Diogo Alcoforado da Costa, Eduardo Ernesto de Faria, Eduviges Goulart Prieto e Eugenio Augusto Dias Colonna.

FACULDADE DE MEDICINA

Houve exames de pratica.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(chimica inorganica)—Francisco d'Almeida Pessanha, Antonio de Mattos Cid, Antonio d'Oliveira e Joaquim José Ribeiro.

3.ª cadeira—(Physica 1.ª parte)—Francisco Barbosa Falcão d'Azevedo, Antonio Maria Pereira, Antonio Martins Lobo, Gregorio de Mello Nunes Geraldes, José Joaquim Pereira dos Santos Motta, Antonio dos Santos Cidraes, Armando Augusto Leal Gonçalves, Arsenio Guilherme Botelho de Sousa e Aureliano Xavier de Sousa Maia.

4.ª cadeira—(Botanica)—João Alexandre Lopes Galyão, Antonio da Silveira Teixeira da Motta, Fernando Pinto d'Albuquerque Stockler, Gastão Abranches Ferreira da Cunha Feijó de Mello, Guilherme Urbano da Costa Ribeiro e Jacintho Manuel d'Oliveira.

No dia 14 tambem fizeram exame de habilitação em lingua grega para receber o grau de doutor, na faculdade de Mathematica, o srs. Antonio dos Santos Lucas e Alvaro Bastos.

Já começaram as festas. O povo sente-se feliz. Portugal ha de morrer a rir como a Maria Ritta.

Se o desaparecimento d'este paiz das lrangeiras será notado na historia não sei. Estou em crêr que ha de produzir tanta impressão como a quêda de qualquer pequeno reino selvagem d'Africa, exterminado pelos inglezes com o incendio de meia duzia de palhotas de rebeldes e varios presentes de missanga aos pretalhões influentes da côrte.

Lazarento povo cuja sorte compunge e ao mesmo tempo enoja, o jesuita domesticou-te e os braganças lá te levam pela arreata até que um dia te enterres no lameiro das tuas proprias infamias.

Vae, pobre diabo, vae! Que as procições e touradas te sejam propicias, e a guarda municipal seja prodiga com as tuas costellas.

×
Já se diz que alguns progressistas procuram fazer accordos eleitoraes com o governo. Está claro que não acreditamos. Os filhos de Passos nunca transigem! Nunca! Assim diria o nosso amigo Alpoim, nosso não, das *Novidades*.

Mas o caso, pondo de parte este boato, é que o partido progressista amansou. O «honrado Adriano Anthero», como diz o Navarro, já foi á estação do Porto dar vivas ao sr. D. Carlos João VI. E o *Correio da Noite*, cheio de enternecimento e reconciliação, confessa que sim, que o povo está morto d'amores pelo seu rei e que ficará morto de todo, dá-o a entender o jornal do sr. José Luciano, se os progressistas forem ao poder.

Eu já não me admiro. Até ha pouco, tinha a mania de notar as incoherencias da imprensa progressista, que uns dias chamava ao rei um illudido e outros dias lhe dirigia o amoroso epitheto de vil.

Agora passo a notar simplesmente a coherencia de certos republicanos, cuja boa fé os leva ainda a esperar muito dos progressistas.

Sim? Tambem eu os espero; veem com o sr. D. Sebastião.

Estão aqui estão cá.
Que ha até quem diga tel-os na mão...

Tivesse-os eu! Para os largar.

×
la fallar-lhes outra vez nas festas. Sabem porque? Porque um curioso me disse que o governo já gastou com ellas duzentos contos de réis. Disse-me tambem este curioso, *indisciplinado* e má-lingua, que havia de calcular quanto o nobre conde de Burnay ganharia com isto. Eu não sei quanto ganhou, posso dizer unicamente que o vi entre os grande da côrte e varias outras pessoas que julguei terem certas noções de dignidade, na procição de S. Jorge.

Vae tudo bem. Estão talvez convencidos de que no leilão final o Burnay ha arrematal-os por bom preço? Quem demonio os quer?

×
Estive hontem relendo algumas passagens da *Historia de Portugal* de Oliveira Martins, relativas á influencia de jesuitismo em tempos que já lá vão e aos seus resultados em tempos que ainda duram. E depois de as ler, lembrei-me de perguntar a mim mesmo quantos jornalistas republicanos conhecem a historia do seu paiz para poderem calcular a terrivel desgraça que se prepara com a intervenção dos reaccionarios na vida da sociedade portugueza.

Mas para que, afinal? As investigações da imprensa aprofundam-se unicamente a respeito de casos de fecdadas e varios outros de grande magnitude.

Abençoado paiz! Como as tuas orelhas vão crescendo!

×

Leio agora nos jornaes que um navio inglez vem honrar com a sua presença as festas do centenário.

Este navio faz-me lembrar outro que em Vigo, no dia 11 de janeiro de 1890, esperava as ordens do ministro inglez em Portugal, quando entregou ao sr. Barros Gomes o ultimatum do governo de S. M. Britanica.

Mas isso já lá vae ha tanto tempo, santo Deus!

Era então, como já disse, ministro dos negocios estrangeiros o sr. Barros Gomes.

Era então o *Seculo* jornal republicano. Ha quantos annos! Vejam lá, ha tantos annos, que foi n'um tempo em que se dizia que os portuguezes fingiam ter vergonha por alguns minutos! Mas enfim, faça-se-lhes justiça, arrependem-se e hoje são d'um des-caramento que fará corar... os proprios inglezes.

E viva o rei, como diz o «honrado Adriano Anthero»!

Jocelli.

Terminou já a organização da lista dos livros offercidos em concurso para serem adoptados no ensino de instrução secundaria. Será publicada no *Diario do Governo* a relação dos que foram admitidos.

O imposto do real d'agua cobrado n'este concelho no mez de maio ultimo foi de 744\$324 réis; em igual mez de 1894 foi o mesmo imposto liquidado na importancia de 1:044\$147 réis, accusando este anno uma differença para menos na importancia de 299\$823 réis.

Estão de lucto pelo fallecimento de seu bondoso pae os conceituados negociantes d'esta cidade srs. Manuel Villaça da Fonseca e Francisco Villaça da Fonseca. Os nossos sentidos pezames.

Acha-se de luto pelo fallecimento de uma filhinha o nosso amigo e conceituado negociante da rua Ferreira Borges, sr. José Paulo Ferreira da Costa. Os nossos pezames.

Acha-se incommodado o sr. dr. Accacio Hypolito da Fonseca, digno cartorario da Misericordia. Sentimos.

Ao decréto da escola industrial *Brotero*, d'esta cidade, sr. Carvalho da Fonseca, foram concedidos 15 dias de licença.

Arnaldo Bigote

Fez antes de hontem acto do quarto anno de direito este nosso querido amigo e distincto academico. Ficou plenamente approvedo.

Felicitemos o nosso intelligente e estudioso amigo pelo seu triumpho, e enviemos-lhe a expressão da nossa sympathia pelas suas bellas qualidades pessoaes.

Carta das Caldas da Felgueira

Festas, sempre festas, doença-mania de que enferma o povo portuguez. Por toda a parte, quer na cidade quer na aldeia, é o remedio que lhe applicam para o tirar do torpor em que jaz, devido ás massagens que constantemente lhe ministram os syndicatos regenerador-progressista-constituente, que, em nome de el rei nosso senhor, exploram a sua ignorancia.

A Felgueira não podia passar tambem sem a sua festa e, por isso, hoje a temos.

É justa esta festa e é promovida pelas empresas do Grande Hotel e Companhia das Aguas, dirigidas pelo sr. dr. João Filício e Rosa Bray, em honra do distincto medico lisbonense Manuel Bento de Sousa, que tem sido um desvelado protector das duas empresas.

Desde hontem que numerosas mulheres chegam com molhos de buxo e louro com que revestem mastros de madeira que são espetados da porta principal do Grande Hotel até a casa dos banhos, que se acha embandeirada, bem como o Grande Hotel, na parte que olha para o norte. Os mastros têm tambem um tropheu de bandeiras a encimal-os.

Na casa dos banhos o nosso sympathico amigo Bray, cheio de entusiasmo, escorrendo suor, afadigado, lamentando-se pelo pouco tempo de que podia dispôr, andava dispondo a sala de primeira classe para a recepção. Era vel-o entre montes de flores e verdura, deslinando tudo; aqui, a um canto, n'um toco mocho de madeira, enfiando varias hastes de verdura; acolá, nas bacias onde se gargareja, montes de rosas e outras flores que as serviaes da casa, a tia Anna, a Isabelinha e uma delgadita de cabellos aos caracões, olhar travesso, mas sympathico, alli collocavam.

No Grande Hotel, a actividade do dr. João Filício tudo suppria. Essa actividade que desde Coimbra, quando do telhado da casa em que habitava atirava pedradas aos *quinchos*, até aqui, lhe admiramos, dava prompto expediente ás mais difficéis cousas. Mandou collocar o retrato do dr. Manuel Bento na sala proxima ao grande salão, e dava ordens para que de manhã tudo estivesse a postos; á tarde ia sentar-se nos penedos proximos á fonte fria, a contemplar o Mondego e inspirar-se, quem sabe? no deslizar mansinho das suas aguas, na frescura da sua briza. Á noite, cabisbaixo e apprehensivo,

pouca attenção dava a quem lhe fallava, dando isso logar a que um espirituoso hospede dissesse: O dr. Filício anda a estudar o discurso que tem de dizer amanhã.

Dr. Manuel Bento de Sousa e comitiva chegou ao Grande Hotel quasi ao meio dia. Vinham em sua companhia o dr. Falcão e Antonio Diogo, das direcções das companhias do Grande Hotel e das Aguas, muitos medicos e varios reporters de jornaes da capital. Entre os medicos vimos o dr. Hygino de Sousa e dr. Almeida, de Mangualde.

Dr. Manuel Bento de Sousa é uma figura insinuante e sympathica. A sua elevada estatura, o seu todo e o seu chapéu de feltro, de feitiço especial, distinguem-no de todos que o cercam. É um bello typo representante legitimo da antiga raça portugueza. O seu aspecto vernaculo impõe-lhe uma soberba nota de prestigio. Tem sido alvo das maiores provas de consideração e respeito.

As 6 horas da tarde foi a inauguração dos retratos na casa dos banhos e no Grande Hotel. Dr. João Filício, em um bello discurso, poz em relevo quanto as empresas deviam ao sr. dr. Manuel Bento de Sousa que, com o seu parecer e auctoridade, tornou mais em voga as aguas da Felgueira, conhecidas já de tempos immemoriaes. O dr. Manuel Bento de Sousa agradeceu as manifestações de que era alvo e confessou-se muito grato aos seus collegas que o acompanharam e reconhecido ás direcções dos dois estabelecimentos, que tanto o honraram.

Um dos directores da Companhia das Aguas leu diversas cartas em que varios medicos da capital declinavam o convite, manifestando todos as maiores considerações pelo sr. dr. Bento de Sousa—mais nada.

O cortejo seguiu então para o Grande Hotel, onde foi desvendado o retrato alli collocado, havendo apenas uma breve saudação feita pelo sr. dr. Falcão que se exprimiu d'esta forma:—Mais uma vez faço uma saude ao sr. dr. Manuel Bento de Sousa! Viva o sr. dr. Manuel Bento de Sousa! Viva!

E tocou o hymno.

Tudo retirou mal impressionado por não ver sahir de entre tantos medicos novos, clinicos esperançosos de amanhã, uma saudação ao dr. João Filício, alma de tudo isto, unico que tem jus ao retrato no Hotel e casa dos banhos.

Pois que? Assim estamos? Entre tantos rapazes e gente de saber não houve quem n'um improviso fremente saudasse dr. João Filício. Por que? Por causa da pragmatica. Indignou-nos esta injustiça. Dr. João Filício, alma grande e generosa, trabalhador incançavel, e não se melindrará com o que se passou. Se não mereceu referencia dos seus collegas da escola de Lisboa, foi bom e é caso para parabens; elles na verdade não eram competentes para lhe fazerem o elogio. Não ficava bem... O seu elogio é feito por todos que têm a dita de o conhe-

cer e o seu retrato está no coração de todos que aqui veem e com elle tratam.

O jantar principiou ás 8 horas. Correu sem incidente, havendo brindes dos quaes se destacou o do sr. dr. Manuel Bento de Sousa.

C.

Bibliographia

Publicou-se o n.º 13 da bem redigida *Revista das Escolas*, do Porto, cujo summario é o seguinte:

Excerptos d'um livro inedito, por Luiz Filipe Leite.—Centenario de Santo Antonio.—*Movimento Escolar*.—Uniforme dos professores primarios.—Professores primarios interinos.—Collegio de Campolide—Despachos pela direcção geral d'instrução publica.—*Secção litteraria*.—A filha do convencido, por Alfredo Alves.—Banhos geraes.—O banho frio dos doentes.—Correspondencias.—Chronica da semana.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 24 de maio de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, vice-presidente.

Vereadores presentes:—João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos;—José Corrêa dos Santos, substituto.

Tomou conhecimento de um officio da commissão districtal, mantendo a suspensão imposta na sua sessão de 24 de janeiro ultimo, acerca da cedencia aos proprietarios confinantes entre as ruas da Moeda e Direita, de terreno da rua que alli passa.

Despachou diversos requerimentos de obras, alinhamentos para construcções de casas sem occupação de terreno publico; signalos funerarios no cemiterio da Conchada; collocação de letreiros; para venda de terreno no cemiterio de Sernache; pedindo attestados de comportamento.

Deliberou ceder aos proprietarios da Coshna Economica toda a agua necessaria para consumo do estabelecimento com o abatimento de 50 % dos preços por que actualmente se pagam por metro cubico.

Mandou pagar a dois professores as quantias em divida pelo augmento de 25 % sobre os seus ordenados.

Auctorisou diversas avenças para consumo d'agua.

Auctorisou o pagamento de 100\$000 réis a mr. Nillus, de Paris, por todo o material de canalisação comprado pela camara a este individuo, e que existe n'uma loja do edificio da cadeia de Santa Cruz.

Deliberou novamente pedir ao governo de sua magestade a cedencia para esta camara dos terrenos da quinta de Santa Cruz ao poente e norte do edificio onde se acha a direcção d'Obras Publicas.

Deliberou rectificar a deliberação tomada pela camara em sua sessão de 13 de dezembro de 1894, acerca do concerto da serventia entre a rua Occidental de Mont'Arroyo e Montes Claros.

Resolveu officiar ao commissario de policia para não permitir o estacionamento de gado nos dias da feira dos 23 e mais dias no largo do Principe D. Carlos, Caes e avenidas á quem da ponte, e praça 8 de Maio.

Mandou organizar o orçamento da despeza a fazer com o encanamento da agua na cerca do Asylo dos cegos e alejados em Cellas.

Deliberou fornecer ao publico os sobejos da agua da fonte d'aquelle Asylo nos dias que lhe pertencem.

Approvou provisoriamente, depois de revisito pela commissão nomeada em sessão de 4 de

tantos gemidos, tantos gritos de ameaça e de maldição.

Os muros e as abobodas nada deixavam ouvir.

Durante um anno, seiscentos prisioneiros occuparam por completo todas as enxovias, sem que um dia só ficasse alguma vazia.

A principio misturavam-se os accusados politicos com os malfeteiros, os velhos e os rapazes, os homens e as mulheres...

Depois, classificaram os prisioneiros.

Uns, os que pagavam, compravam o direito de occupar uma cella onde havia um leito.

Os outros, os gratuitos, dormiam sobre palha, com risco de serem devorados pelos ratos.

Os terceiros, os incommunicaveis, occupavam as masmorras subterraneas que ficavam em nivel inferior ao Sena.

Todos tinham por guardas homens que haviam soffrido, e que, considerando os prisioneiros como seus inimigos, não lhes dirigiam uma palavra de conforto.

Por auxiliares, estes homens tinham cães, cujos uivos, durante a noite, echoavam pelos claustros...

A feição mais original da prisão, durante este periodo, era a falta de viveres.

Para os habitantes de Paris, a difficuldade em encontrar alimentos era enorme. Porque era que a Nação se

abril ultimo, um novo regulamento para a fiscalisação e cobrança dos impostos municipaes indirectos, e deliberou mandar uma copia á Associação Commercial d'esta cidade, em vista do seu pedido feito em abril findo.

Exonerou do serviço o vigia n.º 12 Manuel Rodrigues de Carvalho, por a camara ter conhecimento de que está internado como inválido no Asylo da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Registou a exoneração do vigia n.º 29, que havia sido suspenso, nomeando para o seu lugar Joaquim Augusto da Silva, deferindo assim o seu requerimento em que pedia para ser nomeado vigia dos impostos.

Revue des Journaux et des Livres

11.º anno

Recommendo aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reprodz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros:—*Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romances, etc. etc.*, bem como numerosas gravuras d'actualidade: retratos, acontecimentos do dia, etc.

Em folhetins publica a *Revista* dois romances d'um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 4:000 novellas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Mallot, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emile Zola, etc.* A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes:—Um retrato a oleo, do assignante, e um outro em carta-album; Um livro de 3 francos, á escolha; um de 2 fr. e 50 c., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assigatura:—Seis mezes, 8 fr.; um anno, 14 fr. Assigna-se:—1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes-Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondentes em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte.

Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, Administrador, 13, rue Cujas, Paris.

34 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE:—1793

VI

A CONCIERGERIE

Jane, depois de presa, foi conduzida á Conciérgerie.

Tinha atravessado Paris tumultuoso. O ceu era azul; o Sena murmurava docemente sob as pontes; o arvoredo das margens fazia lembrar o campo...

De repente, o ceu, o sol, a agua, as arvores, tudo desapareceu.

Uma especie de crepusculo, substituiu o dia.

Um dos municipaes que conduziam a prisioneira passou para diante a fim de a guiar. Desceram os degraus d'uma grande escadaria; atravessaram duas portas baixas; entraram n'um claustro cujas arcadas abriam sobre um pateo humido e sombrio.

Por detrás das arcadas, do lado esquerdo, havia portas de carvalho chapadas de ferro; um porteiro sordido, vestido de burel, de bonnet de pelle de raposa, enfeitado com um laço tricolor, abriu uma das portas.

—Descei, cidadã; ha tres degraus. Ella encontrou-se n'uma pequena camara subterranea, que recebia luz de uma janella gradeada que dava para outro pateo.

N'este quarto, havia apenas uma barra sem cortinas, com uma coberta grosseira de lã, igual á das casernas e hospitaes, uma pequena mesa de pinho, uma arca de madeira, e duas cadeiras de palha.

Antes que Jane se fôsse habituando á meia claridade do quarto, fechou-se a porta; sentiu correr o ferrolho; estava só.

Então, a coragem abandonou-a. Deixou-se cahir de joelhos ao pé do leito, agarrou as mãos com desespero na coberta e debulhou-se em lagrimas.

N'um minuto recordou todo o seu passado, a sua infancia, os logares em que havia vivido, as pessoas conhecidas, e as que a haviam amado. Lembrou-se ainda, do jardim onde brincou em criança, do convento d'onde tinha sahido para casar, da sala em que seu marido recebia os magistrados do Terceiro-Estado, o Palacio Real, onde despontou a aurora da Revolução, da pequena casa á porta da qual a esperava Henrique, depois, outra sala tambem, onde, junto d'uma encantadora criança, se reuniam homens distinctos que fallavam de liberdade e de patria.

Estas visões passavam com a rapi-

dez do pensamento, para darem logar á realidade terrivel, sinistra, — a prisão.

Na historia do Terror, a Conciérgerie representava um papel importante.

Era a mais antiga prisão de Paris.

Fortaleza no tempo dos Romanos, palacio no tempo dos Francos, o velho edificio feudal conservou sempre as masmorras subterraneas. Os pilares massivos, as abobodas, as ogivas, as esculpturas dos frizos e dos capiteis, lembravam as passadas grandezas reaes, do mesmo modo que as caves, os subterraneos, os andares inferiores das torres, conservavam os vestigios das torturas dos desgraçados.

Quando o povo nas cidades e dos campos queria reagir contra a tyrannia dos senhores, era atirado para alli, sobre palhas apodrecidas, até que a fome e a doença, lhe tirassem a razão.

Mais tarde, o sino da prisão annunciou a morte dos principes e grandes senhores. Luiz XI e Richelleu não olhavam á qualidade dos inimigos da realza, quando se tratava de os supprimir ou de os punir.

Encarceravam tambem os assassinos na Conciérgerie. Praticava-se alli a tortura. Em nenhuma parte se tinham presenciado tantas dôres, tanta miseria, tanta corrupção e tantos crimes; em nenhuma parte se tinham ouvido

mostrava mais generosa com os inimigos prisioneiros?

Ella fornecia-lhes o estrictamente necessario para não morrerem de fome.

Depois, os carcereiros, improvisaram uma mesa de hotel, ao preço de duas libras por cabeça, decidindo que os aristocratas pagassem pelos plebeus, e os ricos pelos pobres.

Dantes, os senhores da nobreza e da fuança avaliavam as suas fortunas por o numero dos seus cavallos, dos seus cães e de seus lacaios. Agora, era pelo numero de companheiros da prisão, que tinha de sustentar.

De resto, uns e outros pouco tempo se assentavam á meza communs.

O tribunal revolucionario julgava sem appellação, absolvendo ou condemnando em poucas horas.

Os que não sabiam da prisão adoeciam, e a enfermaria da Conciérgerie era uma prova d'isso. Accumulados e deitados aos pares na mesma miseravel enxerga, esperavam cinco ou seis dias antes de lhes ser prestado o menor soccorro. Davam a todos a mesma tisana, que elles pitorescamente baptisaram «um selim para todos os cavallos».

Uma palavra terrivel circulava na prisão.

(Continúa).

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento
 thermal em 15 de maio
 e do hotel
 em 15 de maio

Estabelecimento Thermal
 Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes
 para doença de pelle,
 estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club
 Magnificas accomodações

Desde 1200 réis,
 comprehendendo serviço,
 club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

E ESTA?!

Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrível, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditareis!

Mas como poderá isto ser?

É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por **preços excepçionaes**.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas, porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são:

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro

117, Rua Ferreira Borges, 121 — Coimbra

Pos de Keating
 Pos de Keating
 Pos de Keating

MATAM

pulgas
 percevejos
 baratas
 traças
 formigas
 moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente** para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.



AS verdadeiras machinas **SINGER**, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5 — Rua de Ferreira Borges — 5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

Vinho de mesa

Augusto Luiz Martha vende no seu armazem em Santa Clara, vinho de superior qualidade a que faz preço convidativo e com direitos pagos, em quantidades superiores a 100 litros.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

Arrenda-se

Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades. Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72 — Coimbra.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Annuncio

(1.ª publicação)

No dia 30 do corrente, ás 12 horas, na rua de Ferreira Borges, na casa de residencia e do estabelecimento de modas e confeções do fallido Antonio Augusto Coelho, negociante que foi n'esta cidade, hão de ser vendidos em globo todos os objectos de que se compõe o mesmo estabelecimento, e os utensilios a este pertencentes; e em lotes separados os objectos mobiliarios existentes na casa de residencia do fallido, e tanto estes como aquelles serão entregues a quem maior lanço offerer além dos preços da respectiva avaliação, constante do processo de fallencia que corre seus termos pelo cartorio do escrivão do tribunal do Commercio d'esta cidade, Jssé Lourenço da Costa. Verifique a exactidão.

O juiz de direito,
 Neves e Castro.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 55000 réis para cima! Alta novidade!

Charutos estrangeiros

MARCAS ACREDITADAS

Vendem-se em caixas de 25, 50 e 100 charutos a preços excepcionalmente reduzidos.

Tabacaria União

SOPHIA — COIMBRA

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra — Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34. — Coimbra.

Arrenda-se uma loja do S. João em deante, sita na Praça do Commercio, com os n.ºs de policia 104 e 105. Para tratar — Rua Ferreira Borges, n.º 110 — Coimbra.

Arrenda-se

Do S. João em diante, o 2.º andar e aguas furtadas, de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades. Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39 — Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra. Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao portó dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Declaração

O abaixo assignado declara para os devidos effeitos ao sr. Eduardo Ferreira dos Santos que, se no prazo de 15 dias não vier buscar as rodas que lhe mandou ferrar ha mais de 18 mezes, e acabar de pagar o resto da sua divida, as vende pelo que lhe resta.

Coimbra, 11 de junho de 1895.

Francisco Nogueira Secco

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª — Coimbra.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

Acabam de chegar a esta casa: Chapéus redondos para senhoras e crianças.

Ditos capotas, ultimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos.

Capas romeiras, a principiarem 15000 réis.

Meias e piugas de fio de escocia.

Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephires, muito chics.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiarem 240 réis.

Sombrinhas, para senhoras e crianças.

Envia-se amostras a quem as pedir.

Encarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA